

ÀS ARMAS, CAMARADAS! II

A REVOLUÇÃO COMUNISTA DE 1935 EM PERNAMBUCO

NATANAEL SARMENTO

2017

Epígrafe

“Lutei como um democrata e nacionalista, que não queria ver a sua querida Pátria na submissão brutal do jugo fascista” – Lamartine Coutinho, Tenente do Exército e da Aliança Nacional Libertadora, um dos líderes da Revolução de 1935, em Pernambuco, *in* interrogatório do Inquérito Policial.

“Em 1935 eu tinha armas e não tinha homens; em 1964, tinha os homens, faltaram as armas” – Gregório Lourenço Bezerra, o comunista e Sargento do Exército que tomou o quartel da 7ª Região Militar no Recife, para distribuir armas com os revolucionários, em 1935.

Dedicatórias:

Dedico:

À Dionary Sarmiento, que partiu, de Natal para o Recife, levando, na bagagem, filhos pequenos e gigantescos desafios de derrotar a Ditadura e conquistar a Democracia e o Socialismo. Nas ciladas da vida, presa, torturada, sobrevivendo às perdas e aos ganhos, a mãe, avó e bisavó, minha irmã querida de sangue e de lutas.

Ao Tenente da Brigada Militar, Manoel Martins da Cunha, designado para combater os Revolucionárias, em Areias, em 1935, porém, descumprir a ordem e adere ao Movimento Revolucionário, juntando-se ao Comando Revolucionário, do Tenente Lamartine Coutinho, que ali combatia.

In memoriam de Salomão Sarmiento, a bigorna da foice e do martelo, meu pai: bem que precisávamos de mais tempo, para falarmos de Amor e Revolução.

E, é claro, para Dona Rosa, a mãe amada: meio século dessa saudade, sem fim.

Sempre dedicado à Marjorie, à Mariana, ao Matheus e ao Lucas.

SUMÁRIO

1. Prefácio
2. Prólogo
3. “A Montanha Pariu Um Rato”
4. Pernambuco do Açúcar Amargo Como Jiló
5. Novo Código e Velhas Fraudes
6. Com Um Olho Nas Urnas e Outro, Nas Armas
 - 6.1 Pernambuco de pé! Trabalhador, Ocupa Teu Posto!
 - 6.2 Balanço Eleitoral, em Pernambuco
7. Na Antessala da Revolução
8. A Eleição Complementar de 1935
9. Na Hora da Onça beber Água: Às Armas, Camaradas!
 - 9.1 A Rebelião do 29º BC - Quartel de Socorro
 - 9.2 A Batalha do Largo da Paz
 - 9.3 A Tomada do Quartel General da 7ª Região Militar, no Recife.
 - 9.4 Os Assaltos às Delegacias, no Recife
 - 9.5 Outros focos da Revolução, em Pernambuco
10. A Guerrilha Camponesa, no Sertão do Moxotó, Pajeú e Vale do São Francisco.
11. A Devassa, em Pernambuco
12. A velha Gangorra dos Números
13. Passando a Revolução, em Revista
14. Epílogo, à guisa de Considerações Semifinais
15. Fontes e Referências

2 Prólogo

O momento político, internacional e nacional, prenunciava conflitos e rupturas, nos rearranjos do Capital, em face da necessária nova partilha dos Mercados, na ressaca da recessão econômica, iniciada, em 1929, nos Estados Unidos, com os desdobramentos, dessa crise, na Europa.

Os Regimes Políticos liberais, enfraquecidos, abriam caminho ao desenvolvimento de projetos ditatoriais, do Fascismo na Itália e do Nazismo na Alemanha. Países capitalistas tradicionais, como Inglaterra e França, passavam a disputar o Mercado, com a nova potência capitalista, os Estados Unidos da América. Todos concorrentes, e a forte economia da Alemanha, buscando alianças, com as emergentes Itália e Japão, os países *do eixo*. No final dessa guerra inter-imperialista que desaba sobre a humanidade, todos esses países juntam-se contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, a pátria do Socialismo, fundada pela Revolução Bolchevique, de 1917, no vasto império territorial da Rússia dos Czares.

A URSS, novo sujeito das relações internacionais, dificultava as ações das potências imperialistas, nas relações mundiais, a nota dissonante da orquestra da dominação mundial do Capital. Por isso mesmo, submetida aos ataques terroristas, sabotagens, retaliações, embargos de todo tipo das potências capitalistas, visando a destruir as conquistas da Revolução Proletária e impedir a consolidação da URSS. Apesar da economia devastada pela guerra, de todas as sabotagens internacionais e da Guerra Civil, liderada por Lenine e depois Stálin, a URSS, bravamente, consolida as conquistas da Revolução, com o *socialismo em um só país* e não, em escala planetária, como se pretendia.

Não obstante as enormes dificuldades, internas e externas, a URSS procurava estimular movimentos revolucionários, em todos os países, principalmente, por meio da 3ª Internacional Comunista. A 3ª Internacional

Comunista, sediada em Moscou, atuava com fórum de coordenação da Revolução Mundial, integrado por Secções nacionais de Partidos Comunistas, irmanados no propósito de acabar com o sistema de exploração capitalista e promover a Revolução Socialista dos camponeses e operários. Portanto, embora lambendo as feridas da Grande Guerra Pátria e impactada pela crise econômica e sob o fogo cerrado dos Regimes Liberais, do persistente cerco imperialista, o Estado Socialista Soviético, tentava expandir a Revolução, mundialmente, mas, para tanto, dependia, sobretudo, do protagonismo, da vontade revolucionária e das condições revolucionárias, em cada país e rincão do planeta.

Em contraposição aos avanços da ofensiva reacionária dos nazistas e fascistas, a I.C. modificaria a linha tática de “*classe contra classe*” para a política das frentes amplas, populares e antifascistas, na tentativa de evitar o crescimento das hordas de Hitler e Mussolini.¹

Nessa confusa e conflituosa situação externa, internamente, no Brasil, as disputas políticas por hegemonia, nos planos nacional, regional e local, acirradas, por saídas autoritárias e golpistas, ainda que sob a retórica de uma ética de ocasião, qual a ‘Revolução Liberal de 1930’.

Porém, o vendaval revolucionário de 1930 prometia varrer antigas práticas de fraudes eleitorais, progresso, interesses republicanos, todos malogrados, a frustrar expectativas, cabendo dizer, “*a montanha que pariu um rato.*” As grandes obras dessa revolução, a Justiça Eleitoral e a Legislação Trabalhista, reformas epidérmicas, sequer amaciavam a pele fina dos cidadãos dos centros urbanos. E passavam, ao largo das demandas seculares, dos setores fundamentais da Economia Agrária, da maioria da população do país de estrutura fundiária, em relações de produção atrasadas,

¹ Análise da situação internacional mais recorrente vide bibliografia, entre outros, Dario Cannale, Werneck Sodré, Moisés Vinhas, José Nilo Tavares, Paulo Cavalcanti.

análogas ao escravismo colonial. O *Brasil Novo*, da retórica oficial, operava tímidos retoques, na velha cara encarquilhada do país agrário, latifundiário, monocultor e exportador. De produto de sobremesa. País dependente. A despeito dos mananciais de riquezas naturais, seu imenso atraso de forças produtivas, os baixos índices escolares, a pobreza endêmica da população.

Desalojar as oligarquias cafeeiras do centro do poder era uma coisa, mas, governar, sem elas, outra. Portanto o rearranjo do poder, entre paulistanos e outras oligarquias, era uma questão de tempo, para a recomposição das classes dominantes. Getúlio Vargas desempenhava, nesse espetáculo, o papel do Napoleão, acima dos interesses das classes. Personificava o novo “*consenso*”. Na aparência do palco, do espetáculo. Efetivamente, ocorria a transferência da hegemonia, regionalmente, sem mudanças de classes, sequer de frações representativas de interesses distintos. 1930 não desfaz o pacto político da dominação burguesa preexistente. Apenas, redefine-o, em novas bases, com a nova correlação de mais presença de outras Oligarquias Regionais, além da Café com Leite, Chimarrão, Açúcar, Babaçu, Dendê, Castanha do Pará.

E Getúlio Vargas não mediu esforços, nem economizou o dinheiro público, para apaziguar ânimos da Elite Cafeeira Paulistana. O ‘Napoleão dos Pampas’ foi o mais *perrepista* dos *perrepistas*, quanto às margens de lucro da produção do café. Com Vargas, a despeito da queda do preço do café, no Mercado Internacional, de 200.000 réis, em 1929, para 21.000 réis, em 1930, houve aumento da produção interna e em nome da superação da crise do setor, com o preço da saca do café, em baixa, 40 francos, Getúlio Vargas comprava 17.500.000 sacas, com objetivo de diminuir a oferta do produto, no Mercado, e forçar o aumento do preço. No entanto, essa medida não produziu o efeito proclamado e os preços do café não subiram, de

maneira que a riqueza, produzida, socialmente pelo povo brasileiro, foi parar onde sempre esteve: na fazenda privada das oligarquias paulistanas.

O Brasil produzia 28.333.000 sacas, das quais, exportava, apenas, 15.589.000 e não havia o Mercado interno para o consumo do excedente produzido. As sobras da produção do café, equiparavam-se, as quantias de exportações do produto. Porém, com ou sem crise, com superprodução ou queda de preços, as classes dominantes paulistas continuavam a lucrar, como sempre lucraram: não havia crise econômica, mundial ou nacional, a afetar a lavoura do café. Lá, nessa lavoura, não existia tempo ruim.

A decantada Revolução de 1930, não passou de mera criação ideológica da burguesia; jamais foi revolução alguma. Getúlio Vargas, no papel de representante do progresso e da modernização, timoneiro de uma nação, acima das classes, quanta falácia, nesse papel, destinava o capital social do país para comprar 101.454.318 de sacas, das quais, três milhões serão queimadas, literalmente.² E a *revolução em marcha lenta* favorecia as velhas oligarquias e frustrava os novos atores engabelados por esperanças mudancistas. Não surpreendia, portanto, que, logo, surgissem dissidências e defecções, inclusive entre os “revolucionários” de primeira hora, o segmento *tenentista*.³

Refletindo os avanços do Nazismo e do Fascismo, na Europa, surgia, no Brasil, a Ação Integralista Brasileira – AIB, o Partido fascista tupiniquim. Ecoando as palavras de ordens da Internacional Comunista, em favor de Frentes Amplas e Populares, para obstar o Nazismo e o Fascismo e promover a Revolução Nacional Libertadora, cria-se, no Brasil, a Aliança Nacional Libertadora – ANL, o contraponto do AIB.

² Contrário à compra para queima do café, o Ministro da Fazenda José Maria Whitaker demitiu-se do cargo. Cf. *Nosso Século*, São Paulo, Abril Cultural, 1980, Vol. 3. p.35.

³ Depois de 1930, ocorrerão diversas rebeliões militares, no país; entre elas, o levante do 21º BC em Pernambuco, o de Niterói e o do BC, sediado em Terezina, Piauí.

A AIB, fundada pelo escritor Plínio Salgado, imitava os modelos fascistas, da cabeça aos pés, conteúdo ideológico, militarismo, fardamentos, liturgias. A concepção do *Estado Integral* de Plínio Salgado tem, por referência, as bases do Estado fascista de Mussolini. Na crítica ao Liberalismo, no Nacionalismo xenófobo, Corporativismo, Anticomunismo e Totalitarismo de nítida inspiração do PNF - Partido Nacional Fascista.⁴ Porém, sem o alcance e a expressão social do PNF de Mussolini, a AIB de Plínio não se torna fenômeno de massas qual a matriz. Tentar, tentou: adotou organização militarizada, fardamento das *camisas-verdes*, por símbolo, a sigma no ombro, até a grotesca saudação da mão estendida do *anauê!* Sob o lema: *Deus, Pátria e Família*, procurava agregar os setores mais conservadores e tradicionais.⁵ Atrai elementos da alta burguesia dentre os mais reacionários, da pequena-burguesia, da burocracia civil e militar, do clero e alguns intelectuais. Não alcança bases sociais populares, mais amplas. Porém, a questão da base social restrita não era o único problema da AIB. Enquanto Hitler e Mussolini são líderes nacionais, sem rivais, declarados, o genérico Plínio Salgado carregava a sombra de Gustavo Barroso. O líder do Fascismo à brasileira, contudo, tem sido mais desconsiderado do que merece. Plínio Salgado foi intelectual e teórico, com as compilações inerentes a todas as vertentes do Nazi-Fascismo, ele logrou alguma originalidade. Uma doutrina sistemática, pode-se afirmar. Para além, das caricaturas, traçadas no calor de lutas ideológicas. Compreensível no combate da esquerda antifascista, porém, inaceitável, nos relatórios superficiais, elaborados pelos burocratas de Embaixadas que os não levavam

⁴ Para BURON, THIERRY, GAUCHON as origens ideológicas de Plínio Salgado estão em MAURRAS, GIL ROBES, MUSSOLINI e SALAZAR. Cf. *Os Fascismos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980, p.155.

⁵ TOGLIATTI, Palmiro, Secretário Geral do PC Italiano, reconhece a base de *massas* do partido fascista, porém, em sua análise, distinguindo *coerção de consenso*, vê o Regime de Mussolini como *reacionário de massa*. Cf. *Lezioni sul fascismo*, Roma, Riuniti, 1970. O "fascismo à brasileira" de Plínio, porém, foi mais um movimento de intelectuais antiliberais e anticomunistas, com alguma penetração, nas classes mais baixas, apenas, no Sul, mas sem a base a base operária, e sem penetração no meio sindical, como o seu paradigma europeu.

a sério.⁶ Intellectualmente mais dotado, o ator Plínio, se atuasse na Opereta Italiana, desempenhava melhor o papel que o bufão Mussolini, o beócio que fez sucesso na temporada fascista.

No campo oposto, seguindo as teses do VII Congresso da I.C os Comunistas brasileiros organizam a Aliança Nacional Libertadora, a frente antifascista brasileira. Formalmente, a ANL foi lançada, em ato público do Teatro João Caetano, em março de 1935. Naquela ocasião, Luiz Carlos Prestes foi aclamado, *in absentia*, o Presidente de honra.

Por que o pequeno PCB exercia papel de força hegemônica, nessa frente ampla? Primeiro, por ser Partido, com definição de linha política, estruturado e organizado, nacionalmente: apesar de minúsculo, agia, como um homem só, pelo princípio do Centralismo Democrático. Portanto, o PCB, o segmento da Frente, organizado com estrutura política própria, táticas e estratégias definidas, direção centralizada e articulado ao Movimento Comunista Mundial. Embora pequeno Partido, o suporte estrutural dos comunistas e a persecução de objetivos definidos garantiam a direção e hegemonia da Aliança Nacional Libertadora. Em alguns meses, a ANL organiza-se, em todo país, e torna-se expressivo movimento de massas. Os números impressionam: cerca de 3 mil filiados ao dia.⁷ A historiografia, ordinariamente, acentua a importância da largueza do Programa, comumente, considerado amplo e democrático, da ANL. Nos pontos básicos dessa plataforma, destacam-se: Cancelamento da dívida externa; Nacionalização de empresas estrangeiras; Direito de organização e

⁶ Plínio Salgado sistematiza as ideias do *Integralismo* e demonstra fundamentos teóricos. Cf. **O Integralismo brasileiro perante a nação**, coletânea de textos desde 1932, publicada pela Oficina Gráfica, Lisboa, 1946. A doutrina do Estado Integral afigura-se absurda quanto as concepções políticas do *Dulce* ou a do *Führer*. No entanto, para os Relatórios do Ministério de Relações Exteriores da Itália, entre 30-36, Plínio é avaliado como "*pessoa sem capacidade política*", "*chefe pequeno*" e "*sem possibilidade de futuro*". Cf. Archivio Storico Ministero Affari Esteri - ser. pol. Brasile, b.4 .*apud* TRENTO, Angelo. **Fascismo Italiano**. São Paulo, Editora Ática, 1986, pp.78-79.

⁷ Cf. HERNANDEZ, M.G. Leila. **Aliança Nacional Libertadora**. Porto Alegre: Editora Mercado-Aberto, 1985, p.48.

expressão do pensamento; Reforma Agrária; Defesa de Pequenas e Médias Propriedades; Assistência Social e Aumento de Salários e a Reforma Tributária.⁸

Naturalmente, o Programa ‘nacional libertador’ não explica, por si só, o formidável crescimento da ANL e a mobilização de massas de milhares de pessoas que dependem de uma conjugação de fatores, entre os quais, as Bandeiras justas de um programa. Mas não só.

Também, bastante recorrente, na historiografia, a discussão do Nacionalismo da ANL em virtude de sua influência, nos meios *tenentistas*. Leila Hernandez considera:

[...o reformismo da ANL é o resultado de elementos da teoria democrático-burguesa reforçados, de vez que coincidentes, por algumas concepções ideológicas calcadas em valores nacionalistas e estatistas no inarticulado e difuso discurso tenentista." ⁹

O nacionalismo da ANL expresso, na luta anti-imperialista e antifascista, coaduna-se com a ordem do dia do Movimento Comunista Internacional- MCI. Se existem vestígios de populismo e salvacionismo, no Programa da ANL a gênese ideológica esfria, nas cercanias de Moscou, sede da Internacional Comunista e esquenta, nos trópicos brasileiros do ideário tenentista.

Contudo, George Dimitrov, no VII Congresso da IC, realizado em agosto de 1935, nomina a ANL, como exemplo de *frente anti-imperialista* a ser seguida. No informe de balanço daquele búlgaro, destacado líder da IC evidencia-se a influência do PCB, na ANL, e a relevância desta para o Movimento Comunista Internacional:

⁸ Cf. PRADO JR, Caio. **O Programa da ANL in A Platéia**, São Paulo. Conjunto de 8 artigos publicados entre 25.07 e 03.08 de 1935 que “constituem rica análise da realidade brasileira naqueles anos”. apud ANTUNES, Ricardo. ob. cit. p.165.

⁹ Cf. ob.cit.p.71.

[... No Brasil, o PC com a criação da ANL estabeleceu um princípio acertado para o desenvolvimento da frente única anti-imperialista [...].¹⁰

Banalizou-se a versão do discurso de Prestes, em 5 de Julho, dar pretexto ao Governo Vargas para o Consul de bombacha fechar a ANL e decretar a sua ilegalidade. No discurso, Prestes afirma que todas as lideranças da ANL diziam-se contra o Governo e, no final da oratória, brada a palavra de ordem: “*Abaixo o Governo Odioso de Vargas! Todo O Poder a ANL!*” A despeito da forte dosagem de *voluntarismo* do chamamento, sem sintonia com a realidade brasileira, também, não significa bom senso algum tornar ilegal, através de Decreto, uma agremiação com milhões de adeptos, em todo país, com sedes e assembleias abertas. Sucede que Getúlio Vargas, o César dos Pampas, pouco ligava para a legalidade. Muito menos, para a Democracia, mas defendia, com força de leão, a legalidade que o garantia, no trono, com amplos poderes de Cônsul Romano. Em 1935, o Governo Vargas estava desgastado; nem a retórica embromava junta com a brutal repressão policial bastavam para conter o avanço da oposição, o extraordinário crescimento da ANL. O cenário da situação mostrava-se desfavorável, na correlação de forças, para as pretensões continuístas de Vargas. Essa é a real motivação para o fechamento da ANL, a Frente Patriótica, nacionalista legal, que e, nada discrepava da Constituição. Quem viola a Constituição é o próprio Presidente. Pisoteia o direito fundamental da livre organização partidária. Não seria a primeira vez que Getúlio Vargas faria, da Constituição Republicana, papel higiênico. No entanto, o Napoleão sulino, ainda, detinha a hegemonia política, no campo das classes dominantes, controlava o Poder Estatal no âmbito Nacional. Exercia os misteres desse Poder, com a força do leão e a esperteza da raposa, lecionado na cartilha de Maquiavel. Na condição de “raposa”, aproveitava-se das oportunidades possíveis; sempre

¹⁰ Cf. DIMITROV, G. **A Unidade Operária Contra o Fascismo**. Informe de 02.08.1935 ao VII Congresso da Internacional Comunista. Minas Gerais: Editora Global, 1978, p.63.

que precisava ser temido, agia, como “leão”. De maneira que o discurso do Capitão Luiz Carlos Prestes não foi decisivo para a guinada autoritária do Governo. Prestes podia, até, substituir o Manifesto do 5 de Julho pelo Sermão da Montanha, pela Oração de São Francisco, que Getúlio Vargas faria o que fez. Ele criaria o ‘fato novo’ e o pretexto para o fechamento da incômoda Aliança Nacional Libertadora: o Golpe já estava, em plena gestação. Sacramentado. Sem pudor algum, Getúlio recorreria aos ardis e às falsificações, com auxílio da mesma camarilha da forja do *Plano Cohen*, divulgado à Nação para perpetrar o Golpe de 1937. Destarte, o fechamento da ANL foi, mais, um movimento das peças do xadrez do Poder. Nos primeiros movimentos, o Grão-Mestre do logro aparentava abrir a sua defesa, aceitando convocar a Constituinte. Mas, logo, em 1934, o mestre enxadrista obtemperava, com críticas veladas ou abertas sobre as dificuldades da governança sob a moldura da Carta Política. E, assim, movia os Peões, Cavalos e Bispos, no tabuleiro. Capaz de sacrificar, até, a mãe, se fizesse parte do jogo, contanto que salvasse, a ele mesmo, o Rei. No lance do fechamento da ALN, sacrificou diversos peões do Tenentismo que o haviam apoiado, em 30, para seguir, em frente, e desferir o xeque-mate: suspensão do Processo Eleitoral sucessório e dar o Golpe de 10 de novembro, em 1937. Na sequência cronológica dos lances preparatórios desse Golpe do mestre, antecede o xeque-mate de 1937, a malsinada Lei de Segurança Nacional, fechamento da ANL, Decretação do Estado de Sítio, divulgação, em Rede Nacional, do Plano Cohen. Doses cavalares de purgantes antidemocráticos, o Regime Ditatorial do Estado Novo, o efeito. Virada de mesa do punquista que implantava oito anos de terrorismo de Estado, a proteger amigos e perseguir, implacavelmente, adversários, especialmente, os comunistas, perseguidos, presos, banidos ou assassinados.

Na ilegalidade, por ato arbitrário do Governo, a ANL definhava. Reduzia-se aos membros mais combativos e dispostos a desafiarem na

clandestinidade, o governo tirano de Vargas. Poucos cidadãos dispostos a romperem os limites da legalidade, a fazer essa oposição, ao governo em permanente Estado de Sítio, exercendo uma governança de exceção, eufemismo de Tirania. Verifica-se, pois, em todo país, o refluxo das mobilizações e manifestação, contra o Governo. Em São Paulo, a grande manifestação, convocada por lideranças expressivas, Caio Prado Júnior e Miguel Costa, não consegue reunir mais de 500 pessoas.¹¹ Pior ainda, o Rio, a Capital Federal, suspendendo o protesto, porque havia mais agentes policiais que manifestantes, no ato de protesto.

No entanto, a despeito desses revezes, a palavra de ordem dos comunistas permanecia avançando na luta, preparando a Revolução Nacional Libertadora. Nesse caminho, sem volta, atribui-se a Roberto Sisson, a tarefa de percorrer o país e rearticular o funcionamento dos Núcleos da ANL, legalmente ou não, para a "hora de a onça beber água".

Na distante Moscou, a Delegação Brasileira do VII Congresso apresentava um Relatório ufanista e irreal, sobre condições favoráveis, no Brasil, para a Revolução, relatos que soavam como Canto da Sereia na cúpula da IC que gostava do que ouvia:

[... As massas populares do Brasil, a larga frente nacional, o proletariado e o PCB, estarão capacitados a dar início a contraofensiva [...] a prosseguir em suas batalhas decisivas pelo Pão, pela Terra e a Liberdade, e pelo Poder da A.N.L!].¹²

Seguindo as pegadas dos Comunistas, em Pernambuco, primeiro, em direção às urnas, nas disputas eleitorais de 1933 e 1934.¹³ Prosseguindo o rastreamento chega-se às baionetas, em novembro de 1935. Sob o impulso da Revolução deflagrada, antecipadamente, no Rio Grande Norte.

¹¹ Cf. DULLES, John W.F. in **Anarquistas e Comunistas no Brasil**. Editora Nova Fronteira, 1973, p.420.

¹² Cf. Idem, *Ibidem*, p.421

¹³ Pernambuco era subdividido em 3 Círculos Eleitorais. O 1º Círculo corresponde ao que hoje se denomina de Região Metropolitana do Recife. Os dois restantes, às demais Regiões do Estado, nas quais os Comunistas não tiveram expressão eleitoral.

O primeiro tomo dessa trilogia - Às Armas, Camaradas! – cuidou da Insurreição Comunista e do Governo Popular de 1935 em Natal, onde tudo começou.

A Revolução Comunista de 1935, em Pernambuco foi o segundo Ato do Espetáculo e, por essa razão, é o tema do Segundo Tomo. O Terceiro e último ato desta trama dramática da Revolução Nacional Libertadora e Comunista de 1935, com todos os traços épicos, trágicos e cômicos, estará, na ribalta, a Revolução no Rio de Janeiro. Trata-se de promessa, ou ameaça, do escriba.

Boa leitura!

3. “A Montanha Pariu Um Rato”

O Movimento Revolucionário da Aliança Liberal eclodiu, arrebatador, na Novembrada de 1930: com a força de tufão, derruba o Presidente Washington Luís, o representante da oligarquia cafeeira, paulista, a quem se atribuíam todas as mazelas da Velha República. Os Liberais, aliancistas, acenavam, com programa de reformas e promessas de modernização do país. Agitavam bandeiras de reformulação do Sistema Eleitoral e Educacional, mudanças políticas e econômicas, modernização do Estado e do Sistema de Produção, visando ao progresso social do Novo Brasil que se descortinava. Na retórica dos aliancistas, a carapuça dos problemas nacionais, atraso econômico, autoritarismo, analfabetismo e outros, decorrentes de décadas da dominação dos políticos tradicionais, caíam nos representantes das oligarquias do *Café com Leite*, das classes hegemônicas de São Paulo e de Minas Gerais, os aliados do núcleo dirigente que se alternavam, no Poder e se sustentavam com apoios regionais dos coronéis. Na troca de favores recíprocos, eles se mantinham, em benefício próprios e os interesses republicanos e da nação ficavam, em segundo plano. Usando essa retórica, os aliancistas, não obstante a derrota eleitoral, avançavam, politicamente, ganhavam adesões, na travessia do Rubicão, a marcha das Tropas Armadas, na capital Federal, a amarração dos cavalos, no obelisco do Rio de Janeiro, a entrada triunfal do César dos pampas, Getúlio Vargas. Nem forças militares ou resistência civil alguma impedem o golpe da deposição do Presidente Washington Luís. Tampouco o apadrinhado recém-eleito, Júlio Prestes, que derrotou, no voto, Getúlio Vargas, tomaria posse. As nádegas gauchescas assentarem-se no Poder pelo Decreto do Governo Provisório foram as do

“derrotado” Getúlio Vargas. Isso equivale a dizer que as Eleições, em 1930, não passavam de fraudes, prática banal, empregada, por todos. Afirmo o brejeiro que “palavras, não engordam sopa”: a Aliança Liberal, derrotada, na fraude eleitoral, dá a virada de mesa e usurpa a vitória, com a violência das armas.

Porque golpe de Estado vitorioso, criou-se o mito da Revolução, coisa que nunca foi, pois os aliancistas não lutaram, pela libertação nacional contra qualquer império colonial, tampouco revolução burguesa, porque essa classe estava no poder, na nossa formação econômica nem no feudalismo, tampouco foram revolucionários socialistas: os aliancistas de Vargas preferiam avançar com o Diabo a fazer qualquer acordo com os Comunistas. Tratou-se de Golpe, pensado e executado, pelos representantes das Classes Dominantes regionais, prejudicadas, nacionalmente, no botim do ‘pacto café com leite’, porém, *mais para jacaré do que para colibri*, assim entenda-se, com mais interesses comuns, com os setores dominantes que eles depuseram do que com setores dominados que os apoiaram, alguns com contradições irreconciliáveis e antagonistas, caso do proletariado que apoiou à Aliança.

Em matéria de sistema de dominação, 1930 troca “seis por meia dúzia”, a montanha, que crescia, na volúpia, da propaganda revolucionária, desmanchava-se, no ar, como bolha de sabão, a dizer que a “montanha pariu um rato.” Meras disputas do poder nacional e rearranjos regionalistas, das frações dissidentes do núcleo dominante dos poderes, econômico e político. Com tal configuração, as mudanças revolucionárias, anunciadas, ficavam, no plano abstrato e, jamais, se concretizaram, para frustração de uns e desespero de outros, que apostaram suas fichas, no jogo do “chimarrão com leite” contra a elite cafeeira paulistana.

Nessa conformidade, breve começam as eclosões de protestos, os pronunciamentos de revolta, sentimentos de traição, dos rumos “da revolução”, o brejeiro antigo já dizia, *não adianta chorar o leite derramado*.

As sociedades políticas organizadas, os Estados, em todas as latitudes e épocas, sustentam-se, em bases econômicas, nas forças produtivas econômicas que as moldam o formato: Escravismo, Feudalismo, Capitalismo. No Brasil, essa a regra universal não discrepa. Assim, não tardou a Getúlio Vargas, do segmento burguês dominante, porém não nuclear, sentir o “desgosto de pitar o chimarrão sem o mate”. Tratou de buscar o apoio dos carcomidos *perrepitas* do café, porque esses produtores e exportadores representavam nada menos, que 70% do Produto Interno Bruto do país. Getúlio Vargas até poderia pitar, mas teria que fazê-lo, com o pó dos cafezais paulistanos. Nessa chamada do feito, à ordem, legiões de pessoas ficavam na rua da amargura, mormente, aquelas engabeladas pela retórica progressista da *Revolução Liberal*. Pessoas que aderiram ao Movimento com pruridos republicanos, esperançosas de mudanças. Porém, o Golpe dos Liberais, em 1930, proclamado de Revolução, pela historiografia e intelectualidade servil, não substitui classes sociais do Poder, não modifica o sistema de propriedade e das relações produtivas. Portanto, foi, revolução, apenas para quem encheu a bolsa e ascendeu ao Poder, à sombra fresca do paço.

A incapacidade do Governo Provisório de encontrar respostas para a crise e o crescente descontentamento, com os rumos das muitas promessas e pouca ação da chamada Revolução, precipitavam o fim do idílio, no dizer do brejeiro, revolução liberal de “*muita farofa e pouca carne*.” Uma sequência de revoltas, levantes militares, de feição *tenentistas*, porém com adesões de civis, no ano de 1931, em Pernambuco, e em 1932 em São Paulo, evidenciam as insatisfações e cobranças de mudanças. Na Rebelião Paulista de 1932, as

antigas classes tentam retomar a direção política e derrubar Getúlio, dar o troco, porém, a “Raposa dos Pampas” alcunha, o movimento de ‘separatista’ para açular pruridos nacionalistas, jogar todos os Estados da Federação na defesa da “unidade nacional” contra “São Paulo, o Estado separatista”. Os Paulistas, como era previsível, perderam a “queda de braço”. Porém, Getúlio obteve uma vitória de Piro. Para governar, precisava da elite cafeeira paulista. E o momento não podia ser pior para adoçar o bico dos cafeeicultores. Crise mundial e queda de preços dos produtos exportáveis, desequilíbrio da balança comercial, aumento do desemprego, crescimento das greves operárias. Frequentes dissensões, no bloco governista. O caudilho Vargas, premido pelas necessidades, convoca a Assembleia Nacional Constituinte, proclama eleições gerais, tão à vontade como se o próprio Diabo tivesse que fazer o “sinal da cruz” com água benta na representação da liturgia católica.

Getúlio Vargas, porém, apreciava a “montaria do poder”, sem rédeas, sem controles e freios de legalidade, caudilho pampeiro, acostumado a mandar, para, depois das ordens executadas, cuidar dos formalismos legais, do enquadramento, na ordem jurídica. Caso a ordem dada não se ajustasse aos conformes da legalidade, cuidassem, os rábulas de plantão da boa argumentação jurídica, para que a Lei se adequasse aos fatos consumados, e enfim, tornar-se legal. Vargas governava, com poder de cônsul romano imperial. E *não batia prego sem estopa*, como diz o brejeiro. Primeiro, Getúlio conduziu o consulado provisório, por meio dos Decretos- Lei. No breve período constitucional, fechou os olhos para uns e virou as costas para outros. Se não engrossasse o caldo estava fora da panela, diz o brejeiro. Aliados do passado, sem mais, serventia, esquecidos, *bananeiras que deram cacho*. Com olhar no futuro, não demorou a reaproximar-se das poderosas oligarquias cafeeiras de São Paulo, pagando o preço alto de *alimentar burro*

com pão de ló. Dinheirama da Fazenda Pública: a ele a Chefia do Governo. Desde o Decreto nº 19.398, de 11 de novembro de 1930, tornara-se o “Imperador do Sol Poente”. Sem o apoio efetivo das Forças Econômicas, do Centro do Poder, nem Vargas, nem outro qualquer, teria estabilidade para governar, principalmente, atravessar a tempestade da crise, conter a insatisfação da tripulação, a constante ameaça dos motins.

Governo Provisório, na maneira de dizer, pois o “Cônsul dos Pampas” segurava o timão do barco por quatro anos, anos de governança absoluta, sem seguir cartas ou rotas, senão as ditadas pelo tirocínio do comandante e do almirantado. Porém, nem Vargas nem os que lhe davam apoio dispunham de mais pólvora ou chumbo para esticar a navegação: cresciam os Blocos da Oposição e as articulações contrárias ao Governo, precisavam atracar o barco no estaleiro, para fazer os reparos emergenciais.

Com esse desiderato, Getúlio convoca as Eleições Gerais e o retorno ao Regime Constitucional, por saber, também, que essa questão eleitoral, no Brasil, nunca passou de pomada epidérmica para coceiras e sarnas democráticas, apresentadas como panaceia para todas as mazelas nacionais. Portanto, as Eleições, até que, serviam para diluição dos prejuízos, com os apologistas do sufrágio. Mas tudo, de maneira segura, garantindo-se que ele não largasse o timão do comando do barco.

Assim, é convocada a Constituinte e votada a Carta Política de 1934. Constituição que foi recebida, com ufanismo, exaltada em prosa e verso, pela grande Imprensa e pelos doutos juristas de ocasião. O Getúlio Vargas, mestre das jogadas, guardava, na manga, a cartada do jogo: eleições presidenciais indiretas, na Constituinte. E claro, ele votado para Presidente da República.

Essa Constituição de 1934, a terceira Carta Política do Brasil e a segunda da fase república, foi musa de vida curta, sem tempo de florir. O guardião e jardineiro infiel, que devia venerá-la, a arrancou, ainda, em botão: ter Vargas,

como guardião da Constituição, equivalia a colocar um pedófilo para zelar pelas crianças do Jardim de Infância. Tratava-se da crônica de uma morte anunciada, um lobo que se vestia de cordeiro para o rebanho. Tão logo os animais políticos se agitaram, no desenvolvimento da campanha de sucessão presidencial, Vargas, o “Lobo”, dava o Golpe do Estado Novo, em 1937, Tosando a corrida presidencial, amordaçando a imprensa dita livre, com trinta moedas, e enfim, escalpelando a Nação, na Ditadura do Estado Novo.

Constituição efêmera, porém, abundam apologistas da Carta de 1934, entre juristas, rábulas, jornalistas, áulicos, fâmulos, serviçais, especialistas, farsantes e curiosos: o ensaísta tem dificuldades conceituais para separar tais ofícios, em se tratando do Brasil varonil. Importa que a Imprensa Oficial e livre para perceber verbas públicas, os intelectuais orgânicos da burguesia e os subalternos, pagos para agradarem, todos enalteciam as maravilhas da Constituição. O Brasil, no panteão do constitucionalismo internacional: eis a Cartas mais avançadas do mundo civilizado, exageravam os editorialistas, nos panegíricos. Mas, as palavras, *sem os atos, são cítaras sem cordas*, dizia o brejeiro.

Celso Ribeiro Bastos, constitucionalista renomado, considera a Carta de 1934 trabalho de alto nível e grande significação jurídica, elevado valor científico...

[...sepultando a velha democracia liberal, instituiu a democracia social, cujo paradigma era a Constituição de Weimar. [...] avanços incorporados ao nosso Direito Constitucional, o campo das nacionalizações e dos direitos sociais, as alterações na legislação eleitoral, a sindicalização, as normas de Previdência Social, o Mandado de Segurança e a Ação popular.¹⁴

¹⁴ Cf. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**, de 16 de Julho de 1934, Edição Minter-PrND, 1986, fascículo 3, p.p. 2 e 3.

O especialista Ribeiro Bastos considera que a matiz dominante da Carta tem caráter democrático e colorido social, uma tentativa de conciliação da Democracia Liberal com o Socialismo, no domínio econômico-social; do Federalismo e Unitarismo, no setor político; do presidencialismo com o parlamentarismo, na esfera governamental.¹⁵ Trata-se de entendimento consagrado, paradigmático, nos meios jurídicos especializados.

Discrepa-se dessa interpretação que mais serve a alimentar a lenda, a fábula, pela técnica da opinião da autoridade soar como sentença de oráculo do templo, na propaganda, transmutada em verdade.

Fábula de retórica atrelada à exegese do formalismo jurídico, à aparência, sem observar a menor correlação com a essência material meta-jurídica, algo como uma cápsula dourada de um remédio cujo conteúdo fosse farinha, sem o princípio ativo do medicamentoso. Na essência, quase tudo que se diz da Carta de 1934 não tem sustentação alguma. Desde as supostas tentativas de conciliação dos princípios do Liberalismo com Socialismo; no unitarismo estatal com o pluralismo federalista e nas dualidades do Parlamentarismo com as unicidades presidencialistas. Ao que parece, ditas configurações são díspares, quando mescladas por ecletismos, geram deformidades insuperáveis e ademais, não é o caso da Carta de 1934.

Promulgada, a 16 de julho de 1934, por Getúlio Vargas, depois de eleito, no Congresso, o fato novo reacendia esperanças de uma nação, exaurida com as políticas anteriores a 1930 frustrava as expectativas posteriores criadas pela ‘revolução’, mudava, para deixar tudo permanecer como antes, da frase lapidar do Príncipe de Salinas, de Giuseppe de Lampedusa.

¹⁵ Cf. Idem, p.4.

Governar, em conformidade com parâmetros de Constituição, Getúlio não governou; legalidade como animal desconhecido, não se devia montar, no dizer do brejeiro. O “cônsul” trotou, longos quinze anos, sobre a nação: quatro anos de Ditadura, velada, do governo “*provisórios*”; três anos sob a precária legalidade constitucional, de 1934; oito anos de Ditadura, ostensiva, do Estado Novo 1937 -1945. Na “assembleia” dos ratos, qual deles colocaria o guizo, no pescoço do gato?

Erro grosseiro, crasso e frequente, a atribuição de conteúdo nacionalista estatizante à Carta de 1934 ou viés socializante. Certos países capitalistas, para desenvolverem, eficazmente, forças produtivas, criam Empresas Públicas, em determinados setores, considerados estratégicos que, representam, vultosos investimentos de Capital. São empreendimentos de altíssimos custos, mas essenciais ao processo produtivo, à ampliação do Capital. Quase sempre, administradas por Servidores da Administração Pública, funcionários estatais, da casta burocrática técnica, diferenciada, dos demais Servidores Públicos. Contudo, no processo geral da produção, está a serviço da acumulação capitalista, da ampliação, do capital privado porquanto integram e reproduzem a exploração do Alto Comando da Burguesia, o Estado Capitalista. O produto do Trabalho Social e as riquezas nacionais, produzidas pelas Empresas Públicas complementares da engrenagem Estatal da Burguesia Capitalista pode figurar nos orçamentos e contabilidades públicos, porém, essencialmente, alimentam e servem ao regime produtivo da exploração e acumulação privada da Burguesia e da burocracia técnica, a ela, associada.

Portanto, diferem, completamente, das Empresas Estatais das Economias Socialistas, planejadas, cujas metas estratégicas são voltadas, para a Promoção Social de toda sociedade, em sintonia com o Plano Econômico. Sob a exploração Capitalista, toda sociedade não se beneficia,

indistintamente, pois não existe planejamento de desenvolvimento e alocação dos recursos nacionais para a promoção social, mas, a Anarquia da Produção, a “livre” iniciativa para permitir a acumulação privada, do produto social do trabalho e demais fatores de produção. No Capitalismo, o estatismo burguês, auxilia, objetivamente, a concentração de riquezas, nas mãos dos capitalistas. As Empresas Estatais Capitalistas não alteram as suas relações de produção, na Agricultura, Indústria, Comércio ou Serviços. Elas integram a base material da infraestrutura econômica sobre a qual ergue-se a superestrutura jurídica, política e ideológica do Estado Capitalista. Qualquer Estado Burguês tem, for fim, organizar e garantir a produção privada, assegurar o Mercado Capitalista, a propriedade privada, gerar riqueza e acumulação da burguesia, detentora dos Meios de Produção. Nessa perspectiva, o Estado burguês foi chamado, por Marx, de Alto Comando dos interesses dessa classe dominante. Porque o trabalho e toda riqueza, por ele, produzida, encontra-se no campo material da História. Ao campo abstrato, subjetivo, da organização jurídica do Estado, das leis, das ideologias, das fábulas, crenças, concepções, dos espetáculos retóricos, compete assegurar a existência e dar sobrevida a essa a realidade invertida, por meio dos aparelhos pedagógicos e ideológicos, ou, sendo eles, insuficientes, dos aparatos repressivos. A ideologia capitalista inverte a realidade, quando faz as pessoas crerem, na Democracia da minoria burguesa que é, sempre, uma Ditadura sobre a maioria. Apresenta o Estado midiático manipulador e repressor policial no papel de mediador impessoal, acima das classes, benfeitor e promotor do “bem-comum”. Mas, o Estado capitalista confunde interesse público e bem-comum com a defesa dos interesses dos capitalistas. As bazófias, comumente ouvidas, do Estado capitalista proteger a todos igualmente através da Lei, para a qual, pobres e ricos são iguais. Portanto, confundir Empresa Estatal Capitalista com Socialismo segue a lógica do absurdo: o assaltante, despoja sua vítima, vislumbrando, nesse saque,

inclusão social, redistribuição de riqueza social. Empresa Estatal, nos moldes do Capitalismo serve ao Estado capitalista e a Burguesia é a Classe Dominante, no respectivo sistema. A confusão com socialismo debite-se ao plano da ideologia dominante, das classes dominantes.

Outra lenda das mais difundidas, a das ‘*inovações*’ da área social da Constituição de 1934, embalada pela tradição historiográfica, atribui às conquistas dos direitos dos trabalhadores e à criação da Justiça do Trabalho. Quais direitos e garantias sociais representam inovações constitucionais, em 1934? A Carta modificou as relações sociais e trabalhistas nas cidades e nos campos? Mero exercício da argumentação retórica, *palavras ao vento não enchem barriga*, diz o brejeiro.

Até as bazófias, repetidas, consolidadas na cultura, acabam virando “verdades” da memória social. As eternas viúvas do trabalhismo getulista o provam, habilitam-se como herdeiras e reproduzem a ideologia do legado do *Pai dos Pobres*, segundo o qual, graças a Getúlio, os trabalhadores têm direitos e toda legislação social do trabalho, CLT, inclusive. A Constituição de 1934 e a CLT de 1942 foram sancionadas por Getúlio Vargas, como Presidente e como Ditador. Porém, essa fotografia oficial oculta fatos relevantes. A foto destaca o engenheiro de obra feita como dono exclusivo do Projeto. Porque todas as leis trabalhistas foram conquistadas, a duras penas, nas lutas sociais, travadas pelas massas populares, contra as classe econômicas, herdeiras do escravismo colonial e os governantes serviçais e mantidos para representá-las.

Para começo de conversa, existiam normatizadas, no Direito Positivo, Leis trabalhistas, incluídas na Carta Política de 1934. A Constituição teve o mérito de inserir e elevar, ao plano constitucional, essas normas e leis trabalhistas, não de criá-las. Foram conquistas que resultaram de décadas de luta do Movimento operário e sindical combativo, de anos de lutas com

greves que provocaram retaliações repressivas violentas. Houve deportações de militantes do Sindicalismo, dos *agitadores estrangeiros*, prisões e torturas dos sindicalistas combativos. Centenas de valorosos operários sindicalistas pagaram, alto, o preço da defesa do Proletariado, dos salários dignos, da regulação da jornada de trabalho, do repouso semanal e outras direitos. Direitos, conquistados nos anos de lutas, com fortes reações da Burguesia brasileira, a última de todo continente americano a abolir o regime de escravidão. Depois, apresentar, na fotografia, Getúlio Vargas, representante dessa burguesia, como o benfeitor que legou os direitos aos trabalhadores. É bazófia atribuir à dádiva de Getúlio ou da burguesia ou a qualquer dos serviçais, no poder, as conquistas sociais, obtidas, na luta, nas greves operárias, e manifestações, tratadas, como *caso de polícia*. Sob toda virulência do Estado e da repressão policial “na forma da Lei burguesa”. As regulações de direitos trabalhistas, extraídas com o sangue dos trabalhadores, resultaram, diretamente, das greves gerais de 1917 e 1919, momento em que a Burguesia brasileira, sem outra opção, vê-se obrigada a fazer concessões, no dizer do brejeiro, *ceder os anéis para conservar os dedos*.

No Consulado provisório Getúlio, tais direitos são regulados, mediante Decretos. Vargas batia o prego, e viraria a ponta, na Constituição de 1934, no Título IV, da *Ordem Econômica e Social*.

O Artigo 121, *caput*, tem eficácia contida: significa que remete, para a Legislação Ordinária, a proteção social do trabalhador e o amparo à produção, em vista dos interesses econômicos do País. O conjunto de preceitos que representam avanços, reconhecem as conquistas operárias da proibição de diferença de salário, para o mesmo trabalho; salário mínimo, jornada de 8 horas de trabalho, proibição de trabalho de menores de 14 anos, repouso hebdomadário, férias anuais remuneradas, indenização por dispensa, sem justa causa; assistência médica e sanitária ao trabalhador e à

gestante, assegurado o descanso remunerado, antes e depois do parto, regulamentação de todas as profissões e reconhecimento das convenções coletivas. Porém, daí, a atribuir todos os méritos à Carta Magna de 1934 e a Getúlio Vargas e retirar das causas, a luta de classes responsáveis por tais avanços, trata-se de mera ideologia, no sentido de manipulação, a câmara escura, invertida, da fotografia.

O Artigo 122 institui a Justiça do Trabalho, para dirimir questões, entre empregadores e empregados. Por um lado, garante as migalhas do sistema de exploração, enquanto a reproduz, por outro, procura amortecer o confronto das classes antagônicas. A autonomia dos Sindicatos estatais, jamais, existiu: o sindicalismo de Estado foi ardil, qual o Cavalo de Troia, introduzido, nos meios operários. Os Agentes do Ministério do Trabalho passam a tutelar o Movimento Operário respaldados no Decreto 24.694.¹⁶

Contudo, na interpretação de alguns, a Constituição de 1934 permitia relativa ‘autonomia sindical’, os apoiadores do ‘novo sindicalismo’, para os quais, a solidez estrutural faz cessar todas as formas de organização operária sindical anteriores. De fato, o Sindicalismo Estatal representou a inflexão do movimento operário. Sindicalismo, implantado por Vargas, que banuiu todas as formas de organização anteriores. Assim como o Cavalo, presente dos gregos, ultrapassou as portas inexpugnáveis da Troia, sitiada: o Movimento Operária e Sindical traz, para dentro, os seus inimigos. Manobra que levou todas as Correntes e facções sindicalistas, a mudarem de tática. Os anarquistas e os comunistas, ameaçados pelo isolamento, deixam de combater o Sindicalismo Oficial para, nele ingressarem, buscando saídas do

¹⁶ Cf. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**, de 16 de Julho de 1934, Edição Minter-PrND, 1986, fascículo 3, p.p.46-48.

distanciamento das massas laborais, na crença vã, de retomar a direção do Movimento e antiga influência nos meios operários.¹⁷

Porém, objetivamente, o Novo Sindicalismo, dos sindicatos controlados pelo Estado, representava a derrota do Sindicalismo classista, combativo. Depois de muita oposição, de oferecer toda resistência possível, os setores combativos do Proletariado, vencidos, dobram-se, ao fato consumado, e aderem ao projeto de atuação, por dentro do sindicalismo Estatal.

Em Pernambuco, a exemplo dos demais Estados brasileiros, as tendências combativas tentaram, em vão, boicotar o sindicalismo de Estado. Porém, o sindicalismo oficial arrastaria a todos como vendaval. Atraía a classe operária como o facho da faz com as libélulas, para a morte. Isolados, os militantes combativos decidem lutar por ‘dentro’, engrossar as fileiras da sindicalização do sindicato atrelado ao Ministério do Trabalho, para sair do isolamento. Com a justificava de conquistar a hegemonia, a direção política, *fazer o feitiço virar contra o feiticeiro*. Tal mudança de tática, erroneamente, tem sido apresentada como abrandamento da tutela Estatal sobre os sindicatos, maior autonomia, por consequência. Bazófiás. Tal tutela sempre foi exercida pelo Ministério do Trabalho, pela via legal. Na correlação de forças, da puxada do cabo de guerra, a mudança de tática deve ser vista como derrota do lado combativo. O peixe que morde a isca e está preso no anzol, pode nadar até cansar, mas estará preso, pode ser puxado na hora que o pescador julgar apropriada, assim a “liberdade de ação” do sindicalismo tutelado pelo Estado. Participar desses sindicatos oficiais, reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, representava a continuidade da luta, mas em condição de desigualdade. as classes dominantes, detendo maior controle

¹⁷ Com base em VIANNA, Luiz Werneck, para quem a Carta de 34, *esdrúxula combinação de liberalismo com corporativismo* permitiu uma relativa autonomia dos sindicatos, frente ao Estado, BRAYNER, Nadja Maria chega a tal conclusão. Cf. ob, cit. p. 226.

sobre As organizações de lutas econômicas do Proletariado, por via reflexa atingia as lutas políticas de emancipação da classe operária. O Projeto sindical classista, autônomo e livre, criado pelos trabalhadores mais combativos, sucumbiu, ante o tufão do oficialismo sindical. O campo de lutas veio a ser definido, demarcado e modulado, pelo antagonista da classe. Trata-se do sucedido, do fato consumado, portanto, pouco relevante especular se havia alternativa possível fora das circunstâncias históricas determinadas. Porém, o Governo Vargas jamais abrandou a *Lei de Sindicalização*, de maneira a não ter sustentação a tese de que o sindicalismo oficial, com o tempo, tornou-se autônomo. A estrutura do modelo fascista pensada, para a domesticação, o controle e a colaboração de classes, para dirigentes sindicais confiáveis, os “pelegos”. As tendências combativas e revolucionárias, atuantes no Movimento Operário, arrastadas pelo vendaval do sindicalismo oficial, foram controladas através das regras impostas pelo Ministério do Trabalho. Não resistiram ao cerco, do Governo, nem ao fascínio, do ardiloso Cavalo de Troia do Ministério do Trabalho. Mas, as muralhas inexpugnáveis estavam vencidas. As distribuições de Cartas Sindicais, os recursos do imposto sindical, já haviam devassado Tróia.¹⁸

A maior organização operária do país, o Partido Comunista, contava, apenas, aproximadamente, mil militantes; no fiel da balança, pequeno e inexpressivo, nacionalmente. Ademais, internamente, atrapalhado por sérias disputas e defecções, poucos debates, muitos expurgos. Somando-se as debilidades orgânicas, preexistentes, os expurgos e a maior interveniência do Birô Sul Americano da Internacional Comunista, no dizer do brejeiro pessimista, *nada é tão ruim que não possa piorar*.

¹⁸ O clichê "trabalhar no concreto" presta-se para diversas justificativas, com veleidades dialéticas, desde observar a objetividade das condições históricas até justificar desistências e capitulações. No caso da adesão ao Sindicalismo Oficial do Ministério do Trabalho há explicações em todas as direções.

Em curtos períodos, são operadas mudanças bruscas, na linha política e no Núcleo Dirigente. O afastamento de vários intelectuais dos cargos dirigentes, emblematicamente, a saída de Astrojildo Pereira, da Secretaria Geral e o ingresso do capitão Luís Carlos Prestes, via Moscou, com o qual ingressam seguidores do Tenentismo, até então, criticados como pequeno-burgueses, pelo PCB, reflete esse momento de turbulência. Luís Carlos Prestes adentra, primeiro, no Movimento Comunista global, na Executiva da Internacional Comunista, pelas mãos de Dimiti Manuílki e, só depois, ingressa, na Seção nacional, o PCB, com a tarefa de comandar, militarmente, a revolução nacional-libertadora. Em tal posição, Prestes participa, do Congresso Latino Americano, realizado, em Moscou. E sua voz engrossa o coro da Delegação do PCB ali presente: Miranda – Antônio Maciel Bonfim, Fernando de Lacerda e José Caetano Machado. Eles impressionam os dirigentes do Komintern, com relatos triunfalistas da presença dos comunistas, nas greves e nos levantes de quartéis, a maximizar a influência do Partido, nas massas. Também, sobre as condições favoráveis, para a revolução no Brasil. Porém, no Congresso da Internacional, prevalece a tese do búlgaro George Dimitrov, de formação das Frentes Antifascistas, em alianças, com socialistas, socialdemocracia, liberais e, até, conservadores, para barrar o avanço do Nazismo e do Fascismo. A mudança tática deslocava a questão da revolução socialista para etapa subsequente dessa luta.

Porém, até semanas antes, as disputas públicas, entre o PCB e Prestes, travavam-se em tons altos de adversários ferrenhos, de maneira a causar espécie, a rápida mudança de ventos, sobretudo, a “entrada por cima” do antigo líder dos Tenentes, tão combatido pelo Partido, que descia goela abaixo dos dirigentes do PCB, como naco de toucinho cabeludo, no dizer do brejeiro.

O reforço dos elementos tenentistas, ligados a Prestes, no Partido Comunista, jogava mais lenha na fogueira da cultura golpista, cultura política da conquista do poder, por meio armado, golpe de Estado ou revolução. Essa cultura, mantida, em fogo alto, pelas práticas das próprias classes dominantes, alcançavam, também, as classes dominadas. A questão da Democracia não importava às oligarquias, paulistas, mineiras, gaúchas, nem de qualquer dos rincões, tampouco, ao PCB obreiro, ou não, ou aos Tenentes. Esse ingresso, dos *militares prestistas*, somado às dificuldades da inserção dos comunistas, nos meios operários e camponeses, mais apressam, que mudam, as concepções insurrecionais, já existentes, no Partido Comunista.

Das mudanças de tática, a militância partidária seguia, mais, por disciplina, do que, por consciência ou assimilação das novas táticas. E a dinâmica dos acontecimentos atropelava os mecanismos de funcionamento da Democracia interna do Centralismo Democrático. A maioria partidária não discutia as questões, debatidas nas cúpulas do Secretariado do PCB e do birô Sul –Americano. As resoluções políticas, baixadas com essas oscilações, na tática, em curto tempo, geravam problemas, para aplicação prática no âmbito da militância. Ilustra, bem, essa dificuldade, a criação do Bloco Operário e Camponês, o BOC. Tratava-se de conclamação à formação de frente política, quando a linha política definida consistia na busca de alianças. No entanto, em poucos meses, dita linha é abandonada e repudiada, tratada como Política Colaboracionista da burguesia, ‘desvio de direita’. O Centralismo, sem Democracia, suprimia os debates internos, adotando-se uma nova política de ‘classe contra classe’, de cima para baixo. Tratava-se de distorção burocrática do princípio norteador da democracia interna, do Partido marxista-leninista, do novo tipo. Com as consequências esperadas, sempre que princípios são relegados, deturpados ou quebrados.

4. Pernambuco do Açúcar Amargo Como Jiló

Terceira capital do Brasil, em população, o Recife destacava-se econômica, política e culturalmente, e a “*Veneza brasileira*” exercia influência, em toda Região Nordeste. Nas décadas de 20 a 40, a população da Capital pernambucana crescia, cerca de 46%, crescimento, atribuído à vitalidade atrativa da urbe, pela condição de Polo Regional. Porém, esse crescimento trazia problemas e desafios sociais, que se multiplicavam, como a “civilização dos caranguejos”, formada pelos moradores dos mocambos dos alagados e morros, casebres e palafitas sub-humanas, edificadas, às margens dos Rios Capibaribe e Beberibe, com sua História, escrita, nas tintas doces e amargas da economia movida pela monocultura da cana de açúcar e o comércio de exportações. Do cenário urbano, definido pelo Porto moderno e, da Rede Ferroviária, o Vapor do Norte, a aproximar distâncias. Nessa frenética atividade, em torno do açúcar, surge e se desenvolve a cidade e na administração dessa produção, transporte e comércio, nos serviços, seguindo os leitos dos rios e correndo rumo ao cais do Porto do Recife, onde o mundo começa ou termina, para lá de *Europa, França e Bahia*. Recife, cada vez mais, o empório comercial e entreposto de entradas e saídas dos produtos e riquezas. Da Fazenda Pública, abocanhando a maior parte do bolo, senão, desviando-a, nos subterfúgios da corrupção, empregando-as, nas obras públicas, de mudanças da urbe.

“A cidade passa cada vez mais a colher a produção regional para exportação, ao mesmo tempo que firma a sua posição de principal centro, importador, redistribuindo em seguida os produtos para a vasta área sob sua influência.”¹⁹

¹⁹ Cf. BERNARDES, Denis. **O caranguejo e o viaduto**. Recife, Editora Universitária. 1996, p.48.

O processo de modernização do “parque usineiro”, como observou Paul Singer, trazia mudanças significativas: a expulsão do homem do campo para a cidade, a formação do “exército de reserva”, a ampliação do mercado de bens de consumo e as novas relações produtivas que substituíam as de subsistência. Criava-se o Mercado para bens de produção e, nas duas primeiras décadas do Século XX, o porto da cidade havia sido reformado para atender às demandas do seu movimento e o Recife era uma cidade “*moderna*”, com transportes urbanos, abastecimento de gás e de água, e, posteriormente, de luz elétrica.²⁰

Nunca é demasiado insistir, no impacto do crescimento vertiginoso da população do Recife, produzido pela “*modernização*”, fenômeno a que Mário Lacerda denomina de “crescimento explosivo” e Gilberto Freyre, de “*inchação*”.

O papel econômico de Pernambuco e da sua Capital, no plano regional, refletiram-se, em todos os setores sociais e o Recife destacava-se, como centro cultural e político, dos “avançados” institutos acadêmicos, hospitalares, comerciais, empresariais cujos serviços são procurados, por outras cidades da Região.

A criação da Faculdades de Direito, pelo Decreto Imperial de Pedro I, em 1827, colocava a Província, no pioneirismo dos cursos jurídicos para formar os quadros da burocracia estatal e da política. Pernambuco torna-se a Corte dos Bacharéis da Região, diplomando gerações de advogados, Procuradores, Promotores, Juízes, Desembargadores, Conselheiros, Deputados, Senadores, Governadores. Nos primórdios da República, aqui e acolá um Vice-Presidente e, também, notáveis das letras jurídicas e literárias:

[A primeira faculdade sediada em Olinda, depois transferida para o Recife[.]: Eusébio de Queiroz, Paula Batista, Saldanha

²⁰ Cf. PERRUCCI, Gadiel. **A cidade do Recife (1889-1930): o crescimento urbano, o comércio e a indústria**. São Paulo, Revista de História, p. 579, citado por Bernardes, Denis, ob.cit. p.49.

Marinho, Teixeira de Freitas, Marques da Paranaguá, Barão de Lucena, Tobias Barreto, Pontes de Miranda, Epiácio Pessoa, Aurélio Buarque de Holanda, Raul Pompéia, José Lins do Rego, dentre outros]²¹

No imaginário, das lutas dos abolicionistas, fantasiam-se performances extraordinárias, de Castro Alves, de Tobias Barreto, José do Patrocínio nas tertúlias do teatro de Santa Isabel, em defesa da liberdade e contra o hediondo regime escravo.

Essa idealização do passado glorioso, alimentava-se, nos anos 20, como culto ao Tradicionalismo, porém, apresentava elementos inovadores, com Gilberto Freyre, em abordagens interdisciplinares sócio-histórico-antropológica do Brasil de *Casa Grande & Senzala*. De poetas telúricos, com forte viés regional, quais Ascenso Ferreira, do *Catimbó*, a versejar o cotidiano da Província, no “moderno regionalismo”, Manuel Bandeira e Joaquim Cardozo, com maior projeção nacional a incensar o imaginário social do “*Recife cidade Lendária*”.

O sociólogo Gilberto Freyre ressaltava a tradição, sem olvidar as dicotomias e as crueldades, as distâncias sociais, em *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mocambos*, *Jazigos e Covas Rasas*.²²

Antônio Paulo Rezende, historiador pernambucano, ressalta a tensão entre o Moderno e a Tradição, destaca o temor de o ‘devir moderno’ não corresponder às fantasias imaginadas do passado:

[Cidade de forte tensão entre o moderno e o tradicional. A sua história está atravessada por momentos de deslumbramentos e fantasias sobre o seu futuro possivelmente moderno, pelo medo de vê-la distante das tradições e o desejo de reafirmar o seu passado profundamente idealizador.]²³

²¹Cf. Sarmento, Natanael. **O Bacharelismo na Literatura: mimética do desencanto**. Conferência na XIX Semana de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Católica de Pernambuco, em 19/10/2016.

²² Cf. FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria. José Olímpio, 1966 e **Sobrados e Mocambos**, 1968.

²³ Cf. REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na década de 20**. Tese Doutorado. USP, 1992, p.29.

Uma urbe, concebida no porto, nos primórdios da colonização lusitana, no complexo econômico, Metrópole/Colônia tornada fundamental, firmando-se como centro, comercial e financeiro. Como a Agroindústria açucareira, continuava, na base da Economia, mas os demais ramos da Indústria despontavam, desde o início do século, a têxtil e a de alimentos. Com 4,2 % da produção industrial do país, Pernambuco o principal produtor do Norte/Nordeste, o sexto do Brasil, com 1264 estabelecimentos industriais, abertos na década de 30.²⁴

O capital estrangeiro, direcionado, fundamentalmente, para os setores de serviços, telegrafia, telefonia, sistemas de ferrovias, canalização de gás e eletrificação, águas e esgotos, transportes urbanos (bondes). O capital estrangeiro, também, presente, no tradicional comércio de exportação e importação de açúcar e algodão, de peles e couros, nos secos e molhados. Do chamado capital financeiro, das quinze casas bancárias existentes, em Recife, no ano de 1931, seis eram estrangeiras e elas controlavam o Ativo do Sistema Financeiro, com 51% de todo Capital.²⁵

No meio das cifras, as distâncias sociais mesopotâmicas, sobrados modernos do lado visível da cidade, cartão postal, e miseráveis mocambos e palafitas dos herdeiros das senzalas da ‘civilização do caranguejo’ - precisa definição do sanitarista Josué de Castro -, ordinariamente, ocultada.

²⁴ Cf. PERUCI, Gadiel. **A república das usinas**. ob.cit.p 137.

²⁵ Cf. Idem, ibdem, p. 39-40.

5. Novo Código e Velhas Fraudes

Com suas contradições, o Governo Vargas introduzia mudanças, poderes de “Cônsul romano” ou sob parâmetros da Carta Política, o pampeiro usou e abusou do Poder, antes e depois, da Constituição de 34. Segurava as rédeas e frenava ou colocava *os carros adiante dos bois*, conforme exigissem as circunstâncias que ele mesmo avaliava. Seus métodos políticos não mudavam, nem com a Legislação Eleitoral do Código de 1932, nem com o advento da Carta de 1934. Formalmente, dentre as inovações, decantadas, na Constituição de 34, a representação classista:

[214 deputados eleitos pelo sufrágio universal, fossem indicados 40 representantes classistas escolhidos por entidades sindicais (reconhecidas pelo Ministério do Trabalho), sendo dezoito para os sindicatos de trabalhadores, dezessete como delegados dos empregadores, três para os profissionais liberais e dois para os funcionários públicos.]²⁶

Getúlio Vargas aparentava servir a dois senhores, ao mesmo tempo: servir as classes dominantes exploradoras e estender a outra mão, aos dominadas, os exploradas. Enquanto colocava água de cabaça, no pote da Classe Operária, abria as comportas do lucro capitalista. Garantir o assento de operário, no Parlamento burguês, mas, ao mesmo tempo, assegurava a supremacia burguesa parlamentar. O mecanismo da degola dos deputados, eleitos sem o reconhecimento ministerial, é detalhe menor. A ampla maioria das Cadeiras estão, asseguradas, ao Poder Econômico da burguesia, pelo sistema, e no intrincado Sistema Legal Eleitoral.

²⁶GARCIA, Marília. **O que é Constituinte**. São Paulo, Brasiliense, 1985, pág. 65. Pelo ‘Sistema da Representação Classista, Álvaro Ventura, estivador, foi eleito suplente de Deputado Federal, pelo Distrito Federal em dezembro de 1945. Cf. CHILCOTE, Ronaldo H. **Partido Comunista Brasileiro - conflito e integração**. Rio de Janeiro, Graal, 1982, pág. 311.

O Código Eleitoral adotava o sufrágio universal, voto direto e secreto, porém, com representação proporcional distorcida e confusa. Permitia, a qualquer partido, aliança partidária ou grupo de cem eleitores, registrar, até 5 dias antes do pleito, a lista de seus candidatos, *encimada* por uma legenda. Mas, candidato não constante de lista, considerava-se *avulso*. A votação dava-se, em dois Turnos, simultânea, numa só cédula, com ou sem legenda em epígrafe. Os nomes dos elegíveis constavam da cédula - n° de delegados + 1, - desconsiderando-se os excedentes, havendo-se, como votado, em 1° turno, o cabeça da cédula e, em segundo, os demais, salvo os que se elegiam no 1° turno, quando alcançavam o Quociente Eleitoral. De acordo com a votação obtida, em ordem decrescente, tantos candidatos da Legenda, quantos correspondessem o Quociente Partidário. O quociente eleitoral era determinado, pelo número de eleitores, dividido pelo número de vagas, correspondentes, ao Círculo Eleitoral, enquanto o quociente partidário, era obtido, dividia-se pelo número de votos, nas cédulas da mesma legenda. Assim, determinavam-se os eleitos, no 2° Turno, dentre os candidatos mais votados, até o preenchimento dos lugares remanescentes do 1° Turno. Pela cédula, com um só nome e Legenda registrada, considerava-se eleito em 1° Turno aquele mais votado. No 2° Turno, os nomes constantes nas listas registradas, sob a Legenda. O primeiro nome da cédula podia ser repetido.²⁷

Depois da criação da Justiça Eleitoral, a proclamação dos eleitos tornou-se competência dessa Justiça Especializada, os Tribunais Regionais, compostos por seis membros efetivos e com igual número de suplentes. Nos

²⁷ Cf. Decreto n° 21.076, de 24 de fevereiro de 1932 - **Código Eleitoral**. Tendo em vista a confusão do legislador, exemplifiquemos para melhor entendimento. Num eleitorado de 42.000 votantes de um círculo eleitoral que deveria preencher 6 vagas, o quociente eleitoral é de 7.000 votos. Se o Partido ou legenda X obteve 21.000; Partido Y, 14.000; Partido e candidatos avulsos, 7.000 votos. (* a lei despreza as frações, razão pela qual elucidamos com números inteiros). A representação do círculo teria a seguinte proporcionalidade: 3 representantes para X - 3×7.000 -; 2 representantes de Y; 1 avulso - o mais votado dentre todos nessa condição, pela apuração total.

Estados, o Presidente da Corte eleitoral deveria ser o Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, compondo-se, os demais membros, de 1 Juiz Federal, 2 (efetivos e suplentes) sorteados dentre os Desembargadores do Estado, 2 Efetivos e 3 Suplentes, escolhidos pelo Chefe do Governo, dentre 12 cidadãos, indicados pelo Tribunal de Justiça local.

6 Um Olho Nas Urnas e Outro Nas Armas

O PCB participou do processo eleitoral de 1933, com um olho, nas urnas, e, outro, nas armas. O Partido Comunista do Brasil, a *Seção brasileira da Internacional Comunista*, avaliava o processo Constituinte, com desconfiança, com desprezo. Essa ideia está bem expressa, no longo artigo do Comitê Central, que repudia o processo Constituinte e o Parlamento burguês, com todas as letras. Naquela conjuntura, os comunistas defendem a formação de *soviets* e a preparação da Revolução Operário-Camponesa. O articulista pergunta e ele mesmo se encarrega de responder:

O que significou a Constituinte para o proletariado, para as massas camponesas e toda população laboriosa?

[Foi simplesmente a realização do programa de reação das camarilhas dominantes contra o proletariado e as massas populares, através do qual se legalizou a ditadura de Getúlio e seu bando. Para o Partido, o Parlamento é uma instituição burguesa e, portanto, reacionária.[...]a participação das massas através do parlamento, não passa de uma comédia monstruosa[...] A Constituinte não só não resolveu a situação das massas, como nenhum passo deu nesse sentido e, pelo contrário, a agravou.[...] demonstrou de maneira clara e positiva, o obstinado propósito das classes dominantes de encontrar para a crise de seu regime podre uma saída à custa de maior exploração e da maior opressão das massas trabalhadoras. A Constituinte demonstrou que o parlamento, como qualquer outra forma de governo dos nossos exploradores, sob qualquer rótulo que se apresente (governo "constitucional" ou "governo forte") de modo algum resolve a situação das massas, situação que só poderá ser resolvida pela derrubada violenta desse governo e sua substituição pelo governo dos soviets (conselhos) de operários, camponeses, soldados e marinheiros].²⁸

A doutrina do PCB, embora desfocada das condições de desenvolvimento da luta de classes, no país, refletia a orientação *obreira*, da linha insurrecional, recomendada, mundialmente, pela IC. Desde a fundação

²⁸ Cf. **A Classe Operária**, 23.08.1934 - Comitê Central do Partido Comunista do Brasil Seção da I.C.) *apud* CARONE, Edgard, ob. cit. p.p- 145, 146 e 159.

em 1922, atuação, na legalidade, do PCB, constituía exceção. Quase sempre, Partido proscrito, perseguido, atuante, nas sombras da clandestinidade, sem mostrar o seu rosto. Nas sombras, ocultava tanto as suas virtudes e potencialidades, quanto os seus defeitos e limitações. Mas, a vida clandestina do PC, involuntária, ajudava na mistificação, da organização funcional perfeita, disciplinada e eficiente. Como diz o brejeiro, à noite todos os gatos são pardos.

De qualquer forma, as mudanças de táticas da Internacional Comunista não indicavam que o PCB mudaria, do dia para noite, passando a defensor, da legalidade burguesa. Nisso ninguém acreditava, dentro, ou fora, do Partido. Pelo contrário, as avaliações do PCB, sobre a ordem Capitalista e as instituições burguesas permaneciam severas e críticas, o Partido apregoava a necessidade da Revolução. Impedido de participar das Eleições, com nome próprio na Legenda, os comunistas, contudo, jamais se abstiveram dos processos eleitorais. Concorria com candidatos próprios, ou apoiando candidatos de outras Legendas. No caso da Constituinte, concorreu com o registro partidário da *União Operária e Camponesa do Brasil*. No Distrito Federal, os comunistas apresentam os nomes de Duvitiliano Ramos e Jansênio Daemon, e, em São Paulo, Átila Borja Reis e Jonas Trombini. Todos sabiam tratar-se de chapa dos Comunistas, porém, nessa pantomima eleitoral, deviam apresentar-se, com máscaras. E desde o clássico teatro grego, as máscaras podem representar espetáculos de comédias ou de tragédias.

6.1 Pernambuco, de pé! Trabalhador, Ocupa Teu Posto!

Em Pernambuco, os comunistas contam com a liderança de Cristiano Cordeiro e utilizaram o registro da *União Operária e Camponesa* para inscrever a legenda ‘*Trabalhador, Ocupa teu posto!*’

Essa chapa proletária, forma-se com o gráfico Antônio Camilo das Chagas Ribeiro; o operário da Great Western, José Atanásio de Lima; o operário da *Pernambuco Tramways*, José Clodoaldo Alexandrino da Silva e Cristiano Cordeiro. Cristiano era funcionário público e foi fundador do PCB nacional, culto e modesto, era a liderança comunista de maior prestígio, na Região.²⁹ A legenda *Trabalhador, Ocupa teu posto!* competia com outras seis Legendas, mas, no Estado, a hegemonia pertencia ao Partido Social Democrático –PSD.

O PSD foi fundado, em dezembro de 1932, pelo Interventor do Estado Carlos de Lima Cavalcanti, mas, registra-se, no Cartório, em 4 de janeiro de 1933. Os fundadores são Carlos de Lima Cavalcanti -Presidente, Nylo Dornellas Câmara - 1º Secretário, Arnaldo Olyntho Bastos- 2º Secretário, Thomaz de Oliveira Lobo, Mário Lyra, Agamenon Magalhães, Padre Alfredo Câmara, Arthur Marinho, Arthur Cavalcanti, Alde Sampaio, Domingos Tenório e Arruda Falcão.³⁰

Entre as Legendas que disputaram as eleições, de maio de 1933, o Partido Republicano Social- PRS, oriundo do antigo Partido Republicano de Pernambuco. Um partido, integrado por elementos do *estacismo*, corrente política, destituída do Poder, durante a Revolução de 1930; A Liga do Pensamento Livre - LPL, fundada, em 1933, pelos partidários do laicismo político-eleitoral. Eles defendiam a organização dos *leigos*, em contraposição à dos católicos. O Partido Liberal- PL, apoiado pelo Interventor do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha. *O Partido Economista de Pernambuco - PEP*, que congregava representantes do comércio,

³⁰ Pelo Decreto nº 21076, de 24.02.1932 Código Eleitoral os Partidos Políticos eram *sociedades civis, pessoas jurídicas de direito privado*. Por essa razão os partidos em Pernambuco, na vigência da referida legislação, eram registrados no *1º Cartório de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas da Capital*. O registro de PSD recebeu o protocolo nº 3116, Livro-A, sob o nº 58, cf. certidão do Oficial Mabel de Hollanda Caldas, de 09.09.1996.

indústria e da lavoura, no Estado. O Partido Socialista de Pernambuco - PSPE, registrado, em 20 de abril de 1933, o qual, apesar de dizer-se oposicionista, foi fundado por elementos governistas: Paulo José de Oliveira - Presidente, Estevão Lacerda - Vice-Presidente, Américo Dias Barreto- 1º Secretário, Jorge Felipe Yasbek- 2º Secretário, Mário Braga- 3º Secretário, Petronillo Leão do Amaral- 4º Secretário, Francisco de Arruda Bevio - 5º Secretário, Theodorico de Oliveira - Tesoureiro. ³¹

A campanha eleitoral do PSD, coordenada, diretamente pelo Governador, em palácio, com toda máquina oficial e dos jornais, Carlos Lima Cavalcanti não mandava, apenas, no matutino do qual era proprietário. Mesmo assim, o tipo social tenta seduzir a classe operária: oferece mitra, em troca do apoio político, do proletariado recifense - espaço na Chapa do PSD - por meio da Federação dos Trabalhadores de Pernambuco. Porém, essa oferta do Interventor foi recusada, pelos trabalhadores, que seguiram a Legenda *Trabalhador, Ocupa teu Posto!* ³²

Disputar eleição, com Legenda Operária própria, já representava, relevante conquista política, para os comunistas, independente do resultado eleitoral. Mais ainda, com o desempenho obtido, considerado bom. Por ocasião, das manifestações do dia Primeiro de Maio, Cristiano Cordeiro apresenta a Plataforma da Legenda *Trabalhador, Ocupa Teu Posto!* Esse episódio foi considerado, como o fato político novo mais extraordinário, na perspectiva de Paulo Cavalcanti:

[Sob a atenção de milhares de pessoas, numa solenidade das mais concorridas, todos os camarotes, plateia, “torrinhas” do Santa Isabel apinhados de povo. Com sua característica maneira de falar, a voz meio rouca, mas audível[...]

³¹ Cf. n.º de ordem 3435 - do Livro A-2, sob o n.º 66, em 19.04.1933, do 1º Cartório de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas da Capital de Pernambuco. Com registro legalizado, portanto, apenas o PSD e Partido Socialista, conforme certidão passada pelo respectivo oficial, em 23.08.1996.

³² Cf. BRAYNER, Nadja Maria Miranda. Op. cit. p.p. 211-212.

Quanto à Assembleia Nacional Constituinte, Cristiano chamava a atenção do povo para evitar ilusões. “A grande massa do povo brasileiro não estará representada. Será, antes, uma Assembleia de senhores de terra, de ricos conservadores e intolerantes, de fazendeiros e usineiros reacionários, de juristas retrógrados, padres e altas patentes militares, todos exaltados defensores do capitalismo e inimigos não menos extremados do operariado independente.

Que papel exerceriam, pois, os representantes da classe operária nesse parlamento? - perguntava Cristiano Cordeiro, que continuava a interrogar: “Serão confundidos e derrotados pelo saber e pela eloquência parlamentar dos representantes das classes ricas? Ele mesmo respondia em, seguida: “Não. Os operários não irão discutir jurisprudência com os juristas da burguesia, teologia com os padres, que os problemas da fome e do desemprego não se resolvem com reza; e aos militares, que as metralhadoras podem, por instantes, dissolver as massas em desespero, mas não lhes aniquilam o ânimo de lutar pelo direito à vida e à liberdade.

Em seguida, Cristiano analisou ponto por ponto o programa com que os trabalhadores “(... com sua postura hierática, atraía as atenções da enorme plateia do Teatro Santa Isabel, falando uma linguagem nova, sobre conceitos velhos e problemas mais velhos ainda, passando adiante um programa eleitoral que a história há de incorporar às suas páginas como um dos documentos mais importantes e lúcidos daqueles anos de agitação social].³³

Não obstante, o PCB apresentar-se, para a disputa eleitoral, com programa amplo, o Partido mantinha-se, na linha política estreita. Proclamava, aos quatro cantos, não ter ilusões com a Constituinte e desdenhava, abertamente, do Parlamento Burguês. Candidatos comunistas, exigentes, não aceitavam o voto ou o apoio de qualquer um. Assim, mantinham pureza e coerência. Por outro lado, restringiam o campo eleitoral, ao Proletariado e dispensava votos de outros setores. Chegava ao ponto de, aceitar, apenas, o voto de intelectuais, se esses fossem pobres: o intelectual, socialmente, bem sucedido, não era bem-vindo:

[...apresentam os candidatos obreiros ao sufrágio do eleitorado proletário, compreendidos operários, pequenos e médios e camponeses, pequenos comerciantes, funcionários, estudantes, auxiliares do comércio e intelectuais pobres].³⁴

³³ Cf. CAVALCANTI, Paulo. **Os Comunistas e as Eleições Pós-Revolução de 30. I- Poder e Voto - Luta Política em Pernambuco**. SÁ, Constança *et alli*. Recife: Editora Massangana, 1986, p.18.

³⁴ Trata-se do Manifesto “Proletários, às urnas!” assinado por Christiano Coutinho Cordeiro - funcionário estadual, Antonio Camillo das Chagas Ribeiro- gráfico, José Athanásio de Lima- operário da Great Wester,

A despeito deste sectarismo do PC, a Plataforma Política da Legenda *Trabalhador, Ocupa Teu Posto!* abordava questões do interesse da sociedade, em geral: liberdade de Culto e Religião; liberdade de Organização Partidária; defesa das Minorias Indígenas; proteção à Infância e à Família; Divórcio; Estado Laico e outras. Alguns pontos da Plataforma seriam legalizados, décadas depois, outras, ainda, aguardam normatização e permanecem atuais.³⁵

1. legislação Social - tem sido uma ignóbil força para iludir e dividir o proletariado. Ressalta o descumprimento das leis de acidente, férias e menores de 14 anos (lei municipal). É que as chamadas leis de proteção ao trabalhador, em regime burguês tem apenas efeito decorativo[...] o trabalho é uma mercadoria como outra qualquer: vende-se e compra-se. O trabalhador deixa de ser um homem livre. O salário é a forma última de escravidão

Combate o decreto de sindicalização de Vargas, camisa de força e propõe, ao invés do Ministério do Trabalho, como órgão coordenador e controlador do movimento operário a serviço da plutocracia Nacional e Internacional - a Confederação Geral dos Trabalhadores, organização livre dos trabalhadores de todo o Brasil.

2. A Questão da terra- a nossa questão básica o latifúndio (forma dominante de propriedade no Brasil) entravou o desenvolvimento econômico e político do país no sentido da evolução democrático-burguesa. [...] a aliança de liberais e conservadores contra as conquistas democráticas[...] estancieiros, fazendeiros, usineiros, detêm em suas mãos a maior parte das terras. Em torno deles e sob sua dependência, gora toda massa de médios e pequenos proprietários e, lá embaixo, o exército infindável de semiproletários, de proletários e de toda essa gente miserável do eito cuja vida material é, sob vários aspectos, inferior à do antigo escravo [...]O senhor de engenho "remanescente da antiga nobreza pernambucana" não é mais o dono das suas terras e dos seus haveres, visto como os tem hipotecado ou empenhado ao usineiro. Este é que é agora o senhor de barão e cutelo.[...] A questão agrária está, pois, na ordem do dia À TERRA PARA OS QUE TRABALHAM, eis a nossa palavra de ordem geral!

3. Defesa da minoria indígena- Após relacionar o problema com a questão agrária e rápida retrospectiva histórica aos primórdios da colonização, denuncia a expropriação das terras indígenas pelos "coronéis", concluindo, AO IRMÃO ÍNDIO, IGNORADO E OPRIMIDO, DEVEM OS TRABALHADORES INTEIRO APOIO E SOLIDARIEDADE.

4. Família. Denuncia o cativo das fábricas às crianças em idade escolar que precisam ajudar os pais proletários, bem como a falsa moral da família burguesa,

José Clodoaldo Alexandrino da Silva-operário da Pernambuco Tramways. Cf. Revista **Vidas Secas**. Recife, 1980, ano 1, nº 1. p.p.17-24.

³⁵ Cf. Idem, ibdem.

de significado econômico ligado à conservação da propriedade: Hollywood não é bem o espelho da moral burguesa?

5. Estado laico e liberdade de Culto - duas conquistas da Civilização e da Cultura, outrora proclamadas e defendidas pela burguesia, nos seus tempos de classe revolucionária, são agora incorporadas pelo proletariado ao seu patrimônio histórico[...] Conquanto irreligioso em sua filosofia, o proletariado militante proclama invioláveis esses dois princípios em sua constituição política.

6. Divórcio.³⁶ Depois de discorrer que a questão é atreita ao direito civil, que no momento não interessa de perto ao proletariado, a braços com espantosa crise econômica [...] por não possuírem bens nem terem os seus filhos o que herdar, ao lado do casamento dito legal, a união livre é também muito comum entre o povo trabalhador. Colocado, porém o problema no terreno doutrinário, os candidatos operários são logicamente pelo divórcio, salvaguardados os indeclináveis direitos dos filhos à subsistência e à educação. A indissolubilidade do casamento atenta contra os direitos individuais. E, socialmente, longe de concorrer para a moralidade dos costumes, reforça a imoralidade pelo refinamento da hipocrisia, pela prática do amor clandestino, pelo incentivo à prostituição, pela mutilação da personalidade humana.

7. Direitos Políticos- Ressalta o distanciamento da plataforma de campanha da Aliança Liberal, no que pertinente a igualdade política dos partidos e sua representação, por entender que a situação permanece a mesma. Sob pretexto de que o Partido Comunista do Brasil pertence a uma associação internacional, o Superior Tribunal Eleitoral nega o seu registro. Como se internacionais não fossem outras organizações com funcionamento legal entre nós. Os escoteiros, as bandeirantes, o Rotary Club, entre outros são organizações internacionais. Internacionais são algumas das organizações protestantes. Internacional é a Igreja Católica, com a circunstância de ter por chefe o chefe de um Estado, o Estado da cidade do Vaticano. Esse argumento serve, aliás, de base para a perseguição aos católicos, no México. É bem verdade que essas organizações não são tipicamente políticas. Mas não deixam de atuar na política, direta ou indiretamente. E, atuando, fazem-no segundo o sentido e os interesses das respectivas internacionais... A liga Eleitoral Católica, por exemplo, defende os princípios da Igreja Católica, universal por definição e internacional pelo espírito e pela organização. REPRESENTAÇÃO E JUSTIÇA PARA O PROLETARIADO.

8. Instrução. Defende a instrução em todos os níveis (primário, secundário e superior) ao alcance do proletariado: A INSTRUÇÃO, EM TODOS OS GRAUS, NÃO PODE SER PRIVILÉGIO DE CLASSE.

9. Superposição e Crise- Atingiram um ponto culminante as contradições do regime capitalista, A maior produção coincidindo com a mais tremenda das crises. Riqueza acumulada e miséria generalizada. Bancos abarrotados de dinheiro, grandes Stocks de mercadorias e gente morrendo de fome nas ruas e nas estradas. No porto de Santos milhares de sacos de café são jogados ao mar. Para não falar dos carneiros da Argentina, do trigo queimado nos Estados Unidos, do açúcar inutilizado em Cuba. Para sair desse atoleiro as classes dominantes só veem um caminho: a exploração mais desalmada dos trabalhadores e, por fim, a guerra...CONTRA A SOLUÇÃO BURGUESA DA CRISE, À CUSTA DOS TRABALHADORES, DA CLASSE POBRE, A SOLUÇÃO PROLETÁRIA DA

³⁶ A proposta comunista do direito ao divórcio seria regulamentada, ironia da história, quase meio século depois pela lei 6.515, de 26.12.1977, assinada pelo ditador anticomunista General Ernesto Geisel. Cf. Código Civil. São Paulo, Editora Saraiva, 44ª Edição, 1993, pp- 605-610.

CRISE, POR CONTA DO CAPITALISMO AÇAMBARCADOR E IMPERIALISTA.

10. Guerra à guerra³⁷ - As rivalidades imperialistas ameaçam jogar os povos a uma nova conflagração mundial. No extremo oriente a guerra já é um fato. Na Europa, um incidente qualquer, como o de Saravejo, em 1914, pode ser o macabro sinal da matança dos homens. Na América do Sul, a cada instante, do Chaco ou de Letícia, pode saltar a fâsca que ateará o incêndio em todo o continente. Os representantes dos operários propugnarão por uma política de paz no continente e no mundo. Consequentemente, trabalharão pelo reconhecimento pelo Governo brasileiro da República Socialista dos Sovietes. É uma medida econômica e política que se impõe. TRABALHADOR, OCUPA TEU POSTO!

6.2 Balanço eleitoral em Pernambuco

As eleições em Pernambuco, nos dois turnos, conforme as regras do jogo eleitoral, teve abstenção de 21,39 %.³⁸ Os indicadores do total de eleitores de 69.829 alistados, dos quais participam 54.893. A abstiveram-se de votar 15.749 eleitores. O eleitorado estava distribuídos, em 84 Municípios e 47 Zonas Eleitorais e 275 Secções. Apenas uma Seção eleitoral foi anulada, pelo Tribunal Regional de Justiça Eleitoral.³⁹

O PSD, o Partido do oficialismo e do Interventor foi o grande vencedor das eleições do 3 de maio. Elegeu, quase, toda bancada Constituinte, quinze, de dezessete cadeiras, da Assembleia no Estado.

³⁸ CF. Fonte: Ata Geral de Apuração. Arquivo TRE/PE, Org. José Geraldo Gomes Cavalcanti.

³⁹ O TRJE-PE tinha a seguinte composição: Presidente - Des. Luiz Cavalcanti Lacerda de Almeida, Vice-Presidente- Des. Virgínio Marques Carneiro Leão, Des. Nestor Diógenes da Silva e Mello, Des. Oscar de Gouveia Cunha Barreto, Juiz Federal - Oswaldo Guimarães e Souza, Procurador, Dr. Domingos Marques Vieira, Diretor, Herculano Sancho da Silva Pedra. Funcionaram duas Comissões Apuradoras: primeira - Des. Luiz Cavalcanti Lacerda de Almeida, Des. Oscar de Gouveia Cunha Barreto, Des. Adolpho Cyríaco da Cruz Ribeiro, Des. Domingos Marques Vieira; segunda- Des. Nestor Diógenes da Silva e Melo, Des. Aberlardo Moreira de Oliveira Lima, Dr. Virgínio Marques Carneiro Leão e Dr. Oswaldo Guimarães e Souza. Cf. Arquivo TRE/PE- Eleição de 1933, org. Dr. José Geraldo.

Porém, a Legenda *Trabalhador, Ocupa Teu Posto* surpreendeu, como a segunda mais sufragada. Cristiano Cordeiro recebeu a expressiva votação, de 3.032 sufrágios. Entretanto, não obstante alcançar o quociente eleitoral, Cristiano Cordeiro não foi diplomado como Deputado. Vítima do ardil jurídicos dos reacionárias, da chicana jurídica, perpetrada pelo especialista, em burlas eleitorais, Agamenon Magalhães. As trapaças, revestidas de legalidade, davam ao serviçal Agamenom, mais prestígio, junto ao Governo. Com tal talento, Agamenon Magalhães dava início à brilhante carreira de manipulador de atas e listas eleitorais, de regimentos. O defraudador nº 1 responsável pelas ‘degolas’ dos candidatos da oposição. Como prêmio, Agamenon tornar-se-ia Interventor, em Pernambuco, durante a Ditadura do Estado Novo, de Getúlio. Na degola do mandato popular de Cristiano, o “expert” arma a fraude e anula a contagem de duas urnas. Dessa forma, conseguiu subtrair o quociente e impedir a proclamação do eleito, com a cumplicidade do Tribunal de Justiça: os Desembargadores escroques, nomeados pelo Governador. Dessa maneira fraudulenta e vil, um digno representante dos Trabalhadores pernambucanos, eleitos para a Assembleia Constituinte foi degolado, à ordem do Governador. O “China Gordo”, das tramoias eleitorais, peça importante dessa fraude, não agia sozinho. A fraude começava pelo comando do Governo e passava pelos vassallos do aparato judicial, Juízes e Desembargadores. Situações absurdas de legalização de fraudes, diga-se, de passagem, tornar-se-iam banais, nos anos trinta: anulação de urnas; cassação de mandatos de opositores, de maneira que não bastava ganhar no voto. Era preciso rezar na cartilha da situação, sob pena da degola, descaradamente decretada, pelos carrascos de toga, em *nome da lei*.

Depois das chuvas e trovoadas, a bancada pernambucana da Constituinte restou com a seguinte representação diplomada: PSD:

Agamenon Magalhães, João Alberto, Arruda Falcão, Luiz Cedro Carneiro Leão, Francisco Carneiro da Cunha, Mário Domingues, Arruda Câmara, Olintho Bastos, Augusto Cavalcanti de Albuquerque, José de Sá, Alde Feijó Sampaio, Thomaz Lobo, Simões Barbosa, Ângelo de Souza e Osório Borba. O PRS elege Antônio da Silva Souto Filho. E como candidato avulso elege-se Barreto Campello. Foram eleitos no 1º Turno, pelo quociente eleitoral e partidário, pelo Partido Social Democrático de Pernambuco -PSD, dois candidatos: Cap. João Alberto Lins de Barros, com 4.818 votos e Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães, com 4.801 votos; pelo Partido Republicano Social de Pernambuco PRS, um: Antônio da Silva Souto Filho, com 4.031 votos. Pelo Quociente Eleitoral, foi eleito candidato avulso - sem Legenda ou Partido - Francisco Rodrigues Barreto Campello, com 4.971 votos. Pelo quociente partidário, na legenda governista- PSD, elegia ainda no 1º Turno: Joaquim de Arruda Falcão, com 36.862 votos; Luiz Cedro Carneiro Leão, 36.595, Francisco Solano Carneiro da Cunha, 36.099 votos; Mário Domingos da Silva, com 35.846 votos; P^c Alfredo de Arruda Câmara, com 34.412 votos. No 2º turno, a legenda pessedista preencherá o seu quociente partidário de 88% da bancada constituinte, elegendo mais 8 candidatos - do total de 15, em 17 vagas): Arnaldo Olintho Bastos, 33.186 votos; Augusto Cavalcanti de Albuquerque, 32.230 votos; José de Sá Bezerra; Alde de Feijó Sampaio, 29.927 votos; Thomaz de Oliveira Lobo, com 29.832 votos; Adolpho Simões Barbosas, com 29.571 votos; Ângelo de Souza, com 27.842; Como "avulso", Osório Borba, com 27.448 votos.⁴⁰

O PSD elege, quase, toda bancada e, apenas um candidato fica, na Suplência: o T^{te} Humberto Salles de Moura Ferreira, com 27.200 votos. Já o PRS elege, apenas, um Representante: fica, com 16 candidatos, na suplência: Fileno de Miranda 10.910; Manoel Gouveia de Barros 8.096;

⁴⁰ Fonte. Atas Eleitorais TER/PE – Org. José Geraldo Gomes Cavalcanti.

Joaquim Dias Bandeira de Mello 7.926; Gennaro Lins de Barros Guimarães 7.470; Francisco da Costa Maia 7.063; Antonio José da Costa Ribeiro 6.834; Júlio Celso de Albuquerque Bello 6.701; Samuel Hardman Cavalcanti de Albuquerque 6.614; Antonio Vicente Pereira de Andrade 6.530; Paulo Cavalcanti de Amorim Salgado 6.427; Júlio Fernandino de Barros Mello 6.294 e Maviael do Prado Sampaio 6.257; Archimedes de Oliveira Souza 6.247; Raphael da Silva Xavier 6.015; Thomaz Lins de Caldas Filho 5.929 e Alfredo de Moraes Coutinho Filho 5.778. ⁴¹

Os resultados das urnas não abonam a lisura do processo eleitoral. O mesmo rolo compressor governista das eleições da República Velha do “bico de pena”. Mudam regras, conservam os mesmos atores, com as velhas práticas e as Eleições, a despeito da Legislação Eleitoral nova e da Justiça Eleitoral, no dizer do brejeiro, *não se remenda a roupa velha com tecido novo*. Antes e depois de 1930, os donos do Poder fraudavam e os amigos não andavam, a pé, se estavam montados, cavalgavam...

Em outubro de 1934, ocorre a Eleição da Constituinte Estadual, em Pernambuco, numa disputa entre dois grupos: Carlistas e Albertistas, assim chamados, os partidários de Carlos de Lima Cavalcanti, Interventor; e os seguidores de João Alberto, o Tenente, também, concorrente ao cargo de Governador. Tal cargo, elegia-se, pela via indireta dos votos dos Deputados da Assembleia. Portanto, quem fizesse maioria, presumia-se eleito. O grupo político de Carlos de Lima sai majoritário, elegendo 20 Deputados - 55% das cadeiras. O grupo de João Alberto elegeu 9 Deputados. Dessa Eleição, participam, olímpicamente, a Legenda *Monarquia*, com Murilo de Barros Guimarães e José Gilbert de Macedo Júnior, com pífio desempenho. As lideranças de esquerda participam, divididas. O jornalista Luiz de Barros e os líderes gráficos Calinício Silveira, Abdísio Vespasiano e Sindulfo

⁴¹ Cf. Fonte. Atas Eleitorais TER/PE – Recife. Org. José Geraldo Gomes Cavalcanti.

Correia, concorrem pela Legenda *Frente Única Proletária*. Outras lideranças tentaram, sem êxito, resgatar o prestígio, da Legenda *Trabalhador, Ocupa Teu Posto!*

O Partido Comunista, no Estado, seja pelo malogro eleitoral, seja pela perspectiva de iminente guerra revolucionária, recomendava voto nulo, em protesto contra as eleições burguesas. Obviamente, essas divisões da esquerda e o absenteísmo do PCB concorrem, para o fiasco eleitoral dos candidatos de esquerda e comunistas. Nem mesmo a Legenda *Trabalhador Ocupa Teu Posto!* bem votada no ano anterior, conseguiu chegar a lugar alguma.

Os comunistas, logo após o pleito, começam a sinalizarem para a luta preferencial da via revolucionária, de que eles, mais, entendiam. A agitação social, com promoção de protestos, passeatas e de greves. Em dezembro de 1934, ocorre a primeira greve de Funcionários Públicos do Brasil. Essa parede alcançou, os serviços públicos, em geral, nas Cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Outras greves sucederam, de Norte a Sul. E a guerra de guerrilha camponesa, do Vale do Açu, no Rio Grande do Norte, saía da fase preparatória, entrava em ação. Com o mesmo escopo, preparava-se a guerrilha camponesa, no Sertão do Moxotó, Pajeú e São Francisco, em Pernambuco. É a Revolução Nacional e Libertadora, em movimento, à vista.

7. Na antessala da Revolução Nacional Libertadora

Nas estepes das águias do Komintern, enxergava-se o avanço do Nazismo e do Fascismo, mudava-se a política para fazer alianças com Social Democratas, Liberais e Conservadores antifascistas. Porém, naquela complexa conjuntura mundial, não haviam Resoluções, com aplicação igualmente válidas, para todos os continentes, todos os países. Porém, toda tática, dos revolucionários, no mundo, voltava-se para o objetivo estratégico da revolução socialista. É nesse contexto, que a situação brasileira destoava do posicionamento dos demais países sul-americanos, porque as lideranças comunistas brasileiras estavam convencidas do amadurecimento das condições objetivas da Revolução, uma fruta madura, ao alcance da mão pronta para a colheita, tese defendida pelos Delegados do PCB, por Luís Carlos Prestes e bem acolhida pelo Secretário da I.C. Dimitri Manuilki.

Em Moscou, o Komintern, após adiar o Congresso da IC, aproveitava a presença de Delegados de Partidos Comunistas da América Latina, Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Bolívia, Uruguai e México para fazer uma Conferência de balanço e perspectivas revolucionárias, em cada país. No depoimento de Lauro Reginaldo da Rocha, o Bangu, Delegado presente ao conclave, e que foi Secretário Geral do PCB, no desenrolar da Conferência o Brasil atraía as atenções dos delegados:

[pela gravidade de sua situação econômica e política, pela miséria e condições sub-humanas das massas e camadas [...] aguçamento das contradições de classes, perspectiva de uma

saída revolucionária para solução de seus problemas fundamentais e para libertação do povo]⁴²

Dizer, portanto, que a ordem da Revolução, no Brasil, partiu de Moscou e que os teleguiados comunistas brasileiros, apenas, executaram as ordens emanadas de lá, é mais uma, das muitas facetas, de o anticomunismo manifestar-se. É uma grande inverdade histórica. O Komintern não determinava revolução em parte alguma, mas, em sendo organização de cooperação solidária dos Comunistas, apoiava a todos os Movimentos Revolucionários do mundo inteiro. Os comunistas revolucionários brasileiros perspectivavam a revolução e a Internacional Comunista, convencida dessa possibilidade, tratou de apoiar conforme o seu papel.

Mas, não se perspectivavam, revoluções, entre os vizinhos sul-americanos. Os líderes e dirigentes comunistas Sul-Americanos tais como Rodolfo Guiholdi do PC da Argentina, Eudócio Ravinas, do PC do Peru, dentre outros, afastaram a possibilidade de Revolução, por falta de condições objetivas, em seus países. Diferente da Delegação brasileira, que, face a situação de crise econômica e instabilidade política, vislumbravam situação revolucionária. Na verdade, os Dirigentes e Delegados do PCB enxergavam, claramente, condições favoráveis para a Revolução. Por essa razão, o Jornal *A classe Operária*, a 23 de agosto de 1934 anunciava batalhas decisivas, colocando a Revolução Nacional Libertadora, na agenda política, publicamente:

[O proletariado das fábricas, os ferroviários, os marítimos, os metalúrgicos e os tecelões, dirigidos pelo seu Partido, o PCB, são justamente os que têm maior experiência da luta, e percebem com maior clareza qual o caminho a seguir, através dos combates pelo pão, pela terra e pela liberdade, para chegar às batalhas decisivas contra as camarilhas dominantes e seus representantes, os Getúlios, os Góes, os Armando

⁴² Cf. ROCHA, Lauro Reginaldo (Bangu). **Memórias de um militante**. Org. Brasília Carlos Ferreira. Natal: UFRN/CCHLA, 1992, p. 56.

Salles, os perrepistas etc. e contra todos os tapeadores, os Ary Parreiras, os Maurício de Lacerda, os Frola, Cabanas, Zoroastro, Plínio Mello, Reykdal, Alcyr Medeiros etc, que pretendem desviar as massas de suas lutas].⁴³

Em outubro, dois meses depois, o PCB começa a articular a *Frente Única Proletária*, com presença de alguns elementos, tratados anteriormente, como "tapeadores", nominalmente: Cabanas, Zoroastro e Pedrosa. Talvez o erro decorresse, mais, da ignorância dos novos Dirigentes e da inexperiência em face da mudança brusca da tática política. A *Frente Única Proletária* ajustava-se, como uma luva, à estratégia da Revolução Nacional Libertadora, definida pela Internacional Comunista. A FUP funcionava como coordenação antifascista do anteprojeto da Frente Ampla Revolucionária: a gênese da ANL. Da Frente Única Proletária, participam elementos do PCB, Hermínio Sachetta, da Juventude Comunista Noé Gertel e Pedroso d' Horta e Trotskistas da Liga Comunista Internacionalista: Fúlvio Abramo, do Partido Socialista, Zoroastro Gouveia e Francisco Giraldes, Anarquistas, e outros. O Comando Militar coube a Cabanas, do OS, e Euclides Krebs, do PCB.⁴⁴

No campo da direita fascista organizada, os Integralistas de Plínio Salgado criam a Ação Integralista Brasileira e promovem passeatas e manifestações "cívicas". A grande manifestação integralista da Praça da Sé, em São Paulo, os comunistas entenderam-na como 'provocação antidemocrática' e arregimentaram as demais Forças e Personalidades antifascistas, em contramanifestação '*pelas liberdades políticas*', no mesmo local. Ali, travou-se verdadeira batalha campal, a *Batalha da Sé*, confronto dos antagonistas, no plano corporal, com registros de tiroteios e feridos:

⁴³ Cf. CARONE, Edgard, ob.cit.p.151.

⁴⁴ Cf. SEGATTO, José Antonio *et alli*, ob.cit.p.35.

“numerosos feridos e quatro mortos, entre os quais Décio Pinto de Oliveira, estudante de Direito e militante da Juventude Comunista”.⁴⁵

A posição do PCB, nas eleições de agosto de 1934, expressa, bem, a instabilidade partidária, ao mesmo tempo, em que, apresentava uma Plataforma Eleitoral, contemplando direitos do interesse dos trabalhadores e da população pobre do país, radicalizava, renunciando a Revolução:

[organização de comitês armados de camponeses, cangaceiros e assalariados agrícolas, para resistirem aos despejos por falta de pagamento de dívidas e arrendamento, aos ataques dos capangas e polícias dos fazendeiros e governo;

-distribuição gratuita dos gêneros alimentícios abarrotados nos

armazéns;

- dinheiro, água, roupa, tudo à custa dos patrões e do governo, sem nenhum desconto nos salários;

- fornecimento gratuito de barco e material de pesca aos pequenos pescadores;

- para os estudantes, direito de dirigir as próprias escolas em condição de igualdade com os Conselhos; de escolher seus professores e a forma de fazer seus exames;

- para o funcionalismo, aumento dos pequenos e diminuição do

- salário do Presidente, Ministros e altos funcionários; - para soldados e marinheiros: além de direito razoáveis, como casar, votar, ser votado, supressão de exigências humilhantes, o direito de andar sentado e de graça nos ônibus, bondes, trens e assistir gratuitamente os espetáculos públicos, a Organização dos Conselhos de soldados e marinheiros, para a apelação das medidas;

- às nacionalidades, direito de separação , constituindo seu próprio governo;

- contra a carestia, a baixa de todos os preços e impostos;

- contra a guerra imperialista: o reconhecimento da URSS, contra o orçamento e crédito militar; pela expulsão das missões militares estrangeiras]⁴⁶

⁴⁵ Cf. Idem,ibdem.

⁴⁶ Cf. **A Classe Operária**. 28/03/1934.

As propostas dos comunistas, avançadas, para a época, como o direito de voto do analfabeto e ao divórcio, seriam recepcionadas, na ordem jurídica nacional, meio século depois. Outras, ainda, aguardam pela normatização.

Sobre as Medidas do Governo Operário e Camponês, com o advento da revolução operária e camponesa, estruturada em *conselhos* e sob a direção do PC, a promessa de solução imediata para os problemas nacionais, com medidas: a) expropriação das empresas imperialistas; b) não reconhecimento das dívidas; c) tomada da terra, dos açudes e das represas dos latifundiários, da Igreja e do Estado; d) liquidação das dívidas camponesas; e) confisco dos gêneros alimentícios armazenados; f) confisco da imprensa e do rádio, atualmente em mão das camarilhas; g) idem, em relação a Escolas, Universidades, Bibliotecas, Teatros e Cinemas; h) expropriação das grandes fortunas; i) expropriação dos fundos, destinados à preparação bélica, à Diplomacia, aos Altos Postos Burocráticos; j) abolição dos impostos sobre o povo laborioso; k) desarmamento das Tropas de Reserva dos latifundiários e burgueses; l) armamento do povo para defesa das conquistas da revolução. É o caminho apontado:

[Eis o caminho que propõe o Partido Comunista. É o caminho da luta contra a fome, a guerra e as lutas armadas das camarilhas dominantes. É o caminho contra as tapeações e os enganos. É o caminho da Revolução operário e camponesa. "O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil (Seção da I.C.).⁴⁷

Nessa fase, o PCB realiza Conferência Nacional, sob a orientação do BSA da Internacional Comunista, vislumbrando a situação da crise mundial e da conjuntura, como situação favorável à Revolução, no Brasil.

⁴⁷ Cf. A Classe Operária, de 28.03.1934. *apud* CARONE, Edgard, ob.cit. pp.151-159.

Equivocadamente, ou não, os Dirigentes Comunistas, nacionais e da IC, chegam a tal conclusão.

Dinarco Reis reconhece a interferência do BSA-IC, na Conferência Nacional do PCB e registra o episódio da imposição de Antonio Maciel Bonfim (Miranda), no cargo máximo da Organização a Secretaria Geral. Sobre o Miranda, a versão que diz ter ouvido em seu tempo de Partido, não é das mais abonadoras:

[...indivíduo de passado um tanto obscuro, falastrão e aventureiro, que teve rápida ascensão no partido, [...] como delegado em Moscou transmitiu informações falsas e exageradas sobre as condições favoráveis à revolução no Brasil, inclusive com apoio da maioria das Forças Armadas, e que após a sua prisão na derrota de 35, assumiu a posição de informante da polícia, saindo da prisão em 42-43 totalmente desmoralizado].
48

A Conferência Nacional do PCB, praticamente, direcionada pela I.C., publica avaliação da conjuntura internacional e nacional, das mais sectárias e doutrinárias, produzidas pelo Partido. Diante da crise capitalista, apresenta, como alternativa imediata, na conjuntura brasileira, o caminho da Revolução operário-camponesa, antifeudal e anti-imperialista. A Resolução, documento final, calhamaço, com dezoito tópicos, traz pontos delirantes, do tipo cogitar futuras “Repúblicas Soviéticas” de brancos, negros e índios, no Brasil. Resumidamente, a Resolução doutrina:

1. O país atravessa uma fase agitadíssima! (...a massa trabalhadora se lança em greves, as mais combativas e mais amplas desses últimos dez anos. Nunca o Brasil viveu horas de tão profundas agitações!
2. Qual é a origem desta situação? (... são os grandes proprietários de terra; os grandes capitalistas nacionais e estrangeiros; seus partidos e seus governos; (...o atual regime de exploração, de roubos, de saques, de guerras, de contradições que ele não pode solucionar; a crise do café; do açúcar ...);

⁴⁸ Cf. REIS, Dinarco. **A Luta de Classes no Brasil e o PC**. São Paulo: Editora Novos Rumos, 1981, p.32. Dinarco Reis é histórico dirigente do CC do PCB, participou da Revolução de 1935 e da Guerra Civil Espanhola nas “Brigadas Internacionais.”

3. O país vendido em leilão pelos "patriotas" com a cumplicidade de todas as camarilhas dominantes se acelera o processo de maior escravização do país e sua população laboriosa (...Não só as concessões territoriais, mas também os meios de transportes, as ferrovias, as companhias de bonde, luz, força, gás, água, esgoto, portos, minas etc. estão nas garras imperialistas...)

4. Mais exploração. Mais Misérias! Salários de fome, horas de trabalho esgotantes, multas, taxas pesadíssimas (...arrancado à custa do chicote, de cadeias, do tronco e do relho e transformado em rios de ouro que são canalizados para o cofre dos banqueiros de Londres, Nova Iorque, Tóquio, Paris!);

5. O que deram os golpes militares ao povo trabalhador, aos soldados e marinheiros? Os trabalhadores e o povo oprimido derramaram o seu sangue nos golpes de 22,24,30 e 32, julgando lutarem por seus interesses(...) se sacrificaram em benefício das camarilhas dominantes e dos chefes da pequena-burguesia, traidores dos interesses das massas populares (Távora, Miguel Costa, João Alberto, Ary Parreiras, José Américo, Maurício de Lacerda, Juracy Magalhães etc.) todos ligados a um ou outro bando imperialista.(...morte e mutilações nas trincheiras - mais fome e opressão...) as leis de sindicalização que coloca os sindicatos sob o controle do estado e dos patrões; de pluralidade sindical que divide o proletariado; (...a lei de arbitragem e contratos coletivos que coloca as greves nas mãos dos patrões, do Ministério do Trabalho e seus agentes; a lei contra os trabalhadores estrangeiros (dois terços); a legalização das polícias e da capangagem armada nas empresas públicas e particulares das cidades e dos campos, polícia secreta de empresas de nacionais e estrangeiros;

6. A onda revolucionária cresce em todo mundo: A conferência Nacional constatou a entrada do país numa crise revolucionária. Essa situação não é isolada. A onda revolucionária com maior ou menor intensidade, cresce em todo mundo: Cuba, Chile, Estados Unidos(..) Alemanha, Espanha, França, Áustria, Holanda (...) China e Índia(...) Por toda parte o regime feudal-burguês estala e se decompõe. Mas ele não morre por si. As classes dominantes estrebucham para prolongar o seu regime(...)

7. Como realizam essa tentativa: levam a exploração e a opressão a um ponto que ultrapassa os limites do suportável. Desencadeiam uma reação fascista que deixa para trás todos os processos medievais e inquisitoriais (...) focos guerreiros no Chaco, Letícia, Marrocos(...) esforçando-se para transformá-los na maior carnificina jamais vista na história humana: a nova guerra imperialista mundial e antissoviética.(...) se encaminham para o massacre dos trabalhadores da União Soviética, porque estes já se libertaram do jugo dos grandes senhores de terra, dos burgueses e dos imperialistas(...);

8. A Guerra: (...Guerra imperialista para a qual os países capitalistas vêm-se preparando há muito tempo (...o povo passando fome, proletários liquidados nos campos de batalha, Camponeses arrastados de suas terras, (...)à ponta de baioneta, a coice de fuzil(...) tudo em benefício dos grandes, para enriquecer ainda mais os milionários! (...) Eis o que é a guerra imperialista! A guerra para escravizar mais o povo, para esmagar a União Soviética. (...);

9. Mas a onda cresce! (...o povo que sofre jamais se calou e nem calará com as baionetas, fuzilamentos, cadeias e deportações (...)) O Partido Comunista se prepara para ocupar seu posto de vanguarda na transformação da atual crise econômica em crise revolucionária- que já se processa - encaminhando todas as lutas para a revolução operária e camponesa contra os grandes latifundistas e burgueses nacionais e contra os imperialistas;

10. Não esmoreçamos! Prossigamos nas lutas! (...Nada de confabulações com o governo, com o Ministro do Trabalho e seus agentes (...)) Trabalhadores de todas as indústrias! Assalariados agrícolas! De pé! Para a frente! Apoiar essas lutas históricas! Lutai também ao mesmo tempo, por vossas próprias reivindicações! Unamos todas as lutas e ampliamos, aprofundando-as, elevando-as de grau revolucionário! Façamos greves em conjunto, greves de massas! Lutemos contra todas as medidas de reação e da exploração semifeudais, semi-escravagistas, de terror fascista! Libertemos nossos camaradas presos e deportados! (...);

11. Soldados e Marinheiros: Nós todos somos irmãos de classe. Esses bandidos que nos dominam, nos armam até os dentes para nos devorarmos uns aos outros em benefício deles.(...) Não atirei sobre os trabalhadores e camponeses em luta. Fraternalizai conosco. Utilizemos as armas que nos dão para lutar contra os que fazem de nós escravos. Lutai (...) pelo aumento de soldos, contra a continência obrigatória, contra os exercícios e prontidões extenuantes, pelo direito de votar e ser votado(...);

12. Negros e Índios Escravizados: (...) Vós sofreis duplamente a opressão e a exploração: como classe e como nacionalidade escravizada. (...) Uni-vos e levantai-vos por vossos direitos econômicos. (...) o proletariado, os camponeses e o Partido Comunista vos ajudarão na luta por vossa libertação, desde a luta pela devolução das terras roubadas e pela igualdade de direitos econômicos, políticos e sociais, até a luta pelo direito de constituídes vossos próprios governos, separados do governo federal e estaduais, caminho pelo qual vós podereis desenvolver como nacionalidades com território, governo, costumes, religião, língua e cultura próprios;

13. Povo oprimido do Nordeste! : O governo dos fazendeiros e capitalistas nacionais e estrangeiros só se lembram vós quando é para mandar-vos para os golpes e guerra como bucha; para sobrecarregar-vos de impostos; para explorar-vos

como mão de obra mais barata(...) considerando que as lutas que sustentai contra os "coronéis", contra os grandes proprietários de terras e empresas imperialistas, contra os representantes dos governos centrais- lutas às quais se ligam e têm também idênticas expressões as heroicas guerrilhas dos cangaceiros - possuem rasgos profundos de nacionalidade oprimida (...) lutar para que tenhais o direito de possuir os vossos próprios costumes, vossa própria língua e de viver como bem entenderdes e resolverdes, sem dar satisfação a ninguém, inclusive o direito de vos separardes em nacionalidade à parte do governo federal e constituirdes vosso próprio governo.(..);

14.Lutemos por nosso governo soviético! (...) Estamos a poucos passos da guerra imperialista mundial e antissoviética. Organizemos comitês contra a guerra, a reação e o fascismo, nos locais de produção guerreira, nas estradas de ferro, nos navios, nos portos, em toda parte; para impedir que se fabriquem armas e munições, para impedir o embarque de armas, tropas e gêneros alimentícios (...)às tropas imperialistas.(...) A onda revolucionária do proletariado, dos camponeses e de todas as camadas populares oprimidas se levantam em todo mundo contra a fome, a guerra, a reação e o fascismo, encaminhando-se vigorosamente para "a luta pelo seu poder!"(...);

15. 1º e 23º de agosto- jornada de luta contra a guerra: A Conferência Nacional lança um apelo a toda massa trabalhadora, a todos os estudantes e revolucionários, a todo o povo oprimido, para nas jornadas de luta contra a guerra, a reação e o fascismo - de 1º a 23º de agosto - realizemos grandes lutas contra a guerra: greves, comícios, demonstrações, conferências, protestos! Precisamos fazer ressurgir às centenas, aos milhares, combatentes guerreiros como Lenine, Carlos Leibknecht e Rosa Luxemburgo! (...) não temos outro caminho a seguir. Aprofundemos também as nossas lutas! Unamo-las! Ampliemo-las! Politizemo-las! Elevemo-las para as lutas superiores até a tomada do poder, instaurando o Governo Operário e Camponês, a Ditadura Democrática baseada nos Conselhos de Operários, Camponeses, Soldados e Marinheiros(...) É o único caminho da solução revolucionária da crise e da guerra. O caminho apontado pela invencível Internacional Comunista e seu chefe Stálin que orienta a heroica União Soviética, chefe e guia da Revolução Proletária Mundial;

16. O que dá o Governo Operário e Camponês? (...) resolverá, a favor das grandes massas proletárias e populares todos os problemas da crise que é fruto do regime que vivemos(...)acabará com a fome e a miséria (...) localizará as massas populares nas melhores habitações das cidades e dos campos(...)acabará com o desemprego(...) dará subsídios ao desempregado e flagelado, enquanto não puderem trabalhar(...) cancelará todas as dívidas externa e interna (...) expulsará os imperialistas(...) resolverá o problema das secas no Nordeste(...)melhorará, progressivamente, as condições de

vida das massas(...) garantirá todos os direitos econômico, políticos e culturais às minorias nacionais(...) E sobre essas bases lutaré pela mais ampla e consentida união de todas as nacionalidades no Brasil em marcha para a **futura União das Repúblicas Soviéticas de brancos, negros e índios**;

17. Fortifiquemos o Partido Comunista, o Partido da revolução! Sem um partido de classe, cuja ideologia represente as condições de vida do proletariado (...) não é possível o triunfo da revolução. O PCB - seção da IC é o único neste país que está baseado nessa ideologia(...)Precisamos, portanto, fortalecer o nosso Partido. O Partido acaba de expulsar de suas fileiras diversos aventureiros portadores de ideologias estranhas e inimigas do proletariado. Em seu lugar queremos centenas de operários das empresas fundamentais.
;

18. Todos! Todos à Luta! Operários evolucionistas, integralistas, anarquistas, socialistas, patrianovistas! Operários iludidos por todas as ideologias e chefes contrarrevolucionários! (...) interesses comuns nos unem frente a inimigos comuns(...) Lutadores antifascistas e anti-imperialistas de todas as camadas oprimidas das cidades e dos campos - fornecei novos contingentes à única vanguarda da classe operária e único guia revolucionário das massas exploradas - ingressai no Partido Comunista, seção brasileira da I. C.

De pé! Pelo pão, pela terra e pela liberdade!

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1934.⁴⁹

Nas rodas de boemia, o sucesso musical do ano de Noel Rosa: “*O orvalho vai caindo/ vai molhar o meu chapéu/ e também vão sumindo/ as estrelas lá no céu/ Tenho passado tão mal/ A minha cama é uma folha de jornal/ A minha cama é uma folha de jornal/ [...] A minha sopa/ Não tem osso nem tem sal/ Se um dia passo bem, dois e três passo mal /isso é muito natural.*”⁵⁰

⁴⁹ Cf. **A Classe Operária**, de 01.08.1934 *apud* CARONE, Edgard. Ob.cit. p.p.159-171.

⁵⁰ Cf. **Nosso Século 1930-1945**. Ob.cit. vol. III, p.IX.

8. Eleição Complementar de 1935

Em 1935, os jornais do Recife traziam fotos do majestoso dirigível, Graf Zepelim, sobrevoando a cidade, em mais novo recorde, no ar, antes de pousar, no campo do Jiquiá. Porém, no mundo inteiro, havia mais coisas, no ar, além de vistosos dirigíveis, conforme a blague de Stanislaw Ponte Preta. O Ditador italiano, Benito Mussolini, ordenava a invasão da Abissínia. Morria o ex-negus Lydiassú. O poeta fascista Gabriel D'Annunzio concitava a juventude para combater na guerra: *“parti e vancei!”*. Aquele conflito ítalo-etíope aumentava as tensões, com os avanços do nazifascistas, no prelúdio da Segunda Guerra Mundial. Bernard Shaw pedia, pela paz, e a Ciência perdia o fisiologista Charles Richet. Nos esportes, o boxer Joe Louis, o lendário *Diamante Negro*, firmava-se como o maior lutador de todos os tempos, até então. No futebol, os times cariocas Fluminense, Flamengo, Vasco, Botafogo, faziam a festa e batiam, os clubes paulistanos e outros competidores. Em Hollywood, os sucessos das películas cinematográficas, garantidas, com Buck Jones, Gary Cooper e Shirley Temple, nas Comédias do Gordo e o Magro, Laurel e Hardy. *Urbi et orbi*, o Papa Pio XI orava e conclamava o mundo cristão para a paz mundial. A hidra belicosa mostrava suas garras, em ameaças efetivas de guerra. No carnaval do Rio, cantava-se a música, hino oficioso *cidade maravilhosa, cheia de encantos mil*.

Os cariocas gabavam-se dos “encantos mil” da cidade e os pernambucanos, ególatras, inflavam, com orgulho imaginário do suposto passado heroico, nos embates contra piratas, expulsão de holandeses, lutas libertárias de revoluções, em 1817 e 1824, de tudo que acontecia, de importante, no Brasil e no Mundo, começar ou acabar no Recife, porque se veem, como centro dos acontecimentos nacionais, durante séculos. Daí não

se estranhar o exagero das “ondas sonoras, médias e curtas”, a Rádio Jornal do Comércio, *Pernambuco falando para o mundo!*

A longa tradição de lutas dos trabalhadores do Recife encontrava, no ano de 1935, campo favorável, por se tratar de ano eleitoral municipal, espaço aberto para propagar a luta antifascista e anti-imperialista e difundir a *Frente Ampla* a *Aliança Nacional Libertadora*. Excelente oportunidade para romper, com o isolamento do Partido Comunista e buscar, nas mobilizações das classes operárias, em torno de reivindicações específicas, os adeptos para a caravana revolucionária.

Os marítimos do Porto do Recife começam o ano de 35, com uma greve que repercute, em todas as Regiões de Pernambuco. Com severa repressão do recente *Departamento de Ordem Política e Social - DOPS* contra os trabalhadores, açulando, ainda mais, as tensões sociais. Nos meses seguintes diversas categorias de trabalhadores, operários da construção civil, carvoeiros e transviários suspendem suas atividades, em greve: 1935 foi o ano de confrontos, expressados primeiro, nas urnas, depois, nas baionetas.

As Eleições Municipais realizam-se, em todo Estado, nesse ano de 1935.⁵¹ A Junta Apuradora do 1º Círculo, que funciona no prédio do Palácio da Justiça, inicia a contagem dos votos no dia 9 de outubro, e acaba em 7 de novembro. São totalizadas, as 123 urnas do Círculo: 78 do Recife, 9 de Olinda, 6 de Igarassu, 8 de Jaboatão, 5 de Moreno, 9 de São Lourenço da Mata e 8 do Cabo.⁵²

⁵¹ Das 78 urnas da Capital, 73 foram apuradas e 05 anuladas. Essas tiveram eleição complementar, em 02 de abril de 1936. Pode-se constatar uma enorme discrepância entre o número de eleitores inseridos em cada Vara da Capital e o dos votantes nelas. Tal fato, provavelmente, decorria da imperfeição da Legislação vigente que não distribuía o eleitor no momento da sua inscrição. A Eleição na Capital, era para vereadores (proporcional) com 15 Cadeiras a preencher entre os mais votados que atingissem o quociente eleitoral de 1.149 votos. *Fonte: Publicação do TRJE/PE no Diário Oficial. Arquivo TRE/PE.*

⁵² Cf. O A Junta Apuradora era composta: Presidente - Roderieck Vilarim de Vasconcelos Galvão; Secretário- Arnoldo Beiró de Miranda; Procurador- Arnóbio Tenório Wanderley; Membros - Renato Barbosa da Fonseca e Thomaz de Aquino Cyrillo Wanderley. Cf. Ata geral da Apração *in Vol. s/n* - Arquivo TRE/PE.

Na Capital pernambucana, a Legenda *Trabalhador, Ocupa Teu Posto!* mais uma vez, na disputa eleitoral, elege três Candidatos a Vereador: Cristiano Cordeiro, Chagas Ribeiro e João Bezerra de Lima.⁵³ Porém, mais uma vez, proclamados os resultados, Lima Cavalcanti com o concurso do perito Agamenon Magalhães fraudava a vontade popular com *chicanas jurídicas* e impedia a diplomação dos eleitos da Chapa Operária. A lide judicial, na morosidade conveniente às elites arrastar-se-ia, pelo tempo necessário para tornar, sem efeito, a vitória da Chapa *Trabalhador, Ocupa Teu Posto!*

A Câmara Municipal instala-se no dia 15 de agosto de 1936, no Salão Nobre do Liceu de Artes e Ofícios, da Praça da República, onde passa a funcionar. Quatro Vereadores são ‘degolados’ pelos ardis jurídicos, os três da chapa proletária e o eleito pela AIB. Todos os demais eleitos são empossados: Otávio Leopoldino Cavalcanti de Moraes, Luiz Ramos Leal, Geraldo de Andrade, Renato Bastos da Silveira, José Luiz Teixeira Leite, Artur Gonçalves, Hipólito Peres Braga, Jorge Veloso Leal, Agripino Carneiro de Lacerda, Zeferino Agra Lima e Gratuliano Glasner.

Com os seus mandatos “*em julgamento*”, os três Vereadores da Chapa proletária, em lugar da Tribuna do Legislativo Municipal, ganhariam as selas da Casa de Detenção: são presos, durante meses, sem processo.

O pitoresco preenchimento da vaga, da Legenda *integralista*, merece breve comentário. O candidato mais votado da AIB foi o professor e jornalista Gilberto Osório de Andrade que, naquelas alturas, estava rompido com os “*camisas-verdes*” e eticamente, abriu mão do Mandato. A Direção da AIB, por sua vez, intercedeu, no *processo*, “*convencendo*” os demais suplentes, a agirem da mesma forma, até chegar ao 11º da Lista de Votação:

⁵³ João Bezerra de Lima era espírita e despachante municipal, não devidamente registrado na profissão, o “*quati*”, de prestígio na classe e com os contribuintes. Cf. CAVALCANTI, Paulo.ob.cit.

o B^{el} Arnóbio Graça. Dessa forma, quase de graça, no dia 2 de setembro, o Arnóbio Graça, tomava posse, na Câmara, trajando o uniforme *integralista*.

Quando, enfim, os eleitos pela Legenda *Trabalhador, Ocupa Teu Posto!* obtiveriam, a decisão judicial favorável, por falta de base legal para impugnação, quase um ano depois, eles assumem, apenas, para ver o fechamento da Casa Legislativa, em face do Golpe do Estado Novo.

Contudo, Cristiano Cordeiro, empossado Vereador, no primeiro discurso, foi vítima de tentativa de agressão física do integralista Arnóbio Graça, pelas citações de Lenine do edil comunista. Ao Arnóbio Graça, o nome do líder bolchevique representava afronta à sociedade recifense e as suas tradições. O Presidente da Casa, Otávio Leopoldino Cavalcanti de Moraes, do PSD, em nome da democracia parlamentar, garante o direito de expressão do vereador comunista. Poucos dias depois, os vereadores comunistas e todos os outros, são varridos junto com a Democracia Parlamentar, pela tirania do Estado Novo, implantado pelo Ditador Getúlio Vargas. Os líderes comunistas, os vereadores, inclusive, retornam à Casa de Detenção do Recife.

No Recife, são apuradas 73 das 78 urnas existentes, no ano seguinte, em 2 de abril 1936, realizam-se Eleições Complementares das 5 Urnas anuladas.⁵⁴ A *Câmara Municipal* comportava 15 vereadores. Eles precisavam obter o Quociente Eleitoral de 1.149 votos. A norma eleitoral, por falha legislativa ou má-fé, possibilitava que o eleitor, inscrito numa ‘vara’, votasse em outra. Isso dificultava o controle e facilitava as fraudes. Dessa forma, não havia, a princípio, irregularidade, na ‘vara’ que apurasse o dobro dos votos dos eleitores, nela, inscritos. Conforme se esperava, houve discrepância entre o número de inscritos e número dos votantes. Na 1^a Vara, por exemplo,

⁵⁴ Cf. **Ata Geral da Apuração** - Arquivo TRE/PE s/n.

votaram, apenas, 27,19% dos inscritos. Porém, nas 2ª e 3ª Varas da Capital, computaram-se mais votos do que os eleitores, nelas inscritos: respectivamente, 58% e 52%. Os Candidatos das Legendas *Ação Unida Comercial, Independentes e Avulsos* não alcançaram o Quociente Eleitoral. A relação dos suplentes, seguindo a ordem decrescente, por legenda foi a seguinte: Da legenda *Trabalhador, Ocupa Teu Posto!* - José Joaquim Cordeiro, Elias Lopes da Silva, Antonio Aureliano da Silva, Gustavo Tigre Coutinho, Lourival da Mota Cabral, Antonio Muniz de Farias, Reynaldo Paes Barreto Lins, Américo de Araújo Pinheiro, Ivo Rubens da Silva, José Hibernon Wanderley, Carmen Ribeiro de Souza e Joaquim Moreira Cardoso. Da Legenda, “Nem Tudo Está Perdido” - João Duarte Dias, Demócrito César de Souza, Antonio Correa de Araújo, Alfredo Craveiro Leite, Genésio Souto Villela, Miguel Mendes Wanderley, Domingos Pessoa Guedes, Cyro Campelo, Onildo Erasmo Pires Ramos, Ângelo da Cruz Ribeiro, Euclides Celso da Silva, Manoel Arthur de Sá Pereira Filho e Ivo Leitão Filho. Do Partido Social Democrático - Antônio Santana, Nelson Firmo de Oliveira, Manoel Gonçalves Agra Sobrinho, Joaquim Lacerda Carneiro da Cunha, Severino José Dias de Albuquerque e Presciliano Joaquim Barbosa. Da Ação Integralista Brasileira - Gonçalo José de Mello, Reynaldo de Sá Barreto, Henrique de Queiroz, José Francisco Alves de Souza, Áureo Xavier de Andrade, Alfredo Montenegro de Mesquita, José Borges de Santa Rosa, Antônio Soares de Albuquerque, Marcionillo Barbosa da Silva, Maria de Lourdes dos Santos Mourinho, Dylermundo Pimentel Alves, Arnóbio de Souza Graça, Antonio Baptista da Sila Motta Filho e Carlos Guedes.

Curiosamente, as duas Legendas, inimigas, ideológicas, adotam táticas eleitorais semelhantes, para seduzirem o eleitorado. A Legenda *Trabalhador, Ocupa Teu Posto!* e a AIB buscaram sensibilizar o recém-incorporado eleitorado feminino, com mulheres candidatas. Ambas as

Legendas apresentam lista de candidatos mais numerosa que as outras chapas concorrentes. Adotam a tática, vulgarizada nas Eleições Proporcionais da cauda do papagaio, o ‘rabo’ da chapa não voa, mas ajuda a alavancar o voo.

Em Olinda realizam-se Eleições para Prefeito e Proporcionais dos conselheiros. A disputa Majoritária foi acirrada, com vitória apertada de, apenas, 36 votos a mais. Foram apuradas, 8 Urnas: a única anulada teve eleição suplementar, em 1936. O Legislativo da Cidade, composto por 9 Representantes, estabelecia o Quociente Eleitoral de 167 votos. A Legenda *Pelo Progresso de Olinda* foi a grande vencedora do Pleito, com 5 Vereadores eleitos, maioria absoluta. E venceu a Eleição Majoritária do Prefeito com Luiz Gonzaga de Sérgio Magalhães, com 744 votos. O concorrente, do PSD, João Ignácio Cabral de Vasconcelos Filho, obteve 708 votos. As Legendas adotam táticas semelhantes: apresentaram longas listas, com inúmeros candidatos. O Manoel Ignácio, da Legenda Proletária, obteve, apenas, 3 votos. A Câmara Municipal de Olinda ficou com a seguinte representação: Legenda *Trabalhador ocupa Teu Posto* 1 (um) Vereador, no 1º turno: Bernardino de Souza e Silva. Na suplência, pela ordem de votação, ficaram: Alberto da Silva Barreto, Antonio da Silva Mattos Peixoto Guimarães, Francisco Baptista Bezerra, José Cavalcanti Lins, Jacynto Leopoldino Soares Botelho, Joaquim Ângelo de Oliveira, Othoniel do Monte Lima e Manoel Ignácio Soares; O *Partido Social Democrático* faz a segunda maior bancada elegendo 3 (três) Vereadores, no 1º Turno: José Ignácio de Andrade Lima, Hypacio Clemente da Silva e José Alfredo da Costa Santos. Ficam, na Suplência, pela ordem: Horácio Pires Galvão, Benedicto Borges da Fonseca, Fidelíssimo Fonseca, Emygidio do Rego Toscano Barretto, José Antonio de Almeida Pernambuco e Francisco Lauria Caselli. A Legenda vencedora *Pelo Progresso de Olinda* elegeu 5 (cinco) Vereadores, 4 deles no 1º Turno: Bolívar Correia Pedrosa, Alfredo Lopes Ferreira, Miguel

Zacharias Carneiro Damasceno, Arthur de Azevedo Serpa; e no 2º Turno, Romeu Jacobina de Figueiredo. Na Suplência, pela ordem de votação, Polycarpo C. Ramos de Andrade, Víctor José Fernando Filho, Elpídio Monteiro da Costa e Silva e José Dourado de Azevedo.

No Município de Igarassu, três Legendas disputam o pleito, ao cargo de Prefeito e as 9 (nove) Cadeiras da Câmara. Na Cidade, 1.131 eleitores inscritos, distribuídos em 6 Seções. 256 eleitores abstiveram-se 22,63%. Compareceram às Urnas 875, com 12 votos em branco 6 nulos.⁵⁵ No desempenho eleitoral das Chapas, o PSD foi o majoritário com 387 votos, 44,22% do universo votante. A Legenda *Ordem e Progresso* ficou, em segundo lugar, com 291 votos -33,25%. A Legenda *Defendendo a Dignidade de Igarassu*, a de menor desempenho eleitoral, obteve 171 votos - 19,54%. A Representação do Legislativo local ficou composta: o PSD elege a maior bancada, com 4 (quatro) Vereadores, 3 no primeiro Turno: Senhorio de Barros Dias, Alfredo Isidoro Leitão e Severino Rufino de Oliveira, no 2º Turno, Aprígio Rodrigues de Almeida. Na Suplência, em ordem: João Moreira de Carvalho, Sebastião Mendonça de Azevedo, Edburgo Correia de Lima, José de Souza Leite e Adolfo Luiz de Souza. O PSD elege, também, o Prefeito Gerônimo Cavalcanti Júnior com 387 sufrágios. O principal concorrente, Archimedes Bandeira de Mello, da Legenda *Ordem e Progresso* obteve 297. O outro, Vicente Antonio Novelino, da Legenda *Defendendo a Dignidade de Igarassu* recebeu 171 votos. *Ordem e Progresso*, foi a segunda legenda mais votada, fazendo 3 Vereadores, no 1º Turno: José Euclides Rezendo, Justino José Vaz de Oliveira e Antonio Moraes Cavalcanti de Albuquerque. Na Suplência, em ordem: Joaquim Ferreira Pinto, José de Barros Monteiro, Odilon Octávio da Silva, João José de Gouveia Neves, Claus Marques da Silva e Hermenegildo de Lima

⁵⁵ Cf. **Ata Geral de Apuração** -Arquivo TRE/PE s/n

Sobrinho. Já a Legenda *Defendendo a Dignidade de Igarassu* elegeu 2 Vereadores, um no primeiro Turno, João Baptista Caldas Brandão e outro, no segundo, Manoel Antonio da Costa. Na Suplência, em ordem: Dyocir de Barros Correia Lima, Sebastião Pereira Pinto, Nílton Maranhão Lins e Silva, Antonio Cavalcanti de Albuquerque Maciel, Antonio Vieira Fraga, Umbelino Alves de Miranda e Lamartine Costa Lima.

O Município do Jaboatão, com 1.906 eleitores inscritos, distribuídos nas 8 Seções da Cidade. Comparecem 1.350. Registra-se, portanto, alto índice de abstenção: 29,17 %. Além dessas 556 abstenções, 29 Votos, em branco, e 13, nulos.⁵⁶ O *PSD* vence, com folga, a Majoritária: Epitácio de Oliveira Belém obteve 706 Votos, para Prefeito. O seu concorrente, José Carneiro de Barros Campelo, da Legenda *Jaboatão, Desperta!* recebeu 494 Sufrágios. Mas, o desempenho das Legendas, na Eleição Proporcional, foi bastante equilibrado. O *PSD* recebe 509 Votos e *Desperta, Jaboatão!* 494. A Legenda *Trabalhador! Ocupa Teu Posto!* obteve 251 Votos.

Há indícios de fraude, na eleição de Jaboatão, cidade conhecida como *Moscouzinho*, pela forte presença comunista. Na fraude, claro, os Candidatos da Chapa Comunista são os mais prejudicados, pelos variáveis critérios da proporcionalidade, empregado pela Justiça Eleitoral. A legenda Operária obteve, cerca de 20% dos votos. O *PSD* obteve 40,5% e a Legenda *Desperta, Jaboatão!* com 39,39%, tecnicamente, empatadas, as duas Legendas. Porém, na hora de preencher as 9 Vagas da Câmara, cada uma das Legendas emplaca quatro candidatos: ocupam, assim, 8 cadeiras, do total de 9. O *PSD* e *Desperta, Jaboatão*, juntas conquistaram 80% dos votos. Mas, no preenchimento “proporcional”, das Vagas, ficaram, com 88,88%, Nessa aritmética eleitoral, vale a lição do matemático, do Pitágoras de Igapó: os números em Eleição são como os bois: engordam, ou emagrecem, a depender

⁵⁶ Cf. **Ata Geral de Apuração** -Arquivo TRE/PE s/n

do olho do dono. A Legenda *Trabalhador, Ocupa o Teu Posto!* conquistou 20% do Eleitorado, porém, ficou com um único Vereador diplomado, emagrecendo na roubalheira eleitoral 11,11%, arrobas do boi. Roubalheira mais descarada e aberta, na forma da Lei vigente interpretada pela egrégia ‘Justiça Eleitoral’, para composição da Representação da Câmara de Jaboaão. Na Ata da Eleição, inúmeros recursos, interpostos pelo Advogado Aniceto Ribeiro Varejão, o Fiscal da Legenda *Desperta, Jaboaão!* O advogado apontava inúmeras irregularidades, quais, falta da cabina indevassável, funcionamento de Seções sem as cédulas eleitorais e sem identificação de nomes, nas folhas de votação, de Eleitores ausentes, etc. O ‘dominado’, corrija-se, o Egrégio Tribunal Eleitoral, negou provimento, indeferindo, todos os Recursos interpostos. Esse Tribunal, a 12 de novembro de 1936, completaria a sua obra venal e inglória perante a História, decidindo anular o Registro da Legenda *Trabalhador, Ocupa Teu Posto!* Decide cassar o Mandato Popular do único Diplomado pela Legenda. Dessa forma, foram Diplomados pelo Tribunal Eleitoral: PSD, no 1º Turno: Álvaro Gonçalves Fontes, Odette de Oliveira Antunes e João Albuquerque Pereira; no segundo, Alípio Pereira Mattoso. Na Suplência, em ordem, Antonio Cabral Alves de Feitosa, Genésio Martins Cavalcanti Lima, Rodolfo Correia de Albuquerque Maranhão, Octacílio Carlos Magno e Samuel de Hollanda Beltrão. Pela legenda *Jaboaão, Desperta!* elegem-se no 1º Turno, Joaquim Marizózio Rodrigues Braga, Orlando Antenor de França Cabral e José Basílio de Albuquerque; no 2º Turno, Joaquim Martins de Albuquerque. Na Suplência, em ordem, Agápito Freitas do Carmo, José Athanázio de Lima, Severino José Camarote, Agripino Cantuária de Freitas e Manoel Florentino de Farias.

A Legenda usurpada, *Trabalhador! Ocupa Teu Posto!* degolada pela “matemática vassala” do Tribunal, elegeu no 1º Turno Henrique Accioly Lins e Silva. Na Suplência, em ordem, Pedro Ferreira Chaves, Antonio de

Souza, José Paulo da Costa, Carlos Salustino de Souza, Symphonio José da Silva, João Florêncio da Costa, Francisco de Assis Pessoa e João Affonso de Barros Gibson.

Na Cidade de Moreno, a Eleição do Executivo local e a disputa das nove Cadeiras da Câmara era pelo sufrágio dos 1.299 inscritos, distribuídos em 5 Seções. Votaram 941 eleitores, com abstenção de 358 Eleitores, 27,55%, 2 votos nulos e 9, em branco.⁵⁷ Somente, duas Legendas concorrem. O *PSD e Tudo Por Moreno*. O *PSD* obteve, quase, o dobro da votação da Chapa concorrente na Eleição Majoritária e 2/3 dos votos proporcionais. Os advogados da Chapa *Tudo Por Moreno*, Aniceto R. Varejão e Antonio C. de Araújo, conseguem anular duas Seções, tão gritantes foram as fraudes que, nem mesmo, o desavergonhado Tribunal de Justiça Eleitoral encontrou argumento para validá-las. Uma Seção foi instalada, nas dependências do prédio da *Banda Musical Operária de Moreno*, Presidido por José Francisco Lira, Secretário do Diretório Local do *PSD*; a outra Seção anulada, fora Presidida, pelo Promotor Adjunto, então, Cargo de Confiança e demissível *ad nutum* do Governador. Ambas as situações, agrediam, frontalmente, a Legislação. O Tribunal viu-se obrigado, a evitar escândalo nacional, a dar provimento aos recursos anulatórios. A Eleição foi um massacre, a lâmina da máquina *pessedista* implacável. No final, o *PSD* recebeu 604 Votos. *Tudo Por Moreno*, ficou com 326 sufrágios. Arthur Alves Mendonça elegeu-se Prefeito, com 602 Votos. O adversário, Henrique Barbosa da Paz Portela, recebeu 328 Votos. A Câmara de Vereadores de Moreno ficou com a seguinte composição: *PSD* - Eugênio de Albuquerque Mesquita, Antonio de Hollanda Vasconcellos, Balduino Correia de Queiroz, Horácio Varella Gozalez e Gennaro Talano, eleitos no 1º Turno; Silvino José do Nascimento, em segundo. Na Suplência, em ordem, Joaquim de Andrade

⁵⁷ Cf. **Ata Geral de Apuração** -Arquivo TRE/PE s/n

Freitas, Antonio Baptista de Souza e Eurico Maximiniano Pereira Vianna. Pela Legenda *Tudo Por Moreno* - Paulo Dias Cox, Luiz Ferreira de Oliveira e Antonio de França Lins, todos eleitos no 1º Turno. Na Suplência, em ordem, João Dourado Filho, José Verçosa, Antonio Pedro de Barros, Laura da Silva Freitas, Antonio Domingos Salles e José Vicente Lopes Villas Boas.

No Município de São Lourenço da Mata, dos 2.142 Eleitores, inscritos, comparecem 1.214 votantes. Registra-se, destarte, nessa cidade, um dos mais elevados índices de abstenção do Estado, de 43,32%, não votam 928 Eleitores. Computando-se, os 70 Votos em branco e os 21 Votos nulos, a sufrágio efetivo, corresponde, praticamente, à metade do Colégio Eleitoral.⁵⁸ Apolônio Jorge de Farias Salles, do *PSD*, Candidato único a Prefeito, obteve o Voto de 821 Eleitores. Nessa eleição Majoritária, registra-se elevado número de votos brancos, 391, e 1 voto nulo. No preenchimento das 9 Vagas da Câmara, a máquina *pessedista* disputa votos contra os camisas verdes, da *AIB*. A votação do *PSD* 747 e dos *Integralistas* 376 sufrágios. Fica a seguinte composição: O *PSD* elege, no 1º Turno, os vereadores: Sebastião Evaristo da Costa, Hortêncio Dinamérico Bezerra, Manoel José de Andrade, Emiliano Higino de Farias e João Carlos de Siqueira Santos; no segundo Turno: Antonio Silvestre. Na Suplência, em ordem, Sebastião Correia de Araújo, João Baptista Maia de Athayde e Nestor Gonçalves Pereira. A bancada *integralista* formava sua maior representação, em todo Estado, com 3 Vereadores, eleitos no 1º Turno: José Antonio Salles de Melo e Antonio Leite de Oliveira; e, no segundo Turno: José Pedro dos Santos.

Na cidade do Cabo de Santo Agostinho, o pleito eleitoral foi tumultuado. O Tribunal Regional de Justiça Eleitoral determina, em sessão de 05.05.1936, novas eleições. O Candidato eleito, na 1ª Eleição: Sebastião

⁵⁸ Cf. **Ata Geral de Apuração** -Arquivo TRE/PE s/n

José Bezerra Cavalcanti, do PSD, morreu, antes, da proclamação do resultado, pela Junta Eleitoral. Na segunda eleição, o somatório dos Votos nulos, brancos e as abstenções, totalizam 594 Votos, superando os 586 Votos válidos. No universo de 1.169 Eleitores inscritos, somente, 590 comparecem às Urnas. Registra-se o maior índice, 49,52%, de abstenção, 579 eleitores, 11 Votos em branco, 4 nulos. A Junta Apuradora anula as 4ª e 7ª Seções, por encerrarem os trabalhos antes da hora e fortes indícios de violação das Atas.⁵⁹ No final, O *PSD* obtém 348 votos e a *União Cabense*, 227. Na 1ª Eleição, a invalidada, de 8 de outubro de 1935: Sebastião José Bezerra obteve 284 votos contra os 219 do seu concorrente, Ascendino Manoel da Silva, da União Cabense. Na segunda Eleição, de 19 de Julho de 1936, Ascendino Manoel da Silva, da Legenda, *União Cabense*, recebe 243 Votos e, novamente, é derrotado, desta vez, para Antonio Bernardino Sena, outro nome do PSD. Na composição da Câmara, o *PSD* fica com 2/3 e 1/3 restante para a *União Cabense*. O *PSD* elege, no 1º Turno: Pedro Joaquim de Santana, Manoel Alves Pessoa, Deoclécio Alves de Souza, Manoel Bezerra Cavalcanti e João Paes Barreto; no segundo Turno: Luiz Caldas Lins. Na Suplência, em ordem, José Feleciano de Barros Filho, Cícero Lyra e Silva e Benevenuto Lyra da Silva. A *União Cabense* elege 3 Vereadores, no 1º Turno: Agnaldo Lopes Menezes, José Plech Fernandes e Armando de Jesus Pereira. Na Suplência, em ordem, Justiniano Marinho Correia, Octávio de Oliveira Lins, Jefferson Duarte Lazari, Maria Moraes de Almeida, José Francisco Lins e Virgílio Rufino Ferreira.

No Município do Paulista, o *PSD* vence, absoluto, sem adversários, na Eleição Majoritária e na Chapa proporcional. A Câmara Municipal, com 7 vagas a preencher. Dos 1.161 eleitores inscritos, votaram 837; com

⁵⁹ Cf. **Ata Geral de Apuração** -Arquivo TRE/PE s/n

abstenção de 324 eleitores 27,9 %, apenas 1 Voto nulo e 68, em branco.⁶⁰ Candidato único a Prefeito, Manoel Mendes Bezerra obtém 781 Votos, 93,30% dos votantes. Na Eleição para a Câmara Municipal, a pitoresca diplomação de candidatos, sem um único Voto. A Câmara ficou constituída: *PSD*, Manoel Caldas de Araújo com 458 Votos; João Félix de Araújo com 216; Miguel José Ribeiro com 74 Votos; Durval Correia de Amorim, Francisco Santiago Costa, José Anastácio de Lira e Pergentino Lira Torres, eleitos e diplomados, sem um único Voto.

No balanço dos números da Eleição, no 1º Círculo em Pernambuco, o primeiro aspecto, a ser destacado, é a supremacia, quase absoluta, do Partido do Governador do Estado, o *PSD*. Na conformidade dos costumes eleitorais da época, o Partido do Governo, sempre, era o favorito à vitória. O Partido da Oposição corria, como azarão. Isso, porque todos, no Poder, faziam uso e controle da máquina estatal. Por isso, entenda-se, desde o privilégio de escolher nomes e compor as Mesas Coletoras Eleitorais, idem às Juntas Apuradoras, até a nomeação de Juízes, Promotores e Delegados que não eram concursados e dependiam de nomeação. O Governador podia enviar reforços policiais, a pedido de correligionários, em nome da ‘Ordem Pública e da Paz Social’ ou retirar guarnições de certos locais, pelas mesmas motivações. Sem contarmos com a farra do boi da liberação de verbas e inauguração de Obras Públicas, nos anos eleitorais, nos mecanismos de cooptação, que complicavam a sobrevivência da Oposição. Ademais, o *PSD*, em Pernambuco, fazia escola, através de um dos maiores especialistas em chicanas eleitorais, na manipulação da Legislação, Agamenon Magalhães. Talvez, a melhor e maior escola de defraudadores eleitorais de todo país. Dessa forma, o *pessedismo* elegia, e deixava ser eleito, quem queria; degolava e cassava, quando bem entendesse. Mandava, na maioria das

⁶⁰ Cf. **Ata Geral de Apuração** -Arquivo TRE/PE s/n. Candidatos eleitos sem votação, evidentemente, pelo voto da legenda, conforme o Código Eleitoral de 32 que possibilitava esta situação, no mínimo, esdrúxula.

Prefeituras Municipais e das Casas Legislativas. Isso, de maneira a não haver surpresas, no rolo compressor governista. O Município do Paulista ilustra essa supremacia absoluta do PSD, sem enfrentar candidaturas concorrentes, sequer para os Cargos de Eleições proporcionais de Vereadores.

Restam, evidenciadas, dificuldades, falta de densidade eleitoral, dos Partidos considerados ideológicos, assim chamados, os Partidos programáticos de Direita tipo Ação Integralista e da esquerda, PCB sob a Legenda *Trabalhador! Ocupa Teu Posto!* A votação de comunistas e integralistas, reduzidas, circunscritas a certos nichos, localizadas. A Legenda Proletária obteve alguma aceitação na Capital, em Jaboaão e, também, em Olinda. Nos demais Municípios do 1º Círculo da Região Metropolitana, a Legenda Operária, sequer, disputou. Não ocupou posto algum. Do lado direito do rio, os “*camisas-verdes*” demonstram certa expressão eleitoral, no São Lourenço da Mata e alguma aceitação eleitoral, na Capital. Nos demais Municípios, os integralistas, sequer disputam as Eleições: Um nada integral.

Nem os Comunistas da Legenda *Trabalhador! Ocupa Teu Posto!* nem integralistas da AIB, representavam efetiva ameaça de alternativa do Poder. Porém, o Governo os classificavam, como extremistas indesejáveis, e, nessa toada, construía a retórica justificadora da cassação dos Registros legais, respectivos. Calculadamente, primeiro, o Governo corta a cabeça dos comunistas, sob os aplausos entusiásticos, dos Integralistas. Em seguida, o Governo livra-se dos partidários de Plínio Salgado: os *camisas verdes*, com as asas cortadas, já não tinham motivos, para aplaudirem, o “Consul dos Pampas”.

O discurso reacionário, mais banal, sustenta que os Comunistas usavam e usam a Democracia, com intenção de liquidá-la. Dessa forma, para salvar o regime de liberdades democráticas, paradoxalmente, atacavam-se direitos fundamentais, como os de livre associação, organização partidária,

expressão do pensamento. Através de artifícios retóricos, historicamente, produziu os efeitos desejados, mantendo, os comunistas, em longa ilegalidade, condenado às trevas da clandestinidade. Cassando o Registro da Organização Comunista, eles não podiam se apresentar à sociedade, e qualquer reunião ou assembleia, podia ser reprimida, com prisões e tudo mais do aparato repressivo. Houve, durante meio Século desde a fundação do PC, breves e frustrados períodos, de legalidade.

Talvez, pelo o caráter especialmente autoritário, o Poder excludente das Classes Dominantes brasileiras, advinda da Burguesia agrária, herdeira do escravismo colonial, da Burguesia industrial, desdobrada daquela, ou associada, em vassalagem, ao Capital estrangeiro. Uma elite política, que não se satisfaz no exercício do Poder em instituições democráticas que assegurem direitos às minorias, que permita a alternância de Poder, a convivência de diferenças e o direito de crítica. Toda oposição é mal vista e combatida, tratada, como questão criminal ou ‘pessoal’, em decorrência do patrimonialismo que rege as relações políticas herdadas da *Casa Grande e Senzala*. Os Donatários do Estado não governam, para cidadãos livres, consideram-se e colocam-se, frequentemente, acima das Leis, da Legalidade e tratam o povo, como vassalo cujos direitos são aqueles, permitidos, pelos suseranos.

Nesse contexto, a radicalização libertária dos Comunistas, do Poder Proletário numa “Terra sem Amos”, destoava, de forma absoluta. Proibidas ou não, as posições políticas dos Comunistas eram divulgadas, nos Jornais e boletins do Partido, nos comícios e assembleias sindicais. O Projeto revolucionário comunista dirige-se às massas de milhões e portanto, não deve ser nenhum segredo de Maçonaria, para ocultar interesses particulares e privados. O PCB fazia oposição pública e pregava sem meias palavras a radicalização política das massas laboriosas, a defesa dos miseráveis das

Cidades e dos Campos, a Revolução Nacional e Libertadora. No campo ideológico, oposto, os Integralistas combatiam a Democracia Liberal e, por isso, durante tanto tempo aliou-se ao “Caudilho dos Pampas,” pelo menos, até as decepções que os levaram a aventura, do assalto ao Catete, em 1938. Nessa correlação, entre o autoritarismo das classes dominantes do Brasil, com Getúlio entronado, e o radicalismo dos setores ideológicos da sociedade, a roleta gira, em favor do autoritarismo tradicional e dominante, no país.⁶¹ Os vencedores de 1930 construíram a ideologia legitimadora da ruptura da Ordem. A *Aliança Liberal* usou a retórica da luta contra a *fraude e a corrupção das eleições à bico de pena* da “República Velha”. O elixir, dos doutos aliancistas, para curar a mazela nacional da falta de Democracia, curiosamente, foi o caminho do golpe de Estado, das armas. Sem os limites constitucionais, durante o “Governo Provisório”, de 30 a 34”, Getúlio Vargas governou como sempre, antes e depois do Código Eleitoral de 1932, da *Justiça Eleitoral* e da nova Constituição: dava ordens, para serem obedecidas, depois se examinavam as formalidades legais. Nem o novo Código Eleitoral, nem a Justiça Eleitoral, nem a Constituição, acabam, as fraudes, os vícios, o mandonismo absoluto, combatidos, apenas, no plano da retórica. Os Tribunais Eleitorais passam, ao controle dos Chefes Políticos, dos Interventores que nomeavam os Desembargadores. Em Pernambuco, o TJ denegava todos os recursos contrários aos interesses do Partido do Governo. Na mesma inexorabilidade, concedia provimento aos pedidos recursais do Partido do Governador. Uma Corte de Justiça Eleitoral partidária, corrupta, viciada, com poder de definir Quocientes, Diplomar, negar e cassar a Diplomação. Não há registro histórico de uma única decisão Judicial contrária ao Partido do Governo, no período. Em sentido inverso,

⁶¹ Emprega-se os termos *autoritarismo* e *radicalismo* como configurações válidas para as Elites Dominantes e, também, os setores ideológicos, a serem consideradas, em termos. Mesmo porque, sabe-se que as Elites autoritárias - o traço marcante - agem com radicalismo. 1930, 1964, por exemplo. Por outro lado, os setores Comunistas e Integralistas -ideológico -, não estão, isentos, totalmente, de traços dessa cultura autoritária, na prática política.

não existe decisão favorável às Legendas dos Trabalhadores e Comunistas, senão quando, já, preclusas, prejudicadas pela ineficácia da medida, pela intempestividade.

A Legislação Eleitoral dividia os Estados, em circunscritões e essas, compartimentadas, em *círculos*, esses, em Varas, essas, em Seções. Em tese, tal divisão facilitava a vida do eleitor. Possibilitava maior agilidade do trabalho de apuração. Na prática, porém, a tese não se confirma. Não determinar, no ato da inscrição, a Vara, na qual o eleitor votava, dificultava o controle dos interessados e abria uma enorme brecha para as fraudes.

O *PSD* do *interventor revolucionário* Carlos de Lima Cavalcanti consolida-se como Partido de base agrária. Tem a mesma base social dos carcomidos perrepistas, tão combatidos, no vendaval de 1930. No entanto, os apologistas da ideologia vencedora, em 30, apregoam que a “*revolução de 30 extirpou o poder privado dos coronéis*”.

Porém, a burguesia rural, ou oligarquia açucareira de Pernambuco, foi a fração dominante do Poder, antes e depois de 1930. No desenvolvimento da luta política estadual, as demais classes e frações delas, não se constituíram em alternativa ou ameaça ao Poder dos Usineiros. No Estado de Pernambuco, *República da Usina*, devia constar da epígrafe da Constituição Estadual. Diante dessas circunstâncias, nessa *sociedade civil gelatinosa* com o Estado instrumental dos interesses da Classe Dominante, sem espaço político no âmbito institucional, qual alternativa restava ao Proletariado? Que fazer? A resposta dos Comunistas encontra-se nas páginas do Manifesto Comunista: o papel histórico da classe operária

consiste em realizar a revolução socialista, liquidar o Estado Burguês e por fim a exploração e a dominação capitalista.⁶²

⁶² Sobre o conceito de Estado no **Manifesto Comunista**: "não é senão um comitê administrativo dos negócios da burguesia". Cf. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro: Edições Horizontes, 1945, p.19.

9. Hora da Onça Beber Água: às armas, camaradas!

No segundo semestre de 1935, a Revolução Nacional e Libertadora, dirigida pelos comunistas, já estava, em plena fase de preparação. Desde Moscou, define-se Luís Carlos Prestes para chefe militar da Revolução. O antigo líder da Coluna contaria, com apoio material, ideológico e moral da Internacional Comunista, sediada em Moscou. Consequentemente, receberia a colaboração direta, dos camaradas do Birô Sul Americano da IC. Luís Carlos Prestes e Olga Benário partem de Moscou, rumo ao Brasil, com essa tarefa histórica. Eles adentram, clandestinamente, no território nacional e fixam domicílio, no Rio de Janeiro. Todos os membros do Comando Revolucionário, os assessores enviados pela IC e a própria sede do BSA, transferem-se, provisoriamente, para o Rio de Janeiro, a sede do Governo Federal do Brasil.

Dadas as dimensões do país, o Comando da Revolução divide-se em dois, um, para a Região Norte, o outro, para o Sul. O Norte, compreendia toda vasta Região, do Amazonas até a Bahia, com sede, no Recife, sob o Comando do Capitão Silo Furtado Meireles. O Comando Sul compreendia, toda outra parte do território do País e acumulava o Comando Geral, sediado no Rio, ao qual, competia decidir e dirigir a luta armada revolucionária, em gestação, no Brasil.

Com esse desiderato, os comunistas preparavam, a Revolução Nacional Libertadora apoiados pela IC, externamente, e, internamente, pelos aliados não comunistas da Frente Antifascista, os afiliados à Aliança Nacional Libertadora. O “Exército Popular” composto por civis e militares, porém, com forte presença de militares, egressos de campanhas do *tenentismo*. Dos seguidores de Prestes e, também, *tenentistas* arrependidos do apoio a Vargas, face aos rumos conservadores, tomados pela Revolução

Liberal de 1930. Nesse perspectiva, as resoluções e as tarefas do Comando Geral eram difundidas, entre os comunistas e os aliados, membros da Aliança Nacional Libertadora, não filiados ao PCB. Porém, uns e outros, igualmente, comprometidos com a Revolução. Em dados momentos, ocorriam casos de militância dupla, para os comunistas executarem tarefas no âmbito do Partido e da Frente Antifascista Nacional Libertadora.

Partidos comunistas organizam-se, verticalmente, em direções superpostas e, horizontalmente, nos diversos organismos, uma estrutura piramidal. O Partido Comunista do Brasil, *seção brasileira da Internacional Comunista*, organiza-se, nacionalmente, de Norte a Sul do país, nesse sistema centralizado de direção única, para todas as Organizações Partidárias: das Células de Base, aos Comitês Distritais, Zonais, Municipais, Territoriais, Estaduais ou Regionais, ao CC responsável pela Direção Nacional.⁶³

Pela disciplina rígida, e pela férrea aplicação do Princípio do *Centralismo Democrático*, apesar da diversidade de Órgãos do Partido, unificavam-se as ações: das “células na base da pirâmide ao Comitê Central, no topo”, o Partido *em ação como um homem só*. Através desse Princípio, a linha política da organização, depois de debatida, nas Conferências e Congressos, tornavam-se Resoluções, obrigatórias para todos. A Democracia da Maioria partidária torna-se obrigatória para todos, inclusive para a Minoria, cujas teses, são recusadas pela maioria dos Delegados do respectivo Congresso ou Conferência. Os Congressos são as instâncias maiores do Partido: deliberam as táticas e estratégias e definem a política,

⁶³ Essa referência estrutural é válida, para os Partidos, que se organizam e se definem como Marxistas-leninistas: "*O Partido Comunista do Brasil é o partido político da classe operária, a vanguarda consciente e organizada da classe operária, a mais elevada forma de organização de classe. O Partido Comunista do Brasil, união voluntária e combativa dos comunistas, é guiado em toda a sua atividade pela doutrina de Marx, Engels, Lênine e Stálin.*" Cf. **Estatutos do Partido Comunista do Brasil**, p.5. sem indicação de editor ou local.

elegem as Direções e respectivas Suplências. Os debates das teses do Congressos são publicados e abre-se a Tribuna de Debates, nas bases, e demais organizações. De baixo para cima, realizam-se Congressos Municipais, Estaduais e o Nacional, de maneira a que cada Órgão debata as teses e eleja os Delegados ao Congresso da instância superior: o Municipal elege Delegados ao Congresso Estadual e esse ao Nacional. Depois de tudo debatido e decidido, na instância máxima o Congresso Nacional, prova-se a Resolução Política a elege-se os membros efetivos e suplentes do Comitê Central. O mesmo processo, nas Conferências Municipais e Estaduais. Essa Democracia da Maioria chamada de Ditadura do Proletariado assusta a muitos, e enfrenta a resistência fora do universo comunista na ideologia individualista da Burguesia, dentro ou próximo, entre Renegados, Traidores, Anarquistas, Trotkistas, Reformistas e outros, desviantes, do Partido de Novo Tipo de Marx, Engels, Lenine e Stálin. A rigorosa disciplina, traduz o respeito à Democracia da Maioria, a Ditadura da Maioria do Partido Operário é a Ditadura do Proletariado, a Democracia que prevalece sobre a minoria, a qual, teve amplo direito de defesa e expressão, internamente. Porém, tornada a decisão majoritária, a Resolução deixa de ser tese de debate do Partido, passa a ser a Voz Política para o Partido agir coeso, sem facções, uma só voz. A quebra desse Princípio, com facções e dissensões, enfraquece o Partido Revolucionário e o torna igual a qualquer partido Burguês, partidos venais, desprovidos de vértebras. Na forja da coesão e unidade partidária, tempera-se o aço da superioridade qualitativa, moral, do Partido Comunista, do Partido Marxista-Leninista.

Na perspectiva dos comunistas, a unidade da política do Partido materializa a teoria revolucionária, pela prática, igualmente, revolucionária de cada militante e tal realidade é possível, mediante disciplina rígida e aplicação do princípio do *centralismo democrático*. Trata-se do Princípio diretor e norteador, de toda estrutura orgânica:

- a) Eleição de todos os organismos dirigentes do Partido, de baixo para cima;
- b) Prestação de contas periódica dos organismos dirigentes do Partido ante as respectivas organizações que os elegeram;
- c) Disciplina rigorosa no Partido e submissão da minoria à maioria;
- d) Caráter estritamente obrigatório das decisões dos organismos superiores para os organismos inferiores."⁶⁴

O Partido Comunista do Brasil, em 1935, definia-se, como marxista-engelista-leninista-stalinista e, com ditas qualificações, lutava para consolidar-se como a vanguarda revolucionária e cumprir a tarefa histórica do Partido do novo tipo: fazer a Revolução.

Essa estrutura orgânica tem previsão estatutária, com direitos e deveres, dos seus membros, das direções e dos órgãos eletivos, nos Congressos ordinários ou extraordinários. O Partido leninista consiste na forma superior de unidade dialética da parte com o todo: A Direção Nacional do Comitê Central, com responsabilidades gerais, em todo o País, observando a divisão regional das Direções Estaduais, Municipais, zonais e de base. As cidades brasileiras, na sua diversidade e complexidade, se organizam, conforme as necessidades e capacidades organizativas dos comunistas. Não se afigura, razoável, adotar a mesma estrutura para uma urbe, com 1 milhão ou mais, de habitantes, idêntica a outra, com 10 mil, ou menos. Obviamente, maior o centro, maiores as direções e necessidades de criação de zonais e outros Órgãos do Partido. Porém, na estrutura formal, maneira de funcionamento, e, sobretudo, aplicação da Política e dos

⁶⁴ Idem, pp.15 e 16.

Princípios, a disciplina partidária tem a mesma formatação. É o que torna o Partido Comunista, comunista.

Correspondentes, à área de atuação, cada Órgão é eletivo e interligado, com o órgão imediatamente, Superior, e assim, até o Comitê Central. Na Base, as Assembleias, elegem Secretários Políticos das Células e Delegados às Conferências e Congressos. As Conferências e Congressos, por vez, elegem, os seus respectivos Delegados que, debatem e aprovam as Teses, aprovam Moções e Resoluções. Nessa conformidade, o Congresso Municipal aprova ou modifica as Teses e elege a Direção Municipal e os Delegados ao Congresso Estadual ou Regional, cujo número está prefixado, de acordo com a quantidade dos membros do Partido. Por exemplo, 1 Delegado, para cada grupo de 30 filiados. Claro, a porcentagem é arbitrada pela Comissão Organizadora do Congresso. Segue que o Congresso Estadual vota as Teses e elege a Direção Estadual e os Delegados ao Congresso Nacional, e, ao fim, o Congresso Nacional: a instância máxima. Os delegados do CN com representantes dos Estados e aprovam e publicam as Resoluções que se tornam obrigatórias para todos, nacionalmente. Os delegados do CN, também, elegem, o Comitê Central, o qual, elegerá o Secretariado Executivo de caráter operativo e o Secretário Geral. Nas Conferências e Congresso, os Delegados eleitos dependem da confirmação do Organismo, imediatamente, Superior. Extraordinariamente, os Organismos dirigentes podem cooptar militantes a compor funções de direção, em situações de extrema necessidade, por exemplo, recompor a Direção, em virtude do assassinato ou da prisão de Quadros Dirigentes, em face da repressão policial.

Em condições de clandestinidade ou de legalidade, as Teses e os debates são publicados, nos jornais ou documentos oficiais do Partido, bem assim, a Resolução Política do Congresso, para orientar a atuação da militância partidária. Nenhuma declaração pública ou posição política deve

ser adotada, ultra ou extra, o posicionamento, adotado no Congresso Nacional e publicado, como Resolução Política: a rígida disciplina que faz, do comunista, comunista e, não, liberal, social democrata, socialista, trabalhista ou de outro espectro ideológico partidário.

Instância máxima, o Congresso Nacional, ordinariamente, convoca-se, pelo CC, com data e local escolhidos, para discutir/debater informes, rever/modificar o Programa e os Estatutos, alterar e aprovar a Resolução Política e eleger o CC. O CC eleito e o *Secretariado*, estabelecem cronograma das reuniões ordinárias e dirigem as atividades do Partido, entre os Congressos, cabendo ao Secretariado, o trabalho cotidiano de organizar Comissões, coordenar e controlar trabalhos de Agitação, Propaganda, Sindical e popular, da Organização partidária, em geral e o árduo trabalho das Finanças, indispensável à profissionalização dos Quadros e ao funcionamentos de aparelho, gráficas e toda logística da Organização. O Secretariado: Nacional, Estadual, Municipal são os braços e pernas pensantes, que tocam o Partido no dia a dia.

As Conferências Nacionais, sempre justificadas, conjunturalmente, por fator relevante, não substituem os Congressos, embora, a eles se assemelhem. São convocadas pelo CC. No plano Regional, a Instância Superior é o Congresso ou Conferência Regional/Estadual. Eis o padrão, do Congresso Nacional, no cume, das estepes, às Células de Base, no sopé da montanha. As assembleias/reuniões devem ser regulares, para elevação do nível teórico e ideológico, aprimorar a consciência revolucionária, *porque sem teoria revolucionária não se tem revolução*. A organização de Base ou célula é o alicerce do Partido, a teor do Artigo 40 dos Estatutos:

[Criadas onde existam três ou mais membros do partido, em cada local de trabalho: empresa, fábrica, mina, usina, oficina, escritório, loja, fazenda, navio, quartel, centros de ensino, etc., ou em cada local de residência: bairro, povoado, rua, conjunto residencial, etc.]

As Células, constituídas a partir de 3 ou mais membros, elegem seus Secretariados, para dirigir os respectivos trabalhos. Nas empresas, com mais de 1.000 funcionários, admite-se a criação de Comitês de Empresas. Quando necessárias, criam-se *Frações*, para coordenarem trabalhos, nas Organizações de Massa, Sindicatos, Cooperativas, Clubes, Associações Femininas, Juvenis e Casas Legislativas.⁶⁵

Lembra-se que, em circunstâncias normais, essa estrutura do Partido Comunista comporta vários Organismos interligados e hierarquizados: daí a crítica mais banal e recorrente falar em “aparelhos burocráticos”. Tal questão não calha debater, neste ensaio, recomendando o Autor, a lição do brejeiro, *não se deve emprenhar pelo ouvido*, o bom velho ensinamento, segundo o qual, primeiro, conhecer algo, para, apenas depois, ousar falar, a não passar por idiota, imaginando-se o sábio do Reino.

Importa, aqui, que nessa situação extraordinária de preparação da Guerra Civil Revolucionária a complexa Estrutura Partidária ficava, ainda mais, segmentada e mais difícil para o seu funcionamento normal. Novos Organismos foram incorporados, nas circunstâncias pré-revolucionárias, os *Comandos Militares* – o Comando Geral da Revolução, chefiado por Luís Prestes e pelos membros da Internacional, enviados ao Brasil, os Comandos Regionais do Norte, o Comitê Antimil para realizarem o trabalho de agitação e propaganda e cooptação dos Militares para a ANL.

Frente ao Secretariado do Nordeste, o CC, à Aliança Nacional Libertadora, à Internacional Comunista, ao BSA, tornava-se difícil, senão impossível, evitar interseções, ou confusão, dos papéis. Por mais distintas que fossem as funções, para os militantes, que pertenciam a dois ou mais organismos, da estrutura. Naturalmente, isso acarretava implicações

⁶⁵ Cf. **Estatutos do Partido Comunista do Brasil**, ob. cit.

práticas, considerando-se, sobretudo, a atividade clandestina e conspiratória da Revolução.

A escolha de Luís Carlos Prestes e dos outros membros do Comando Revolucionário, dos especialistas da Internacional Comunista, do Quartel General sediarem-se no Rio de Janeiro, cada detalhe dos atos preparatórios, têm uma explicação que foi estudada e pensada, obviamente, aprovada, pelos Dirigentes do Komintern, em Moscou, e do CC do PCB, no Brasil.

Luís Carlos Prestes, dirigente militar, pela experiência da guerra de guerrilha, na Coluna de 1925 a 1927, a adesão ao Comunismo, em Moscou e inegável liderança de massas que, ainda, exercia, apesar dos anos de exílio. Cada militante da IC, pelas suas habilidades, uns pelo uso de explosivos e armas, outros pela base teórica e política.

Escolhe-se o Rio de Janeiro para fixação do Comando Geral Revolucionário, obviamente, por ser a Capital Federal centro do Poder Político Administrativo Nacional. O local a ser ocupado, pelos revolucionários, após o esperado triunfo.

Estrategicamente, o Estado de São Paulo, pela maior concentração de operários, merecia atenção especial dos revolucionários. Assim como Pernambuco, centro dinâmico do Nordeste, essencial ao desenvolvimento da Revolução. A importância de Pernambuco decorria, ademais, da penetração do PCB, nos meios operários do Estado, da longa tradição das Células, nos meios dos ferroviários, marítimos, gráficos, padeiros e, também, na área militar. Pernambuco, pelo conjunto dessas circunstâncias, foi escolhido, para sediar o Secretariado do Nordeste, do Partido Comunista do Brasil e o Comando Norte, da Revolução Nacional Libertadora .⁶⁶

⁶⁶ Cf. WAACK, William. **Camaradas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp. 126-128.

Os militantes da I.C, que ingressam, no Brasil, para darem apoio à Revolução, foram submetidos as maiores vilezas e foram vítimas das mais bárbaras torturas, após a derrota do movimento. Jugulada a sedição, alguns militantes internacionalistas, são torturados, até a loucura, outros, deportados, para a morte certa. Harry Berguer, preso e torturado, enlouquece, com os métodos dos Agentes da Polícia de Filinto Muller, treinados, pela Gestapo de Adolf Hitler. As judias Olga e Sofie, são deportados, para a Alemanha nazista, lá, assassinadas, na Câmara de Gás de campo de concentração. O Governo tirano de Vargas, responsável direto pela extradição, traz a marca desses crimes, dessa história vergonhosa que a historiografia oficial procura ocultar e levar ao esquecimento. Na História dos vencedores, as vítimas, são tratadas como vilões e, os vilões e carrascos, são transformados, em heróis.

A Burguesia mundial e as Forças mais reacionárias do Planeta comemoraram o fim da URSS e, de repente, o fim do Socialismo na Rússia era transmitido, pela Mídia a serviço do Capital, com a nova Era de prosperidade, naquele país, e no resto do mundo. Não consta, que o mundo melhorou, depois do fim da URSS. Tampouco, que as relações internacionais, ficaram menos tensas, com a queda do Muro de Berlim. Junto com a camarilha burguesa, renegados comunistas e trotskistas de todos os matizes, os anticomunistas de ontem e de hoje, festejaram o banquete da derrota do Stalinismo, da Nomenclatura, do Império Soviético. Certamente, estão todos eles mais próximos dos seus objetivos, nos dias atuais. Sem o contraponto, nas relações internacionais, da URSS, na ordem mundial ditada exclusivamente, pela força do Capital.

Com o fim da URSS, a chamada Federação Russa, escancara os Arquivos Secretos, entre os quais, os documentos da Internacional Comunista, do Bureau Sul-Americano BSA, do Narodny Kommissariat

Vnutrennikh Del (Comissariado Popular para Assuntos Internos), do NKVD Departamento de Espionagem Estrangeira, INO, do Diretório Unificado Político, OGPU, do Otdel Mezhudunarodnykh Svyazey - Serviço de Ligações Internacionais do Komitern, OMS e todos os demais Órgãos do aparato burocrático ostensivo e secreto do Movimento Comunista Internacional. Essa surpreendente atitude de transparência democrática, logo, da Rússia dos Czares, sem tradição democrática, podia servir de inspiração à *Pátria da Liberdade e das Oportunidades*, convencer o Departamento de Estado e os Estados Unidos da América abrirem, publicamente, seus Arquivos Secretos, notadamente da CIA e do FBI.

Não, por acaso, os Pesquisadores e Estudiosos, com acesso facilitado aos Arquivos da KGB, são, justamente, aqueles de posições ideológicas, claramente, anticomunistas. Entre eles notórios Agentes da CIA, ou serviços prestadores de serviço, terceirizados, sem carteira assinada. Esses ratos foram os primeiros a vasculhar e difundir, obviamente, com apoio da Mídia Capitalista, os papéis, revelar os crimes, encontrados, nos Arquivos da KGB. Nada como uma Imprensa livre, num Mundo livre e democrático. O escriba deste Ensaio, teria gosto, em fuçar os Arquivos Secretos da CIA, do MI6, e de outras Agências de espões, sabotagens e terroristas, dos Governos Capitalistas. Quem sabe, poderia o Escriba, saber melhor, o preço pago, pela eterna vigilância, para ele viver no mundo livre, que para ele, não vale o que o gato enterra.

Releva-se que, no Brasil o pioneiro da pesquisa, nos arquivos de Moscou, William Waack, escreveu a obra *Camaradas*. Com modéstia jornalística, Waack pretende “*modificar todas as versões apresentadas até agora sobre o momento*”⁶⁷. Pesquisa de fôlego, relevante. Mas, não cessa, “tudo que a Musa Antiga canta”. Traz vícios, do sensacionalismo, de quem

⁶⁷ Cf. WAACK, Williams. Ob.cit. p.107.

escreve para quem paga a folha. Navegar é preciso, viver, também. Porém, a Pesquisa vale, pelas informações, ali, coletadas. Abstraindo-se a superficialidade dos comentários, a Obra é útil.⁶⁸ Surpreende o jornalista Waack que a palavra de ordem "*Todo Poder a ANL!*" tendo sido recomendada, pela Internacional Comunista, a Luís Carlos Prestes, que se tratava da imitação do "*Todo Poder aos Sovietes!*" das Teses de Abril de Lênine, em 1917. Quase um século depois... Que descoberta! Nezinho, comunista ágrafo, pedreiro, não precisou revirar os Arquivos da KGB nem esperar um século: sabe disso, desde 1946, quando entrou, no Partido Comunista. Mas, nem tudo está perdido. Excetuando-se os comentários rasos, com propósitos anticomunistas, a Obra é farta, em referências e documentação. Traz informações relevantes sobre as identidades, nacionalidades e técnicas de esponsais, nos disfarces dos Comunistas estrangeiros, infiltrados no Brasil. Com nomes e sobrenomes, nacionalidades e especialidades.

William Waack revela informações inusitadas, até então. Por exemplo: o suposto casal de belgas, tratado, pela historiografia de 1935, como Alphonsine e Léon-Julles Valée, são, em verdade, Pavel e Sofia Stuchevsky, soviéticos ucranianos. Foram designados, pelo Komintern e, para o público interno, do PCB e, os outros militantes da IC, passavam-se, por militantes revolucionários, voluntários, do Partido Comunista da Bélgica. Pavel e Sofia disfarçam-se de negociantes bem-sucedidos. Porém, ambos, realmente, dirigiam a Seção da OMS, o Otdel Mezhudunarodnykh Svyazey ou Serviço de Ligações Internacionais do Komintern, no Brasil.⁶⁹

Do conhecimento geral, que o Bureau Sul Americano, sediava-se, em Buenos Aires e era dirigido pelo líder do Partido Comunista da Argentina,

⁶⁸ Ele procura minimizar o papel do PCB, na criação da ANL e a seguir, sugere que esta teria influenciado, nas diretrizes da Internacional Comunista: um disparate. Cf ob.cit.p118.

⁶⁹ Cf. WAACK, Williams. ob. cit. p. 119.

Rodofo Ghioldi. O líder argentino, juntamente com Arthur Ernst Ewert, do Partido Comunista da Alemanha, desloca-se para o Rio de Janeiro, ambos dirigentes da Internacional Comunista, acompanhados, das respectivas senhoras, Carmem de Alfaya e Elise Saborovsky, para fins de disfarce. Esse Núcleo formava o Alto Comando da Revolução, mas, o líder Militar, da Revolução Nacional-Libertadora, desde Moscou, estava decidido: o Comandante da Coluna Invicta Luís Carlos Prestes, que adentra-se, também, clandestino e, igualmente, disfarçado de casado, com a revolucionária comunista, Olga Benário.⁷⁰

O Comando Revolucionário, no Nordeste, foi atribuído ao Capitão Silo Furtado Meirelles, com o peso da indicação do antigo Comandante da Coluna Prestes. Silo Meireles recebeu treinamento, em Moscou, Militar experiente com boa formação. De fato, Silo Meireles participa, da tomada do 29 ° BC, em Socorro e, organiza, uma Coluna, para marchar, rumo ao interior. O Capitão Silo Meireles está entre os primeiros denunciados do Inquérito Policial do Delegado Etelvino Lins.⁷¹

O especialista em atos de sabotagens e explosivos, destacado pelo Komintern, foi Jonny Graaf, do Partido Comunista alemão. Graaf, também, fazia-se acompanhar da esposa, Helena Kruger. Os esposos e as esposas, todos designados e escolhidos, pela Executiva da IC, em Moscou. Nesse Núcleo Dirigente da Revolução, cada qual com suas funções, supervisionava e coordenava, o plano da área específica de atuação, em face do Plano Geral, Revolucionário.

O PCB e a ANL estavam estruturados, em diversas Regiões do País, em organizações autônomas e próprias direções, até certo ponto. Dessa

⁷⁰ Olga Benário foi destacada militante do PC Alemão e da IC. Tem biografia, escrita pelo jornalista Fernando Morais. Cf. MORAIS, Fernando. **Olga**, São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1987. William Waack no livro Camaradas traça perfil calunioso e depreciativo de Olga Benário Prestes. Cf. Ob.cit..

⁷¹ Etelvino Lins de Albuquerque presidiu o Inquérito Policial do movimento insurrecional. Neste, Silo Meirelles é o primeiro da lista de mais de duzentos denunciados.

forma, a Direção do Movimento de 1935 dependia da “centralização” do Comando Nacional, no Rio de Janeiro.

Em Pernambuco, a ANL estruturou a chamada Comissão Antimilitar – Antimil, para atuar, nos Meios Militares e atrair Oficiais e Soldados à causa da Revolução Nacional Libertadora. Mas, a Antimil contava, também, com elementos do PCB, caso de Gregório Bezerra. E de elementos da ANL não filiado ao Partido Comunista, caso do Tenente Besouchett. Tratava-se, na prática, do “braço armado” que tinha a seguinte composição:

1. Tenente Alberto Amílcar Besouchett - Secretário - (Pseudônimo Cid);
2. Sargento Gregório Lourenço Bezerra - Tesoureiro - (Pseudônimo Jonas);
3. Sargento José Avelino de Carvalho (Pseudônimo Morgan);
4. Sargento Waldemar Diniz Henriques (pseudônimo Storel);
5. Sebastião Accioly de Lima Lopes (pseudônimo Pedro).⁷²

O “braço armado”, subordinava-se, teoricamente, ao Comando Revolucionário Político em Pernambuco, o qual, era composto por Militares e Civis: Capitão Silo Furtado Meireles; Capitão Otacílio de Lima; Tenente Lamartine Coutinho; Tenente Alberto Bomílcar Besouchet; Sargento Gregório Lourenço Bezerra; do PC, José Caetano Machado, o Secretário Geral e Pascácio de Souza Fonseca, assessor do CC.

Pela condição de “braço armado” da ALN, a Comissão Antimil atuava, na mais rígida clandestinidade. Formalmente, não vinculado, estruturalmente, ao Partido Comunista. Procurava agregar militares não pertencentes ao PCB. Contudo, inegavelmente, o PCB exercia a direção e o controle da Comissão Antimil, sobretudo, por meio do *assistente* do Comitê Central, Pascácio de Souza Fonseca, dos codinomes Wilson e Fininho.

Lamentável que personalidades, do campo, comunista, caso de Agildo Barata, protagonista da Revolução de 1935 e Paulo Cavalcanti, escritor

⁷² Cf. **Relatório Inquérito Policial**- SSP/PE cit.

aceitem a versão que foi forjada, nos porões da reação, pelos inimigos da Classe Operária e da Revolução. Barata e Cavalcanti, lamentavelmente, acolhem, a explicação dos provocadores e dos renegados. Aceitam a versão de 1935 ter sido aventura ou quartelada, decidida, pelas cúpulas autoritárias, um levante militar de viés *tenentista*:

[sem consulta às bases, num jogo muito habitual de decretar-se a tarefa de cima para baixo a Aliança e o Partido Comunista decidiram a sorte da insurreição, empurrando-a a uma aventura que custaria à Nação e ao povo tremendos sacrifícios, no estilo dos velhos golpes “tenentistas” de 1022, 1024, 1931 e até certo ponto, o próprio 1930, a revolta concentrando-se de preferência nos quartéis, a massa trabalhadora vindo por acréscimo]⁷³

Obviamente, não são as mesmas motivações e intenções, dos dois comunistas citados e de outros, igualmente, valorosos, camaradas do PCB com as pretendidas pelos provocadores e agentes policiais. Mas, ficar alerta para não correr risco de fazer coro com provocadores anticomunistas da laia de Osvaldo Peralva faz parte da vigilância revolucionária:

[Regressando de Moscou e encontrando um ambiente propício ao desenvolvimento do movimento da Aliança Nacional Libertadora, Prestes apelou para a quartelada, provocando a derrota das forças esquerdistas e oferecendo à reação o pretexto de que necessitava e se serviu para instaurar no país uma ditadura policial]⁷⁴

Ledo engano. Nem que o PCB e Aliança trocassem o Programa da Revolução Nacional Libertadora pelo Novo Testamento e Luís Carlos Prestes, em vez do Manifesto, lesse a oração de São Francisco, isso mudaria os rumos da escalada reacionária de Vargas e o Golpe de Estado de 1937. O “Tartufo dos Pampas” planejava o Golpe, há muito tempo, e o continuísmo

⁷³ Cf. CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes.** São Paulo: Editora Alfa Omega, 1978, p.141.

⁷⁴ PERALVA, Osvaldo. **O Retrato.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda. 1960, p. 263.

estava definido, na escalada autoritária dando saltos largos: Estado de Sítio, Fechamento da ANL, Difusão do fraudulento do Plano Cohen. Getúlio praticou as maiores vilezas, defraudação, falsificação e divulgação de documentos falsos, para dar o Golpe do Estado Novo. Desde que amarrou os Cavalos no Obelisco, no assalto ao Poder em 1930 que o “ovo da serpente” germinava: inversão ideológica dizer que 37 foi reação contra a ação dos revolucionários Comunistas e dos Patriotas que tentaram barrar o avanço do Fascismo no Brasil. Mais uma vez, culpam-se os Comunistas: eles deram pretexto para o golpe de Estado! Mas o pretexto, para o Golpe foi a fraude confessada, décadas depois, pelo próprio defraudador do Plano Cohen. Pregar o conformismo das Massas é desarmar seu espírito de resistência e de luta. Cruzar os braços, abaixar a cabeça, curva-se, não acaba a exploração, não evita, o avanço de Forças Reacionárias e Fascistas, quando essas forças estão, embaladas. Muito ao contrário, a atitude passiva e a omissão leva ao conformismo, ao derrotismo, a perder sem a dignidade, de lutar. A tentativa de resistência armada, para barrar o avanço do Fascismo, não se desenvolver da maneira esperada pelos revolucionários. Vencer, perder, faz parte da luta de classes, o que estranha é aceitar que as classes oprimidas e exploradas bem comportadas, escravizadas, sejam libertadas pelos seus exploradores, se ficarem aceitarem caladas, as chicotadas dos seus opressores.

Os “Diretórios” da ANL, antes da decretação da ilegalidade, atuavam aberta e livremente, com a presença, de reputadas personalidades, da sociedade pernambucana. A Diretoria Estadual formalizou-se, em abril de 1935, logo após, o apoteótico lançamento nacional da ANL, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro. A diretoria pernambucana reunia Democratas, Antifascistas, com efetivo caráter de Frente Ampla: Presidência Newton Maia; Primeiro Vice-Presidente, Arthur de Sá; Segundo Vice-Presidente, Edvaldo Pedrosa; Secretário Geral, Osvaldo Lima; Primeiro Secretário, Clóvis Campelo; Segundo Secretário, Prof. Walquírio; Tesoureiro, Alcedo

Coutinho. A sede instalada da Rua do Imperador, casa nº 446, bairro de Santo Antonio, área central do Recife.⁷⁵ De fato, a localização é estratégica, ficando próxima de Jornais, do Palácio do Governo, do Teatro Santa Isabel, do Palácio da Justiça, de praças, do Quartel das Cinco Pontas, de bares e cafés. Enfim, de logradouros propícios aos proselitismos.

Segundo Gregório Bezerra, a composição, com perfil amplo, do Diretório, em Pernambuco, foi determinante para a Frente Nacionalista e Antifascista ser muito bem recepcionada, pela maioria dos recifenses. O líder comunista, contudo, ressalta a rejeição manifestada, pela Igreja Católica e pelos Integralistas. Nas circunstâncias, da época, os setores do clero alinhavam-se mais, com a Direita e os Integralistas. Haja vista - não deixando de ser curioso – que o prelado Dom Helder Câmara, acusado pela Ditadura Militar de “Padre Comunista”, haver vestido a “camisa-verde” dos Integralistas, na juventude.⁷⁶ Não espanta, portanto, que a ANL cujo motor era o PCB, enfrentasse a resistência desses dois Setores, então, abertamente, anticomunistas.

Durante o curto período da legalidade da ANL, em Recife, e noutros centros de efervescência política do país, houve conflitos das posições ideológicas, cristalizadas entre Direita e Esquerda. Ditas posições ideológicas, antagônicas, chegavam à intolerância, em acirradas disputas, nas tribunas, nas folhas, e nas manifestações públicas, das ruas. As diferenças do campo doutrinário, quase sempre, findavam, em baderna geral. Sobre o debate teórico, diga-se, nivelava-se por baixo: desqualificação do oponente, trocas de insultos, achincalhes, de parte a parte - *agente de Moscou* para cá, *galinha verde* para lá.⁷⁷ Existem registros, Brasil afora, de passeatas, encontros, comícios e reuniões públicas, que acabavam, em confusão

⁷⁵ Cf. MELO, Clóvis. **História do PCB em Pernambuco**.in *Caderno do Militante Comunista nº 2, Recife, 1986. princípio.2 e 3.* Publicação de responsabilidade do Comitê Estadual do PCB/PE.

⁷⁶ Cf. BEZERRA, Gregório. **Memórias**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979, p.235.

⁷⁷ Cf. Idem, ibdem.

generalizada, dissolvidos na base dos socos, pontapés, porretadas e até tiroteios.

Em julho de 1935, o navio *Itaipé* atraca, no porto do Recife carregando a caravana de líderes de projeção da ANL: Roberto Sisson, João Cabanas e Mary Marcio Martins, personagens de memoráveis Revoltas Militares, em 1922, 1924 e 1930. O *meeting* da ANL, no Recife, realiza-se, em data emblemática, o 5 de Julho, na Praça Dezesete, Bairro de Santo Antônio. A massiva concentração popular não decepcionou os ilustres caravaneiros. A população recifense correspondeu ao chamado, comparecendo, um grande número de populares. As pessoas do povo disputavam um lugar, para ver e ouvir, aquelas celebridades, verdadeiras Legendas, do Tenentismo. Porém, o gigantesco encontro acabaria dissolvido, tumultuado, pela ação de Agentes da Polícia, provocadores, infiltrados. Os “araques” forjam e começam, entre si, uma confusão, com socos, empurrões, disparos de arma fogo, para o alto. As pessoas correm, sem direção, a pancadaria, generaliza-se. Correrias, gritarias, porretadas e pontapés, para todos os lados. Diversos populares, presentes à manifestação, apavorados, jogam-se, nas águas do Rio Capibaribe, temendo o pior.⁷⁸ Esse método ardiloso, dos Agentes Provocadores, vem de longe. Quanto ao comportamento, da Imprensa “livre”, também: responsabilizar os manifestantes, por atos de vandalismo. Considerando não se tratar de fato episódico, mas tática sistemática dos Agentes da Repressão, cabe uma reflexão sobre a participação, em manifestações públicas, sobretudo, nos dias atuais, tão em voga as ‘manifestações espontâneas’, ordinariamente negadoras dos Partidos, dos espontâneos, anarquistas, até aqueles bem intencionados, por vezes, despolitizados, com preconceitos, com Partidos, especialmente, Comunistas e Revolucionários. Convocar pessoas a protestar, através das chamadas

⁷⁸ Cf. BRYNER, Maria. ob. cit. p.118

Redes Sociais, para ocupar Praças e Ruas, sem direção política qualquer, sem organização, pode aparentar como ato de civismo e exercício de cidadania. Apenas, na aparência. Primeiro, porque de protesto de massa sem direção política não leva ninguém a canto algum. Segundo, porque chamar pessoas, sem orientação, ou qualquer defesa, trata-se de enorme irresponsabilidade. A força repressiva do Estado tem mão pesada, Batalhões de Choque, Tropas de Elite, Grupos Especiais. E a repressão age de forma organizada, com direção política. Simplesmente chamar pessoas, para protestos genéricos, sem qualquer organização, ou preparação, equivale a conduzir uma boiada. Para o matadouro. É expor, o melhor da consciência cidadã e ética, que se digna a protestar, nas Ruas, à ação de provocadores. O escriba deste ensaio considera fundamental, protesto de ruas, manifestações massivas, greves e, se for o caso, a formação de barricadas. Porém, em movimentos organizados, convocados, por organizações revolucionárias ou idôneas, conhecidas e respeitadas, capazes de identificar, de evitar a sabotagem, eventual, dos Agentes Provocadores. No mínimo, temerária, confundir uma manifestação política que expressa a luta de classes, com show de Rua ou Carnaval. É ilusão de classes acreditar na passividade, na boa vontade, do inimigo que controla o Estado e todo aparato repressivo. Atos públicos, porque têm natureza pacífica, não estão seguros e livres, da repressão e da violência policial. A liberdade da Democracia Burguesa acaba, quando a manifestação passa a incomodar, efetivamente, os interesses da minoria Burguesa. Ilusão de classe já custou a Liberdade, Saúde e a Vida, de valorosos combatentes, das Lutas Populares. Não estenda, o fino leitor, que o Escriba aconselha o cruzar de braços, a aceitação passiva, das injustiças, crueldades, iniquidades do Capitalismo, sem acorrer às ruas, sem os protestos. Muito ao contrário, protestar e ocupar praças e ruas! Porém, minimamente, orientado, para evitar os Agentes Provocadores, a ação dos infiltrados. Preferencialmente, saber repelir os batalhões, os cavalarianos, quando inevitável, em condições de

injusta agressão, de autodefesa. Tal preocupação, e a respectiva preparação, compete ao Partido Revolucionário, a Organização Superior da Classe Operária: preparar os quadros para a revolução socialista e para enfrentar os inimigos do Proletariado, em todos os campos. Enfim, ao Partido criado para a tarefa História da Revolução. No episódio da Praça Dezesete, os revolucionários, acertaram na mobilização e na propaganda, mas falharam, na segurança. E assim, viram o custoso trabalho, de semanas, desmanchado, dissolvido, em minutos. Sobre essa questão de Mobilizações Populares, atualíssima a frase de Publius Flavius Vegetus, do quinto século, “*si vis pacem, para bellum*”, traduzindo-se livremente: se queres a paz, prepara-te para a guerra!

O principal instrumento do trabalho de propaganda e agitação do PCB e da ANL, em Pernambuco, foi o Jornal *Folha do Povo*. Sentinela e Tribuna da Revolução Nacional Libertadora, no Estado. Circulava, diariamente, com grande penetração, nos meios populares, fato que incomodava os donos do Poder. A *Folha do Povo* começou sua circulação, no mês de Julho, combatendo, tenazmente, a guinada autoritária, do Governo de Getúlio Vargas e dos genéricos, dos seus aliados, Ditadores Provinciais. A *Folha do Povo* levava às massas populares o Programa da Aliança Nacional Libertadora. Com natureza informativa e pedagógica, explicava a importância de cada ponto: nacionalização das Empresas Estrangeiras; Reforma Agrária; Moratória da Dívida Externa, dentre outros. Também, noticiava a mobilização local e nacional, da ANL: jornadas, périplos, dos ‘Caravaneiros de Luís Carlos Prestes’, campanha de filiação. A *Folha* descia o malho, pesadamente, no Governo Estadual. Por isso, diversas vezes, a redação foi invadida, pela polícia, as Oficinas Gráficas e a Redação destroçadas. Porém, a brava *Folha do Povo*, ressurgia, das cinzas. Cada vez mais, elevando o tom da crítica, denunciava o Estado de Sítio, a Lei de Segurança Nacional, as artimanhas antidemocráticas do “Caudilho dos

Pampas”, os lucros exorbitantes dos Bancos e a transferências das Divisas de Empresas Estrangeiras, em contraste, com a cruel miséria, do povo brasileiro. Jornalismo de linguagem panfletária e manchetes bombásticas, retratando, fielmente, o radicalismo da conjuntura política. Na Folha do Povo trabalhou, primeiro, como repórter, depois, como editor e cronista, Rubem Braga. O jornal denunciava as precárias e desumanas condições de trabalho nas fábricas e nos campos, foi porta-voz da vanguarda revolucionária:

[Nacionalizar Empresas Imperialistas e Destruir Arapucas onde os brasileiros trabalham como cães, enquanto os lucros vão para o bolso de alguns magnatas estrangeiros]”⁷⁹

Nessa linha do “chumbo grosso”, quando da publicação do Decreto do Governo Federal nº 229, colocando, na ilegalidade, a ANL, a *Folha do Povo* estampou, em primeira página: “*Mais monstruoso do que a lei monstro (LSN) é o Decreto de ontem!*” O editorialista prosseguiu, com longo e quixotesco artigo, com escopo de convencer os leitores de que ilegal é governo Vargas e não a ANL.⁸⁰

Na Edição do dia 16 de julho de 1935, data do primeiro aniversário da Constituição de 1934, festejada, babosamente, pela grande Imprensa, a *Folha do Povo*, furiosa com o fechamento ilegal da ANL, estampava, em letras garrafais: “*Festejada e Violada!*”⁸¹ Por essas e outras, não espanta que o jornal da ANL-PCB, tantas vezes invadido e empastelado, jamais recebeu uma notinha de solidariedade ou de protesto dos ‘confrades’ da Imprensa local. Tais invasões e agressões policiaiscas, para a Imprensa ‘livre e democrática’ da Província, eram temas tabus, nada sabia, nada via, nada ouvia, nada noticiava. Com o desenvolvimento, da repressão, logo após a Revolução Comunista, de novembro de 1935, a Folha do Povo foi

⁷⁹ Cf. Jornal: **Folha do Povo**, Recife, 12/09/1935, p.1.

⁸⁰ Cf. Jornal: **Folha do Povo** Recife, 13/09/1935, p.1.

⁸¹ Cf. Jorna: **Folha do Povo**, Recife, 16/07/1935, p.1.

empastelada, os colaboradores presos, ou escafedidos. Depois de dez longos anos fechado, voltaria a publicar, porém, única tiragem, por pura birra, no dizer do brejeiro, *o que é de gosto, arregala o peito*. De fato, a *Folha do Povo* ressurgem extemporânea, apenas, para festejar a queda de Vargas e o final da Ditadura do Estado Novo, em 1945.⁸²

O aparelho operativo da Insurreição, agia tão secretamente, que não repassava detalhes, ou informações, da revolução, nem mesmo para militantes, clandestinos, do Partido, não diretamente, envolvidos nos atos preparatórios. O Médico Alcedo Coutinho, comunista, que anos depois foi eleito Deputado Federal Constituinte, pelo PCB, só tomou conhecimento, na hora *H*. O Secretariado do Nordeste procurava seguir, a rigorosa disciplina, do sigilo, na clandestinidade, exigida pela ocasião. Exercia, em suas atribuições, a função de ligação do Comitês Central, em Pernambuco, com José Caetano Machado, (Mendes), o Secretário Político do Comitê Regional do PCB; o Capitão Silo Furtado Soares Meirelles, (Severino), Comandante Militar da Revolução no Nordeste e Pascácio de Souza Fonseca, (Fininho ou Wilson), o Assistente do Comitê Central do PCB.

Nesse período. Registra a passagem, pelo Recife, de Arthur Ernst Ewert, destacado dirigente da IC. Athur Ernest pelo Passaporte Norteamericano, pelo Passaporte alemão, Henry Berguer. Tratava-se de um dos quadros selecionados pela I.C para a tarefa de prestar solidariedade à preparação da Revolução Nacional Libertadora de 1935 no Brasil. Arthur Ewert esteve no Recife, meses antes da eclosão do movimento, reunido com o Secretariado do Nordeste. Nessa reunião, o enviado da IC não define data, tampouco, o Secretariado delibera, sobre o dia da Revolução.

⁸² Cf. NASCIMENTO, Luiz. **História da Imprensa em Pernambuco**. Recife, Imprensa Universitária, 1967, Vol.3.

Os fatos posteriores comprovam que a Revolução, em Pernambuco, eclodiu no Domingo, dia 24, em virtude da antecipação, dos sucessos revolucionários, no Rio Grande do Norte, no Sábado, 23 de novembro de 1935. Em Pernambuco, chegaram as notícias, da vitoriosa revolução e da formação do Governo Popular Revolucionária, em Natal. Os camaradas do Comitê Regional de Pernambuco, reúnem-se, extraordinariamente: decidem reforçar o Movimento Revolucionário iniciado, no Rio Grande do Norte. Não obstante, pelo protocolo, devessem esperar ordem expressa, do Comando Geral, no Rio de Janeiro. Não esperam. Assim, também Pernambuco age à revelia, do Comando Geral: os comunistas da terra do frevo não haviam de ficar no casulo, com o Bloco da Revolução, tocando frevo, nas ruas. O Secretariado do Nordeste, responsável pelos atos preparatórios e pelas análises de balanço das Células, do PCB e dos Núcleos da ANL, dos bairros, fábricas e quartéis, então, correu, para afinar os instrumentos, com a banda tocando o dobrado revolucionário, nas ruas.

Objetivamente, o Movimento Revolucionário, em Pernambuco, eclode, sob os ecos da vitória da Revolução Popular, em Natal. Na Capital potiguar, os revolucionários, no começo da noite, do sábado, conquistam o 21º BC. Cientes desse fato, as autoridades governamentais, debandam. No dia seguinte, os revolucionários proclamam, em Praça Pública, a Junta Governativa Popular Revolucionária. Em seguida, o Governo Popular Revolucionário, desloca três Colunas Militares, em direção ao interior do Estado, para consolidarem a vitória do Movimento Revolucionário. No périplo dessa Colunas Militares Revolucionárias, a prisão e destituição de Autoridades locais, Prefeitos, Juizes, Promotores, Delegados, Vereadores.

No Rio Grande do Norte, a Revolução Nacional Libertadora, conquista quase metade dos Municípios, do Estado.⁸³

Na versão de Paulo Cavalcanti, os principais líderes do PCB, Cristiano Cordeiro e Gregório Bezerra, não concordavam com a decisão do Comitê Regional, no sentido da Revolução. Cristiano Cordeiro, por discordar, frontalmente, passou ao largo da decisão e sequer participou da reunião decisória, dos sucessos. Gregório Bezerra participa, ativamente, da decisão e dos acontecimentos. Porém, Gregório considerava, causa perdida, fazer Revolução, em dia de domingo, dia da folga de todos, de lazer, com os quartéis vazios.⁸⁴

As primeiras notícias da Revolução chegam, ao Recife, através de ondas radiofônicas da Rádio Jornal do Comércio: *Pernambuco falando para o mundo!* Anunciava-se a insurreição, armada em Natal, com vagas informações sobre o paradeiro das Autoridades destituídas e os rumos dos acontecimentos. Não obstante, a difusora ignorasse dados e informações precisas, o noticiário, soava alarmista, “fala-se, em banho de sangue, na Capital Potiguar!” E por *falar em sangue*, o intervalo do reclame publicitário aproveitava a deixa:

Depure o sangue com Essências Passos e combata a syphiles com Elixir do Nogueira, ideal contra ecmozes, feridas e espinhas! Benol é o medicamentoso indicado para acura das blenorragias, não é venenoso nem cáustico! Para tratamento do fígados e vias biliares, tome Paryquina, o remédio que a sua avó tomava não serve mais. Hoje a vida é outra. Nada de dietas, as pílulas do Dr. Haut são recomendadas pelo Dr. Oswaldo Cruz!⁸⁵

⁸³ Cf. SARMENTO, Natanael. **Às Armas Camaradas! A Insurreição Comunista e o Governo Popular de 1935 em Natal**. Mossoró: 2016. Trata-se do tomo 1 da presente Trilogia.

⁸⁴ Cf. Cavalcanti, Paulo. Ob. Cit. P. 141.

⁸⁵ Cf. SARMENTO, Natanael. **Os Abalos do Sábado à Noite: Do Governo Popular em Natal à Guerra do Largo da Paz no Recife**. Recife. UFPE. Dissertação Mestrado História. 1994, p.72.

Clio, a musa da História, pagã, não segue o Calendário Gregoriano e não respeita dias Santos, feriados e finais de semana, quando decide pregar suas peças. Dessa maneira, na madrugada do sábado para o domingo, o Comitê Revolucionário, em Pernambuco, reunia-se, para decidir se deflagrava, ou não, o Movimento revolucionário. Se colocava o bloco, na rua, ou, se ficava, na “janela, vendo a Banda passar”. Embalados, pelo êxito do movimento revolucionário, no Estado, quase vizinho, decidem lutar. Não esperam a anuência do Comando Superior da Revolução, o “placet” do Comandante Prestes, no Rio Janeiro. Dessa forma, o posicionamento de Silo Meireles, no sentido de aguardo, das ordens superiores, conforme o protocolo, foi voto vencido, na votação do coletivo. O voto vencedor foi o apresentado pelo Secretário do PCB Regional José Caetano Machado, com argumento, irrefutável, ao etilo brejeiro, *um cavalo não passa selado duas vezes na mesma porta*.

Com “cavalos selados”, ou, a trancos e barrancos, a Revolução irrompe, em Pernambuco. Tudo começa, na Vila Militar Floriano Peixoto, no Quartel do Exército, de Socorro, Jaboatão. Os sucessos revolucionários terão desdobramentos no QG da 7ª Região, no Largo da Paz, em algumas cidades, da Região Metropolitana, Olinda, Paulista e da zona da Mata, Limoeiro, além da guerrilha sertaneja, do Vale do Moxotó, Pajeú e São Francisco.

O Partido Comunista, em Pernambuco, estruturava-se pelo padrão estatutário: a direção do Comitê Regional ou Estadual e os Comitês Municipais do Recife e nas cidades, com bases comunistas. Nos Municípios maiores ou, com maior número de filiados, existiam Comitês Zonais e Distritais. Na base da organização, as *Cédulas*, que são criadas a partir de critérios laborais, locais de trabalho, fábricas, quartéis, escolas ou local de moradia. As Células executam a política do Partido nos Sindicatos,

Associações, Movimentos Sociais, em geral, e, nessas atividades, procuram recrutar novos membros, dentre os mais destacados e comprometidos com a luta. As Células desmembram-se, conforme o crescimento e as necessidades. No trabalho clandestino ou legal, elas reúnem-se, regularmente, e contribuem material e moralmente, nas tarefas do Partido. O membro do Partido, em trabalho clandestino, ordinariamente, utiliza pseudônimos, por medida de segurança. Trata-se de regra e experiência, mundialmente válida. Porém, não se deve esquecer a regra universal do razoável. O emprego de pseudônimo, indiscriminadamente, de maneira mecânica, por vezes, pode levar a situações, bizarras, senão ridículas.⁸⁶

O Secretariado do Nordeste funcionava como elo de ligação dos comunistas locais com o CC e o Comando Geral da Revolução. Estruturado verticalmente, as informações partidárias circulam de baixo para cima e de cima para baixo. Da direções às bases, exige-se rigorosa disciplina e cumprimento das tarefas, a fidelidade e o zelo pelo partido, do legado deixado pelo líder comunista vietnamita Ho Chin Min, no Testamento Político: *cuidar do partido como a menina dos olhos*,

Era a hora de a *onça beber água*, no dizer do brejeiro. Nas primeiras horas do Domingo, o frevo revolucionário, ganha as ruas, em Pernambuco. O processo insurrecional, desencadeado, nas ruas, não era momento, de prostrar-se, à espera de ordem superior, de aguardar a próxima reunião e sinalização, do Rio de Janeiro. A Revolução Popular Nacional Libertadora iniciara-se no Nordeste brasileiro. Fato consumado, no Rio Grande do Norte, com o Poder, nas mãos, da Junta Popular Governativa Revolucionária.

⁸⁶ Sobre a segurança do uso de pseudônimo, velhos militantes: Manoel Nunes, José Sobreira, Júlia Santiago, Adalgisa Cavalcanti, e outros, afirmavam que, na prática generalizada, isso levava a situações curiosas de vizinhos e colegas de fábrica, até mesmo membros da mesma família, tratarem-se pelo pseudônimo, como se não conhecessem o nome verdadeiro. A medida, certamente, tem grande utilidade, em situações outras.

Sabe-se que toda derrota é órfã, porém, para as vitórias, não faltam, pais e mães. Derrotada, a Revolução Nacional Libertadora, restou órfão. Sem paternidade, sem representantes, sem advogados, para defendê-la. Porém, sobraram acusadores, para aviltá-la, achincalhá-la, caluniá-la. Os donos do Poder, os lacaios e serviçais, dos vencedores. A heroica tentativa de Libertação Nacional do jugo Imperialista e da dominação Capitalista, em 1935, desde então, tem sido objeto das maiores vilezas, acusações, manipulações, na história oficial dos vencedores, não apenas onde eclodiu: Rio Grande do Norte, Pernambuco e Rio de Janeiro, mas, em todo Brasil.

É fato relevante que os Camaradas Comunistas e Aliancistas Libertadores, que pegaram em armas, o fizeram para barrarem o avanço reacionário do Governo Vargas e em defesa de mudanças que melhor representavam os interesses nacionais e do Povo brasileiro, naquela conjuntura. Perderam a batalha e foram chamados de extremistas, assassinos, agentes de Moscou e traidores da Pátria. Mas, se triunfassem, seriam detratados, da mesma forma, por esses intérpretes?

O Comitê Regional, premido pela situação revolucionária e apanhado, de surpresa, pelos acontecimentos, fez o que qualquer Organização Revolucionária faria: lutou pela Revolução. Porém, em face da derrota, do Movimento, reformistas, revisionistas e anticomunistas aproveitaram-se da fragilidade da derrota temporária – a derrota dos revolucionários na História humana são sempre temporárias - para desqualificá-los, acusar as lideranças de golpistas, voluntaristas, aventureiros, e tantos outros adjetivos depreciativos. Quase três Séculos, Antes de Cristo, o General cartaginês Aníbal, resumia a sorte dos derrotados: *Aí dos vencidos!*

Também o 2º Ato da Revolução, o realizado em Pernambuco, foi protagonizado por atores Cívicos e Militares: do Comitê Regional,

participavam, lideranças Civis, padeiros, ferroviários, gráficos, Militares, Sargentos, Tenentes, Capitães. Se o Domingo não era dia ideal para se fazer a Revolução, não se afigurava razoável esperar o Comércio abrir as postas na Segunda-Feira. Ora, os comunistas, no Rio Grande do Norte, expulsaram as Autoridades e formaram o Governo Popular Revolucionário. Por que não, em Pernambuco? Com um Partido maior e mais forte? Recife não foi escolhida para a sede Regional, da Revolução? Afinal, estavam, ou, não estavam, em preparação da Revolução?

Dessa forma, o voto de Caetano Machado, Secretário do PCB, para não esperar pela ordem do Comando Nacional e a derrota da proposta de esperar, defendida pelo Capitão Silo Meireles e outros devem ser analisadas, no calor da hora. E não depois da obra feita, ou desfeita. Na verdade, a adesão à revolução imediata passou, sem dificuldade, pelo Comitê Regional, com ampla maioria. Esse fato é relevante, a fim de se evitar a seletividade de “Bodes expiatórios” para culpar, pela derrota, tão presentes, em certas análises de 1935.

Nessa perspectiva, o Movimento Comunista de 1935, deflagrado em Recife e algumas cidades de Pernambuco, seguia os sucessos da Revolução deflagrada em Natal, a Capital do Rio Grande do Norte. Tanto em Natal, quanto no Recife, a Revolução deflagra-se à revelia do Comando Nacional, sediado no Rio de Janeiro.

Depois do sucedido, naturalmente, não faltam “engenheiros de obras feitas”. Os dedos a apontarem os equívocos e falhas do Partido, na decisão e no encaminhamento, da luta armada. É preciso separar as autocríticas sérias, os reconhecimentos dos erros, para se lutar mais e melhor, das posições vacilantes dos reformismos, de contrabandos adentrados no movimento comunista, mormente dos renegados, travestido de ‘nova esquerda’.

Autênticos revolucionários de 1935 reconhecem erros e falhas. Observam falhas fundamentais, nas comunicações, nas articulações com a sociedade, e, também entre ativos militantes, do PCB. Diversos militantes são surpreendidos, com o levante, do Recife, no domingo 24 de Novembro de 1935. De fato, a maioria dos comunistas foi convocada, às pressas, com o processo insurrecional, em andamento. Eles pegam o “bonde andando”. Outros, pouquíssimos, aproveitam, o bonde ter partido, para justificar o imobilismo, a inação. A Revolução, em Pernambuco, podia ser diferente? O escriba responde acacianamente: *tudo seria diferente, se tudo fosse diferente*. Porque a história humana acontece, como acontece e define-se, na luta de classes. A trama histórica não se define pela vontade dos Gladiadores. E, muito, menos, dos expectadores.

O levante comunista do Recife surpreendeu a uns, e, a outros, não. Não surpreendeu certas Autoridades, do Alto Escalão Governamental e Militar. O clima insurrecional pairava, no ar, mais visível que o enorme dirigível Zeppelin atracando na torre do Jequiá. As autoridades, com acesso a informações, não deviam desconhecer a tempestade que se anunciava, a conjuntura instável local e nacional. E, certamente, foram as primeiras a tomarem conhecimento do eclodir da Revolução, em Natal, no sábado. Esse fato explica a ordem para todas as Unidades Militares do Recife entrarem em prontidão, no domingo, dia 24/11/1935.⁸⁷

Não foi por acaso que o Coronel Olinto Telentino, Comandante do 29º Batalhão de Caçadores, adotou medidas preventivas de retirada das armas pesadas do depósito e as escondeu em outro local. E de fato, quando os rebeldes tomaram o 29º BC, não encontraram as metralhadoras pesadas no Depósito das Armas.⁸⁸ Também, na Unidade, ocorrem prisões, na véspera do

⁸⁷ Cf. MONTEIRO, Frederico Mindello Carneiro. **Depoimentos Biográficos**. Rio de Janeiro: Olímpica, 1977, p.111.

⁸⁸ Idem, ibidem.

levante, dos elementos considerados suspeitos, caso do telegrafista do quartel.⁸⁹ Portanto, dizer que as Autoridades foram pegas de surpresa, é uma meia verdade. Estavam cientes da possibilidade de perturbação, e, adotaram medidas preventivas. Talvez, o “espírito de corpo” as cegassem a não acreditavam, na possibilidade da Revolução, “no seu quartel”.

Coincidência, ou não, importantes Autoridades civis e militares estavam fora do Estado, quando irrompe a Insurreição. Há muita especulação, sobre esse fato, mas não há provas de que essas Autoridades tenham saído para longe do local do furacão, deliberadamente. Concretamente, o fato estarem, longe do Recife, nos dias da rebelião, as afastavam dos riscos, inerentes às posições que ocupavam, começando pelo Governador do Estado, Carlos de Lima Cavalcanti, do outro lado do Atlântico, na Europa, longe do calor dos trópicos e das balas dos rebeldes. Seguem-se o Comandante da 7ª Região Militar, General Manoel Rabelo, que se encontrava no Rio de Janeiro e o Comandante da Brigada Militar, Coronel Jurandir Mamede, no Rio Grande do Sul.⁹⁰ O brejeiro lembra da resenha das mais conhecidas da caserna, *soldado no quartel quer trabalho*.

9.1 A Rebelião do 29º BC - Quartel de Socorro.

O Tenente Lamartine Coutinho divertia-se, na Festa do Rubi, tradicional baile de formatura dos Bacharéis, em Direito, do Recife. Entre uma, e outra, contradança, recebe a *senha* para se juntar aos camaradas e começar a Revolução: a banda tocada, mudava o dobrado. Lamartine Coutinho, prontamente, procura os camaradas da empreitada: o capitão Silo

⁸⁹ Idem,ibdem.

⁹⁰ O fato das ausências das autoridades é do domínio público e foi noticiado nos jornais da época. È mencionado por vários autores, ver Paulo Cavalcanti, Gregório Bezerra, Frederico Mindello, entre outros.

Furtado Soares Meirelles e Alberto Bomílcar Bessouchet. A tarefa daqueles “três mosqueteiros” nada simples: levantar e tomar o 29º Batalhão de Caçadores, a maior Unidade do Exército da Região Nordeste.⁹¹ Cientes, os revolucionários chegam, no Quartel do 29º BC, o popular *Quartel de Socorro*, em plena madrugada. Porém, decidem, conjuntamente, rebelar a unidade com o dia amanhecido, pela manhã.

Tão logo amanhece, o Tenente Lamartine Coutinho dirige-se ao Depósito das metralhadoras, para examinar o armamento existente. Constata, no local, apenas, as armas leves e de menor calibre. Não sabia o Tenente rebelde, que as metralhadoras pesadas, foram todas, previamente, retiradas do Depósito, por ordem do Comandante. Primeiro contratempo.

Porém, apesar desse contratempo, o Tenente Lamartine prosseguia no cumprimento da tarefa. Nesse sentido, dirige-se ao Pavilhão dos Oficiais e lá, anuncia alto e bom som: assumia o Quartel, em nome da Revolução Nacional Libertadora. Os Oficiais do plantão, em pleno domingo ensolarado, melhor estariam, nas belas praias da cidade, do que de serviço no Quartel, ainda mais, no Quartel amotinado, como diz o brejeiro, além da queda, o coice. É razoável supor, que tenham passado algo parecido, naquela ocasião de confronto. À parte, as suposições, a efeméride registra luta corporal e troca de sopapos entre o Tenente Lamartine Coutinho e o Capitão Everardo de Barros Vasconcelos. O Capitão recusava-se a receber ordens de Tenente, subalterno, na hierarquia militar. Mas, quem disse que Revolução respeita hierarquias e patentes? Gostando ou não, o Capitão engoliu o toucinho cabeludo, com ajuda de safanões, e ficou sitiado no Pavilhão dos Oficiais, juntamente, como todos os que não aderiram à Revolução.

Durante esse episódio, deu-se fato burlesco, digno de pantomima. O Capitão Frederico Mindello Carneiro Monteiro, em versão memorial por ele descrita,

⁹¹ Cf. CAVALCANTI, Paulo. ob. cit. p.p.142-43.

aduz haver lutado com o Tenente Lamartine Coutinho, tê-lo segurado, pelos braços, quando o Oficial rebelado dava voz de prisão aos legalistas. Aduz, ainda, que nessa ocasião, o Tenente Coutinho disparou dois tiros, os quais, não o atingiram, por intervenção do Capitão Everardo, em golpe no braço, desviando a direção dos projéteis. Pela versão do capitão Mindello, configurou-se a tentativa de homicídio, crime, não consumado, por razão alheias à vontade do Tenente Lamartine cuja intenção era matá-lo. O Capitão Frederico Mindelo afirma haver sido desarmado enfrentando mais de 15 soldados, armados de baionetas caladas, todos cúmplices do Tenente Coutinho. O Capitão Mindello exagera na dose e doura de bravura uma participação realmente, bem diferente.⁹² Essa bravura e valentia do Capitão Mindello, não tem base fática: não foi testemunhada por ninguém, e, sequer, consta do minucioso Inquérito Policial Militar. Ademais, diversas vezes, asseguram, sem discrepância, que os atos de heroísmo, pertencem à imaginação do Capitão Mindello, que criou, para si próprio, um personagem de ficção, e, com o passar do tempo, passou a acreditar, na fábula inventada.

Nos relatos Oficiais do Inquérito Policial, nos depoimentos tomados, os atos do Capitão Mindello foram bem diferentes: primeiro, porque o Capitão não resistiu à prisão; segundo, porque ele não travou luta corporal alguma, nos episódios, da tomada do quartel. Sucedeu que o Capitão Mindello aproveitou-se da luta corporal, travava, entre o Tenente Lamartine com o Capitão Everardo, para fugir do local. Mas, em favor do bravo Capitão Mindello, após a fuga sorradeira, ele concita, os Oficiais legalistas, a resistirem.

O espaço territorial do Quartel ficou dividido: os rebeldes controlavam, a quase totalidade da área, com Soldados, Cabos, Sargentos e

⁹² Cf. ob. cit. pp.112-113.

Três Oficiais, Coutinho, Silo e Bosouchett. Cerca de 60 Oficiais legalistas, restam sitiados, no Pavilhão dos Oficiais. No início, houve troca de tiros, entre os Oficiais sitiados no Pavilhão e os rebeldes.⁹³ Sem ordens dos Comandos, pelos sitiados, para invadir e tomar o Pavilhão na bala, ou, dos sitiados, para romper o cerco a qualquer custo, o breve tiroteio vai diminuindo, até cessar, de vez. Contudo, a situação das tropas, permanecia indefinida: legalistas sitiados, no Pavilhão de Oficiais e rebeldes, na posse das demais áreas do Quartel. E, assim, ficaram, até o fim da Revolução.

Episódios de bravuras, assim como as lérias e bravatas, não faltam, nas crônicas das Guerras e Revoluções. Nesses momentos extremos, os atos pessoais coragem, atitudes de grandeza humana ou vilezas, covardias, indignidades, são recorrentes. Sem maniqueísmos, essas atitudes sucedem, na Revolução de 1935, em ambos os lados: rebelde e legalistas. A tomada do 29º BC o Quartel de Socorro não discrepou dessa regra. Tampouco, ao longo do desenvolvimento da Revolução. Apenas, o palco de operações do 29º BC, dividido, territorialmente, tornava-se mais visível, até porque tudo se passava nos limites interiores, do Quartel.

No Pavilhão do Comando, acudados, os *legalistas* sitiados, aproximadamente, 60 Oficiais da média e baixa oficialidade, salvo o Comandante. Nas demais áreas, os rebeldes controlavam todos os prédios e espaço, da Unidade. Apesar do controle, quase total, os rebeldes não avançam para completar a conquista do Quartel, completamente. Eles tentavam a rendição e deposição de armas, dos legalistas, através de embaixadas, em vão. O Comando rebelde argumentava a desnecessidade de derramar sangue, a chacina que podia ser evitada. Por estarem em maioria numérica e mais armadas, e os Oficiais sitiados, sem possibilidade de fuga. Porém, os legalistas “cozinham o galo em banho Maria”. Parlamentavam,

⁹³ Cf. ob. cit. pp. 142-143.

recebiam os Comissários rebeldes, prometiam resposta, mas nada de definição e da rendição. Essa tática utilizada pelos sitiados tinha a sua razão de ser, conforme saberemos. O Procurador da República junto ao Tribunal de Segurança não considera a atitude dos rebeldes de não invadem o Pavilhão do Comando, para a conquista completa do Quartel, pelo contrário, procura carregar nas tintas acusando os “atos de insanidade e criminosos”.

Não completar a conquista do Quartel, com a tomada do Pavilhão foi erro militar crasso. Primeiro, por subestimar a condição do inimigo, erro, sempre fatal, nas Batalhas. Segundo, por ocupar e conseqüentemente perder, grande número de possíveis combatentes, em manter um Cerco, desnecessário. Soldados que poderiam participar e reforçar os combates, nas ruas, restaram imobilizados, no Quartel. Os legalistas, embora acudados, gastavam o tempo, mantendo o triplo de rebeldes, ocupados, ajudando, objetivamente, os legalistas que combatiam fora dos muros do Quartel. Tampouco, precisaram arriscar a vida, abrindo caminho, tentando, romper o cerco. Os rebeldes, inertes, do lado de fora, não invadiam; os legalistas, cercados e dentro, do Pavilhão, tampouco, saíam. Por que arriscar a vida, se a liberdade, era questão de tempo?

O 29º BC, representava uma das maiores Unidade Militares do Exército da Região Nordeste, portanto, a conquista desse Quartel era estratégica para a vitória da Revolução. Porém, os revolucionários cometeram equívocos, com vacilações e descuidos, imperdoáveis e fatais, em qualquer batalha ou guerra.

Os Oficiais legalistas, não aderentes ao levante, permanecem cercados, no Pavilhão. Muito embora não representassem efetiva ameaça ao controle do 29º BC, na prática, prejudicava, objetivamente a ação geral, dos rebeldes. Um Comandante Revolucionário, temperado no aço e liberto do “espírito de corpo militar”, fixaria prazo para os sitiados renderem-se e

deporem as armas. Assegurava a todos, que se rendessem, o direito à integridade psicofísica e à vida até o julgamento do Tribunal Popular, quando cada um responderia por seus atos. Passado o prazo, o Comandante daria ordem da invasão do Pavilhão, para completar a conquista territorial, e os mortos em combate, assumiam, assinavam o atestado de óbito, por escolha pessoal. Nesse confronto, certamente, tomariam, mortos e feridos, de ambos os lados, porém, o impasse seria resolvido, os sobreviventes legalistas seriam presos, os feridos medicados. Nada que ocupasse mais de um ou dois sentinelas alguns carcereiro, liberando dezenas de homens armados, para a luta revolucionária desenvolvida, na rua.

Contudo, não foi isso que ocorreu. Os rebeldes, que ganharam no controle ao Quartel, perderam, no conjunto da Operação. Para completar o rol de vacilações, os revolucionários não cortaram as linhas telefônicas, do Pavilhão dos Oficiais. Dessa forma, os “sitiados” fisicamente, mantinham contatos, permanentes, externos. Ficavam sabendo do deslocamento das Tropas Legalistas e dos reforços, enviados de Alagoas e da Paraíba. Evidentemente, a derrota dos rebeldes era questão de horas. Assim, embora encurralados, senhores da situação, acompanhavam, confortavelmente, o desfecho da luta. Conheciam e informavam detalhes, da marcha, dos acontecimentos. Os legalistas externos são informados que os rebeldes do 29º BC não possuem armas pesadas e metralhadoras. E passam informação para os legalistas sitiados, para ficarem na moita, que a vitória da legalidade estava próxima: o Exército rebelde não contava com adesão Popular. Continuassem a “cozinhar o galo, em banho Maria”, deixassem, as horas correr. E, assim, foi feito. De fato, horas depois, a Revolução chegava ao seu epílogo, com a debandada, dos revolucionário, a ocupação do Recife, pelas Tropas do 20º BC de Maceió e do 22º BC da Paraíba e da Bateria de Dorso de João Pessoa e da Brigada Militar de Pernambuco. O relato, sobre a permanente comunicação telefônica, durante sitio, com as Forças Legalistas

externas ao Quartel de Socorro tem a confirmação do Capitão Mindello, apesar de protagonizar invenções, no caso vertente, sem motivo algum, para mentir. Obviamente, o Capitão tem motivos para ufanar-se, na conclusão, narrando o triunfo da legalidade e a retomada da situação, em Pernambuco.⁹⁴

Inegavelmente, os episódios dos armamentos pesados escondidos na véspera; da tomada incompleta, sem a rendição, dos Oficiais legalistas, no Pavilhão; das comunicações telefônicas regulares entre os presos, do Pavilhão de Oficiais e as Tropas legais, estorvaram, a marcha da Revolução. Sobre as armas escondidas, um Comandante Revolucionário típico, não pensaria duas vezes: montava pelotões de fuzilamentos, passava nas armas tantos legalistas, quantos fossem necessários, para as ar ditas armas aparecerem ou serem localizadas. Porém, na pena pesada, da Denúncia do Procurador Militar, referência alguma referência atenuante em relação aos acusados. O Procurador, laiaio dos poderosos, refere-se aos revolucionários como extremistas covardes, vis, sanguinários. Como traidores, duplamente, da Pátria, e do Exército Nacional. Lições históricas, o episódio oferece aos vacilantes, aos enfraquecidos por valores burgueses e ilusões de classe. O tão citado brejeiro, diria: “Não adianta chorar, o leite derramado”. O brejeiro, na Terra de Lenine, diria: *“lágrimas na chuva”*, e, completaria: *“Moscou não acredita em lágrimas”*.

No 29º BC sublevado, depois de tempo perdido, o Comando revolucionário decide, por fim, colocar a Tropa do Socorro, nas ruas. O Tenente Lamartine Coutinho, com a tarefa de marchar, em direção ao Centro do Recife. O Capitão Silo Furtado Soares de Meirelles e o Tenente Alberto Bomilcar Besouchet seguem, em direção ao interior do Estado.⁹⁵ O Tenente Besouchet prosseguiu, apesar de atingido na perna, durante a refrega do 29º

⁹⁴ Cf. MONTEIRO, Frederico Mindello. Ob.cit.pp.114-118.

⁹⁵ Cf. CAVALCANTI, Paulo. ob. cit. p.143.

BC, permaneceu ferido, na linha de frente. No Município do Jaboatão, conhecido como *Moscouzinho*, pela forte presença de comunistas, operários ferroviários, naquele tronco de linhas férreas, o Tenente arregimenta mais de três mil homens armados.

É digno de registro a empolgante adesão, das massas populares, à causa da Revolução. Merecerá Memorial ou Monumento, no local, com o futuro triunfo da Revolução Socialista, em seu tempo devido da História, a emocionante confraternização, em armas, das Tropas da Polícia Militar Comandada pelo Tenente Manoel Martins da Cunha, deslocada para combater os revolucionários, porém, fraterniza-se com o Exército Popular e aderindo à Revolução. O Tenente Manoel Martins da Cunha não voltaria as armas contra os seus revolucionários, e, sim, em defesa da Revolução Nacional Libertadora, aumentando a força numérica e moral do Exército Popular.

Silo Meireles e Alberto Besouchet marchavam, em direção ao Sertão. Em sentido contrário, do Sertão para o litoral, deslocava-se, o 3º Batalhão da Brigada Militar, para combater os revolucionários. Havia rumores das simpatias do Major Comandante desse Batalhão, pela causa dos rebeldes. No encontro das tropas, inevitável, o tiroteio. Com inferioridade, em soldados e armamentos, Silo Meireles e comandados, são feitos prisioneiros. Consta que o Major Costa Neto, já, sabia, a caminho, do malogro do malogro da Revolução, e que seu ataque, aos rebeldes, foi bastante contido, porquanto detinha homens e armas para chaciná-los, se quisesse. O Major Costa Neto tratou os prisioneiros, com a dignidade, com a largueza dos poucos, que sabem vencer. O Tenente Besouchet, embora ferido, escapou, sem rendição, conseqüentemente, salvou-se, da prisão.

9.2 A Batalha do Largo da Paz

O Largo da Paz está localizado, no meio do caminho do Centro do Recife e do 29º Batalhão de Caçadores, o Quartel de Socorro. O Tenente Lamartine Coutinho marchava para a área central da Capital, a fim de reforçar as Tropas Insurgentes a controlar os pontos estratégicos, do Recife. Porém, nas proximidades, do Largo da Paz, as Tropas revolucionárias deparam-se, com Regimentos legalistas que manobravam, em sentido contrário, marchando do Centro, em direção à Socorro, para combaterem os rebeldes. Os Batalhões das Tropas legalistas, Comandadas pelo Major Higino Belarmino, estacionam a pouca distância e os rebeldes, separados pela Ponte Mocotolombó, a poucos metros, do Largo da Paz.

Neste domingo 24 de novembro de 1935, o Largo da Paz transforma-se, numa Praça de Guerra. Não apenas, pelo deslocamento de armas e homens, mas pela fuzilaria, travada, durante mais de 30 horas. O Largo da Paz foi o ponto central da Guerra Revolucionária, em Pernambuco, e o desfecho dessa Batalha, o fiel da balança. Mais de 24 horas de luta se passavam e nenhum dos lados cedia ou avançava. Todavia, o tempo corria contra os revolucionários. O Governo contava com apoio de Tropas Militares e Policiais deslocadas, de Estados vizinhos, para combater a revolução, em Pernambuco. O reforço das Tropas legalistas com Batalhões do Exército de Alagoas e da Paraíba decretava a derrota dos revolucionários. Os rebeldes, desfavorecidos, em número de combatentes e na qualidade das armas, lutaram, tenazmente, para resistirem. Porém, a ofensiva legalista desproporcional, tornava insustentável, a posição dos revolucionários. Desproporção tamanha, sequer organizam a retirada e debandam. No epílogo da Guerra do Largo da Paz não houve rendição, tampouco, retirada

estratégica: os revolucionários debandam, em pequenos grupos, nas mais diferentes direções, no “salve-se, quem puder”.

Sobre os grupos, dos evadidos e aprisionados, os destinos e fortunas são diferentes. Uns tantos, escaparam, da verdadeira caçada humana. Houve presos, tratados como prisioneiros de guerra, conforme os Regulamentos Militares. Porém, houve execuções sumárias, crimes de guerra. Foi o caso dos rebeldes, capturados pelas Tropas do Major Higino. Talvez, esse Major da Força Pública, veterano caçador de cangaceiro, famoso pelas degolas, nutrisse prazer, na sua forma peculiar de fazer justiça, eliminando os acusados, sem delongas judiciais.⁹⁶ Dezenas de Soldados, Cabos e Sargentos do Exército, em fuga, foram fuzilados, nas pedreiras da Muribeca, em Jaboatão. Tratava-se de lugar estratégico, na rota Sul, dos fugitivos que debandavam, dos combates, no Largo da Paz. O Major Higino, calejado, colocou os seus caçadores de tocaia, nas pedreiras. Esperam os fugitivos passarem, como passarinhos que são esperados e abatidos, em bebedouros. Tantas nuvens humanas passassem, em fuga, quantos eram abatidas, como aves de arribação, no voo. Depois, os corpos mortos recolhidos, e, por lá, sepultados, anonimamente, em vala comum. Naturalmente, esses crimes não constam do Inquérito Policial, a farsa policial e jurídica, montada, para condenar Comunistas e Aliancistas Nacionais Libertadores, no Tribunal de Segurança Nacional criado por Getúlio Vargas. Esse tribunal de exceção funcionou, no Rio de Janeiro, avocando os processos, de todos os rincões do País, relativos, à Revolução de 1935. Obviamente, a vassala Imprensa local, jamais, noticiou, ou moveu uma palha para averiguar as notícias que corriam, de boca em boca, sobre as execuções sumárias, ordenadas pelo Major Higino. A intenção era manter em segredo, o segredo de Polichinelo, conhecido do recifense. Quase meio século, depois desses fuzilamentos, o

⁹⁶ Cf. CAVALCANTI, Paulo. ob. cit. pp.143-44.

Escriba ouviu duas testemunhas: o Ferroviário Estevão e o Pedreiro Elias, antigos moradores daquela Região das pedreiras. Ambos não sabiam precisara, em números, os executados, na efeméride. Porém, afirmavam, categoricamente, que daria para encherem os bancos de ônibus ou a carroceria de um caminhão.⁹⁷ Documentalmente, consta, testemunho de soldado do 29º BC, havido por morto nas pedreiras, prestado, pessoalmente, ao Comandante da 7ª região Militar. No entanto, os crimes da pedreiras da Muribeca foram cometidos pelo lado vencedor, e, colocou-se uma pedra, no assunto ficando o dito, pelo não dito. Até hoje.

No teatro das operações da longa Batalha do Largo da Paz, em mais de trinta horas de luta, sucedem tragédias e episódios burlescos. Na época, o prédio mais alto do Largo, era a Igreja Matriz da Nossa Senhora da Paz, donde resulta o nome do largo e da paróquia. Consta que o Tenente Lamartine Coutinho, depois de examinar, bem, a situação, verifica que a torre alta da Igreja consistia, em excelente local, para instalar, metralhadoras. E não deixou por menos: procurou o pároco e fez a avença, comprometendo-se a preservar e respeitar as Imagens Sacras da Matriz. Assim, os revolucionários instalam, no alto da torre da Igreja, o ponto de sentinela que observava a movimentação das Tropas inimigas, do outro lado da ponte e, de lá, “mandavam chumbo”, quando os legalistas tentavam avançar. Apesar da reputação, de fino trato e de vivaz capacidade argumentativa do Tenente Lamartine Coutinho, pelas circunstâncias, ao convencimento do Padre para a cessão da torre da Matriz, o argumento mais pesado e decisivo,

⁹⁷ Trata-se de antigos Militantes Comunistas, moradores do Jaboatão, com os quais, o Autor manteve contatos regulares, então, como assistente do Comitê Estadual do PCB/PE. Não há registro escrito dessa informação, por dois motivos básicos: o primeiro, na época, inexistia a visão e o interesse do Historiador, para gravar e documentar; O segundo, pelas condições de Comunistas, na clandestinidade, os referidos procedimentos seriam impensáveis, os encontros realizados, sem registros, nas casas dos companheiros, bem próximo das áreas dos massacres. Sequer pode-se afirmar que os nomes e as profissões dos depoentes, são reais, pela praxe do uso de pseudônimos. De real que se pode atestar e dar fé a localização e o que foi dito.

provavelmente, foi a própria metralhadora, por maiores que fossem as promessas de preservação do Santuário.

Promessas feitas e cumpridas. Do alto da torre, os revolucionários observavam, a panorâmica do Campo de Guerra. No lado das Tropas legalistas, embora melhores armadas, a “pedra no coturno” era aquele "ninho de metralha", na torre da Matriz de Igreja da Nossa Senhora Paz. Então, desculpasse Nossa Senhora, mas os amotinados deviam ser removidos, a qualquer custo, da torre da Igreja. Os legalistas apelam para os obuses, os canhões de longo alcance, com grande poder de destruição. Santo Deus, para quem acredita, foi um milagre, a Igreja de Nossa Senhora da Paz escapou inteira: o patrimônio arquitetônico restou intacto. Para os céticos, foi o mal treinamento da Tropa legalista que não usava obuses desde a Guerra do Paraguai, em 1870. Por milagre ou imperícia, o certo é que a Matriz da Nossa Senhora da Paz permanece, em pé, até os dias atuais, tal e qual foi construída.

Episódio triste, que não escapou, do olhar atento do humanista e sanitarista Josué de Castro, o das crianças pobres, do Bairro de Afogados, mortas, durante a fuzilaria. Meninos pobres, moradores do bairro dos Afogados, típicos representantes da “civilização dos caranguejos”, habitantes dos casebres e palafitas dos mangues. Infância miserável compelida às ruas, ao entorno do largo, os arruares das crianças pobres, sem escola, desamparadas. Aquela Batalha real, talvez se afigurasse mais, brincadeira, e, algumas delas, serviram de Correio às Tropas, levando e trazendo, cartuchos de munições. Mas a Guerra não era brincadeira, não brincavam de soldado e ladrão com atiradeira e balas de carrapateira. Sempre que passa, pelo local das crianças tombadas, o Escriba, mentalmente, cogita o epitáfio: *“Aqui jazem as crianças nascidas e criadas na lama dos Homens, pequeninos caranguejos, do Bairro dos Afogados.”*

O combatente revolucionário, Tenente do Exército Brasileiro, Lamartine Coutinho não pertencia às fileiras do PCB. Porém, foi um dos principais líderes, destacando-se, entre os combatentes, da Revolução de 1935, em Pernambuco. Ideologicamente, Antifascista, Democrata e Nacionalista, pelo parentesco, com o célebre comunista Rodolfo Coutinho, foi tratado, como comunista. Equivale dizer, tratado, da pior maneira possível, pelos algozes da repressão. Sobre a participação de Lamartine Coutinho, com o próprio punho, escreveu a resposta, ao interrogatório Militar: *“Lutei como um democrata e nacionalista, que não queria ver a sua querida Pátria na submissão brutal do jugo fascista.”*⁹⁸

Ave, Tenente Lamartine Coutinho! Os que vão viver e ver, algum dia, essa Pátria livre, te saúdam!

⁹⁸ Cf. CAVALCANTI, Paulo. Ob. Cit. p.146.

9.3 A Tomada da 7ª Região Militar no Centro do Recife

No Bairro da Boa Vista, Região central da Capital Pernambucana, na Praça Adolfo Cirne, localiza-se o prédio do Comando da 7ª. Região Militar. Ao Quartel General, conforme o planejamento revolucionário, deviam comparecer os militantes revolucionários para receberem as armas, que os elementos de dentro do QG, comprometidos, com a revolução, deviam recolher, do Quartel. Porém, ocorreria no Quartel General da 7ª RM, a incrível façanha, de um homem que, sozinho, faz lembrar as películas épicas.

Trata-se das façanhas do Sargento Armeiro do QG, Gregório Lourenço Bezerra, membro do PCB. Aventura que está à espera de algum Diretor de Cinema, predisposto a documentar a “Saga de um Valente”. As ordens do Comando Revolucionário, para Gregório e demais militares, eram claras: às 10:45 do domingo, levantar e tomar o Quartel General. Em seguida, deviam juntar todo armamento e munição, disponíveis e repassá-los aos Revolucionários Civis do Exército Popular, estimado em 300 operários. Gregório recebera ordem para, em seguida, formar Patrulhas e seguirem ao Palácio do Capo das Princesas, sem olvidarem da ocupação dos Prédios Públicos estratégicos, existentes, nesse percurso do QG ao Palácio. Assim, considerados, a Secretaria de Segurança Pública, a Central Telefônica e os Correios e Telégrafos.⁹⁹

Na execução dessa tarefa hercúlea, o Sargento Gregório contava, com os Soldados e Cabos do 6º CTP e do CPOR e com as centenas de operários, estivadores, portuários, arrumadores e de ofícios vários: o Partido, em armas. Na hora “h”, o Sargento Gregório não contou com ninguém. Domingo não

⁹⁹ Cf. BEZERRA, Gregório.ob.cit.p.241

era dia, propício, para fazer Revolução: já havia obtemperado o Sargento revolucionário, na reunião em que se decidiu “colocar o bloco, nas ruas vazias”. Os Quartéis, também, estavam, quase vazios, mormente, pelos cortes das verbas “da boia”, a soldadesca voava. Pois bem, quando o carrilhão da Faculdade de Direito bateu onze da manhã e, já, se passava da hora do Levante e não aparecia uma viva alma, nas proximidades do Quartel, o Sargento decidiu começar a “batucada”.

Aconteceu de o Oficial do Dia, do comando da 7ª RM, estar bem informado dos passos da Revolução, através de comunicação telefônica, com os Oficiais, sitiados no Pavilhão do 29º BC de Socorro. Ciente da rebelião, o Oficial adotou medidas preventivas: armou os homens do Quartel General e encarregou, arditamente, o Sargento Armeiro, Gregório Bezerra, o qual sabia da provável ligação com os revolucionários, de municia-los. Assim, Gregório recebeu a ordem do Comando para distribuir as armas, aos aquartelados, que, já, estavam armados. Embora, desconfiado, o Sargento Armeiro Gregório, seguiu para o Depósito das Armas. “Raposa a cuidar de galinhas”, o Sargento Gregório separava as armas imprestáveis das boas, cuidadosamente:

[Cumprindo as ordens do chefe do EM, armei e municiei a guarnição do QG e alguns elementos do CPOR, não comprometidos com a revolução, ordenando-lhes que me esperassem no pátio interno do QG. Dei-lhes os fuzis ruins, pouca munição e reservei o armamento bom, inclusive fuzis-metralhadoras e metralhadoras pesadas para os soldados, cabos e sargentos, comprometidos com a revolução, que ainda não haviam chegado].¹⁰⁰

Executava esse serviço, no Depósito de Armas, quando começou a saga de valentia. Atos de coragem pessoal, temperado no aço da convicção revolucionária. Fazia a triagem das armas, quando chegam os “paus mandados” do Comandante: Tenente Aguinaldo e Sargento José Alexandre

¹⁰⁰ Cf. idem, bdem.

Vieira. A ordem dada aos dois oficiais era render e prender o Sargento revolucionário.

[Simulando procurar algo, de repente, o Tenente Agnaldo sacou de uma pistola parábélum, dando-me ordem de prisão, ao mesmo tempo em que me alvejava pelas costas. A bala feriu-me na parte superior da coxa. Não vacilei, sacando do meu revólver, revidei imediatamente a agressão. Nesse momento o Sargento Vieira atacou-se comigo; lutamos. Eu fazia do sargento Vieira um escudo. De repente, um elemento da contadoria tentou alvejar-me com tiros de fuzil. Encostei-me a um canto da parede e tentei liquidar o Sargento Vieira. Consegui encostar-lhe na barriga o cano do revólver e acionei o gatilho, A bala varou-lhe a mão. O Sargento Vieira, com dois ferimentos, um na mão e outro na cara, pediu-me pelo amor de Deus que não o matasse. Empurrei-o para o lado e ele então saiu correndo. O tenente Agnaldo tentou alvejar-me pela terceira vez, mas errou o tiro. Quando me livrei do Sargento Vieira, o Ten. Agnaldo tentou me alvejar pela quarta vez, mas aí sua arma enguiçou. Então peguei no fuzil e ele saiu correndo. Alvejei-o na coxa.].¹⁰¹

Depois do confronto corporal, sozinho, Gregório saiu armado e atirando, na direção da Secretaria do CPOR, a qual estava repleta de Oficiais " *mais para intimidá-los que para atingi-los. Uns pulavam do primeiro andar para a rua; outros desciam pela escada correndo, dentro em pouco o CPOR estava limpo: eu era o dono do Quartel.*"¹⁰²

O balanço final do conflito, no Quartel General da 7ª RM, registra a morte do Tenente Sampaio Xavier. Esse óbito receberia muitas versões deturpadas, da fábrica oficial de notícias, visando, mais, a incriminar Gregório e excluindo a legítima defesa:

[Cerca de 10 horas de domingo achava-se o 1º Tenente José Sampaio Xavier em um dos apartamentos do CPOR, em companhia do Tenente Aguinaldo e do Sargento José Alexandre. Aqueles militares estavam consertando vários carregos de metralhadoras quando aparece, de revólver em punho, o 1º Sargento Gregório, que os intima a rendição imediata. Nesta ocasião o agressor alveja o tenente Sampaio e tenta disparar novamente a arma contra o Tenente

¹⁰¹ Cf. idem, p.242.

¹⁰² Cf. idem, ibdem.

Aguinaldo. O Sargento José Alexandre, porém, empenha-se em violenta luta corporal contra o colega, que apesar de subjugado ainda faz outros disparos sem resultado. O Sargento Gregório, no entanto, conseguiu fugir, escondendo-se no próprio quartel. Alguns minutos depois tentava uma nova fuga, embora ferido em uma perna, transportou-se à sede do Tiro de Guerra, rua do Aragão, nº 333, com intuito de incitar elementos para a resistência.”¹⁰³

Trata-se de versão fabricada, amplamente, divulgada, nos Jornais do Recife, sob o patrocínio das Autoridades, dos defensores da legalidade, que venceram a Guerra. Gregório, em luta corporal, matou para não morrer, agindo, claramente, em legítima defesa. Porém, a Imprensa venal, a serviço do sistema, trata-o como agressor covarde, assassino de sangue frio. Contudo, as notícias falsas divulgadas, agridem a lógica dos fatos. A própria publicação, desqualifica-se, pela falta de verossimilhança: o Tenente Sampaio Xavier, a vítima da agressão repentina, morreu, antes mesmo de iniciar a luta, sem tempo para esboçar qualquer reação. Porém, em todos os registros de reconstituição do fato, inclusive o Inquérito Policial, menciona-se a luta corporal, travada, no Depósito de Armas. Os sinais da luta, devidamente, registrados, desaparecem, para forjar a cena de assassinato qualificado, pela surpresa e pelo motivo torpe. Tentaram esconder o gato, mas o rabo ficou de fora, os rastros do embate, travado, as marcas dos projéteis de disparos, de calibres diferentes, daquele que resultaram, na fatídica morte do Tenente Xavier, cuja memória, em respeito ao próprio, morreu lutando.

Gregório Bezerra afirma que empreendeu algumas tentativas, para tomar o Corpo da Guarda, mas sempre foi recebido, com rajadas de fuzis:

¹⁰³ Publicada no Diário de Pernambuco nº 277, de 27.11.1937.

[Esparramei-me no solo como uma lagartixa. Apontei o fuzil em direção às rajadas que recebia [...] Daí por diante só o cano do fuzil aparecia, vomitando fogo [...]

[...] O saldo da luta no QG e no CPOR era esse: o Tenente Agnaldo ferido na coxa; José Alexandre Vieira ferido na mão e no rosto; eu com a coxa varada por uma bala e o Tenente Sampaio Xavier morto].¹⁰⁴

Obviamente, a história, contada por Gregório, destoa, completamente, da versão Oficial, que foi divulgada. Curiosamente, o Inquérito Policial Militar, não acosta provas documentais ou periciais que abonam a versão Oficial. As Autoridades responsáveis, não realizam os procedimentos padrões: exame de balística, as perícias traumatológico, em Gregório e traumatológica, no Tenente Vieira, que saíram feridos da luta corporal, tampouco, a necropsia do indigitado Tenente Sampaio Xavier que podiam elucidar a cronologia e a natureza das lesões, inclusive da vítima do evento mortal.

A saga de Gregório prosseguiu: ele procurou ajuda, entre populares, abriu as portas do QG. Ninguém apareceu. As *massas*, do lado de fora, não atendiam, ao apelo do Revolucionário, às armas! Corriam, para longe das armas. Certo faxineiro, “comprometido” com a causa e que poderia ajudá-lo, nos portões, na hora *h*, recuou. Gregório, percebeu a vacilação do companheiro e recorreu ao método, da coronhada e da ameaça de fuzilá-lo. O que é isso, companheiro? Dessa forma, a adesão, no QG, vem, mediante ameaça. Para completar o desencanto, nem sinal, da multidão esperada, do lado de fora do Quartel. Os Batalhões de Operários da Revolução Nacional Libertadora não comparecem. Lá, estava Gregório Bezerra, com armas nas mãos, prontas a serem distribuídas, com os homens e as mulheres do Exército Popular: na verdade, " *não havia ninguém, um só homem.*"¹⁰⁵ O próprio Gregório Bezerra, anos depois, aconselhava os jovens comunistas: jamais

¹⁰⁴ Cf. BEZERRA, Gregório. ob. cit. pp. 242-245.

¹⁰⁵ Idem.p.242

cogitem, fazer a Revolução, sem o apoio efetivo, das massas populares. Gregório revolucionário, herói do povo brasileiro, conclui o conselho, com lamento lapidar, dos desencontros da história:

[Em 1935 eu tinha armas e não tinha homens; em 64, tínhamos os homens, mas não tínhamos as armas!]

Não obstante a falta de apoio das massas populares e dos Batalhões Operários, os quais, não se apresentaram, Gregório Bezerra decide continuar a luta. Com o agravante de estar ferido, do embate corporal no QG, e, sozinho, na vã expectativa, de encontrar adesões, pelas ruas. Mas, as ruas estavam desertas, no centro do Recife. Gregório seguia, solitário, a pé, em direção ao Tiro de Guerra. Ainda, expectava, encontrar, os 300 homens mobilizados, prometidos pelo Partido. Quem sabe, eles trocaram o ponto do encontro? Na saída do QG, faz rápidos discursos, concitando à juventude dos prédios vizinhos, que a tudo assistia, às armas. Concitava-os, em nome da Revolução Nacional Libertadora e do camarada Luís Carlos Prestes! "*Mais o apoio, infelizmente não passou dos aplausos.*"¹⁰⁶ Os estudantes, apoiavam, entusiasticamente, com aplausos, era o máximo que podiam fazer pela Revolução, bater palmas.

Gregório, o comunista, insistia na caminhada, solitário, na tentativa de encontrar os adeptos da Revolução dispostos a empunharem as armas que ele carregava. Nesse ínterim, certo Oficial o encontra, dando-lhe, a voz de prisão: "*Pelo amor de Deus, entregue-se, Sargento!*". A resposta do comunista ateu foi o fuzil apontado para o Oficial, que tratou de correr, que, naquelas circunstâncias, ele Cristão e temente a Deus não, não desejava apressar o "encontro com o Senhor".

¹⁰⁶ Idem.p.243.

O revolucionário Gregório, seguia o périplo solitário, pela Rua do Hospício, sem chiste algum, através da qual, alcançou a Praça Maciel Pinheiro. Estava bem próximo do Tiro de Guerra nº 333, da Rua do Aragoão. Por todo itinerário, Gregório concitava o povo às armas. Debalde. Conclamava a todos, que encontrava, à lutar contra o Imperialismo, contra a exploração capitalista, pela Reforma Agrária, pela Revolução da Nacional Libertadora, nada mudou. Nenhuma mão ofereceu-se, por qualquer dos apelos, a segurar o fuzil.

Finalmente, Gregório Bezerra chegava ao Tiro de Guerra, e ali encontra o Quartel abandonado. Com duas centenas de fuzis, sete milhares de cartuchos, armas e munição que dariam para formar alguns Batalhões do Exército Popular Revolucionário. Mas, os Soldados do Exército Popular Revolucionário não chegavam. Gregório, ferido desde a luta no QG, perdia bastante sangue. Lutava, com o que restava das forças, da racionalidade, elas começavam a turvar. Os Operários não chegavam. Ninguém aderira à luta de Libertação Nacional. A persuasão, através do diálogo, não funciona. Ele apela para a coação, fazendo ameaças com prisões: “[... *prendi uns quinze jovens civis para tentar ganhá-los pra revolução [...] inclusive um investigador de polícia e o preso que este conduzia.*”¹⁰⁷

Dessa forma, sozinho, Gregório ocupou o Tiro de Guerra, sem dificuldades. Um quartel abandonado: onde estavam os homens? Das inúmeras investidas de Gregório, para recrutamento, conseguiu, adesão, apenas, de dois gazeteiros, rapazolas vendedores que largaram a maçaroca de jornais no chão e pegaram em armas, em frente do Tiro de Guerra. Os dois rapazes, ali mesmo, receberam um rápido treinamento militar e foram investidos, nas armas e patentes, do Exército Popular.¹⁰⁸

¹⁰⁷ Cf. Idem. ibdem.

¹⁰⁸ Cf. Idem, ibdem.

Nessa esquina da Rua do Aragão, da sede do Tiro de Guerra, com a Rua Rosário da Boa Vista, também, localizava-se outro prédio estratégico: a Delegacia de Polícia do Bairro da Boa Vista. Gregório decide aproveitar o tempo da espera dos homens do Batalhão Operário, para tomar, também, a Delegacia. E de fato ele tomou a Delegacia da Boa Vista, sem dificuldade alguma: os poucos agentes, da Polícia Civil, presentes, abandonaram o prédio, sem oposição. Aliás, com bom motivo para escapar do Plantão domingueiro. Na Delegacia, Gregório apanha mais alguns fuzis e munição e retorna ao Tiro de Guerra. Nesse curto caminho, passou um automóvel. O Sargento revolucionário apreendeu o carro com o motorista junto: requisita os serviços, em nome da Revolução, para transportar armamentos ao Largo da Paz. No largo da Paz, o Tenente Lamartine Coutinho combatia, sofrivelmente, as Tropas legalistas, precisando de reforços.¹⁰⁹ Não foi esta a ordem que recebera. Gregório sopesa, e, desiste da ideia de abandonar o plano original, sair do posto no Tiro de Guerra e transportar as armas para o Largo da Paz. E se os 300 homens chegassem, para receberem as armas e ele não estivesse presente? Se a Revolução falhasse, por culpa de seu voluntarismo, na mudança de plano, no calor da luta? Com essa dúvida atroz, a atormentá-lo, a mente do Militante disciplinado, Gregório decidiu liberar o automóvel e o condutor. A tarefa era entregar as armas ao Batalhão Operário no Centro, não era conduzir armas para os combatentes, do Largo da Paz. Sucede que o tal Batalhão dos 300 Operários, do Plano e das determinações Superiores, jamais apareceram. O revolucionário optou pela disciplina: seguiu à risca às ordens. Errou. Mas, errou com o coletivo partidário. As ironias da história: enquanto Gregório, no Centro do Recife detinha em mãos, um arsenal de armas e munições, sem mãos para manejá-las, a menos de quatro quilômetros dali, no Largo da Paz, em Afogados,

¹⁰⁹ Cf. Idem.ob.cit.239-247.

sobravam braços, metade da Tropa do 29º BC, bem treinados, e, faltavam armas e munições. No Largo da Paz concentrava-se o grosso das Tropas revolucionárias, as quais, em poucas horas, debandariam, justamente, por faltar armas e munições, para combater os inimigos, os quais, recebiam reforços, a cada instante, de Batalhões locais e adventícios.

Depois de haver perdido bastante sangue, o Sargento Gregório sangrava, no corpo e na alma. Decide, então, tratar-se do ferimento, no Pronto-Socorro. Estava consciente de que seria preso, no hospital. Porém, imaginava ser libertado, pelos revolucionários, em seguida: acertou quanto a prisão; errou, quanto à libertação:

[Enquanto me aplicavam injeções anti-hemorrágicas e antitetânicas, e enquanto o médico fazia curativos e introduzia um dreno de borracha no interior da coxa, chegou o Tenente Aguinaldo com uma Patrulha de dois Sargentos, dois Cabos e dois Soldados. Deu-me voz de prisão na mesa de operações]¹¹⁰

Gregório Bezerra, finalmente, encontraria, os seus camaradas revolucionários, porém, nos porões, da Secretaria de Segurança Pública. A primeira estação dos desterrados, com destino à Ilha de Fernando de Noronha, para onde foram encaminhados, os prisioneiros da Revolução de 1935.¹¹¹

A Revolução Comunista, chamada, pela direita reacionária, de *intentona comunista*, em Pernambuco, não ficou restrita às batalhas e lutas do 29º BC, do Largo da Paz, do QG da 7ª Região, do Tiro de Guerra e de algumas Delegacias dos bairros do Recife. O Movimento Revolucionário ecoou, em bairros dos arrabaldes da capital e, também, em cidades da Região Metropolitana, da Zona da Mata e contou, com a épica Guerra de Guerrilha Rural, no Sertão do Moxotó, do Pajeú e do Vale do São Francisco.

¹¹⁰ Idem. Ob.cit.p.244.

¹¹¹ Cf. BEZERRA, Gregório. Ob. cit. p.244

9.4 A Revolução Nos Arrabaldes da Capital

No Bairro da Torre, área residencial de classe média e operária da Vila da Fábrica que dá nome ao logradouro, no Recife, a Delegacia do 3º Distrito foi tomada, pela população civil, em nome da Revolução. Por essa ação, foram indiciados, no Inquérito Policial: Epiphânio José Bezerra, apontado como o líder do assalto, seguido de: Ribeiro Leite, Antonio Aureliano da Silva, Vicente Coutinho Campos, José Cavalcanti do Nascimento; Carlos Augusto do Rego Cavalcanti, José Thomaz de Araújo, Álvaro Luís de Assis, Carlos Pedrosa, José Brasileiro da Silva, Saturnino de Tal; João Bezerra de Lima e Agenor Borges da Silva.¹¹² Nesse ataque, chamam atenção, primeiro, a quantidade elevada, 14 pessoas, mobilizadas para tomar uma simples Delegacia de subúrbio. Segundo, a presença, exclusiva de elementos civis, na ação revolucionária.

Curiosamente, no Bairro de Casa Amarela, o mais populoso do Recife, e, com a maior presença operária, registra, tão somente, o assalto ao Comissariado. Numa ação, de grupo reduzido de revolucionários. O mais curioso, somente um único “subversivo” seria identificado e indiciado, pela Polícia: Etelvino de Oliveira. A curiosidade decorre de os comunistas possuíam, forte presença, em células organizadas, em Casa Amarela, historicamente.¹¹³ Das duas, uma: ou os comunistas, saíram de Casa Amarela para combaterem em outros logradouros, ou, na hora da “onça beber água” não saíram de suas moitas. Pois não constam, dos Registros Oficiais dos sucessos revolucionários, outros incidentes, no Bairro.

¹¹² Cf. LINS DE ALBUQUERQUE, Etelvino. Relatório de Inquérito Policial - Recife, SSP/PE, 1941.

¹¹³ Cf. Inquérito Policial -SSP/PE.cit.

9.5 Outros Focos da Revolução

Na vizinha Cidade de Olinda, em nome da Aliança Nacional Libertadora e do comandante Luís Carlos Prestes, os revolucionários tomaram, de assalto, a Delegacia de Polícia e a Cadeia Pública. Com o fato notável de que todos os Agentes e Policiais da Delegacia terem aderido ao Movimento Revolucionário, exceto o Dr. Delegado. Os revolucionários dão voz de prisão ao Delegado que é aprisionado, em cela, da própria Delegacia. No Inquérito, para apurar as responsabilidades dos envolvidos, apresta-se a fatura dessa conta: impiedosa, perseguição, às pessoas, envolvidas, ou não, com os acontecimentos. Os indiciamentos indiscriminados faziam parte, do repertório das retaliações, contra desafetos do Governo, na Província. Participantes, ou, não, do Levante, com ou sem participação nos acontecimentos de Olinda, aparecem, no Inquérito Policial, indiciados, na longa lista: Glauco Albuquerque Pinheiro de Menezes, apontado como o líder, Alcedo de Moraes Coutinho, Médico e Raul Lins Barradas, acusados de participação material. Como participantes foram indiciados: Daniel de Farias Neto, Sargento; José Soares das Neves, Sargento Comandante do Destacamento Policial de Olinda; José Guilherme Macedo Júnior; Themístocles Magalhães de Andrade Filho; Edgard Targino de Araújo; Leonardo Gragório da Costa; Manoel Antonio da Silva; José Ignácio da Silva; Manoel Dionízio da Costa; Belmiro R. de Mello; João Ignácio Cabral de Vasconcelos Filho e Gumercindo Cabral de Vasconcelos.¹¹⁴ Não precisa mais que um olhar ligeiro, para se observar o “excesso de contingente” na tomada da Delegacia. Será, que cabia, essa gente toda, na Delegacia?

¹¹⁴ Cf. **Inquérito Policial-SSP/PE**. Citado. Gumercindo Cabral, no ano de 1993, aposentado, em seu apartamento da rua da Aurora, disse, pessoalmente, que jamais participou do Movimento de 1935. Naquela oportunidade, atribuiu a inclusão dos nomes dos *irmãos Cabral*, no Inquérito Policial, à perseguição política da Província. Em sua opinião, o grande responsável pela “Revolução” de 35” foi Getúlio Vargas, endossando a tese do maquiavelismo do Caudilho dos Pampas, para abrir caminho, ao Golpe de Estado de 1937.

Na Cidade de Limoeiro, no Agreste Setentrional do Estado, os Revolucionários iniciam o Movimento por volta das 17:00 horas. Claro, esse atraso não se deve a diferença de fuso horário, são 87 quilômetros a distância de Limoeiro ao Recife. É que os comunistas locais esperam o Destacamento Policial do Município deslocar-se para a Capital. Dessa forma, sem a presença do efetivo policial na urbe, os insurretos ocupam, sem maiores dificuldades, Cadeia Pública. O Delegado da cidade, sem valentias desnecessárias, entrega-se e é aprisionado, na cadeia. Não há registro de mortos, ou, feridos, nos sucessos revolucionários. Os líderes da Revolução são indiciados: João Marinho Falcão e Antonio de Sá. Outras pessoas, também indiciadas, porém, na condição de partícipes do assalto à Cadeia Pública: Nasciso Ferreira da Silva, José Marques da Silva, João Lemos Muniz, Severino Mathias da Silva e João Luna (Juca Luna).¹¹⁵ Episódico pitoresco da Revolução, em Limoeiro, é que todos os envolvidos, sem exceção, conseguiram fugir e livrar-se da prisão, em flagrante.

Oficialmente, leia-se, no Inquérito Policial e na Denúncia do Procurador da República, não constam, registros de distúrbios da Ordem Social, em outras Municípios, em centros urbanos, de Pernambuco. Registra-se, além das municipalidades mencionadas, a guerrilha camponesa, na Região do Sertão, do Estado. Essa guerrilha rural de 1935 em Pernambuco, pelas peculiaridades, e, também, pelas pouquíssimas referências, na historiografia, será tratada, à parte, “nas cenas do próximo Capítulo”

¹¹⁵ Cf. Idem, *ibidem*.

10. A guerrilha camponesa do Sertão do Moxotó, Pajeú e São Francisco

A mesorregião Região Sertaneja de Pernambuco, compreendida, pelo Sertão do Moxotó, Pajeú e Vale do São Francisco, corresponde, a área territorial, com mais de 30 mil quilômetros quadrados. Região e microrregiões, das homilias dos Beatos, trilhas dos cangaços, das cantorias dos repentistas. Na aridez do Sertão, contraposta ao Litoral, dos mar, em contrastes de fazer doer, o coração: *“o sertão vai virar mar, o medo de que algum dia o mar também vire sertão”*.¹¹⁶

Pois nessa trilha árida, nas pegadas do cangaço, nos rastos dos tropeiros, nos passos, dos repentistas, os Comunistas organizam e desenvolvem a guerrilha rural: Moxotó, Pajeú e São Francisco, microrregiões do Sertão pernambucano. Acontecimentos extraordinários, tão poucos registrados, tão pouco explorado, pela historiografia da Revolução de 1935. A Revolução Nacional Libertadora vislumbrava o progresso do Brasil livrando-o da dependência Imperialista e do atraso, das relações econômicas agrárias. Daí a Plataforma da ANL contemplar com idêntico destaque a questão do rompimento dos grilhões de submissão econômica, externamente, e da Reforma Agrária, para acabar o domínio latifundiário e superar as arcaicas relações de produção do campo. Porém, curiosamente, os registros da Revolução de 1935 são, quase, exclusivamente, urbanos. Assim aparecem

¹¹⁶ A alegoria, como desejo, ou temor, do Sertão virar Mar, aparece, nas profecias, de Beatos famosos: Antônio Conselheiro, Beato Lourenço e outros, bem assim, na Literatura de Cordel e na música, vide Sá e Guarabyra.

nas crônicas, memórias e livros da historiografia da Revolução.¹¹⁷ Os episódios camponeses, das guerras de guerrilha, no campo, ordinariamente relegados, esquecidos, dos aspectos, menos estudados e, conseqüentemente, conhecidos, do Movimento Revolucionário de 1935. Escassez de registros constatável, na guerrilha rural, em Pernambuco e na do Vale do Açu, do Rio Grande do Norte, liderada por Manoel Torquato.¹¹⁸

Em Pernambuco, a atividade preparatória da Guerrilha Rural, começou anos antes: o popular “Velho Góis”, nome de Manoel Alves de Campos Góis, recebera a tarefa do PCB. Criar Bases e prepara os camponeses, para a Luta Revolucionária de Guerrilha. O “Velho Góis”, seguindo a orientação do Partido, instala-se, na Serra do Padres, na Vila de Tacaratu. Nesse trabalho, contou com a ajuda decisiva do jovem Manoel Vítor, nascido e criado na Região sertaneja, filho de pequenos comerciantes, da Vila de Tacaratu. A tarefa de organização e preparação da luta, devia se expandir pelas vilas rurais, povoados e cidades, numa ampla Região: Ibimirim, Custódia, Inajá, Sertânia, Tacaratu, Flores, Ingazeira, Itapetim, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo, Afrânio, Belém do São Francisco e Petrolina.¹¹⁹

O experiente comunista Manoel Alves de Campos Góes, criou e organizou núcleos, bem como preparou o terreno para a guerrilha. Porém, ele não participa, diretamente, da Luta Armada, quando, desencadeada, no Sertão. O artífice da guerrilha, foi delatado, por Sargento, infiltrado, no

¹¹⁷ Com exceção dos livros de Paulo Cavalcanti **O Caso eu Conto Como O Caso Foi** (1982) Homero Costa **A Insurreição Comunista de Natal** (1995) e **Às Armas Camaradas V 1** (2016), sem registro bibliográfico.

¹¹⁸ Cf. Sarmento, Natanael. **Às armas Camaradas! A insurreição comunista e o governo popular de 1935 em Natal**. Mossoró: Sarau das Letras, 2016, p.83.

¹¹⁹ Cf. CAVALCANTI, Paulo. ob. cit.p.151-153. Também referido no documento datilografado, em forma de depoimento, sem data e com assinatura ilegível, intitulado *Dados informativos sobre o movimento revolucionário de 1935 em Pernambuco*, pp 5 e 6. O único dado sobre a pessoa do depoente, provavelmente dirigente do PCB/PE, contido no documento não possibilitou a sua identificação: “No ano de 1933, fazia eu parte da Maçonaria, onde vim conhecer o professor Epifânio José Bezerra e Agripino Queiroz, altos funcionários da Prefeitura Municipal do Recife. Estavam eles ligados a um movimento militar de caráter golpista, com ramificações em vários outros Estados e com sede no Rio de Janeiro” p.1. doc.cit.

PCB, na véspera do Levante. O líder e organizador da Guerrilha é preso, na Cidade de Alagoa de Baixo.¹²⁰

Não obstante a prisão do líder-mor da guerrilha, do principal articulador restar fora de ação, a notícia da Insurreição, no Recife, chegou ao Sertão. Assim, os guerrilheiros, que estavam, em preparação, deram início à Luta camponesa, sob a liderança de Manoel Vítor, o “matuto” de Tacaratu, o filho de Pedro Martins da Silva e Maria Lica da Silva, o “Mané de Lica” do nome dos costumes sociais.

Combateu, bravamente, o jovem Manoel Vítor. Seguiu as lições do experiente “Velho Góis” e manteve, na medida do possível, os contatos com a Direção do Partido Comunista. O Comitê Regional assistia a organização partidária camponesa, através de Manoel Caetano Machado, o Secretária Estadual. Caetano Machado levava as orientações do CC, pessoalmente, não detinha experiência no campo. Era trabalhador urbano, um padeiro autodidata que se alfabetiza adulto, havido como dotado de boa lógica argumentativa. De qualquer forma, Caetano Machado foi um dos principais responsáveis, pela eclosão da Revolução, em Pernambuco. Os julgamentos e opiniões, sobre o líder comunista, são díspares. Sabe-se o padeiro, sem blague, detinha forte inserção nas massas. Na condição de Dirigente comunista, participa, de diversos Congressos Internacionais, inclusive da Conferência em Moscou que decide, pela Revolução. Certamente, sobre os ombros do principal Dirigente da máquina Partidária, em Pernambuco, recairiam os maiores fardos, pela derrota, do movimento. Transformado em “bode expiatório”, Caetano Machado cai em desgraça, internamente, passando a ser alvo de críticas impiedosas, dos inimigos de classe e dos antigos camaradas de Partido.¹²¹

¹²⁰ Cf. idem, ibdem.

¹²¹ O Dirigente Comunista Manoel Caetano Machado merece ser melhor estudado. Exerceu, inegável influência no PCB, depois dos insucessos, em 1935, é ‘queimado’ e passa a ser “persona non grata”, senão,

Meses depois, da derrota do Movimento Insurrecional, nas áreas urbanas, a Polícia Militar do Estado, mantinha-se mobilizada, nas caatingas, em perseguição aos guerrilheiros. A briosa Polícia Militar acumulava experiência das lutas na caatinga, contra os cangaceiros. Na perseguição dos comunistas guerrilheiros, a Polícia adotava táticas e costumes aprovados, na prática: não fazer, prisioneiros e degolá-los, com exposição pública, para fins pedagógicos.

Assim, não foi diferente, o fim da película da caçada do Guerrilheiro Manoel Vítor com a do Cangaceiro Lampião. Após meses de andanças e perseguição, por fim, a Polícia Militar conseguiu rastrear e encurralar os perseguidos da “lei”. E sem perder tempo, nos formalismos e nas delongas, dos Procedimentos Judiciais, fuzila, depois, degola, o líder da Guerrilha. Em seguida, o corpo sem a cabeça, de Manuel Vítor, é amarrado e arrastado, em esquartejado, nas Ruas de Tacaratu. Nascido e criado, amado e admirado, pela coragem, ali jaziam as partes do corpo, do que restara do esquartejamento, pendurado, nas grades, da Cadeia Pública. Com escopo de exposição pública, de lição pedagógica, da briosa Polícia Militar de Pernambuco. Qual a lição educativa, desse espetáculo macabro? O mesmo intuito de efeitos psicológicos de atos terroristas: provocar pânico, servir de intimidação, no caso específico, silenciar a cidade em luto, a dizer que o mais valente de Tacaratu acabou, em pedaços, servindo de carniça e repasto para urubus, por desafiar a “lei, o Estado”.

A Imprensa pernambucana, a serviço dos poderosos e venal, noticiaria os fatos da Guerrilha Sertaneja, como se tratasse de “bando de

controvertida. Cair em desgraça é típico das organizações, nas quais as Portas entre o Céu e a Inferno são contíguas. Machado permaneceu Secretário Político, preso, na Casa de Detenção do Recife. Fala-se que a companheira dele servia de Correio para o PC. Porém, era seguida pela Polícia, provocando mais prisões, mais quedas e estragos à organização. Segundo Paulo Cavalcanti, o professor comunista Cristiano Cordeiro alfabetizou Manoel Machado, nos intervalos, das reuniões do PC. Para uns, grande líder e organizador de massas, para outros, demagogo, voluntarista, irresponsável. Não há registros da participação dele, nos sucessos revolucionários, após ‘decretar’ a Revolução, “foi para casa, com surto diarreico”, afirma Paulo Cavalcanti creditando a informação a Alcedo Coutinho. Cf. CAVALCANTI, Paulo. Ob. Cit. p.154.

cangaceiros”, e panegíricos a briosa PMPE. A Imprensa pernambucana seguia, padrão, idêntico, ao adotado, pelos confrades potiguares, no fim da Guerrilha do Vale do Açu. Os editoriais, crônicas e artigos apoiavam a ação policial e agradeciam, pelo restabelecimento da “Paz Pública, na Região”. O Governo oficializa e essa é a versão da Imprensa servil. Divulgam o extermínio do Grupo Guerrilheiro, da base rural da Revolução da Aliança Nacional Libertadora, como operação rotineira contra bandidos, contra criminosos comuns, informações esvaziadas, da conotação política. No final, os donos do poder, mais uma vez, se banquetevam. O Governador mostrava força, os Comandantes da PM recebiam as promoções, e os vencedores, capitalizava, politicamente. Por outro lado, desqualificava-se a luta dos Revolucionários. Tratados como bandidos, retirava-se o foco da questão: a luta camponesa pela Reforma agrária. O secular problema do latifúndio, da exploração no campo, no Brasil.

Portanto, reduzir o papel social, dos Revolucionários Comunistas do Sertão do Moxotó, Pajeú e Vale do São Francisco ao de bandidos, ao dos rebeldes sem causa, cangaceiros, não apenas ultraja à memória dos Guerrilheiros e Revolucionários: manipula-se o registro da História; integra a estratégia de dominação ideológica; evita que assassinos, com patentes militares e do Estado, respondam por abusos e crimes.

Os Guerrilheiros, lançaram-se na luta armada, em perspectiva de transformação revolucionária da sociedade: modificar, as seculares estruturas agrárias, baseadas, no latifúndio, na exploração do homem pelo homem. Homens conscientes e valorosos, capazes de expor a própria vida, em defesa das convicções de luta por justiça social. Tratá-los, igualmente, aos assaltantes de estradas, cangaceiros, é a morte da memória, a morte simbólica, pior que a física. Os Guerrilheiros Comunistas da ANL jamais adotaram práticas do terror, jamais invadiam as Vilas e Povoados, para

saqueá-los, roubá-los. Nessas ocasiões, toda ação voltava-se para o fortalecimento da luta orgânica, para atrair adeptos, ampliar a base popular entre os camponesas, visando à Luta Revolucionária.

No mínimo, curioso, que essas manipulações das Autoridades Estaduais e, também, da Imprensa, sejam idênticas, tanto no Rio Grande do Norte, quanto em Pernambuco, como se agissem, sincronicamente, ao mesmo Comando. Negar tratamento político aos Guerrilheiros. Tratá-los como criminosos. Enaltecer os defensores da ordem: os libertadores, as briosas Polícias Militares, os Governadores que salvaram “as populações ordeiras e pacatas, do Sertão, dos bandidos, dos salteadores sanguinários.”¹²²

Nas condições particulares do Nordeste brasileiro, das primeiras décadas do século XX, nas quais a aridez da terra e a ignorância dos homens desenhavam o cenário, o senso comum, não fazia muita distinção entre anarquistas, comunistas e cangaceiros, no dizer do brejeiro, “farinha do mesmo saco”. Também, por essa, grotesca confusão, em Pernambuco, o líder Guerrilheiro e Comunista Manoel Vítor, foi tratado como Chefe de Cangaceiros. Situação idêntica ocorre, no Rio Grande do Norte, com Manoel Torquato. Não obstante, o juiz de Direito João Maria Furtado, declarar que o Coronel Baltazar tentava incriminar como ‘jagunços’ os partícipes da Revolução. Também, em terras potiguares, a versão policialesca do Governo da criminalização despolitizada, prevaleceu. Sem registro para a guerrilha política, o papel de Manoel Torquato reduz-se ao de Chefe de cangaceiros.¹²³

Não se cogite, de todo estapafúrdia, essa relação exótica. Por parte dos comunistas, tentativas, houve, de aproximação, com os Bandidos cangaceiros nordestinos. A rigor, até os atores sociais, considerados,

¹²² Não está, em questão, o mérito ou a oportunidade da guerrilha. O que o episódio ressalta é a sintonia, entre os Aparelhos Ideológicos e o Repressivos do Estado: o controle da Imprensa e a manipulação dos fatos.

¹²³ Cf. FURTADO, João Maria. **Vertentes**. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1976, pp. 126-127.

politicamente, avançados, lideranças do Movimento Comunista, contribuíram para a confusão entre comunistas e cangaceiros: Revolucionários e Bandidos Sociais.¹²⁴

De fato, essa esdrúxula ligação, comunistas e cangaceiros, aparece nos Relatórios da Internacional Comunista, circula no Centro do Movimento Comunista Mundial, em Moscou. Tal “gafe”, atribui-se as informações delirantes, dos Delegados do PCB, segundo as quais, os Cangaceiros expressavam as contradições das injustiças da estrutura agrária latifundiária: no banditismo social, vislumbravam potencial revolucionário, se dirigidos para a luta de classes e orientados, devidamente. A visão da cúpula da I.C. sobre o Brasil era de país semicolonial, assemelhado à China. Naquele grande país Oriental a revolução socialista, inicia-se, no campo. Dessa forma, os líderes da IC, recomendam, expressamente, à *Seção Brasileira do Partido Comunista do Brasil*, a adoção dos métodos táticos de Guerrilha camponesa à Chinesa, na Região Nordeste, na esteira da Revolução Anti-imperialista e Antifeudal, em preparação, no Brasil.¹²⁵

O Capitão Luís Carlos Prestes, ex-líder dos Tenentes da Coluna, encontrava-se, em Moscou, exilado. Lá, no epicentro do Movimento Comunista Internacional, Prestes ingressa, na *Seção Brasileira*, o PCB, no ano de 1934. Ingresso determinado, pela Direção da IC, não obstante, protestos residuais, de Dirigentes Comunistas brasileiros, em contrário. Nessa ocasião, Carlos Prestes escreveria longo artigo sobre a *Marcha da Coluna*. O artigo assinado pelo Comandante concluía que, se os seguidores da jornada tivessem objetivos *revolucionários claros*, a Coluna poderia,

¹²⁴ “Bandidos Sociais” expressão empregada por Hobsbawn, Eric J. ao fenômeno que denomina de formas “Primitivas” ou “Arcaicas” de agitação social. Do banditismo, sem linguagem específica, para expressar suas aspirações no Mundo. Foras da lei, em condições pré-políticas, sem base social específica, desprovidos de ideologia e com frágil organização. Os Bandidos Sociais ou Rebeldes Primitivos são inadaptáveis aos movimentos sociais, e, ao cabo, as formas de expressão e resultados mostram-se ineficazes. Cf. **Rebeldes Primitivos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

¹²⁵ Cf. **VI Congresso da IC**, apud CARONE, Edgard. ob.cit.pp.242-252.

perfeitamente, organizar a Massa Camponesa e seguir o “caminho chinês” de Revolução.¹²⁶ Essa análise de Prestes adequava-se, integralmente, aos objetivos da I.C. Dessa forma a Internacional Comunista, em Moscou, confirmava, com satisfação o “acerto” do balanço da situação brasileira”. Agora, mais que legitimado, pelo respaldo dado pelo maior líder das rebeliões tenentistas, o Comandante da Coluna guerrilheira que combateu Governos estabelecidos e tropas regulares, conheceu, e, cruzou o país, de Norte a Sul. Não havia, mais, dúvidas, sobre as potencialidades revolucionárias dos campos e das cidades, no Brasil, entre as lideranças do Movimento Comunista Internacional.¹²⁷ Segundo Marcos Guedes, a ligação dos Movimentos Sociais, no campo, entre os quais, o dos Cangaceiros, como Lampião e do Movimento Revolucionário brasileiro, na cogitação de Prestes e outros líderes, perspectivava a unificação de todos os Movimentos dispersos, num grande Movimento de Massas, contra o Feudalismo e o Imperialismo.¹²⁸ Dessa maneira, apontava-se o caminho da Revolução Antifeudal e Anti-imperialista, com a coparticipação dos *rebeldes primitivos* ou *bandidos sociais*, os possíveis aliados. Por mais desarrazoada e incrível que se afigura tal análise, constam, dos Anais da 3º Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina e do Caribe, realizada, em Moscou, 1934. Logo após a referida Conferência, ganha corpo a ideia de promover rebeliões, em várias Cidades brasileiras, concomitante, com o desenvolvimento de guerrilhas, no interior, principalmente, no Nordeste, seguindo-se a estratégia de Mao-Tsé-Tung.¹²⁹ De Moscou, os líderes Comunistas orientavam redobrar os esforços do trabalho, de organização do Partido, no campo, com escopo de aproximá-lo das Massas e Movimentos Camponeses, cangaceiros, entre eles. Os comunistas julgavam possível

¹²⁶ Cf. CANALE, Dario *et alli*, ob.cit.p.119.

¹²⁷Cf. **Resolução Política da IC**, de 27.06.1933, enviada como *carta* ao PCB in WAACK, Williams,ob.cit.p354.

¹²⁸ Cf. **Diário de Pernambuco**, Recife, 3.10.93, Caderno A, p.14.

¹²⁹ Idem, Ibidem.

aproveitar o potencial de revolta dos bandos do cangaço, e dirigir-lhes às lutas, conferindo-lhes caráter revolucionário da Luta de Classes. A interpretação mecânica, na confusão ou admissão das “potencialidades revolucionárias” a qualquer expressão de transgressão, rompimento ou enfrentamento com a ordem institucional, sem separar a ação de bandidos, salteadores, assaltantes, de ações politicamente motivadas, juntar tudo na mesma panela, das contradições e das lutas sociais, no campo, obviamente, resultava de profundo equívoco.

11. A devassa em Pernambuco

No controle da situação, a “Tropa da Elite” do Poder abre a temporada de “caça às bruxas”. Para presidir e dirigir o Inquérito Policial, são designados Etelvino Lins de Albuquerque, pela Polícia Civil e o Coronel Vicente de Paula Teixeira Fonseca de Vasconcelos, pelas Forças Armadas.

Enquanto a lenha queimava, em Pernambuco, são encarcerados, na Casa de Detenção do Recife, mais de três mil e quinhentos Presos Políticos. Diversos deles, em seguida, desterrados, para a Ilha oceânica de Fernando de Noronha. A masmorra medieval do Recife, atualmente, transformada, em Casa da Cultura, detinha capacidade para trezentos prisioneiros. Na caçada, dos comunistas, decuplica a lotação, sem ampliar os espaços. Constatam que os prisioneiros, reservam-se, para dormir, sem espaço físicos, continuadas sessões de torturas, com os inevitáveis acidentes de trabalho, mortes. Porém, daquela Fortaleza, inexpugnável, registra-se uma fuga, espetacular, a quebrar o tabu da Casa dessa impossibilidade. Esse episódio pitoresco, será narrado, em detalhes.

A Sede do DOPS – O Departamento de Ordem Política e Social, localizada na Rua da Aurora, também, servia de cadeia e centro de tortura e assassinatos de presos. Comandavam o terror no DOPS policiais da laia do Delegado Wandenkolk Wanderley e do Capitão Malvino Reis Neto. Os responsáveis diretos, entre outras mortes, a de Luiz Bispo, Dirigente Comunista Estadual e de José Maria, o “Cabelo de Rato”. O cadáver de Luiz Bispo foi apontado, na prisão, pelo próprio torturador Wandenkolk, em sessão de tortura de Gregório Bezerra: *“mandei matá-lo a cacete e tu vai se encontrar com ele no inferno!”*, afirmou, na ocasião, o torturador.¹³⁰ José Lourenço Bezerra, simples jornalista, preso pelo “crime” de ser irmão do Líder Comunista Gregório Bezerra. O pobre rapaz, barbaramente, torturado,

¹³⁰ Cf. Cavalcanti, Paulo. Ob.cit. p.155.

nas dependências do DOPS, pelos Comissários Wandenkolk Wanderley, Raul Átilo e Humberto Fernandes, não podia dizer o que não sabia e acabou morto, na cadeia. Os Jornais locais noticiam essa morte: “extremista comete suicídio”, a versão, do Secretário de Segurança de Pernambuco. Versão, completamente, desmascarada. Dezenas de testemunhas e a perícia posterior, com exumação do cadáver comprovam as sevícias que levaram ao óbito. Não obstante, provas conclusivas do crime, a Promotoria Pública engaveta e o crime hediondo restou, sem apuração, até os dias correntes. Matar e morrer, em combate, fazem, parte de Guerras e Revoluções. Mas, torturar, em qualquer situação, os inimigos, ou, matá-los, sem Julgamentos, são vilezas inomináveis, indignas da condição humana.

O episódio, da fuga cinematográfica, de Glauco Pinheiro, tornou-se lenda, na História da Casa de Detenção. Glauco foi um dos líderes, da Revolução, na Cidade de Olinda. Consta que cultivava vasto bigodão. No tempo em que um fio de bigode valia mais que um documento escrito, raspar o bigodão valeu a liberdade para Glauco. Irreconhecível sem a bigodeira, aproveitou-se de falha na segurança, vestiu-se, formalmente, com paletó e gravata, a beca padrão dos doutores advogados. E passou, simplesmente, pelos corredores e labirintos, da Masmorra, por cada portão interno e cada guarda, sem ser reconhecido, ou questionado. Tranquilamente, venceu os obstáculos, acenando, sem que carcereiros e os áulicos da Polícia, ousassem solicitar a identificação do “Doutor Bacharel”. Glauco Pinheiro, com esse ardil, consegue escapar da prisão, das “muralhas inexpugnáveis”. Segue para o exterior, na Argentina, viveu um ano e exerceu, vários ofícios. Porém, esse voo de pássaro livre, acabaria um ano depois. Glauco Pinheiro, em viagem ao Paraguai, é sequestrado pela Polícia do Brasil e reconduzido à prisão, em Pernambuco. Esse episódio comporta algumas lições. A primeira, que as forças anticomunistas e reacionárias, agem de forma coordenada e em cooperação, no Continente e no Mundo: a Itália Fascista, a Alemanha

Nazista, os Governos subalternos, da América Latina dão inúmeras provas de ações do gênero, nas quais, fecham-se os olhos a questão da soberania, extraterritorialidade e outros “princípios” do Direito Público Internacional, na caçada aos comunistas. A segunda lição, é que comunistas, sobretudo, os clandestinos, jamais devem se sentirem seguros, a ponto de baixar a guarda, subestimando a força do inimigo de classe. A subestimação do inimigo de classe é o erro mais crasso e fatal, para o Revolucionário, o primeiro passo em direção ao pântano e à derrota. As Forças reacionárias avocam falso nacionalismo, consideram traição da Pátria a ajuda fraterna internacional recebida pelos Comunistas. Porém, as Polícias e Exércitos do estado burguês, recebem, treinamento, e até dinheiro e armas, da colaboração internacional de Agências Especializadas, tipo Escola de Guerra, CIA e GESTAPO. Sabe-se dos Agentes da Polícia treinados pela Polícia de Hitler, em arrancar confissões, em comandar a repressão, Filinto Muller e tantos outros, pelos convênios de colaboração.

Cessada a Batalha mais acirrada, da Capital, decretava-se a derrota militar, da Revolução. As tropas revolucionárias abandonam, como podem, o Largo da Paz. Não se tratou de recuar ou retirada estratégica. Os rebelados correm, em todas as direções. Jugulada a Revolução, à ordem que esteve ameaçada é retomada, com sangue nos olhos: em nome da legalidade, começa a temporada de “caça às bruxas”. Tempos de perseguição, abusos de poder de Polícia, truculência, sem precedentes. Mais de três mil pessoas são presas, diversas, sequestradas, nas próprias casas, sem flagrante ou ordem judicial, presas e torturadas, por meras suspeitas. Uma mera delação anônima de simpatia com os “*maus brasileiros agentes de Moscou*” bastava para pavimentar o calvário do indigitado. A perseguição, obviamente, começava pelos comunistas, prosseguia com os afiliados e membros da Aliança Nacional Libertadora, mas não estancava aí. O grupo seguinte, simpatizantes de Comunistas e da Aliança Nacional Libertadora, recebiam o seu quinhão

da sovela da repressão. E, para não fugir dos costumes e das tradições políticas locais, sobrava cacete e retaliações de toda ordem, para os adversários do governo, qualquer um, de qualquer Partido de oposição.

Acelerava-se a Marcha, com a cumplicidade da mídia, a pretexto do “combate ao extremismo dos comunistas”, o caminho do Estado de exceção. O objetivo estratégico do Governo Central comandado por Vargas, na marcha batida rumo ao fascismo à brasileira do Estado Novo: ao Golpe de 10 de novembro de 1937. O estratagema de a Insurreição representar ameaça, a erva daninha, que precisava ser debelada, escusava o Governo de toda e qualquer violação de Direitos Fundamentais, justificava as prisões ilegais, abuso das Autoridades, fazia-se vista grossa, das torturas e dos fuzilamentos sumários.

O Governo criminoso de Getúlio Vargas, sem pudor algum, entregava aos carrascos nazistas os presos judeus, para a serem executados. Não se trata de ficção: o Governo brasileiro é cúmplice de assassinato, em Câmara de gás, de Campos de Concentração, do nazista Adolfo Hitler. Deportações de estrangeiros, judeus, para a Câmara de Gás, pois outras etnias e nacionalidades restavam aqui, presas, para serem torturadas, massacradas, enlouquecidas. O Aparato Repressivo do Governo Vargas contava com a colaboração de elementos *Integralistas* e de convictos defensores, do Fascismo e do Nazismo. Colaboração para além da defesa teórica doutrinal, materializada em recursos técnicos e treinamentos, nos cursos ministrados pelos instrutores da GESTAPO, a temível polícia política de Hitler, aos torturadores da polícia, do Estado Novo de Getúlio.

A repressão política, em Pernambuco, notabiliza-se: a truculência reinava, nas prisões, nas sessões de torturas, nas caatingas e pedreiras, nos fuzilamentos, nas desovas clandestinas de cadáveres, em valas comuns. Os responsáveis pela Segurança Pública do Estado, todos notórios

anticomunistas: o Secretário de Segurança Malvino Reis Neto e o Inspetor de Polícia Wandenkolck Wanderley, esse último, depois, promovido, a Delegado Especial. A atuação exacerbada dos Órgãos de Segurança Pública causava o clamor, da população, por mais que tentassem jogar a sujeira debaixo do tapete. Sobram testemunhos de viso, de cenas de terror, e de oitiva, dos gritos desesperados, dos torturados, ademais dos depoimentos, das próprias vítimas:

[No início dos espancamentos eu contraía os músculos, mas aos poucos ia perdendo as energias, sentindo uma agonia em todo corpo, até que não via mais nada."¹³¹

O Dirigente Comunista José Maria, barbaramente seviciado, agoniza, e morre, dois dias depois, das seguidas sessões de torturas. Na Secretaria de Segurança, o Cabelo de Rato¹³², brutalmente torturado, tem o mesmo fim. O método da tortura é generalizado, institucionalizado. Alguns, “acidentalmente” morrem nas dependências do DOPS ou da Casa de Detenção. Outros, são liberados, para morrerem, nas próprias casas, para afastarem, da Polícia, qualquer responsabilidade.¹³³

Tornou-se banalidade, a Polícia efetuar prisões ilegais, invadir lares, sequestrar pessoas. Tais arbitrariedades, partiam, diretamente, do Chefe da Segurança do Estado: Malvino Reis Neto. Assassino e torturador notório, Malvino dispensa prova, fatos do domínio público, sob o manto da Lei. O tipo social excedia-se, em arbitrariedades. Manda prender outro Secretário de Estado, Nelson Coutinho, sem ilícito ou imputação de crime, simplesmente, porque Nelson era tio do Tenente Lamartine Coutinho, um dos líderes da revolução, parente de Rodolfo Coutinho, notório comunista.

¹³¹ Cf. BEZERRA, Gregório.ob.cit.p.254.

¹³² Trata-se de José Lourenço Bezerra, irmão de Gregório L. Bezerra.

¹³³ Cf.idem,253 ss.

O Secretário da Fazenda Estadual, indignado com a atitude do Secretário de Segurança, pela prisão do Colega de Governo, sem provas ou indícios, recusa-se a liberar as verbas da Polícia. O truculento Malvino não deixa, por menos, manda prender, também, o Secretário Estadual da Fazenda.¹³⁴ Essas sucessivas arbitrariedades do Malvino, sobretudo, porque respingavam em gente de prestígio social e político, criam animosidades, sentimento de revolta na população com direito a voz. Dessa forma, crescia a impopularidade da Polícia e esse fato atingia o prestígio do Governo. O Malvino Reis passava das contas, passava as mãos pelos pés, com diz o brejeiro. Contudo, tratava-se de serviçal fiel, ao Governador Carlos Lima, que fazia o serviço sujo, a mando do Chefe. Porém, diante das denúncias, do clamor público contra o Chefe de Polícia Malvino Reis o Governador o exonera do Cargo. Como diz o brejeiro, *se a bananeira já deu o seu cacho pode cortá-la que não serve mais pra nada*.¹³⁵

O Delegado, escolhido, a dedo, para presidir o Inquérito Policial, Etelvino Lins de Albuquerque, por seus relevantes serviços, prestados, foi recompensado com carreira, na política. No livro de memórias, Etelvino, o ex-Policial e ex-Governador, não menciona as torturas do DOPS, muito menos, as mortes acidentais ali ocorridas. Porém, não há indícios do envolvimento direto do Etelvino Lins no “*trabalho sujo*”. Entenda-se: da participação pessoal dele, em “*sessões espíritas*”, como chamavam as sessões de tortura na Polícia. O escritor Paulo Cavalcanti, comunista histórico, isenta o Delegado Etelvino Lins de práticas criminosas.¹³⁶ Cavalcanti, com a sua autoridade moral, confirma a não-participação direta, do Delegado, nas sessões torturas. Porém, há participação e participação. Etelvino não podia desconhecer as torturas rotineiras, na Delegacia, da qual

¹³⁴ Cf. DULLES, J.W.F. ob.cit. CAVALCANTI, Paulo.ob.cit.

¹³⁵ Malvino Reis Neto foi substituído pelo Capitão Jurandir Mamede.

¹³⁶ Cf. CAVALCANTI, Paulo. ob. cit. pp157ss.

era o Delegado titular. A população recifense, não desconhecia. Os gritos dos torturados, eram ouvidos, pelos transeuntes, nas calçadas da SSP. Na melhor das hipóteses, o Delegado Etelvino faz a “*vista grossa*”. Talvez, melhor, numa perspectiva de comunista, manter cepticismo, em relação, às “mãos limpas” do Etelvino Lins. No mínimo, o Lins foi, convenientemente, omissos, com crimes hediondos, Nas escrituras, das memórias seletivas: passou ao largo da questão, décadas depois, continua, omissos. As memórias que Etelvino Lins de Albuquerque escrevem, fazem uso da técnica mais empregada, no *silêncio do vencedor*.¹³⁷ O papel desempenhado pelo Delegado Etelvino Lins, na história de 1935, foi relevante, exercido, com tinta e papel. Se não carregou sangue nas mãos, as manchas da tinta não pode apagar. O Delegado foi impiedoso, serviçal, disposto a mostrar serviço. Jogou na vala comum do rol dos indiciados, culpados e inocentes. O Inquérito Policial por ele conduzido, resultou em três alentados volumes, com mais de mil páginas. Duzentos e trinta e quatro pessoas são indiciadas, centenas, ouvidas, tendo elas, ou não, participação, direta, no Movimento Insurrecional¹³⁸

O Delegado Etelvino Lins indicia, por participação, nos acontecimentos do Largo da Paz:

1. SILO FURTADO SOARES MEIRELLES, Tenente. Cognomes Severino e Saboia. Desenvolveu intensa atividade de articulação do Movimento; 2. JOSÉ CAETANO MACHADO - Membro do Secretariado do Nordeste do Partido Comunista. Responsável pelas Atividades do PCB, na Região, conforme confissão; 3. OTACÍLIO ALVES DE LIMA - Capitão. Participou, tecnicamente do Movimento promovido pela ANL, na tarde de 23 de novembro, o qual alertou, aos simpatizantes - o que não ocorreu em termo geral - do que aconteceria, na

¹³⁷ Cf. LINS, Etelvino. **Um Depoimento Político**. Rio de Janeiro, Editora José Olímpio, 1977.

¹³⁸ Cf. **Inquérito Policial** Secretaria de Segurança Pública do Estado de Pernambuco.

madrugada do dia 24.11.35; 4. LAMARTINE COUTINHO CORREIA DE OLIVEIRA - Tenente. Sublevou toda guarnição do extinto 29º BC, na Vila Militar, juntamente, com outros adeptos do Movimento e depois seguindo, à frente, dos seguidores, para o Largo da Paz; 5. ALBERTO BOMILCAR BESOUCHET - Tenente. Participou, do Movimento, como membro do Comitê Antimil, atuando, efetivamente, na sublevação, juntamente, com Lamartine, no 29º BC. 6 WALDEMAR DINIZ HENRIQUE e 7. JOSÉ AVELINO DE CARVALHO- Sargentos. Na ausência dos Tenentes Lamartine e Besouchet, ficavam, à frente dos Amotinados, na Vila Militar, tendo sido aprisionado, de arma na mão, o primeiro, ao lado do Tenente Lamartine e o segundo, ao lado de Silo Meirelles. Membros do Comitê Antimil, tiveram atuação na fase preparatória do Movimento; 8. LOURIVAL DA MOTTA CABRAL. Tinha o posto de Capitão, entre os seguidores do Movimento. Foi um dos Dirigentes da Insurreição 9.MANOEL MARTINS DA CUNHA - Tenente da Brigada Militar. "Designado para, à frente de 30 Praças, obstar, em Areias, o avanço dos Insurrectos sobre o Recife, aderiu, ali, ao Movimento, depois de parlamentar com o Tenente Lamartine, a quem fez entrega dos seus Comandados; 10. LEODEGÁRIO LOURENÇO ALVES DA CUNHA - Sargento. Aderindo ao Movimento, seguiu para o Largo da Paz, ao lado do Tenente Lamartine;11. FRANCISCO AUGUSTO JOSÉ BEZERRA - Sargento. Conforme confissão de fls. 41 e depoimentos de fls. 271 e 290, p.37;12. JOÃO ANTHERO DA SILVA - Sargento. Conforme confissão de fls. 44 e depoimentos de fls. 117,121, 260, 271, 760, 761, e 762, p.37;13. MIGUEL ELPIDIO DA SILVA - Sargento. Nega, ao depor, qualquer participação, no Movimento, às fls. 353. É acusado, por testemunhas, de participação no Movimento; 14. MANOEL GUEDES DA SILVA - Sargento. Preso, no momento em que tentava disparar, uma arma automática, contra as Forças Legais, detido, pelo Sargento Júlio Bernardino de Medeiros; 15.ANTONIO DAMASCENO - Sargento. Participou, de

maneira, altamente, visível, nos Acontecimentos da Vila Militar; 16.OVIDIO CABRAL DE MACEDO - Sargento. No intuito de inocentar-se, invocou o testemunho do Subtenente Oscar Nogueira de Mello, o qual o acusou, conforme Documento, às fls. 271 e depoimentos THEOPHILO PEDRO DO NASCIMENTO, Sargento, conforme depoimentos de fls. 18. JOSIAS VIANNA, Sargento, conforme depoimentos de fls. 19.THEOTONIO SOARES - Sargento. Conforme depoimento de fls. MANOEL NUNES DE SOUZA LEITE – Sargento, segundo depoimento de fls. 21.SEVERINO THEODORO DE MELLO, Cabo, confissão e depoimentos de fls. 22. FRANCISCO POSSIDONIO DE OLIVEIRA, Cabo, confissão e depoimentos de fls. 23. ANANIAS DE OLIVEIRA GOMES, Cabo, confissão e depoimentos, às fls. 24.SIMPLÍCIO TEIXEIRA PEIXOTO, Cabo, depoimento e confissão, às fls. 25. JOÃO DEODATO DE OLIVEIRA, Cabo, confissão e depoimentos, às fls. ROMUALDO DINIZ HENRIQUES, Cabo, confissão e depoimentos, fls. ADOMIS EMYGIDIO DA SILVA, Cabo, confissão às fls. 28; OSVALDO CABRAL DE LYRA, Cabo, depoimento às fls. 29. BARTHOLOMEU MARQUES DE LIMA, Cabo, depoimentos à fls. 30. PEDRO MINEIRO FILHO, Cabo, confissão às fls. 31.MOYSES LINS, Cabo. Foragido, conforme fls. Participa do Movimento, de acordo, com depoimentos às fls. 32.SEVERINO VIEIRA FILHO, Cabo, confissão às fls. 33. BERNARDO MARIANO DOS SANTOS, Cabo. Foragido, fls. 34. FRANCISCO DE ASSIS CRUS, Cabo, Foragido, às fls. JOSÉ AGENOR SANTIAGO, Cabo, Declara que, ao irromper o Movimento, achava-se, em Jaboatão, onde se conservou, tendo assumido o Commando do Destacamento Local, por ordem do Tenente Besouchet e que, dali, fugiu, no dia seguinte, à tarde, e foi detido, no Município do Paulista, conforme Documentos às fls.; 36.ARISTIDES DE OLIVEIRA, Cabo, confissão e depoimentos às fls. 37. EGIDIO CHAVES TAVARES DE MELLO, Cabo, ficou, sob as ordens do Tenente Besouchet,

em Jaboaão, donde fugiu, no dia 25, à tarde, juntamente, com o Cabo José Agenor Santiago, em companhia do qual foi aprisionado, conforme documentos às fls. 38.VIGILIO DE ALMEIDA BONFIM, Cabo. Foragido, esteve, no Largo da Paz, ao lado do Tenente Lamartine, como atestam depoimentos e declarações dos indiciados, Sargento Manoel da Silva e Cabo Severino Theodoro de Mello, às fls. 39.JOSÉ DE MELLO DA SILVA, Cabo. Foragido 40. AYRES JOSÉ DE OLIVEIRA DIAS, Cabo, documentos às fls. 41.LUIZ VIEIRA DO QUADRO, Cabo da Brigada Militar, cf. fls. 42.ROMILDO DA SILVA RAMOS - Soldado (SD), cf. fls. 43.MARCOS RAMOS DE OLIVEIRA, SD, cf. fls.44. MILTON DE OLIVEIRA ARRUDA, SD, cf. fls. 45.RAYMUNDO NONATO DE OLIVEIRA FILHO- SD, cf. 46.DOMMINGOS COUTINHO, SD - fls. 103.47.CEMIRO PAIVA, SD, Cf. fls. HENRIQUE MEDEIROS PAIVA, SD, cf. fls. PEDRO DA CUNHA BORBA, SD, cf. fls. 50.EMYDIO FRANCISCO DE MESQUITA, às fls.51. JOÃO APOLONIO DA SILVA, SD, cf. fls. (Do nº 41 ao 51, todos, presos, de arma na mão, ao lado do Tenente Silo Meirelles, fls. 52. AUGUSTO PEREIRA DA SILVA, SD, cf. fls. 53. MARCIONILLO JOSÉ DOS SANTOS, SD, fls. 54. FRANCISCO FELIPPE DA COSTA – SD, fls. 55.ANTONIO PEREIRA VALÕES, SD, fls. 56.JOSÉ PEDRO DA SILVA, SD, fls. 57. ADÃO RIOS CAVALCANTI, SD, fls. 58. JOSÉ SEVERINO DA SILVA, SD. ¹³⁹ 59.THOMAZ EZEQUIEL, SD, cf. fls. 60.ERASMO LAURENTINO GONÇALVES, SD, fls. 61. JOSÉ FRANCISCO DA COSTA, SD, fls. 62. JOSÉ PEREIRA DA COSTA, SD, fls. 243.¹⁴⁰ 62.VICENTE BEZERRA DE BRITO, SD, fls. 63. PAULO LUIZ DA ROCHA, SD, fls. 64. ARISTIDES IZIDORO DE BRITO, SD, fls. 65. CEZARIO SALVINO DE SOUZA, SD, fls. 66. FRANCISCO

¹³⁹ Do nº 52 ao 58 todos foram presos, ao lado do Tte. Lamartine, na cidade de Glória de Goytá.

¹⁴⁰ Do nº 59 ao 61 todos foram aprisionados, na Muribeca, sob ordens do Sargento Antonio Alves Damasceno.

ESPERIDIÃO NOGUEIRA, SD, às fls. 248¹⁴¹. 67. JOSÉ PINHEIRO DOS SANTOS, SD, às fls. 234.68.MANOEL PAULINO MONTEIRO, SD, fls. Este e o anterior, depois de fugirem da Vila Militar, foram capturados, no Município de Serrinha, Paraíba 69.OTACÍLIO SOARES DE BRITTO, SD, Foragido; 70.MARIO GONÇALVES, SD, Foragido, 71.ANTONIO AUDIFAX CARNEIRO DE ALBUQUERQUE, SD, segundo o depoimento, às fls. 59, os três últimos estiveram, no Largo da Paz, com o Tenente Lamartine.72.JOÃO GOMES DA SILVA, SD - fls. 72.VICENTE IZIDORO DA SILVA, SD, às fls. 73.LEANDRO FEITOSA DE CASTRO, SD, fls. 74.ANTONIO FERNANDES DA SILVA, SD, fls. 75.SEVERINO ROBERTO DOS SANTOS, SD, fls. 76. ANTÃO DA FONSECA, SD, (Os três últimos pegaram, em armas, na Vila Militar) 77.JOSÉ MENDES DA SILVA, SD, DA BRIGADA MILITAR, cf. fls. 78. ANTONIO DE CARVALHO REBELO, Cabo do C7ª RM, Foragido, às fls. 79.ADAUCTO PEREIRA, SD, às fls. 80. DAVID VICTOR DE VERAS, SD, fls.81.EVANDRO DE ARAÚJO, SD, às fls. 82.FELICIANO BEZERRA DOS SANTOS, SD, fls. 83.GERSON PEREIRA DE ARAUJO, SD. fls.84.GERALDO DA CUNHA CAVALCANTI, SD. fls.85.JOSÉ ROBERTO DA SILVA, SD, fls. 86. JAYME DOS REIS GONÇALVES, SD. 87. JOÃO DE VASCONCELOS, SD.88.JOSÉ DE LEDIO CABRAL, SD.89.JOÃO CONSTANTINO CARNEIRO, SD. 90. MANOEL SEVERINO DE FIGUEIREDO, SD. 91.LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA SD. 92.MANOEL ALVES DE FIGUEIREDO, SD. 93. NELSON DA LUZ MONTEIRO, SD. 94.REYNALDO CAMILLO DUARTE, SD. 95.SEBASTIÃO DE ALMEIDA, SD.96. WALFRIDO SIQUEIRA CAVALCANTI, SD. 97 JANUÁRIO PEDRO, SD. fls. (Os últimos dezenove foram denunciados, porque " após os acontecimentos tornaram-se

¹⁴¹ Do nº 62 ao 66 todos presos no Largo da Paz e adjacências.

fugitivos em circunstância contra suas condições de militares ". Note-se que, na presunção, o Delegado Etelvino Lins, tende, invariavelmente, para a culpa, o mesmo método, adota na tipificação criminal, imputando ao acusado o crime mais grave: imputa o crime contra a Segurança Nacional, quando a prática de outro, crime Militar próprio, menos grave, que aquele, apenada pela deserção) .98 MANOEL BAPTISTA CAVALCANTI, do PCB 99.JACOB KRINGOLD, do PCB;100.LUIZ BISPO DE FRANÇA, do PCB, Foragido; 101.JOSÉ FRANCISCO DE OLIVEIRA, do PCB; " [...]tomando parte activa como membros do Partido Comunista, prestaram serviços na ligação de Largo da Paz e Afogados, conforme confissões e depoimentos de fls. 102.JOSÉ BEZERRA DA SILVA, foragido, v. fls.;103. RAYMUNDO NONATO PAES BARRETO Cf. declaração de fls. JOSÉ ALVES DE LIMA, Acadêmico - (acusado de ser um dos arrombadores do Depósito de Material Bélico da Vila Militar e de participar, em companhia de Silo Meirelles, da tomada do Quartel. A peça indiciária remete aos depoimentos de fls. a documentos, em arquivo, de Prestes e declarações de fls. 129-132. 105. JOSÉ PAULO DA CUNHA WANDERLEY, confissão e depoimentos fls. 106.JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS ("Cabo Verde") confissão e depoimentos fls. 107.ANTONIO ALFREDO DE SIQUEIRA, confissão fls. 108. THEOPHILO PEIXOTO DE OLIVEIRA, confissão e depoimentos fls. 109. LUCIO FLORENTINO DA SILVA, confissão e depoimentos fls. 110.MANOEL THOMAZ DE OLIVEIRA, confissão fls. 226; 111. HUGO BARBOSA DA SILVA, confissão, às fls. 112.JOSÉ LUCAS DA SILVEIRA, confissão e depoimentos fls. 113.NESTOR BISPO DA SILVEIRA, confissão e depoimentos fls. 114. CICERO VALERIANO MOURÃO, confissão e depoimentos, 115. ABEL PAES BARRETO CALDAS, confissão e depoimentos fls. 116; BENVINDO FERREIRA DE PAULA, confissão e depoimentos acusado, de pegar em armas, e de esconder o Tenente Besouchett, em sua residência; 117.GENESIO DOS

SANTOS BARAÚNA, confissão e depoimentos fls. 118. SEBASTIÃO LUIZ DE FRANÇA, confissão e depoimentos fls.; 119 JOSÉ DAVID DE LIMA, confissão fls. 120. JOÃO ALFREDO DE BARROS GIBSON, depoimentos fls. 121. SEBASTIÃO RODRIGUES DE FREITAS, confissão e depoimentos fls. 122. DEMÓCRITO DA SILVEIRA, confissão e depoimentos; 123. MAURÍLIO RODRIGUES DA SILVA, confissão, às fls. 124. THOMAZ VILLA NOVA, confissão e depoimento, fls. 125. GODOFREDO SEVERIANO DE BRITTO, confissão fls. 126. JOSÉ FERNANDES PIMENTEL, depoimento, às fls. 127. HERÁCIO CORREA SOBRAL, depoimento fls. 128. GUSTAVO TIGRE COUTINHO, Foragido, depoimento fls. 129. ANÍBAL VICENTE DA HORA, confissão de fls. 130. HENRIQUE ACCIOLY LINS DA SILVA, Foragido, depoimentos às fls. 131. JOSÉ SOUTO SANTIAGO, confissão fls. 132. ROZENDO ANTÔNIO DOS SANTOS, Foragido, depoimentos de fls. 133. ULYSSES DE ARRUDA E SILVA, confissão de fls. 134. JOÃO FRANCISCO DA SILVA, vulgo João Gravata, Foragido, depoimentos de fls. 135. DAMIÃO DE BARROS CORREA, Foragido, depoimento às fls. 136. VICTORINO BARBOSA DOS SANTOS, confissão de fls. 137. JOSÉ IGNÁCIO DE ARAÚJO, confissão de fls. 138. PACÍFICO PEREIRA DE MELLO, confissão de fls. 139. SEVERINO BRUNO, Foragido, depoimentos de fls. 140. MANOEL THEÓPHILO DE LIMA, confissão de fls. ANTONIO BUARQUE DE MACEDO, Foragido, fls. 142. FIRMINO FÉLIX DA SILVA, confissão de fls. 143. JOÃO MARINHO DE BARROS, Foragido, fls. 144. MANOEL EZERRA DOS SANTOS, confissão de fls. 145. FRANCISCO PACHECO LYRA, Foragido, fls. AMARO BARBOSA CAMELLO, Foragido, fls. 147. JOSÉ ALVES PEDROSA, Foragido fls. 148. LUIZ GONZAGA NUNES, confissão de fls. 149. PEDRO PEREIRA DA SILVA, confissão de fls. 150. SEVERINO DE PÁDUA DO ESPÍRITO SANTO, confissão de fls. 151. ANTONIO DE PÁDUA DO ESPÍRITO

SANTO, confissão de fls. 152. JOÃO BAPTISTA DE MENEZES, Foragido, fls. 153. ADALTO CAVALCANTE, Foragido, fls. 154. MANOEL EUGÊNIO DA SILVA, Foragido, fls. 155. LUIZ VIEIRA DA SILVA, Foragido, fls. 156. JOSÉ VICENTE DO NASCIMENTO, Foragido, fls. 157. JOSÉ BAPTISTA DE MORAES, Foragido, fls. 158. MIGUEL LOPES DE SIQUEIRA, Foragido, fls. 159. MANOEL AMARO DE FRANÇA, confissão, às fls. 160. JOSÉ LINS BARBADOS, Foragido, fls. 161. JOSÉ CARVALHO DA SILVA, Foragido. 162. JOSÉ DA CRUZ OLIVEIRA, Foragido, fls.163. ANTÔNIO FRANCISCO DO NASCIMENTO, Foragido fls.164. SERAPHIM FRANCISCO DOS SANTOS, confissão de fls. 165. ANTÔNIO PEREIRA DE MELLO, Foragido, fls. 166. JOSÉ VALENTIM, Foragido, fls. 167. ODILON IZIDORO, Foragido, fls. 168. JOSÉ LEXANDRE CAVALCANTE, Foragido, fls. 169. JOSÉ MARIANNO CORREA LIMA, confissão de fls. 170. SEBASTIÃO ESTEVAN DE MELLO, Foragido, fls. 171. JOAQUIM BEZERRA, Foragido, fls. 172. JOSÉ JOAQUIM DO NASCIMENTO, Foragido, fls. 173. SEVERINO MANOEL DA SILVA, Foragido, fls. 174. RAYMUNDO MATTOS, Foragido, fls. 175. MARCIONILLO ALEXANDRE, Foragido, fls. 176. JOSÉ ALBINO ALVES, Foragido, fls. 177. JÚLIO MARQUES FEITOSA, Foragido, fls. 178. SEBASTIÃO LOPES BEZERRA, vulgo "BUIQUE", Foragido, fls. 179. GREGÓRIO BARBOSA, Foragido, fls. 180. MANOEL ANTÔNIO DE FARIAS, Foragido, fls. 181. AUGUSTO IPANEMA DA SILVA, confissão de fls. 182. MARTIN CLEMENTINO DA SILVA, confissão de fls.

Em relação aos acontecimentos do Quartel General, apenas, duas pessoas foram indiciadas, criminalmente:

183. GREGÓRIO LOURENÇO BEZERRA, Sargento, confissão, às fls. 184 MIGUEL IGNÁCIO DA ROCHA, SD, confissão de fls.

Relativamente, aos ataques: Delegacia de Polícia do Bairro da Torre e Comissariado do Bairro de Casa Amarela, foram indiciados, criminalmente:

185. EIPHANIO JOSÉ BEZERRA, fls. 186. RIBEIRO LEITE, Foragido, fls. 187. ANTÔNIO AURELIANO DA SILVA, Foragido, fls. 188. VICENTE COUTINHO CAMPOS, Foragido, fls. 189. JOSÉ CAVALCANTE DO NASCIMENTO, fls. 190. CARLOS AUGUSTO DO REGO CAVALCANTE, fls. 191. JOSÉ THOMAZ DE ARAÚJO, Foragido, fls. 192. ÁLVARO LUIZ DE ASSIS, fls. 193. CARLOS PEDROSA, Foragido, fls. 194. JOSÉ BRASILEIRO DA SILVA, fls. 195. SATURNINO DE TAL, Foragido, fls. 196. JOÃO BEZERRA DE LIMA, fls. 197. AGENOR BORGES DA SILVA, fls. 198. ETELVINO DE OLIVEIRA PINTO, fls.

Respondem, criminalmente, pelos acontecimentos, na Cidade de Limoeiro, os indiciados:

199. JOÃO MARINHO FALCÃO, Foragido, fls. 200. ANTÔNIO DE SÁ, Foragido, fls. 201. NARCISO FERREIRA DA SILVA, Foragido, fls. 202. GENARO BUONORA, Foragido, fls. 203. JOSÉ PONTUAL FERREIRA LIMA, Foragido fls. 204. JOSÉ MARQUE DA SILVA, Foragido, fls. 205. MANOEL BEZERRA DA SILVA, Foragido, fls. 206. JOÃO LEMOS MUNIZ, Foragido, fls. 207. SEVERINO MATHIAS DA SILVA, Foragido, fls. 208. JOÃO DE LUNA, vulgo JUCA LUNA, Foragido, fls. 209. JOSÉ CARLOS DE SANTANA - Ex-prefeito de Bom Jardim - ofício de fls. 744 e 746.

O Inquérito Policial indicia, como responsáveis, pelos fatos “subversivos” ocorridos, na Cidade de Olinda:

210. RAUL LINS BARRADAS, confissão de fls. 211. Dr. ALCEDO DE MORAES COUTINHO, confissão de fls. 212. ACADÊMICO LAUCO DE ALBUQUERQUE PINHEIRO DE MENEZES, confissão de fls. 213. DANIEL DE FARIAS NETO, Sargento, confissão de fls. 214. JOSÉ SOARES DAS LEVES, Sargento, confissão de fls. 215. JOSÉ GUILBERT DE MACEDO JÚNIOR, confissão de fls. 216. THEMISTOCLES MAGALHÃES DE ANDRADE FILHO, confissão de fls. 217. EDGARD TARGINO DE ARAÚJO, confissão de fls. 218. LEONARDO GREGÓRIO DA COSTA, confissão de fls. 219. MANOEL ANTÔNIO DA SILVA, confissão de fls. 220. JOSÉ IGNÁCIO DA SILVA confissão de fls. 221. ACADÊMICO MANOEL DIONÍZIO DA COSTA Foragido, fls. 222. Dr. JOÃO IGNÁCIO CABRAL DE VASCONCELOS FILHO, confissão de fls. 223. Dr. GUMERCINDO CABRAL DE VASCONCELOS, confissão de fls. 224. BELMIRO RENO DE MELO, confissão de fls.

Embora, sem atuação material, nos acontecimentos, as pessoas, a seguir nominadas, foram indiciados, na condição de partícipes. Em linguagem penal, isso significa, tomar parte, instigando ou colaborando, sem realizar, propriamente, o ato criminal principal. A criminalização é menor, porém, o partícipe é imputável de acordo, com a importância da sua atuação:

225. ANTÔNIO MUNIZ DE FARIAS, Tenente Coronel, Boletim de fls. 226. FRANCISCO ALVES SOBRINHO, o Ceará, confissão às fls. 227. ANTÔNIO WANDERLEY BOSFORD, confissão, fls. 228. MARIA MEDINA MACHADO, pseudônimos Blanca ou Mercedes, fls. 229. ANTÔNIO MARQUES SOBRINHO, confissão de fls. 230. DR.

PAULO FONSECA LIMA, fls. 231. FRANCISCO DE FREITAS BAYÃO pseudônimo Roberto, Foragido, fls. 232. MANOEL FERNANDES DE MEDEIROS, pseudônimo Gercino, Foragido, fls. 233. PAULO MOTTA LIMA, pseudônimo Medeiros, Foragido, fls. 234. PASCACIO DE SOUZA FONSECA, pseudônimos Wilson ou Fininho, fls. 23.

12. A Velha Gangorra dos Números

Fato, que, começa a se tonar, Lei, pela generalidade, na Revolução Nacional Libertadora, de 1935, no Brasil, é o da inexatidão numérica, mormente, quando, da contabilidade de feridos, mortos, desaparecidos e, principalmente, dos prejuízos financeiros. Essa conta de tabuada, afigura-se, mais difícil, que as mais complexas e abstratas equações da matemática, para as quais, o *Clay Mathematics Institute* chega a oferecer premiações bilionárias a quem respondê-las. Nos limites, das quatro operações básicas, nada que não se resolvesse nas lições primárias das tabuadas, ou do uso do ábaco, porém, as contas da Revolução de 1935, são tão abstratas, ou nebulosas, já levaram, o Pitágoras de Igapó, conhecido matemático, ao hospício dos alienados.

Contudo, o Escriba do presente ensaio, tem fascínio, pelos números, pelas estatísticas, sobretudo. De maneira que, mais uma vez recorre, aos bons serviços do matemático Pitágoras de Igapó, sabendo-o são, curado totalmente, graças aos modernos tratamentos psiquiátricos, com choques elétricos. Faça-se breve apresentação, do célebre aritmético, para os que o desconhecem. Trata-se de gênio da raça, saído do mangue, onde desenvolveu extraordinária capacidade contábil, na conferência das patas dos caranguejos e da lama, chegaria aos píncaros da fama, PHD em Matemática, professor convidado, dos maiores e mais avançados centros de Pesquisa mundiais. Por razões desconhecidas, Pitágoras de Igapó, entra em colapso e surta, com os desencontros contábeis, do dinheiro saqueado, do Banco do Brasil e das Recebedorias de Rendas, durante a Revolução, no RN. É que os números naturais, ditos exatos, jamais alcançaram a exatidão: contava e recontava, e inelutavelmente, jamais batia a contabilidade do dinheiro expropriado pelos revolucionários, com, efetivamente, os valores

retornados, à Fazenda Pública, devolvidos, pela Polícia, nos sucessos da Revolução de 1935, do Rio Grande do Norte. Essa gangorra numérica, também se verificava, em relação aos números dos mortos e feridos, da Revolução, em terras Potiguares. Sem resposta convincente para a equação, que o matemático é positivista e não crê em mistérios, o pobre douto acabaria, conduzido, em camisa de força, para a Colônia dos Alienados de Natal. Depois de longos e sofridos tratamentos, totalmente, recuperado, pelos modernos eletrochoques, o Pitágoras de Igapó, volta a auxiliar o Escriba, nas estatísticas, desta feita, em relação aos dados numéricos, da Revolução, em Pernambuco.

No caso de Pernambuco, sem controvérsias, quanto a valores, desaparecidos e não retomados, em dinheiro. Os rebeldes pernambucanos não passaram, por perto de Bancos ou de Recebedorias de Rendas. Nos demais quesitos, mortos, feridos, desaparecidos, infelizmente, perdura a controvérsia. Os Jornais dão conta de cerca de 60 mortos. Glauco Carneiro, Historiador das Revoluções Brasileiras, afirma que, dos três levantes, Pernambuco foi o mais sanguinário, recolhendo-se 720 mortos, só na frente do Recife.¹⁴² Depois de ouvir e considerar outras fontes, com contagens tão díspares, o Pitágoras, recuperado, porém, mantido, a base de remédios controlados, quase sofre recaída. Por expressa recomendação médica, o matemático deixa de perquirir, a exatidão do quesito referente aos mortos, apesar, da importância. Sabe-se que, cada pescador, aumenta o tamanho do pescado, e na hora de vendê-lo, sai a custo de Semana Santa. O matemático explica que não foram contabilizados os fuzilamentos sumários seguidos de enterros clandestinos, praticados pela Polícia de Pernambuco, nas Pedreiras da Muribeca. Tampouco, em relação aos mortos da Guerrilha acontecida, no

¹⁴² CARNEIRO, ob. Cit. volume 2, p. 424.

Sertão do Moxotó, Pajeú e Vale do São Francisco. Melhor contar, ou tentar ouvir as estrelas, como diz, o poeta.

No entanto, sobre a composição social dos Insurretos indiciados, os números não mentem, e, assim, o Matemático de Igapó, perempto, afirma que o número de civis representa a maioria absoluta, com 59%. Conseqüentemente, os Militares correspondem a 41% dos indiciados, pelas atividades revolucionárias. Nessa conformidade, matematicamente, soa estranho falar-se, em quartelada, numa batalha, com maioria de civis.

Os próprios dados oficiais desmentem as verões das Autoridades. Porém, de tão banalizados, na historiografia, a “Intentona Comunista”, em Pernambuco, não passou de Quartelada de Militares”. Tal afirmação agride a objetividade histórica. É inversão ideológica, dos reacionários. Objetivamente, os Militares, representaram a minoria, embora considerável e bem vinda, ao Exército Popular Nacional Revolucionário, de 1935.

A explicação da Revolução de 1935, como mero Levante castrense, Golpe, Quartelada tem por escopo, desqualificar a Revolução. Esse propósito interessava aos Governos, Federal e Estaduais. Interessava a burguesia capitalista, ameaçada pela Revolução, e aos seus serviçais, áulicos, fâmulos, sem olvidar, dos Nazistas e Fascistas por convicção, inimigos dos Comunistas. Querer, reduzir, a Revolução Nacional Libertadora a mero motim, a conspiração de caráter militar, é falsear os fatos. A Revolução de 1935 não foi Levante Militar típico, das revoltas *tenentistas*. As diferenças saltam aos olhos, não as enxergam, quem não as quer ver, ou quer tapar o Sol com a peneira. Primeiro, trata-se de Revolução, planejada e deflagrada, organicamente, por um Partido Comunista revolucionário, em conjunto com uma Frente Nacionalista Antifascista. Revolução, que foi derrotada e jugulada, pelas Forças leais ao Governo. Uma Revolução, tentada, derrotada, porém, representativa dos mais agudos momentos históricos da Luta de

Classes, travada, no Brasil. Revolução protagonizada por diversos atores da Frente Política Opositora, por civis e militares, com aberta colaboração externa, tanto para os Revolucionários quanto para os governistas, Getúlio Vargas recebe apoio da Inglaterra e da Alemanha Nazista.

É necessário que se proclame com todas as letras: As Bandeiras da gloriosa Revolução Nacional e Libertadora, expressavam, as mais legítimas aspirações, da emancipação do povo brasileiro, em sintonia, com o Komintern, a vanguarda do Movimento Comunista Internacional, sediado, em Moscou.

O indiciamento dos civis, “na Intentona”, com, ou sem, participação na Revolução, é apenas, uma das facetas, da trama autoritária, do Estado de exceção. Processos inquisitoriais, o Tribunal de Segurança, criado pelo Cônsul dos Pampas, com Juizes nomeados, plenipotenciários, toda camuflagem, institucional montada, pelos estrategistas do Poder, visando o continuísmo. Na grande mídia, a ideologia do Governo Vargas, apregoava: defesa da Democracia; da Ordem Jurídica e da Paz Social, do combate ao Comunistas, os inimigos da Ordem, da Paz e da Democracia. Nos subterrâneos do regime de exceção, torturas, assassinatos, violações de Direitos humanos e Tratados Internacionais, a colaboração sub-reptícia, do Nazismo e do Fascismo. A criminoso entrega das comunistas judias, deportadas para a Alemanha, mortas, nos Campos de Concentração. A ideologia tem o poder ocultar e inverter, inventar e criar uma realidade, essa poder formidável que faz o escravo pensar que é livre, uma minoria burguesa dominar e explorar milhões de pobres, os quais, desprovidos de consciência crítica e revolucionária, acreditam, piamente, viver, panglossianamente, “no melhor dos Mundos”.

O principal foco da rebelião urbana, em Pernambuco, no Largo da Paz, confrontou, por 30 horas, Tropas Legalistas e Tropas Revolucionárias,

envolveu, basicamente, Tropas regulares, Batalhões de Exército e da Polícia, com menor, participação, dos elementos civis, *no palco de operações*.

Na 7ª Região Militar, situada, no Centro do Recife, dois homens protagonizam, e responderam, criminalmente, pela insurreição: ambos Militares. Nos Bairros, da Torre e de Casa Amarela, a maioria, dos envolvidos, é composta por civis. Também, maioria de civis, nas ações, dos comunistas e aliancistas, na tomada das Delegacias e Cadeias Públicas, nas Cidades de Olinda, Jaboatão e Lomoeiro.

Fato curioso, pelo desalinho histórico, com as lutas das mulheres pernambucanas, a pífia participação feminina, na Revolução de 1935. O matemático de Igapó calcula menos de 0,4% do contingente de mulheres, percentual ridículo, considerando a tradição das “mulheres de Tejucupapo”, das heroínas da expulsão holandesa, do Século XVII. Na Luta Armada do Século XX, uma única mulher, é indiciada, no Inquérito Policial: MARIA MEDINA MACHADO, com codinomes, Blanca ou Mercedes. Tal fato, no mínimo, curioso, merece ser investigado, pelos interessados no tema. Ora, afinal, no Rio Grande do Norte, dezenas de mulheres, participam, ativamente dessa Revolução, são indiciadas e julgadas, pelo Tribunal de Segurança Nacional.

O matemático, Pitágoras de Igapó, teve o cuidado de fazer estatísticas, sobre a participação de Militares, pelas patentes. Sabedor do valor do princípio hierárquico, para os Militares, decidiu observar a participação na Revolução de acordo com o posto e a patente. O Pitágoras assegura, categoricamente, que Movimento Revolucionário de 1935, em Pernambuco foi, preponderante, dos *Soldados*: a soldadesca, representa 58% dos efetivos Militares, envolvidos no conflito.

Bazófia dizer que a *soldadesca* participou, mais por obediência hierárquica, menos por consciência. Essa tese não se sustenta objetivamente:

pérola falsa, do reacionarismo elitista. De fato, o 29º Batalhão de Caçadores, fornece, a quase, totalidade, dos Militares insurretos. Porém, lá, no 29º BC, a maioria da oficialidade do Quartel, permanece, fiel à legalidade, no Pavilhão dos Oficiais, contrária, a Revolução. No coral dos oficiais legalistas, estava, ninguém menos, que o próprio Comandante do Quartel, Major Tolentino. Logo, se a questão da hierarquia pesasse, mais, fosse determinante para definir a posição dos subalternos, a conclusão lógica é que a maioria dos Soldados acompanhariam o Comandante e a maioria dos oficiais do Pavilhão, não aderiam à Revolução e optavam, pela legalidade, como os seus superiores de 29º BC. Mas, não. Pesou a motivação, consciente, de participação, o desejo de mudança, no momento, representado pela Revolução Nacional Libertadora. Não existe medidor de consciências, muito menos de consciência política, porém, o dado irrefutável, é que a reação não consegue engolir, é que a maioria da soldadesca, insurgiu-se. Não obedeceu as ordens dos Oficiais superiores, dos 60 oficiais presentes no Quartel. Eles se rebelaram e seguiram os três Tenentes revolucionários, Besouchett e Coutinho e o Capitão Silo Meireles. O matemático diz que separou os conjuntos: um com dois tenentes e um Capitão e outro com 60 entre Tenentes, Capitães e o Major Comandante. E salvo erro da tabuada, ou de lógica formal do quinto Século antes de Cristo, a tese da “obediência”, *não vale o que o gato enterra.*

Três superiores, insurgentes, sublevam o Batalhão, arrastam a quase totalidade, da Guarnição Militar. Não são acompanhados, justamente, pelos oficiais. Mas, o grosso da Tropa, a Soldadesca, Cabos, Sargentos, formam a base social e esse é dado numérico objetivo, sustenta o Pitágoras de Igapó. O brejeiro diz que *não se deve buscar chifre em cabeça de cavalo.* A retórica reacionária não admite a capacidade de os subalternos pensarem, por si: os de “baixo”, não pensam, sujeitos incapazes de pensar e construir a própria

História. Coutinho, Meireles e Besouchett, embora bravos revolucionários, jamais tomaria, sozinhos, um dos maiores Quartéis da Região, sem o apoio da Tropa, dos Soldados, Cabos e Sargentos. Esses não serão esquecidos, para além dos nomes, no iníquo Inquérito Policial, perpetuados nas páginas, das lutas do povo brasileiro.

Praticamente, todos os Soldados, Cabos e Sargentos do 29º BC rebelam-se, em Socorro, pegam armas, pela Revolução Nacional Libertadora, em nome de Luís Carlos Prestes. Se algo não teve relevância, no Momento revolucionário, foi justamente, a tal ‘obediência hierárquica’. A hierarquia abstrata, marcada por divisas e estrelas, nos ombros, a dizer que alguns homens, são superiores, aos outros. A ideologia abstrata foi quebrada, em 1935: a hierarquia Militar e Estatal foi para o brejo, com a vaca. Em qualquer Quartel, a patente mais numerosa, a dos Soldados. Aqui, e, alhures, há mais Soldados que Oficiais. O óbvio. Também, por essa razão, sempre, morrem mais Soldados que Oficiais, nas Guerras e Revoluções. Os Praças, os Soldados do 29º aderiram, efetivamente, em massa. Depois deles, a patente com maior presença foi a dos *Cabos*, com 19% do efetivo Militar. Logo, em seguida, os *Sargentos*, com 17%. Somados os Soldados, Cabos e Sargentos, enfim, o andar de baixo da hierarquia chegava aos expressivos 94%, do contingente Militar, rebelado. Os Tenentes representam 5%. Na Oficialidade Superior, a patente mais alta, do *Capitão*, com 1%. O Matemático Pitágoras, insiste em dizer diz, que os números não mentem.

O cujo matemático de Igapó aduz que os dados utilizados nos cálculos e nas complexas metodologias, somar, diminuir, dividir e multiplicar, têm por fonte formal o rol dos indiciados, no Inquérito Policial e os processos, do Tribunal de Segurança, sem mais, nem menos.

Pitágoras de Igapó, sai do seu campo exato, para o pantanoso espaço das digressões filosóficas, da especulação: se nem todos, os indiciados,

participam, do Movimento revolucionário, de 1935, o problema não é solúvel, com Tabuada ou do Ábaco. O caro leitor, já notou, que o matemático é arcaico, desconhece ou desconsidera a máquina calculadora. Mas, ousa inferir, que a problemática suscitada é metafísica, transcendente. As respostas, devem ser buscadas, em outros campos: Religião; Crendices; Influências familiares e políticas, no metal capaz de modificar Jurisprudências firmadas, em Tribunais Superiores e Sentenças monocráticas, de juízes convictos. Matemático pouco afeito aos Mistérios do Além, sugere seguir as pistas desses “Mistérios do Aquém”. Talvez, perquirir a cultura, da *cordialidade*, tese da prevalência de interesses particulares e privados sobre os interesses públicos, da confusão patrimonialista em detrimento de relações institucionais e de cidadania, tão bem explicada, por Sérgio Buarque de Holanda. Portanto, se houve mais participantes que o número de indiciados, sendo esse de quantidade muito maior que os dos condenados, tem pouco a ver com questões da Matemática: a Ciência dos números, das contas, da contabilidade, não objeta as coisas ocultas, o Caixa 2 sem registros, por exemplo, está fora da *expertise*, do matemático, claro.

É o caso da contabilidade da Insurreição de 1935, das vítimas da repressão Policial, dos torturados e fuzilados, sumariamente, dos desaparecidas, sem registro Oficial, sem reconhecimento. Nessa complexa equação, nem o Grande Pitágoras de Igapó, pode ajudar.

Sobre vidas humanas, ceifadas, do lado da legalidade, em 1935, a Ditadura Militar, implantada, no Brasil, pós 1964, usou e abusou, em seu arsenal ideológico anticomunista. Os Militares Fascistas Tupiniquins, difundiram inverdades sobre assassinatos de pessoas, dormindo, nas bizarras homenagens às vítimas da “Intentona Comunista”. Mais de meio Século

depois, o arsenal dos Fascistas, ressurgem, nas grotescas manifestações anticomunistas da Doutrina de Segurança Nacional:

[Em todas as capitais dos Estados, as Forças Armadas realizaram, no dia 27 de novembro, homenagens às vítimas da intentona comunista de 35, quando 31 valorosos soldados tombaram em defesa dos ideais democráticos e da identidade cristã-ocidental do Brasil. A tônica dos pronunciamentos sobre os sombrios acontecimentos que cobriram de luto a Pátria foi a advertência para o perigo da subversão comunista, e a falsidade, o ódio e a traição que caracterizam a ação dos que estão a soldo de uma ideologia contrária às aspirações do povo brasileiro”¹⁴³

As autoridades, militares, civis e religiosas, na Ditadura Militar, aproveitavam todas as solenidades e concentrações públicas, para difundir a Doutrina de Segurança, com seu teor anticomunista: “*os comunistas são lobos vorazes que perdem a noção de dignidade humana*”, dizia do púlpito de oração, em sua transcendência cristã, o Arcebispo de Belém do Pará, Dom Alberto Ramos.¹⁴⁴

Na mídia, a canalhice anticomunista, não ficava, por menos. Em São Paulo, o jornalista Fernando Nobre Filho, ladeado pelo, então, Governador Paulo Maluf e pelo General Milton Tavares de Souza, Comandante do II Exército, entre espumas e babas, larga legava essa pérola:

[Os soviéticos desvairados e infames[...]maus brasileiros estavam sendo apenas o instrumento do imperialismo soviético e assim, não titubearam em apunhalar a Pátria pelas costas, assassinando a seus próprios irmãos. E o fizeram com requintes de maldade, seguindo as instruções que do exterior tinham recebido. Mataram os que estavam dormindo. Dormindo, porém não mais nos encontrarão, porque hoje, despertados, estamos prontos para enfrentar todas as eventualidades]¹⁴⁵

¹⁴³ Rocha, José. **Intentona de 1935 – Militares advertem sobre o perigo comunista** in O Cruzeiro, de 30.12.1979, p.47.

¹⁴⁴ Idem, p. 49.

¹⁴⁵ Idem, p. 48. Em Pernambuco, o Governador nomeado Marco Maciel promovia as homenagens às vítimas da intentona no Cemitério de Santo Amaro ao lado dos militares que o colocaram no governo sem o voto popular. Cf. **Diário de Pernambuco** e **Jornal do Commercio** do dia 28.11.79.

Três décadas depois da “Intentona Comunista”, a História, passada, afigurava-se, contemporânea. Como a matéria do Jornal, no Recife, que apresenta, a relação dos mortos e feridos, pelo dever informativo, a não dizer bajular os Militares Donos do Poder, com o prato predileto do anticomunismo:¹⁴⁶ 01. MISAEL DE MENDONÇA, Ten-Coronel;02. JOÃO RIBEIRO PINHEIRO - Major. 03. ARMANDO DE SOUZA MELO, Major. 04. JOSÉ SAMPAIO XAVIER, Capitão;05. BENEDITO LOPES BRAGANÇA, Capitão. 06. DANILLO PALLADINI, Capitão;07. GERALDO DE OLIVEIRA, Capitão; 08. LAURO LEÃO DE SANTA ROSA, 2º Ten.; 09. JAIME PANTALEÃO DE MORAIS, 1º Sargento.* 10. JOSÉ BERNARDO ROSA, 2º Sargento.11. CORIOLANO FERREIRA SANTIAGO, 3º Sargento.12. ARDIEL RIBEIRO DOS SANTOS, 3º SGTO.13. LUIZ AUGUSTO PEREIRA, Cabo.14. ALBERTO BERNARDINO DE ARAGÃO, Cabo.15- PEDRO MARIA NETO, Cabo.16- FIDÉLIS BAPTISTA, Cabo.17. JOSÉ HERMITO DE SÁ, Cabo.18, CLODOALDO URSULANO, Cabo.19.MANOEL BIRÉ DE AGRELLA, Cabo.20.FRANCISCO ALVES DA ROCHA, Cabo.21. JOÃO DE DEUS ARAÚJO, Cabo. 22. WILSON FRANÇA, Cabo. 23. PÉRICLES LEAL BESERRA, CABO.24. ORLANDO HENRIQUES, Cabo.25. JOSÉ MENEZES FILHO, Cabo. 26. MANOEL ALVES DA SILVA, Cabo.27. LUIZ GONZAGA DE SOUZA, SD. 28. LINO VICTOR DOS SANTOS, SD. Entre os feridos, nos combates, estão relacionados:1. ALBERTO BESOUCHETTE, Ten. 2. AGNALDO OLIVEIRA, Ten.3. GREGÓRIO LOURENÇO BEZERRA, Sargento.4. JOSÉ ALEXANDRE VIEIRA, Sargento.5. ISAIÁS MANOEL DO NASCIMENTO, Sargento.6. JAIME PANTALEÃO, Sargento.

¹⁴⁶ Cf. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27.11.79.

O Ensaísta, mais uma vez, recorre aos préstimos do Pitágoras de Igapó, para entender essa “gangorra dos números.” Por exemplo, o Sargento JAIME PANTALEÃO aparecer, em duas contabilidades: dos feridos e dos mortos. Nada impede que alguém, ferido, venha a óbito, obviamente. Porém, nesse caso, ou entra na conta dos mortos, ou dos feridos, não em ambas. Esse pequeno deslize, não foi o único equívoco do Jornal pernambucano. O número de vítimas fatais, durante a Revolução, supera o apresentado, na folha local. O Jornal, praticamente, não contabiliza, as baixas dos Soldados e Praças. Nas vítimas do “jornalismo informativo”, os Soldados representam, apenas, 1% dos mortos. Na História Universal, caso único das Guerras, Batalhas e Revoluções: 94% dos combatentes são soldados, porém, eles representam apenas 1% dos mortos. Oficiais, em menor número, morrem mais que a numerosa soldadesca. O percentual entre Oficiais, com Patente de Tenente, para cima, representavam 5%, dos Militares da Insurreição. Na contagem dos óbitos, eles chegam ao elevado índice de 32%. Pitágoras, o tipo afeito aos padrões esquemáticos das razões e proporções, aduz: chama-se de desvio padrão, senão desafio probabilístico, a não repetir o refrão do vulgo: “*Que mentira, de lorota, boa!*”.

Tem “jaboti no telhado” da tabuada, diz o Pitágoras de Igapó. Nessa contabilidade oficial das Autoridades: primeiro, a contagem em tela, considera, exclusivamente, vítimas, os Militares. Desconsideram, os óbitos dos civis, os quais, constituíram, a maioria participante do Movimento. Óbitos, do lado rebelde, não se contam? Não há registro da formação de Brigadas Civis, para defesa da Legalidade. Porém, formaram-se Brigadas, com elementos civis, a maioria da Revolução. Seriam imortais? Tampouco, ou, muito menos, a contagem oficial registra os fuzilamentos ocorridos, nas Pedreiras da Muribeca. Nem os assassinatos, nos porões do DOPS. Nem as crianças, que tombaram, no Largo da Paz. Tampouco, registra-se as mortes,

de dezenas de Guerrilheiros, na Zona Rural do Sertão do Pajeú, Moxotó e São Francisco. Dessa banda do rio, ninguém morreu? Os Donos do Poder informam o que querem, como querem, manipulam fatos. Quando precisam, adulteram, fabricam cadáveres, ou, os ocultam. Criam e inventam, heróis e bandidos. Elevam, ou destroem, reputações. Nesse contexto, culpar os comunistas e excluir-se de crimes e responsabilidades, fazem parte do ataque ideológico, da Luta de Classes. É a História dos dominadores, dos vencedores. É a construção do discurso e do registro da História que precisa ser desmascarada, desconstruída, pela História, contada, na perspectiva dos dominados, até então, dos vencidos.

13. Passando a Revolução em Revista

No Nordeste, a poesia nasce, como a flor do mandacaru, entre espinhos, a cantoria dos riachos parcos de água lavam as almas Severinas dos desiguais, em tudo, na vida.

A Revolução de 1935, no Nordeste, foi cantada por poetas populares em cordéis de feiras livres, na imagética das sagas desses rincões, como Lampião e Maria Bonita ou a Mulher que enganou o Diabo, o Coronel lobisomem, Lendas do gosto popular. 1935, também, lê-se, na partitura de cantores clássicos, de tenores eruditos das árias da "era Vargas"¹⁴⁷ Nesses, a Revolução Comunista aparece, como canto episódico, cantata de efeméride, no dizer do brejeiro, “defunto ruim, que não merece uma vela”.

Porém, 1935, numa outra perspectiva, a sujeira histórica, oculta debaixo do tapete, sai das coxias, para ocupar a centralidade das ribaltas, nos palcos de Óperas e Operetas, da História do Movimento Operário e Comunista do Brasil, pelo esforço de pesquisadores, quais Antônio José Segatto:(1984);¹⁴⁸ José Paulo Netto:(1982)¹⁴⁹; Nélon Werneck Sodré:(1984);¹⁵⁰ Moisés Vinhas: (1992);¹⁵¹ Ronaldo Chilcote:(1982);¹⁵² Edgard Carone:(1982 e 1965)¹⁵³; Eliézer Pacheco: (1984)¹⁵⁴; João Falcão: (1988)¹⁵⁵; Michel Zaidan: (1982)¹⁵⁶; Dario Canale: (s/d) e (1985)¹⁵⁷; Moniz

¹⁴⁷ Cf. Relação de autores da nota 223 do Fim do Idílio.

¹⁴⁸ Cf. SEGATTO, José Antônio. **Breve História do PCB**, São Paulo, Novos Rumos, 1984.

¹⁴⁹ Cf. NETTO, José Paulo et alli, **PCB- Memória Fotográfica - 1922-1982**, São Paulo: Brasiliense, 1982.

¹⁵⁰ Cf. SODRÉ, Nélon Werneck. **Contribuição à História do PCB**. São Paulo: Global, 1984.

¹⁵¹ Cf. VINHAS, Moisés. **O Partidão - A luta por um partido de massas**. São Paulo: Hucitec, 1982.

¹⁵² Cf. CHILCOTE, Ronald H. **O Partido Comunista- Conflito e Integração**, Rio de Janeiro: Graal, 1982.

¹⁵³ Cf. CARONE, Edgard. **Revolução do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: 1965; O PCB - corpo e alma do Brasil, São Paulo, Difel, V. 1. 1982.

¹⁵⁴ Cf. PACHECO, Eliezer. **O Partido Comunista Brasileiro - 1922-1964**, São Paulo: Alfa Omega, 1984

¹⁵⁵ Cf. FALCÃO, João. **O Partido Comunista Que eu Conheci**. S/R, 1988.

¹⁵⁶ Cf. ZAIDAM, Michel. **O PCB e a Internacional Comunista**, São Paulo: Vértice, 1988.

¹⁵⁷ Cf. CANALE, Dario. **Surge a Seção Brasileira da IC**, Mimeo. S/d, Alemanha et alli Novembro de 1935: **Meio Século Depois**, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

Bandeira et alli: (1967)¹⁵⁸; Leôncio Basbaum:(1962)¹⁵⁹;Ricardo Antunes: (1982)¹⁶⁰; Luiz Autuori: (1956)¹⁶¹; José Augusto Azevedo, (1966)¹⁶²; Antonio Paulo Rezende, (1990)¹⁶³; John W.F. Dulles:(1973)¹⁶⁴;Leandro Konder: (1980)¹⁶⁵; Boris Koval: (1982)¹⁶⁶; Paulo Sérgio Pinheiro:(1992) et alli: (1979)¹⁶⁷; José Jofilly: (1979)¹⁶⁸; José Octávio: (1990)¹⁶⁹; Leila Maria Gonçalves Hernández: (1979)¹⁷⁰; Hélio Silva: (1969)¹⁷¹ e (1975); Affonso Henrique: (1980)¹⁷²; Homero de Oliveira Costa: (1995).¹⁷³

A produção acadêmica registra Artigos, Monografias e Teses: Nadja Maria Brayne(1985/UFPE)¹⁷⁴; Gildo M. Brandão(1992/USP)¹⁷⁵; Marcos Guedes(1992/Essex)¹⁷⁶ e o Ensaísta (1994/UFPE e 1998/UFPE)¹⁷⁷, Kleber Oliveira dos Santos (UER/2014), dentre tantos outros. ¹⁷⁸

O gênero biográfico e de memórias é dos mais sortidos. Abundam narrativas, dos protagonistas, combates, partícipes, autênticos e genéricos,

¹⁵⁸ Cf. BANDEIRA, Muniz. **O Ano Vermelho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

¹⁵⁹ Cf. BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República** v. 3, Rio de Janeiro: Edaglit, Vls. 1 e 3, 1962.

¹⁶⁰ Cf. ANTUNES, Ricardo. **A Classe Operária, Sindicato e Partido no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1982.

¹⁶¹ Cf. AUTUORI, Luiz. **O Sentido Comunista da Democracia**, Rio de Janeiro: Valverde, 1956.

¹⁶² Cf. AZEVEDO, José Augusto. **Fragmentos da História Operária no Brasil**. Rio de Janeiro, ed. do autor, 1966.

¹⁶³Cf. REZENDE, Antônio Paulo. **História do Movimento Operário no Brasil**. São Paulo: Ática, 1990.

¹⁶⁴ Cf. DULLES, W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil - 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973. SANTOS, Kleber Oliveira dos. **A Revolução Comunista de 1935**

¹⁶⁵Cf. KONDER, Leandro. **A Democracia e os Comunistas no Brasil**, Rio de Janeiro: Graal, 1980.

¹⁶⁶ Cf. KOVAL, Boris. **História do Proletariado Brasileiro**. São Paulo: Alfa Omega, 1982.

¹⁶⁷ Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A Classe Operária no Brasil**. São Paulo: Alfa Omega, 1979.

¹⁶⁸ Cf. JOFILLY, José. **Revolta e Revolução**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

¹⁶⁹ Cf. OTCÁVIO, José. **A República no Brasil: Ideologia, Partidos e relações Exteriores**. Paraíba, FCJA, 1990.

¹⁷⁰ Cf. HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves. **Aliança Nacional Libertadora: ideologia e ação**, Rio Grande do Sul: Mercado aberto, 1985.

¹⁷¹ Cf. SILVA, Hélio. **A Revolta Vermelha**, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1969.

¹⁷² Cf. HENRIQUE, Affonso. **Vargas, o Maquiavélico**. São Paulo: Palácio do Livro, 1961.

¹⁷³ Cf. COSTA, Homero de Oliveira. **A Insurreição Comunista de 1935**. São Paulo: Ensaio, 1995.

¹⁷⁴ Cf. BRYNE, Nadja Maria. **Luta e Resistência: o operariado do Recife nos anos 30**. Pimes/UFPE, 1985.

¹⁷⁵Cf. BRANDÃO, Gildo M. **Partido Comunista, Capitalismo e Democracia**. São Paulo: USP, 1992.

¹⁷⁶Cf. GUEDES, Marcos. **Stalinismo e PCB**, England: ESSEX, 1992.

¹⁷⁷Cf. SARMENTO, Antônio Natanael Martins. **Abalos de Sábado à Noite - Do Governo Popular e Revolucionário em Natal `a Guerra do Largo da Paz em Recife**. Recife: UFPE, 1994. Mestrado e Doutorado Urnas & Baionetas – **Os Comunistas na Política de Pernambuco 1930-1935**, Recife- UFPE 1998.

¹⁷⁸ SANTOS, Kleber Oliveira dos. **A Revolução Comunista de 1935: um olhar sobre a situação no interior do RN**. Rio de Janeiro: Mestrado História UER, 2014.

nos dois lados, das trincheiras. O campo da memória é pantanoso. Portanto, o visitante, deve cerca-lo, de cuidados especiais. Recomenda-se, o cotejo das informações, com outras fontes, pois a seletividade do Registro Pessoal, é inelutável. Farto das bazófilas, dos amigos, campeões em tudo, o Poeta Fernando Pessoa, dizia-se, ridículo, vil, apenas, ele, nesse mundo?¹⁷⁹

A produção historiográfica de Nelson Werneck Sodré merece respeito, pela contribuição analítica e documental efetiva e pelo pioneirismo. Porém, a obra *A Intentona Comunista de 1935* (1986),¹⁸⁰ Werneck Sodré comete dois equívocos. Primeiro: atribuir a Hélio Silva, o pioneirismo da abordagem da Revolução de 1935, no livro *A Revolta Vermelha* (1969). Hélio Silva não foi o pioneiro. No remoto ano de 1937, João Medeiros Filho escreveu a obra *Meu Depoimento Sobre a Revolução Comunista*, no Rio Grande do Norte.¹⁸¹ O Segundo equívoco: 1935 já foi objeto específico, de vários autores: Dario Canele, Hélio Silva, ele próprio Sodré, Ferdinando de Carvalho com *Lembra-vos de 35* (1981) e *A Intentona Comunista de 1935*, José de Campos Aragão (1973). Note-se que, Nelson Werneck Sodré e José de Campos Aragão utilizam-se, do mesmo Título: *Intentona Comunista de 1935*. Porém, atentar, porque o primeiro o faz, em termos conotativos, enquanto, o segundo, com sentido denotativo: as duas visões são díspares, opostas. Posteriormente ao livro, aqui comentado, de Nelson W. Sodré, outras Obras foram publicadas, entre elas: *Revolucionários de 1935*, de Marly de Almeida

¹⁷⁹Cf. Moacyr de Oliveira Filho, **Praxedes: Um Operário No Poder**. São Paulo: Alfa Omega, 1985; Etelvino Lins, **Um Depoimento Político**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1977; Frederico Mindello Carneiro Monteiro. **Depoimentos biográficos**. Rio de Janeiro: Olímpica, 1977; Gregório Lourenço Bezerra, **Memórias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979; Paulo Cavalcanti, **Da Coluna Prestes à Queda de Arraes**. São Paulo, Alfa Omega, 1978; Leôncio Basbaum, **Uma Vida em Seis Tempos**. São Paulo, Alfa Omega, 1976; Agildo Barata, **Vida de Um Revolucionário**. São Paulo: Alfa Omega, 1978; Heitor Ferreira Lima, **Caminhos Percorridos**. São Paulo: Brasiliense, 1982; João Café Filho, **Do Sindicato ao Catete**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962; Abguar Bastos, **Prestes e a Revolução Social**. Rio de Janeiro: Calvino, 1946; Otávio Brandão, **Combates e Batalhas**. São Paulo: Alfa Omega, 1978; João Maria Furtado, **Vertentes**, Rio de Janeiro: Olímpica, 1976; Dinarco Reis, **A Luta de Classes no Brasil**. São Paulo: Novos Rumos, 1983; Roberto Morena, **Memória & História** n° 3, São Paulo: Novos Rumos, 1987, entre outros.

¹⁸⁰ Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. **Contribuição à história do PCB**, pp 7-26

¹⁸¹ Cf. MEDEIROS, João Maria. **Meu depoimento**. Natal: Imprensa Oficial RN, 1937.

Gomes Vianna (1993); *Camaradas - A história secreta da revolução brasileira de 1935*, de William Waack (1993) e *A Insurreição Comunista de 1935- Natal - O Primeiro Ato da Tragédia*, de Homero Costa (1995) e Gildo Marçal Brandão, *A Esquerda Positiva* (1997) e *Às Armas, Camaradas! – A Insurreição Comunista e o Governo Popular de 1935, em Natal*, deste Autor (2016).¹⁸²

Das leituras e reflexões, sobre as obras relacionadas, destacam-se, pelo menos quatro *pomos da discórdia*: quatro pontos de controvérsias, mais presentes, nas narrativas. Nas sínteses, conceitos, interpretações sobre 1935, identificam-se e distinguem-se variadas narrativas da trama histórica: Primeira: Quanto à base social-política do Movimento; Segunda: Quanto ao papel dos protagonistas internos PCB, ANL, AIB e externos I.C e BSA. Terceiro: Quanto à atuação do Governo Brasileiro; Quarto: Quanto à natureza do Movimento: Revolta, Rebelião, Insurreição, Revolução, Quartelada.

Quanto as respostas apresentadas, para a primeira questão, identificam-se duas versões dicotômicas: a do *libelo-acusatório* e a da *contrariedade do libelo-acusatório*. A tese do “libelo acusatório”, explica, 1935, como, Intentona Comunista, como tentativa de golpe solerte, preparado e executado pelos Comunistas, desde Moscou, a Meca do MCI. Nessa tese, a ANL foi mero biombo do PCB. Estão identificados, com essa explicação, quase todos os Agentes Políticos do Estado, os defensores da “legalidade institucional” do momento: Getúlio Vargas, Fillinto Muller, Bellens Porto, Etelvino Lins e

¹⁸² Cf. VIANNA, Marly de Almeida Gomes, obra citada, São Paulo: Companhia das Letras, 1993; WAACK Williams obra citada, São Paulo: Companhia das Letras, 1993. COSTA, HOMERO obra citada, São Paulo, Ed. Ensaio, 1995 está entre as mais completas obras sobre o movimento no Rio Grande do Norte; BRANDÃO, Gildo Marçal. ob. cit. São Paulo, Editora Huccitec, 1997. Cf. Sarmento, Natanael. **Às Armas, Camaradas! A Insurreição Comunista e o Governo Popular de 1935 em Natal**. Mossoró: Sarau das Letras: 2016.

João Medeiros. Denomina-se *libelo-crime acusatório*, face a imputação, aos Comunistas, de crimes de assassinato, lesa pátria, entre outros.

A *tese da contrariedade do libelo-acusatório* explica 1935, como Movimento Nacional Libertador. Como articulação política oposicionista ampla, não, exclusivamente, comunista. Para a tese, a ANL foi a Frente política Ampla, Democrática, Antiimperialista e Antifascista criada para emancipar o Brasil do jugo Imperialista e promover o progresso Nacional, através de um Programa de Reformas. Essa Frente agregava várias tendências e ideologias de Oposição ao Governo de Getúlio, considerado, antidemocrático, antinacional e simpático do Fascismo e do Nazismo. Com a ilegalidade da Frente Ampla - ANL, os Democratas Nacionalistas e Comunistas, preparam, o caminho insurrecional da Revolução Nacional Libertadora, na clandestinidade, reativando os Núcleos da ANL, pelo Brasil, de Norte a Sul, fechados pelo Decreto “Monstro” de Vargas.

Nessa versão, identificam-se pequenas variações, nos enfoques dados aos insurgentes: os defensores da Revolução, os Oponentes do Governo Vargas, ao papel de personagens: Luís Carlos Prestes, Gregório Bezerra, Giocondo Dias, Paulo Cavalcanti, João Maria Furtado. Trata-se da tese da defesa dos acusados.

A segunda questão controvertida afigura-se complexa, traz a problemática da correlação do externo-interno. O problema consiste na delimitação do grau de interveniência do fatores externos. Até que ponto o Movimento Comunista Internacional e a IC, por meio do Bureau Sul Americano, influíram, nos rumos dos acontecimentos revolucionários de 1935, no Brasil?

Três respostas diferentes são dadas para essa questão: A primeira, *tese da heteronomia*: subordina os fatores internos do país às determinações,

tomadas, externamente, em Moscou. Os acontecimentos do Brasil foram preparados e projetados, fora do Brasil e subordinam-se, todos, os demais fatores nacionais, aos ditames externos, definidos na IC. Para a versão, o PCB, ou a *Seção Brasileira do Movimento Comunista Internacional –IC* foi mera correia de transmissão das diretrizes táticas e estratégicas da IC. 1935 expressou, a Nova Política do MCI, que planejou e auxiliou a execução material da Insurreição, no Brasil. São identificados, nessa tese: John F. Dulles¹⁸³, Paulo S. Pinheiro,¹⁸⁴ e William Waack¹⁸⁵.

A *tese da autonomia* apresenta-se, como antítese da explicação anterior. Nessa, o PCB explica-se, como Partido Nacional, estruturado no Brasil, por brasileiros, antes mesmo da filiação à IC. Assim, teve condição e autonomia para elaborar e definir a própria Linha Política, as táticas e estratégias, inclusive definir o caminho da Revolução, em 1935. Trata o Partido, como revolucionário e da classe operária, criado para realizar a Revolução Proletária, Socialista. Registra acertos e erros, nas próprias avaliações e balanços, de maneira que os Comunistas do Brasil convenceram a cúpula da IC, sobre as condições favoráveis para uma Revolução, no País. As relações do PCB se davam, internamente, com a ANL e, externamente, com a IC. Como quaisquer Partidos ou Organizações, o grau das relações e intercessões definem-se, na prática, nas tarefas, em buscas dos objetivos comuns e nas correlação das forças existentes, entre as Organizações integrantes, do processo. A relação do PCB com a I.C. não significa, em absoluto, perda da identidade orgânica e nacional. O Movimento Revolucionário de 1935 expressava o Programa Nacional Libertador e contou, com adesão de Personalidades Civis e Militares não filiadas, ao PCB. Logo, a Revolução de 1935 não foi obra, exclusiva, do PCB, Partido com

¹⁸³ Cf. *Anarquista e Comunistas no Brasil*. Ob. Cit.

¹⁸⁴ Cf. *A III Internacional e a Gênese da Preocupação com a América Latina*, São Paulo, CEDEC, 1979.

¹⁸⁵ Cf. *Camaradas*. Ob. Cit.

cerca de 1.000 filiados, em todo País, devendo, ser debitada, ao conjunto das Forças Políticas, agregadas, na ANL. As estratégias foram debatidas e discutidas, em Moscou, com líderes da I.C. Em relação ao Brasil, manteve-se o protocolo, da decisão final caber aos líderes das Seções Comunistas Nacionais. No Brasil, em 1935, não foi diferente. Portanto, a versão dos "Agentes de Moscou" deflagrarem o Movimento, do Comando Externo, deve ser combatida, pelos comunistas, por serem teses falsas, reacionárias e anticomunistas. Sustentam-na, entre outros: Luís Carlos Prestes,¹⁸⁶ Gregório Bezerra¹⁸⁷, Pedro Pomar¹⁸⁸ e Giocondo Dias e o Escriba do presente Ensaio.¹⁸⁹

A tese da *correlação* propõe-se superar o que considera mecânica de causas ou fatores internos e externos, um em detrimento, do outro. O que não quer dizer que esta Análise dispense o concurso dos ditos fatores. Encontram-se algumas variações, de ênfase, nos fatores. A tese procura uma correlação dialética da unidade e diversidade, interno e externo. Entre os arautos da posição destacam-se: Dario Canale,¹⁹⁰ José Nilo Tavares¹⁹¹ e Michel Zaidan Filho¹⁹².

No tocante ao papel do governo Vargas, identificam-se três posições bem delimitadas: a primeira, tese de *comissiva*, a segunda, *omissiva-comissiva* e a terceira, *escusável*.

¹⁸⁶ Cf. Discurso realizado em Sofia, Bulgária, em 18.06.1972, na Conferência Internacional em homenagem a Dimitrov. In **Novembro de 1935 - Meio Século depois**. Canário Dario *et alli*, ob. cit. anexo 2, pp- 162 usque 169.

¹⁸⁷ - Cf. ob.cit.pp.228ss.

¹⁸⁸ - Cf. A Gloriosa Bandeira de 1935, Artigo publicado na *Classe Operária* n° 102/ 1975, pelo Quadragésimo Aniversário da Insurreição. *Apud* Moacyr de Oliveira Filho, ob.cit.pp. 107-124.

¹⁸⁹ - Cf. Depoimento prestado ao Autor - RJ, julho de 1980.

¹⁹⁰ - Cf. **A Internacional Comunista e o Brasil** in ob.cit.pp 93-130.

¹⁹¹ - Cf. **1935: Reavaliação de análise** in ob. cit. pp 37-84.

¹⁹² - Cf. **O PCB a IC** ob.cit. Na Obra, Michel Zaidan relativiza a "subordinação" do PCB às influências da IC, refutando, destarte, as teses dos heteronomistas Paulo Pinheiro, Edgard Salvadori de Decca, Kazumi Munakata e Ítalo Tronca.

No entendimento da tese *comissiva*, Vargas e seguidores, nos diferentes níveis da Administração Pública, tiveram participação decisiva, nos acontecimentos de 1935. Eles provocaram ou estimularam, a precipitação da Revolta. O objetivo do Governo seria criar o clima de intranquilidade, para justificar a ampliação dos poderes, Decretar o *Estado de Sítio*, abrir o caminho do Golpe do Estado Novo, em 1937. Essa explicação, ou interpretação, encontra-se, na narrativa do *Maquiavelismo de Vargas* de Affonso Henrique,¹⁹³ também, compartilhada, por Gumercindo Cabral¹⁹⁴ e por Agildo Ribeiro Barata.¹⁹⁵

Na tese, *omissiva-comissiva*, Vargas estava bem informado da preparação do Movimento Insurrecional. Idem, da presença, dos estrangeiros da I.C, no Brasil, informado pelos Agentes da *Scotland Yard* e da Embaixada Inglesa. Em estado de alerta, Vargas, antecipadamente, recomenda, cautela, aos Governadores aliados. Pela versão, Getúlio Vargas obtinha, também, informações, de Agentes Infiltrados, no PCB e na ANL. Conhecia, portanto, todo movimento, da Conspiração. Getúlio, estrategista, deixa que a Insurreição irrompa, para cortar as cabeças expostas dos Oposicionistas. Senhor absoluto da situação, sabia que o Movimento Revolucionário não oferecia perigo real. Assim, a “Raposa astuta”, deixava “o circo pegar fogo”, para tirar proveito, do “perigo” e se fortalecer, no papel de Salvador da Pátria. Trata-se de versão similar à anterior, porém, abrandada, no *maquiavelismo* de Vargas. Nessa segunda explicação, Getúlio Vargas não move os cordéis, dos bastidores. Não acende, o estopim da bomba. Ele age, deixando de agir, omitindo-se. Deixa a Rebelião eclodir, sem nada fazer, para impedi-la, preventivamente. No exercício da Presidência não só poderia, como e deveria, impedir o desenvolvimento de tal processo. Porém,

¹⁹³ Cf. Vargas, O Maquiavélico, ob.cit.

¹⁹⁴ Cf. Depoimento prestado ao Autor. Recife, dezembro 1992.

¹⁹⁵ Cf. *A Vida de Um Revolucionário*, ob.cit.

a vantagem política para ele, consistia, em deixar a tempestade cair, para depois, aparecer, na qualidade do Chefe Salvador. Passada a tempestade, ficava, com cartas nas mangas, para perseguir adversários e reprimir os insurretos. Para colher os dividendos políticos, da vitória da Ordem contra a Subversão. O bombeiro que deixou o fogo começar, causar alguns prejuízos, para ter a oportunidade de debelar o incêndio e posar de Herói. Na condição de chefe de Estado, Vargas, teria a obrigação de impedir, de abortar a Insurreição. Mas, não o faz, intencionalmente. Desse entendimento, em suas linhas gerais, compartilham: Hélio Silva¹⁹⁶ e Ronald Chilcot, entre outros.¹⁹⁷

A terceira tese *escusável* procura isentar Getúlio Vargas de qualquer responsabilidade, comissiva ou omissiva, pelos Sucessos Revolucionários de 1935. O Chefe de Governo e do Povo brasileiro, surpreende-se, com a ação extrema e tresloucada, dos Insurgentes. Porém, depois dos primeiros momentos de estupefação, com o movimento extremo, o Governo decide agir, com toda sua autoridade e determinação que a excepcionalidade do momento exigia. E, nesse desiderato, mostra grande eficiência, em jugular o Movimento Subversivo e restabelecer a Ordem, a Paz Social, prontamente. Getúlio Dornelas Vargas correspondeu, com todo louvor, às expectativas da Nação brasileira: faz o que se esperava do Presidente da República. Domina a Rebelião, processa e julga os responsáveis pelo crime de Lesa-Pátria, de acordo com excepcionalidade do momento, com a Lei de Segurança Nacional e o Tribunal de Segurança Nacional, criados para tal fim. Trata-se da versão oficial do Governo Vargas: notas oficiais, entrevistas do próprio Vargas e das Autoridades Governamentais Estaduais, com mesmo conteúdo. Foi a versão, mais, amplamente, difundida, por óbvias razões, nos Jornais e

¹⁹⁶ Cf. **História da República Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1975, Vol. 9.

¹⁹⁷ Cf. **O PCB-Conflito e Integração**. ob.cit.

emissoras de rádio, de Pernambuco e do país, no calor, dos acontecimentos revolucionários.¹⁹⁸

A quarta explicação trata o Movimento Insurrecional, de 1935, em balanço crítico. Neste aspecto, tudo subdivido, em três teses distintas: 1ª *tese da execração*. É a explicação do Movimento de 1935, como "*golpe traiçoeiro*", perpetrado pelos Comunistas, os Agentes, financiados pelo ouro de Moscou. Tipos traidores que pretendiam transformar o Brasil, numa República Soviética. É a tese da *Intentona Comunista*, perpetrada pelos traidores da Pátria. Ação solerte, movida por doutrinas extremas e exóticas, incompatíveis com os sentimentos e valores da Pátria brasileira. Os Comunistas cometeram crimes torpes, assassinatos de pessoas que dormiam, etc. De surpresa, tentam golpear a Pátria pelas costas, porém, ação fadada ao insucesso das plantas exóticas do Comunismo ateu que não medram, no solo sagrado do Brasil. Concebe o Comunismo, como ideologia da discórdia, anticristã e incompatível, com à índole religiosa e pacífica do Povo cordato do Brasil. Trata-se da avaliação do próprio Getúlio Vargas, amplamente divulgada, nos Jornais. Esse discurso anticomunista, embora bizarro, tem recepção, nos meios Militares, nas Edições da Biblioteca do Exército, com José de Campos Aragão e Ferdinando de Carvalho¹⁹⁹. Essa ideologia grotesca ganha nova roupagem, reformulada pelos ideólogos da ESG, na formulação da Doutrina da Segurança Nacional: a do golpe de 1964.

A tese *apologista* explica o Movimento de 1935, como página memorável da História social brasileira, momento glorioso, da luta de classes, no País. Nessa perspectiva, a Revolução Nacional Libertadora

¹⁹⁸ Cf. **Diário de Pernambuco** - n°s 227 ss, Recife, de 27.11.35 a 31.12.35; C. **Jornal do Comércio e Jornal Pequeno** in Arquivo Público PE. **A República**, Natal, n°s. 1465 a 1480; **Diário de São Paulo** n°s. 2363 a 2367, de 26.11.35 a 27.11.35, **Folha da Manhã**, SP, n°s.2583 a 2588, de 26.11.35 a 30.11.35, entre outros.

¹⁹⁹ Cf. ARAGÃO, José Campos: (1973) - **A Intentona Comunista**, ob.cit. Et CARVALHO, Ferdinando: (1981) - **Lembraí-vos de 35**, ob.cit.

representa um dos momentos mais emblemáticos do confronto revolucionário dos Comunistas e aliados Democratas-Nacionalistas do bloco antifascista, formado pelo PCB/ANL contra o Fascismo e o Imperialismo que Getúlio Vargas e a Burguesia entreguista representavam, naquela conjuntura. Planejar a Revolução e executá-la, ainda que, sem o êxito esperado, representa Feito Glorioso que deve ser resgatado, pela memória dos Combatentes das Causas Populares. Apesar de erros e equívocos, na execução, o exemplo da coragem e disposição revolucionária, o inequívoco Patriotismo das lideranças nacionais e o despojamento e solidariedade, dos Camaradas, da Internacional Comunista. Assim, 1935 deve ser preservado, na memória do Povo e dos Revolucionários. Deve-se aprender, com os erros, mas nunca desistir dos propósitos da luta justa e memorável contra as Forças reacionárias e entreguistas, do País. Foi a tese do Balanço dos Diretórios Nacional e Regional de SP, da ANL, em 1936. Em linhas gerais, a tese é ratificada, anos depois, por Luís Carlos Prestes e, décadas depois, por Pedro Pomar.²⁰⁰

Quanto a tese *eclética*, seus Autores explicam, em geral, com juízos oscilantes, entre uma defesa tímida e, quase indefinida, e uma condenação velada, uma crítica atenuada do Movimento de 1935. Também, aparecem, em explicações, que condenam, abertamente, porém, fazem ressalvas atenuantes, numa linha argumentativa de “duas no cravo, uma na ferradura”. Os intérpretes aqui consideramos “ecléticos”, examinam e correlacionam fatores e elementos, formadores da convicção, chegando às mais diferentes conclusões, porém, cotejam, recorrentemente, a falta de condições: objetivas, ou subjetivas da Revolução. Aduzem o desconhecimento da realidade brasileira, por parte da I.C. e da Direção do PCB, destacam, a concepção instrumental, da Democracia, vista como objetivo tático e não

²⁰⁰ Vide notas 42 e 44 deste capítulo.

estratégico, visão típica do pensamento pequeno-burguês golpista, de viés *tenentista* ou *stalinista*, das lideranças; erros avaliativos da correlação de forças na Sociedade brasileira, prevalência da visão golpista típica do tenentismo, do líder Carlos Prestes. Aduzem que o fechamento da ANL e Decretação do Estado de Sítio exigiam, recuo tático, jamais, radicalizar o processo e avançar à Luta Armada. Concluem, assim que a derrota Militar da Revolução foi o desdobramento da derrota Política: expressa-se, na falta de apoio social, à Revolução. Acentua-se a baixa inserção social do Movimento, junto ao Proletariado, o caráter de Levante Militar de Quartel, o despreparo dos Revolucionários, para a intervenção armada, verificável, na descoordenação – eclosão, em dias diferentes, 23, em Natal, 24, em Recife, e 27, no Rio, quando já estava jugulada, em outras localidades; a precipitação da eclosão, em Natal, deflagração, por questões locais; a deflagração, por gravitação do Movimento, no Recife, eclodindo, em consequência, da Revolução, em Natal, retardamento e desorientação do Comando, no Rio de Janeiro, face à precipitação do RN e o “efeito cascata” em PE, perda do elemento surpresa, essencial, em ações do gênero, equívoco no combater a marcha do autoritarismo Getulista, pela incorreta interpretação da realidade e pretexto de ouro, para Getúlio implantar o Estado Novo, em 1937. Por vezes, a Tese considera, correta, o combate ao avanço do Fascismo, porém, concluindo, pelo equívoco do meio utilizado, para o combater a escalada reacionária, a qual devia ser travada, na Arena Política institucional.²⁰¹ A tese, embora pretenda, por vezes, fazer o “papel da Diana do Pastoril”, a mediar as tensões, entre os cordões vermelho e o azul, em verdade, é acentuadamente, defensora da legalidade e desconsidera que a Luta Armada Revolucionário vem a ser a mais elevada forma da Luta

²⁰¹ Entendemos no conjunto, alguns autores, entre os quais, Paulo Cavalcanti, Dario Canale, José Nilo Tavares, José Paulo Netto, José Antonio Segatto etc.

Política dos oprimidos, e no estágio do Capitalismo, do Proletariado Revolucionário.

14. Epílogo, à guisa de Considerações Semifinais

Trata-se do segundo livro da Trilogia: Às Armas, Camaradas! O Ensaísta, ameaça os milhões, de quatro ou cinco leitores fiéis, com o Terceiro e último volume, em breve futuro. Acacianamente, *a narrativa acaba, quando termina*, daí falar-se, nesse segundo Ato da Peça, em considerações semifinais. Trama histórica, sistematizada, em três Atos: Natal, Recife e Rio de Janeiro, o depois, conforme preleciona o Conselheiro Acácio, não antecede o antes.

Esse opúsculo fuçou a Revolução Nacional Libertadora, de 1935, em Pernambuco, onde, não foi começo, tampouco, o fim do Movimento. Pernambuco desembainhou as armas, no Domingo, 24 de novembro, de 1935, por gravitação: atraído e embalado, pela Revolução iniciada, precipitadamente, no Sábado, 23, em Natal, na Capital potiguar.

Porém, quer de onde o Trem Revolucionário partiu (Natal), por onde ele passou (Recife), ou, a Estação final, onde chegou (Rio de Janeiro), essa viagem da Locomotiva Revolucionário de 1935 tem recebida diferentes avaliações. Quer dos passageiros, protagonistas, das diferentes classes, quer dos intérpretes, com denominações indicativas de trilhas diferentes: fatos históricos, explicados, diferentemente, com mudança, na forma e, no conteúdo. A historiografia de 1935, como toda narrativa, é o campo da História: o espaço social, de todos, das diferentes janelas e perspectivas, a paisagem vista de diferentes maneiras.

É nessa perspectiva, pluralista, que, para uns, trata-se de Intentona Comunista, para outros, Revolução Nacional Libertadora, ademais das outras denominações: Revolta, Rebelião, Insurreição, Putsch, Golpe, Quartelada. Tem recebido mais nomes e pseudônimos que comunista, na clandestinidade, comparação que calha, ou dama, de cabaré, comparativo, de alcance universal.

Conclui-se que a denominação não é questão menor, de mera nomenclatura. Ela pode representar algo de importância social para um povo ou mesmo toda humanidade, certa universalidade, como as paradigmáticas Revoluções: da burguesia, em 1789, na França e do Proletariado, em 1917, na Rússia. Ambas, desde então, associadas às ideias do Progresso, de Libertação, de Conquistas Sociais e Políticas.

Por outro lado, expressões tipo *intentona*, *golpe*, *quartelada* e *putsch* reduzem a importância social e o papel do Movimento. Sai da dimensão universal para a paroquial de expressão de interesses subalternos, grupais, corporativos. Portanto, a definição do nome, para designar os Sucessos de 1935, tem relevância, na luta ideológica das classes fundamentais do Capitalismo: Burguesia e Proletariado.

Nesse diapasão, a Banda Burguesa, da ideologia reacionária foi regida pelos Maestros da Legalidade da ocasião: Getúlio Vargas, Rafael Fernandes, Estácio Coimbra, Felino Muller, João Medeiros, Etelvino Lins, procurara caracterizar, o Movimento, como extremista e comunista: a *Intentona Comunista*. Identificada a mazela: o espectro do comunismo. Resulta a prescrição medicamentosa curativa: Estado de Sítio, restrição de Liberdades Cívicas, Suspensão de Eleições, Golpe de Estado. Mais tempo no Poder, mais tempo de uso e abuso do Poder, sem a inconveniência de passar, pela escolha popular através do voto.²⁰² Bom, para os de cima.

No outro lado das Barricadas, Luiz Carlos Prestes, Gregório Bezerra, Giocondo Dias, Diarco Reis, Silo Meireles, Lamartine Coutinho, Alberto Besouchet definem 1935, como Movimento Revolucionário da Frente

²⁰² O *Plano Cohen*. Para Hélio Silva: " uma das mais monstruosas farsas da História, armada como um dragão de papel, para atemorizar o Congresso e o povo brasileiro, arrancando-lhe a decretação do Estado de Guerra e propiciando a implantação do Estado Novo". Nesse artilheiro usado por Vargas, os comunistas conspiravam a tomada do poder através do assassinato de várias autoridades. Os reais "autores" do Plano Cohen reconheceram a sua falsificação, décadas depois. Cf. Olympio Mourão Filho in **Memórias**, Rio Grande do Sul, L&PM, 1978, p.7.

Nacional Libertadora, de oposição ao Fascismo e ao Governo de traição nacional, de Getúlio Vargas *et cetera*. Esses Atores situam a Luta Armada, no contexto do processo Político-social amplo, como Projeto Revolucionário-nacional-libertador. Dessa maneira, contestam a exclusividade comunista da Revolução malograda e a todos as denominações desqualificativas ou a menor: Intentona, Quartelada, Golpe, etc. Apresentam a ANL como a Frente Antifascista e Anti-imperialista que mobilizou, em pouco tempo, massas de milhões, no Brasil. A tentativa de Revolução, como Movimento Legítimo. Conseqüentemente, a derrota, da Revolução, entendida, como vitória da Burguesia Reacionária e do imperialismo, um retrocesso, na Luta do Povo Brasileiro, dos explorados. É a compreensão Revolucionária, dos Revolucionários e dos Partidos, verdadeiramente, Revolucionário. Não mais defendida, pelos Partidos, apenas, nominalmente, Comunistas que abdicaram dos Princípios do Marxismo-Leninismo e da Luta de Classes. Partidos “Comunistas” corrompidos, com desvios de Direita, Revisionistas. Renegados e traidores da luta revolucionária, assim, os difamadores e os que abdicaram, da Gloriosa Herança da 3ª Internacional. Partidos ditos Comunistas, que, na prática, perdem-se no jogo eleitoral Burguês, esquecidos, completamente, da alternativa da conquista do Poder, apologistas da via exclusiva, das disputas Eleitorais Parlamentares, iludidos, ou vendidos, para a docilidade das regras Políticas, nas Ditaduras das Minorias de todas as Democracias Liberais Burguesas. Renegar qualquer forma de Luta contra a Burguesia e seu Estado, inclusive a Luta Armada Revolucionária, é ilusão de classe e traição, do Proletariado, se a negativa partir de quem se autodenomina, Comunista.²⁰³

²⁰³ A ideia de Revolução, dissocia-se da Luta Insurrecional, no campo dos Partidos Comunistas, alcança diversos Partidos, inclusive, o PCB. A partir dos anos 1960, a tendência emanada do PCUS, seguia uma nova orientação: o Socialismo encontrava-se, estabelecido, em boa parte do Mundo. Logo, os Comunistas poderiam, chegar, ao Poder, pela via pacífica.. Cf. Bottomore, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. cit. p. 326. Foi a linha política adotada pelo PCB: "Nas condições atuais do Brasil e do Mundo, existe a possibilidade real de o processo revolucionário brasileiro atingir os seus objetivos por caminhos que

Toda História permite interpretações várias e díspares: a dos eventos Revolucionários de 1935 não discrepa dessas múltiplas possibilidades. O presente Ensaio não tem a veleidade do Pioneirismo, tampouco, da Palavra Final, da *síntese das sínteses*. Tem, por escopo, a preservação da Memória Revolucionária, na perspectiva do vencido: o Registro da Luta Revolucionária, na visão dos comunistas brasileiros que não abandonaram a Luta, não abdicaram da Herança da 3ª Internacional, e não desistiram da perspectiva revolucionária, explicando 1935, como Batalha perdida pelos Comunistas, nessa Guerra, que não acabou, contra a Dominação Capitalista, no Brasil. Tampouco, o fato da Derrota representa motivo de vergonha ou desonra. Pelo contrário, a Revolução de 1935, está no panteão das mais gloriosas lutas, do povo brasileiro, pela libertação, pela emancipação, do jugo Imperialista e Capitalista.

Considerando, relevantes, as classificações, as contribuições dos Estudiosos do tema, que investigam as semelhanças e diferenças das Teses explicativas de 1935, sem pretenderem esgotar as possibilidades interpretativas. O Trabalho classificatório não finaliza, porém, ajuda a superar, algumas dificuldades, na compreensão do tema e auxilia, o semeador de boa-fé, a separar, “o joio, do trigo”.²⁰⁴

A catalogação das versões ou interpretações, umas, mais, outras, menos, conhecidas, o Ensaísta faz, arbitrariamente, por conta própria, sem bazófilas e retóricas da “isenção ideológica” e da “distância, independência, intelectual”. Porém, sem embargo, assegura os procedimentos, de rigorosa metodologia, com objetividade fidedigna, do uso de Fontes Documentais:

excluam a luta armada, a insurreição e a guerra civil". Cf *Uma Alternativa Democrática Para a Crise Brasileiro*. São Paulo, Editora Novos Rumos, 1984, p.160.

²⁰⁴ Parte das questões que separam as diversas interpretações do Movimento de 35, na classificação sugerida, foi dialogada com José Nilo Tavares, in 1935: Reavaliação de análise, ob.cit.pp.72-83.

Inquérito Policial, Ofícios, Jornais, Bibliografia. Não busca escusar-se o Ensaísta de tomar posição, a lembrar do cantador que “*carrega no peito o cheiro e a cor da terra, a marca de sangue dos seus mortos e a certeza de luta de seus vivos.*”²⁰⁵

Assim, com sentimento, no peito, com sangue, nos olhos, foi revirado o baú da Revolução Nacional Libertadora de 1935, em Pernambuco, no solo, marcado pelo sangue dos Combatentes, na tentativa de desconstrução da História dos Vencedores. Para tanto, enaltecendo a obra inacabada e a coragem e valor, dos artífices, vencidos. A lembrar: a História da 1935, continua atual, como toda História Humana.

Quem consegue esquecer as provocações das célebres Homenagens Oficiais, *In memoriam* dos “mortos da Intentona Comunista”? Da cobertura midiática, do “Calendário Cívico” dos Ditadores, Torturadores e Assassinos que implantaram o Terror de Estado, no Brasil, em 1964 e transformaram o Anticomunismo, em Doutrina de Segurança Nacional?

Depois de tantas décadas, as dicotomias ideológicas continuam a balizar as explicações historiográficas, em *esquerda* e da *direita*, no Brasil, ainda que certas ‘novas explicações’ busquem ocultar o seu verdadeiro sentido. Nessa perspectiva, já, até teorizou, sobre o fim do Comunismo e o fim da História. Para o Francis Fukuyama, o fim da divisão Direita e Esquerda e o fim da História. Bazófia. Seguindo o fio de Ariadne, adentrando-se, no labirinto ideológico, ao cabo, encontra-se o Minotauro: o monstro Arauto da Direita ou Renegado, comprado por tinta moedas ou, umas a mais, senão, a menos.

Sobre a Revolução Nacional Libertadora em Pernambuco as responsabilidades todas são atiradas nos costados dos dirigentes do Partido

²⁰⁵ Cf. Descrição da lavra do Escritor SILVESTRE, François *in disco Cantoria*. Bahia, Produção fonográfica Kuarup, 1984 - gravação ao vivo no Teatro Castro Alves.

Comunista e da *Comissão Antimil*. Sem dúvida, desse Núcleo Dirigente, partiu a decisão, na madrugada do domingo, para deflagrar a Revolução.

Obviamente, a Revolução Nacional Libertadora não teve o desfecho, imaginado, pelos Revolucionários. Eles foram isolados, derrotados e caçados. Toda derrota é órfã, já, se disse: não tem pai, nem mãe.

Basta lembrar que, apenas, cinco anos antes, o Golpe de 1930, logrou vitória, nacionalmente. Quantos pais e mães, sobrando no cordão dos bajuladores do poder dos vitoriosos, os áulicos e oportunistas de todos os tempos!

A malograda Revolução de 1935 restou, sem pai e sem mãe: no âmbito do registro histórico, abundam os analistas e intérpretes, incontáveis engenheiros, de obras feitas, com teses do desfecho inevitável, como se a História fosse uma novela, cujo desfecho, estivesse determinado. Autores de folhetins, ditos historiadores, sequer, explicam por que miserável País asiático, o Vietnã, venceu, expulsou e humilhou a maior Potência Capitalista e armamentista do mundo, os Estados Unidos da América do Norte.

Centrar a crítica, na análise ou ‘autocrítica’, atirando pedras, em pessoas, por características golpistas, autoritárias ou cingir-se ao chamado excesso de interferência da I. C., tem a serventia do “*rabo cotó das cabras*”, não servem para espantar as moscas. Tampouco, cobrem os orifícios. O velho brejeiro diria que o *locus* da história tem buraco mais em baixo, no desenvolvimento das lutas das Classes Antagônicas, nas quais, o papel dos líderes são relevantes, mas não suficientes, para definir os rumos da História, que a história, assim, contada, “*é conversa, para boi dormir*”, com mitos e heróis.

Sobre a Ideologia voluntarista, supostamente, predominante, no PCB e na ANL, os informes triunfalistas e os erros de avaliação dos Líderes Comunistas Nacionais e os da Internacional Comunista, sobre equívocos,

quanto as análises críticas, das *condições revolucionárias*, muita água há de correr, nesse rio da Revolução que tudo arrasta e devora. Autores anotam que o voluntarismo quis “amadurecer no carbureto” a Revolução, por isso não conseguiu a vitória. Nem o Partido Comunista, nem a ANL, estavam aparelhados, suficientes, para fazer Revolução Social, para dirigirem a Revolução Libertadora Nacional. Alguém mais estaria?²⁰⁶

Uma análise histórica ou uma autocrítica séria dos Comunistas exigem profundos estudos e debates amplos, sobre o contexto histórico mundial e nacional, a organização da Burguesia no Estado Nacional e, no âmbito local, a organização do Proletariado, o voluntarismo, o papel do PCB e da Internacional Comunista, a influência nas Massas Populares e internas, nas hostes partidárias e da ANL das principais lideranças. Enfim, cuidadosa e complexa análise. Não se deve baixar, a guarda, com certa historiografia de roteiro definido, que procura se ocultar, na cortina de fumaça de novidades teóricas e falam muito, e, dizem pouco, escreve mais do que pesquisa, quer fazer o papel do Arlequim dos dois Senhores de Carlo Goldoni. Sobretudo, é preciso ficar, em estado de alerta, com Reformistas e Revisionistas, que usam a derrota episódica dos eventos Revolucionários de 1935, para abdicarem dos princípios revolucionários, para renunciarem da via armada, como caminho da Revolução, como se qualquer forma da Luta de Classes, pudesse ser descartada, em qualquer parte do mundo, e, também, no Brasil. O Processo Dialético da História não depende, exclusivamente, de vontades e decisões unívocas, das ações de uma das classes fundamentais da formação econômica, no caso do Capitalismo, da Burguesia ou do Proletariado, por si só, e, muito menos da vontade e da ação do Partido, ou dessa ou daquela personalidade, por mais importante que seja. É dizer que a

²⁰⁶ Cf. CARONE, Edgard. **A República Nova**. São Paulo, Editora Difel, 1974. pp. 232 ss. O PCB contava, aproximadamente com 1.000 membros. Vide Chilcote, Ronald, ob.cit. A população do Brasil em 35 era de 41. 540.147 hab. Fonte: **Anuário Estatístico do IBGE**. Os comunistas representavam 0,0024 da população.

História define-se, na História, a Luta de Classes, na Luta de Classes, didaticamente explicado por Marx e Engels, desde o Século XIX.

Esse 2º Volume é encerrado, prometendo-se ou ameaçando, produzir-se o 3º sobre a Revolução de 1935, no Rio de Janeiro, estação final e último Ato, da Revolução Nacional Libertadora do Brasil de 1935.

Sem deixar dúvidas, quanto à defesa da Revolução, o Escriba manifesta a mais sincera admiração, pelos Revolucionários de 1935, os vencidos e caluniados. Pelos homens e mulheres, que arriscaram as vidas, em defesa do Projeto Revolucionário de Libertação Nacional que melhor representava os interesses dos explorados dos campos e das cidades, do chamado povo brasileiro, seja lá o que isso significa.

Lutaram, os combatentes, pela Revolução Nacional de Libertação, do jugo Imperialista, perspectivavam o caminho da Revolução Socialista, no desenvolvimento da Luta. Pegaram armas, os Camaradas, contra a Burguesia entreguista e reacionária, contra o Governo Fascista, de traição nacional, de Getúlio Vargas.

Fidel Castro, o Líder da Revolução Socialista Cubana, afirmava algo que parece óbvio, não fossem os desvios dos reformistas: *o papel do revolucionário é fazer a revolução*. Como fazer realizar esse papel, senão lutando pela Revolução?

Não devem ser julgados, senão, como Bravos, os que tentaram a Revolução Nacional e Libertária. Eles tentaram e, não conseguiram. Julgados, devem ser todos aqueles que, jamais, conseguiram, porque, jamais tentaram.

FIM

15. Fontes e Referências

15.1. Periódicos

- A Classe Operária -1930/1934. Jornal do Comitê Central do PC, fundado em 1925 e em circulação nos dias atuais como órgão informativo e de orientação do CC do Partido Comunista do Brasil- PC do B.
- Diário do Estado, Recife. Consulta basicamente, relativa a todo ano de 1930. Circula atualmente como Diário Oficial do Estado.
- Diário de Pernambuco, Recife. Haveria como o jornal mais antigo em circulação na América Latina. Consultas referentes aos anos 1930 a 1935.
- Fronteiras. Jornal editado no Recife, com único número consultado: 04.12.1932.
- Jornal do Comércio, Recife. Jornal fundado em 1919, em circulação até os nossos dias. Consultas relativas aos anos 1930 a 1935.
- Jornal do Recife. Consultas referentes aos meses de julho a dezembro de 1930.
- Jornal Pequeno, Recife. Consultas referentes aos meses de outubro a dezembro dos anos 1930 e 1935.
- Diário da Manhã, Recife. Consultas referentes aos meses de outubro e novembro dos anos 1930 e 1935.
- A Defesa. Jornal editado em Caruaru-PE, com único número consultado: 01.12.1935.
- O Goianense. Jornal editado em Goiana-PE, com único número consultado: 27.11.1935.
- A Manhã, Jornal editado no Rio de Janeiro -RJ, com único número consultado: 27.11.1935.
- Folha da Manhã. Jornal editado em São Paulo-SP e consultas referentes aos meses novembro e dezembro do ano de 1935.

- Diário de São Paulo. Jornal editado em São Paulo-SP e consultas referentes aos meses novembro e dezembro do ano de 1935.

- A República. Jornal editado em Natal-RN, órgão da imprensa oficial do estado. Consultas referentes aos meses de novembro e dezembro de 1935.

- Folha do Povo. Jornal editado no Recife . Consultas referentes aos meses de junho a setembro do ano de 1935. Do 1º ao último número em circulação da Folha, jornal da ANL-PCB em Pernambuco. Consultas referentes aos meses de outubro a dezembro de 1935.

- O Imparcial. Jornal editado em Salvador, BH. Consultas referentes aos meses de novembro e dezembro de 1935. Consultas referentes aos meses de novembro e dezembro de 1935.

- Folha do Norte. Jornal editado em Belém, PA. Consultas referentes aos meses de novembro e dezembro de 1935.

- A Palavra. Jornal editado em Belém, PA. Consultas referentes aos meses de novembro e dezembro de 1935.

- Correio do Povo. Jornal editado em Porto Alegre, RS. Consultas referentes ao mês de novembro de 1935.

- O Nordeste. Jornal editado em Fortaleza, CE. Consultas referentes aos meses de novembro e dezembro de 1935.

15.2 Manuscritos

- De Paulo Cavalcanti. A propósito do trabalho de Clóvis Melo - o PCB em Pernambuco, com data de 30.01.1986.

- De A.T. de Moura, líder da maioria na Assembléia Legislativa de Pernambuco, em 1935 sobre o seu cunhado e membro do PC, Alcedo Coutinho. 02 páginas. Rio de Janeiro, novembro de 1977.
- De Clóvis Melo sobre a História do PCB em Pernambuco , 1985. Posteriormente este trabalho veio a ser publicado pelo PCB em Pernambuco como Caderno –Novos Rumos.
- “Dados informativos sobre o movimento revolucionário de 1935 em Pernambuco. Documento apócrifo e sem data, em 7 laudas datilografadas. Segundo a narrativa é de um participante da insurreição. Pelo detalhamento de pessoas e fatos deveria tratar-se de um dirigente do PCB em Pernambuco. Cópia cedida pelo escritor comunista Paulo Cavalcanti.

15.3 Documentos oficiais

- Autos de processos (centenas) do Tribunal de Segurança Nacional (1936/45) – Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.
- Certidão do Ministério da Justiça e Negócios Interiores requerida pelo advogado Aguinaldo Veloso Freire, referente ao processo 2.094, do Tribunal de Segurança Nacional, para instruir a defesa junto ao aludido Tribunal, em 29.09.1942
- Certidão da Secretaria do Tribunal de Segurança Nacional a requerimento do preso político Lamartine Coutinho Corrêa de Oliveira, Rio de Janeiro, 03.11.1942.
- Certidões do 1º Cartório de Registros de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas do Recife, Pernambuco. Oficial Mabel de Hollanda Caldas. Sobre a composição dos Diretórios e os programas dos Partidos políticos em Pernambuco:

- Partido Republicano de Pernambuco. 23.08.1996
- Partido Socialista de Pernambuco. 23.08. 1996
- Aliança Nacional Libertadora. 23.08.1996
- Partido Social Democrático de Pernambuco. 09.09.1996
- Depoimentos in Inquérito Policial, vol. 3º fls. 593 e 597 dos autos:
 - Miguel Calmon de Oliveira Cabral, Major da Brigada Militar
 - José Alencar de Carvalho Pires, Major da Brigada Militar
 - Ismael de Goes Lima, Capitão da Brigada Militar, idem.
- Relatório do Inquérito Policial do Delegado de Ordem Social de Pernambuco em 1935 do Delegado Eletivo Lins de Albuquerque, Presidente do IP, Recife, 07.04.1941.
- Relatório do Inquérito Policial do Delegado de Ordem Social do Rio Grande do Norte. Delegado Enoque Garcia. Natal, 1935.
- Ofícios e Notas do Interventor Carlos de Lima Cavalcanti no ano de 1930. Recife, diversos.

15.4 Entrevistas

- Giocondo Alves G. Dias - Secretário Geral do PCB - Rio de Janeiro, 1980.
- Genésio Lopes da Silva. Delegado de Ordem Social de Natal, RN em 1935. Natal, 1979.
- Gumercindo Dias de Vasconcelos, indiciado por participação no movimento de 1935 na cidade de Olinda. Recife, outubro de 1992.
- Cristiano Coutinho Cordeiro. Sem registro. Recife, 1980.

15.5 Legislação consultada

- Lei nº 3.071, de 01.01. 1916 - Código Civil. Editora Saraiva, SP, 1993.
- Decreto nº 21.076, de 24.02.1932 - Código Eleitoral.
- Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 24 de fevereiro de 1891. Edição Minter-PrND, 1986.
- Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 16 de Julho de 1934, Edição Minter-PrND, 1986.

15.6 Bibliografia

- ALBERDI, P.Gonzalez. Brasil Campos de Grandes Lutas in La Correspondência Internacional, Montevideu, 1933.
- ALTHUSSER, Louis, Notas Sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- ALEXANDRE, Robert J. Comunism in Latin America. New Brunvinick, Rotgers, University Press, 1957.
- ANDERSON, Perry. Considerations on Wester Marxism. London, New Left Brookes, 1976.
- ANDRADE, Manuel Correia de. A Terra e o Homem do Nordeste. São Paulo, Editora brasiliense, 1963.
- _____ Pernambuco Imortal. Recife, fascículo 11, Editora Jornal do Commercio, 1995.

ANTUNES, Ricardo, Classe Operária, Sindicatos e Partidos no Brasil. São Paulo, Cortez, 1982.

_____, O Que é Sindicalismo. São Paulo, Brasiliense, 1980.

AMAD, Luís César e MELLO, Leonel Itaussu. História do Brasil, São Paulo, Editora Scipione, 1994.

AMADO, Jorge, Seara Vermelha. Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1946.

_____, O Cavaleiro da Esperança. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1942.

AQUARONE, Alberto, L' organizzazione dello Stato Totalitario. Torino, Editora Einandi, 1965.

ARAGÃO, José de Campos, A Intentona Comunista de 1935. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1973.

AUTUORI, Luis, O Sentido Comunista da Democracia. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Valverde, 1966.

AZEVEDO, José Augusto. Fragmentos de História Operária no Brasil. Rio de Janeiro, Editora do autor, 1966.

BANDEIRA, Manuel. Estrela da Vida Inteira. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1974.

BANDEIRA, Moniz et alli. O ano Vermelho. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1967.

BARATA, Agildo. Vida de Um Revolucionário - Memórias. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1978.

BARBOSA, Maria do Socorro Ferraz. Liberais & Liberais. Recife, Editora Universitária, da UFPE, 1996.

- _____ Com Açúcar, sem Café in CLIO, Recife, Revista de Pesquisa Histórica, UFPE, 1993, vol.1, n° 14.
- BARRACLOUGH, C. Introdução à História contemporânea. de Janeiro, Zahar, Rio 1966.
- BARROS, João Alberto Lins. Memórias de Um Revolucionário. Rio de Janeiro, Civilização, Brasileira, 1966.
- BARROS, Manuel de Souza. A Década de 20 em Pernambuco (Uma interpretação). Rio de Janeiro, Gráfica Editora Acadêmica, 1972.
- BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. Vols.1, 2 e 3, Rio de Janeiro, Edaglit, 1962.
- _____. Uma Vida em Seis Tempos. Alfa-Omega, São Paulo, 1976.
- BASTOS, Abgvar. Prestes e a revolução Social. Rio de Janeiro, Editora Calvino, 1946.
- _____. História da Política revolucionária no Brasil. Vol. 9, Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1979.
- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. "Nós, Filhos da Revolução Francesa"- A imagem da revolução no Movimento Operário Brasileiro no início do século XX. São Paulo, Editora Marco Zero, 1990.
- BERNARDES, Dênis. Recife: o caranguejo e o viaduto. Recife, Editora Universitária, 1996.
- BEZERRA, Gregório Lourenço. Memórias (1900-1940). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979.
- BOTTOMORE, Tom. (org.) Dicionário do Pensamento marxista. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

- BRAYNER, Nadja Maria Miranda. Luta e resistência: o operariado no Recife nos anos 30. UFPE/PIMES, Recife, monografia mestrado, 1985.
- BRANDÃO, Gildo. A Esquerda Positiva - As duas almas do Partido Comunista - 1920-1964. São Paulo, Editora HUCITEC, 1997.
- BRANDÃO, Octávio. Combates e Batalhas. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1978.
- BRECHT, Bertolt. Poemas - 1913-1956. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- BRAUDEL, Fernand. E'crits sur l'histoire. Paris, Flammarion, 1969
- BURGUIÈRE, Andre. Dictionnaire des sciences historique. Paris, PUF, 1986.
- BURON, Thierry et alli. Os Fascismos. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1980.
- CAAR, E.H. A Revolução Russa de Lenine à Stálin. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- _____. El Socialismo en un solo país - 1924-1926. Madrid, Alianza, 1976.
- CAFÉ FILHO, João. Do Sindicato ao Catete. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1966.
- CARBONELL, C. Gran octubre Ruso. Madrid, Gusdsrrmsn, 1969.
- CÁRCERE, Florival. História Geral. Rio de Janeiro, Editora Moderna, 1989.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964.
- CARLI, Gileno de. História Contemporânea do Açúcar no Brasil. Rio de Janeiro, IAA, 1940.

- CAMPELLO DE SOUZA, Maria do Carmo. O Processo Político Partidária na Primeira República in Brasil em Perspectiva, São Paulo, Difel, 1977.
- CAMPOS, José Roberto. O Que é Trotkismo? São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
- CANALE, Dario. Surge a Seção Brasileira do Comintern. Mimeo, s/d.
- _____ et alli. 1935 - Meio Século Depois. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.
- CANNISTRARO, Philip. Fascismo e Mas Media. Bari, Editora Harterza, 1975.
- CARNEIRO, Glauco. História das Revoluções Brasileiras. Vol. 1. Rio de Janeiro, Editora Cruzeiro, 1965.
- CARVALHO, Ferdinando. Lembrai-vos de 35! Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1981.
- CARVALHO, José Murillo de. As Forças Armadas na Primeira República: O Poder Desestabilizado in Caderno de Ciência Política 1, 1974.
- CARONE, Edgard. Revolução do Brasil Contemporâneo - 1922-1938. São Paulo, Editora São Paulo, 1965.
- _____. A República Velha: instituições e classes sociais. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- _____. Movimento Operário no Brasil. São Paulo, Editora Difel, 1981.
- _____. Classes Sociais e Movimento Operário. São Paulo, Editora Ática, 1989.
- _____. O PCB -1922-1943 - Corpo e Alma do Brasil -. São Paulo, Editora Difel, 1982.

_____. A República Nova, 1930 -1937. São Paulo, Editora Difel, 1974.

CASTORIADIS, Cornelius. La question de le l'histoire du moviment ouvrier. Paris, Editora Union Générale, 1974.

CASTRO, Ana Maria de. Introdução ao Pensamento Sociológico. Rio de Janeiro, Editora Eldorado, 1975.

CASTRO, Josué de. Condições de Vida Das Classes Operárias do Recife. Recife, Departamento de Saúde Pública, 1935.

CERRONI, Umberto. Teoria do Partido político. São Paulo, Editora Ciências humanas, 1982.

CAVALCANTI, Paulo. O Caso eu conto como o caso foi - Da Coluna Prestes à Queda de Arraes. Vol. 1°. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1978.

_____. Memórias políticas. Vol. 2°. Recife, Editora Guararapes, 1980.

_____. Nos Tempos de Prestes. Vol.3°. Recife, Editora Guararapes, 1982.

_____. A Luta Clandestina. 4° Vol. Recife, Editora Guararapes,1985.

_____. Cristiano Cordeiro, um exemplo de Modéstia Revolucionária in Memória & História, São Paulo, Editora Novos Rumos, 1982.

_____. Os Comunistas e as Eleições Pós-Revolução de 30 in Poder e Voto - Luta Política em Pernambuco. Recife, Editora Massangana, 1986.

- CHACON, Vamireh. História dos Partidos políticos Brasileiros. Brasília, Editora UNB, 1981.
- _____. História das Idéias Socialistas no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1967.
- CHAUÍ, Marilena. O Que é Ideologia. São Paulo, Editora Brasiliense. 1981.
- CHAUNU, Pierre. Histoire qualitative, Historie sérielle. Paris, Amand Coli, 1978.
- CHEVALLIER, J.J. As Grandes Obras Políticas de Maquiavel a Nossos Dias. Rio de Janeiro, Editora Agir, 1986.
- CHILCOTE, Ronald H. Partido Comunista Brasileiro - Conflito e Integração. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1982.
- CIANCI, Ernesto. Nascita dello Stato Impreditore in Itália. Milano, Editora Mursia, 1977.
- CLAUDÍN, Fernando. La Crises Del Movimento Comunista. Ediciones Riuendo, 1977.
- CLISSOLD, Stepan. Soviet relations with Latin America- 1918-1968. London, Oxford University Press, 1970.
- COELHO, Edmundo Campos. Em Busca de identidade: o Exército e a Política na Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Editora Forense-Universitária, 1976.
- COGGIOLA, Osvaldo. A Revolução Chinesa. São Paulo, Editora Moderna, 1985.
- COMTE, Augusto. Curso de Filosofia Positiva e outros. São Paulo, Editora Abril, 1978.
- CORDEIRO, Cristiano. Memória & História. São Paulo, LECH, 1982.
- CORREIA, Josué Sindulfo. Memórias. Oitenta Anos de Luta Pela Vida. Recife, Mimeo. 1982.

- COUTINHO, Rodolfo. Memória & História. São Paulo, LECH, 1981.
- COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Brasil. São Paulo, Editora Saraiva, 1996.
- DECCA, Edgard de. O Silêncio dos Vencidos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.
- _____. A Revolução Acabou in Revista Brasileira de História Vol. 10 n° 20 - Reforma e Revolução. São Paulo. ANPUH - Marco Zero, 1990.
- DIAS, Everardo. História das Lutas Sociais no Brasil. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1977.
- DIAS, Giocondo Alves G. Os Objetivos dos Comunistas. São Paulo, Editora Novos Rumos, 1983.
- DILLON, Dorothy. International Communism and Latin America: Perspectives and prospect. USA, University of Florida Press, 1962.
- DIMITROV. G. A Unidade Operária Contra o Fascismo. Minas Gerais, Editora Global, 1978.
- DOSSE, François. L' Histoire en miettes. Des "Annales" à la "nouvelle histoire". La Découvert, Paris, 1987.
- DRACHOKOVITCH, M. et alli. The Comintern: Historical Highlights. New York, F. Prazer Publisher, 1966.
- DULLES, John W.F. Anarquistas e Comunistas no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1973.
- DURKHEIM, Emile. As Regras do Método Sociológico. São Paulo, Editora Nacional, 1978.

ENGELS, Friedrich. O Papel da Violência na História. Porto, Publicações Escorpião, 1974.

_____. Anti-Duhring. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1976.

_____ e MARX, Karl. Manifesto do Partido Comunista. Moscou, Editora Progresso, 1985.

_____. A Ideologia Alemã. Lisboa, Editorial Presença, 3ª Edição, Vol.I, s/d.

_____. As Lutas de Classe na França de 1848 a 1850 in Obras Escolhidas, v 1º, Rio de Janeiro, Editora Vitória, 1956.

FACÓ, Rui. A Classe Operária. Rio de Janeiro, Editora Horizonte, 1945.

FAORO, Raymundo. Os Donos do Poder - Formação do Patronato Político Brasileiro. Vols. I e II. São Paulo, Editora Globo, 1989.

FARGE, Arlette. Le Goût de l'archive. Paris, Éd. du Seuil, 1989

FARIA, Ricardo Moura de. História do Brasil. Minas Gerais, Editora Lê, 1989.

FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930 - História e Historiografia. São Paulo, Editora Brasiliense, 1970.

_____. (org.) O Brasil Republicano. Vol. 1º. São Paulo, Editora Difel, 1978.

FERREIRA, Manuel Gonçalves Filho. Curso de Direito Constitucional. São Paulo, Editora Saraiva, 1992.

FERNANDES, Aníbal. Pernambuco no Tempo do Vice-Rei. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, s/d.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. Tenentismo e Aliança Liberal 1927-1930. São Paulo, Editora Polis, 1978.

FOTIA, Mauro. Ideologias e elites contemporâneas. Porto, Gráfica Firmeza, 1973.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil. São Paulo, Editora Affa - Omega, 1974.

FRANCO, Vigílio de Melo. Outubro de 1930. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.

FREIRE DA FONSECA, Aníbal. A Constituição de 1891, O Sistema Constitucional Brasileiro, Objeções e Vantagens in Constituição 1891. Edição Minter- PrND, 1986.

FURET, François. L' Atelier de l'histoire. Oaris, Flamarion, 1982.

_____. La Révolution française. Gallimard, Paris, 1978.

_____. La Gauche et la Révolution au milieu du XIX^e siècle. Paris, Hachette, 1986.

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1959.

FURTADO, João Maria. Vertentes. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica, 1976.

GARCIA, Marco Aurélio. Reforma e Revolução - Reforma ou Revolução. São Paulo, Editora Marco-Zero, 1990.

GARCIA, Marília. O que é Constituinte. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

GIAZBURG, Carlo. Mythes, Emblèmes, traces. Morphologie et histoire. Paris, Flamarion, 1989.

GIDDENS, Anthony. A Contemporary Critique of Historical Materialism. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

- GRAMSCI, Antonio. Obras Escolhidas. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1978.
- GRUPPI, Luciano. Tudo Começou Com Maquiavel. Rio Grande do Sul, Editora L&PM, 1986.
- HAJACK, Milos. A Bolchevização dos Partidos Comunistas in História do Marxismo. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1985.
- HELLER, Agnes. The Theory of Need in Marx. Allison and Busby, London, 1974.
- HENRIQUE, Luís Sérgio. Fazendo política Nas origens do PCB in Voz da Unidade, São Paulo, 1980.
- HENRIQUES, Affonso. Vargas, O Maquiavélico. São Paulo, Editora Palácio do Livro, 1961.
- HOBSBAWM, Eric J. Revolucionários. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.
- _____. Rebeldes Primitivos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- _____. Ecos da Marselhesa. São Paulo. Companhia das Letras, 1996
- HUMBERT- DROZ. L'Internazionale Comunista Tra Lenin e Stalin - Memorie. Milano, Editora Feltrinelli, 1974.
- IANNI, Octávio. Estado e Planejamento no Brasil - 1930-1970. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1971.
- INGRAO, Pietro. As Massas e o Poder. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1980.
- JAGUARIBE, Hélio. Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Político. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

JOFFILY, José. Revolta e Revolução - Cinquenta Anos Depois. Rio de Janeiro, Editora Paz eTerra, 1979.

KARAVAIEV, A. Brasil, Passado e Presente do “Capitalismo Periférico”. Moscou, Edições Progresso, 1987.

KOLAKOMSKI, L. Las Principales Corrientes del Marxismo. Madrid, Editora Alianza, 1978.

KONDER, Leandro. A Democracia e os Comunistas no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1980.

KOVAL, Boris. História do Proletariado Brasileiro - 1857-1967. São Paulo, Editora Alfa Omega, 1982.

LACERDA, Gustavo, O Problema Operário no Brasil. Rio de Janeiro, Propaganda Socialista, 1910.

LE GOFF, Jacques. La nouvelle histoire. Paris, Editions Complexe, 1978.

_____ e NORA, Pierre. Faire de l’histoire: nouveaux problèmes. Paris, Gallimard, 1974.

LE ROY LADURÉE, Emmanuel. Le territoire de l’historien. T I. Paris, Gallimard, 1977. T. II, iddem, 1978.

LINS, Etelvino. Um Depoimento Político - Episódios e Observações. Rio de Janeiro, Editora Livraria José Olympio, 1977.

LENINE, V.I. O Estado e a Revolução. Edições Progresso Moscou, Vol 3, 1985.

_____. Sobre a Democracia Socialista. Moscovo, Editora Nóvosti, 1984.

_____. Um Passo Adiante, Dois Passos Atrás in Obras Escolhidas, Vol. 1º, Moscou, Edições Progresso, 1984.

- _____. A Terceira Internacional E O Seu Lugar Na História in Obras Escolhidas, Vol.4º, Moscou, Edições Progresso, 1984.
- _____. Sobre as Tarefas da Terceira Internacional in Obras Escolhidas, Vol. 4º, Moscou, Edições Progresso, 1984.
- _____. III Congresso da Internacional Comunista in Obras Escolhidas, Vol. 4º, Moscou, Edições Progresso, 1984.
- _____. Sobre o Conceito Liberal e Marxista da Luta de Classes in Obras Escolhidas, Vol.2º, Moscou, Edições Progresso, 1984.
- _____. O Marxismo e a Insurreição in Obras Escolhidas, Vol.3º,Edições Moscou, Progresso, 1984.
- _____. Discurso Em Defesa da Tática da Internacional Comunista in Obras Escolhidas, Vol.5º, Moscou, Edições Progresso, 1984.
- _____.O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1978.
- _____. A Doença Infantil do "Esquerdismo" no Comunismo. Moscou, Edições Progresso, Vol 5. 1985.
- LEVINE, Robert. O Regime de Vargas. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.
- LIMA, Heitor Ferreira. Mário Grazini: militante operário in Revista Novos Rumos, nº 3, São Paulo, Editora Novos Rumos, 1986.
- _____. História Político-Econômica e Industrial do Brasil. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1970.
- _____. Caminhos Percorridos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. A Verdade Sobre a Revolução de Outubro, São Paulo, Editora Unitas, 1933.

LÖWE, Michel. Do Movimento Operário Independente Ao Sindicalismo de Estado - 1930-1945. Belo Horizonte, Editora Vozes, 1980.

MARCHAIS, Georges. O Desafio Democrático. Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1974.

MARTINS, Luciano. Industrialização, Burguesia Nacional e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, Editora Saga, 1968.

_____. Povoir et Developpement Economique. Paris, Editora Anthropos, 1976.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

_____. O Capital - Crítica da Economia Política -. Livro 3, Vol 6°. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, s/d._

_____. Revolução e Contra Revolução Na Alemanha. Coleção 70, Lisboa, Nova- Amadora, 1971.

_____ e ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. Moscou, Editora Progresso, 1985.

_____. A Ideologia Alemã. Lisboa, Editorial Presença, 3ª Edição, Vol.I, s/d.

_____. As Lutas de Classe na França de 1848 a 1850 in Obras Escolhidas, v 1º, Rio de Janeiro, Editora Vitória, 1956.

MEDEIROS, João. Meu Depoimento. Rio Grande do Norte, Imprensa Oficial, 1937.

MELLO, José Octávio de Arruda. A Revolução Estatizada. UFPB, Editora Universitária 1992.

_____. A República No Brasil: Ideologia, Partidos e Relações Exteriores. João Pessoa, Editora Fundação Casa de José Américo, 1990.

- MELLO, João Manuel Cardoso de. O Capitalismo Tardio - Contribuição à Revisão Crítica Da Formação e Do Desenvolvimento Da Economia Brasileira. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.
- MERQUIOR, José Guilherme. O Marxismo Ocidental. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.
- MIRABETI, Julio Fabrini. Direito Penal. Vol.1. São Paulo, Editora Atlas, 1996.
- MONTEIRO, Hamilton de Mattos. Da República Velha ao Estado Novo - Parte A - in História Geral do Brasil. Rio de Janeiro, Editora Campos Ltda, 1990.
- MONTEIRO, Frederico Mindello Carneiro. Depoimentos Biográficos. Rio de Janeiro, Editora Olímpica Ltda. 1977.
- MONTEIRO, Pedro Aurélio de Góis. A Revolução de 1930 e a Finalidade Política do Exército. Rio de Janeiro, Bib. Exército, s/d.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória - a cultura popular revisitada. São Paulo, Editora Contexto, 1992.
- MORAES, Vinícius. Antologia Poética. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1977.
- MORUS, Thomas. A Utopia. São Paulo. Hemus Livraria e Editora Ltda.
- MOTA, Carlos Guilherme (org.) Brasil em Perspectiva. São Paulo, Difel, 1985.
- MUNAKATA, Kazumi. A Legislação Trabalhista no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.
- NETO, José Paulo. O Que é Marxismo? São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

- NETO, T. Ramos. Algumas Observações Sobre a Fundação do Partido in Estudos n° 2, São Paulo, Anhambi, 1970.
- NEVES DA FONTOURA, João. Memórias, Vol.2º- A Aliança Liberal e a Revolução de 1930. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1963.
- NOGUEIRA, Octávio. A Constituinte Republicana in Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1891, PrND-MINTER.
- NOGUEIRA, Paulo. Idéias e Lutas de Um Burguês Progressista. São Paulo, Editora Anhambi, 1958.
- NOSSO SÉCULO. Vols. 2 e 3. São Paulo, Editora Abril Cultural, 1980.
- NUM, José. The Middle Class Military Coup. London, Oxford University Press, 1970.
- NUNES LEAL, Vitor. Coronelismo, Enxada e Voto. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1974.
- OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. Praxedes Um Operário No Poder. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1985.
- OLIVEIRA, Francisco de. Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista in Estudos CEBRAP n.2, 1972.
- ACHECO, Eliézer. O Partido Comunista Brasileiro - 1922-1964. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1984.
- PEDROSA, Valter. Prestes, Herói e Caudilho. Brasília, Roteiro Editorial Ltda, 1987.
- PEREIRA, Astrojildo. A Formação do PCB. Rio de Janeiro, Editora Vitória, 1962.

- _____. Construindo o PCB. São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1980.
- PEREIRA, Duarte. Um Perfil da Classe Operária. Editora Hucitec, São Paulo, 1981.
- PEREIRA, Luís Carlos Bresser. O Rompimento da Aliança Com os Empresários Industriais in Pactos Políticos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- PERRUCCI, Gadiel. A República das Usinas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio et alli. A Classe Operária no Brasil. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1979.
- PIMENTA, Joaquim. Retalhos do Passado. Rio de Janeiro, Editora Coelho Branco, 1949.
- POPPINO, Rollier. International Communist in Latin América: History of the moviment - 1917-1963. London, Free Press of Glencoe, 1964.
- POULANTZAS, Nicos. O Estado, O Poder, O Socialismo. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1985.
- _____. Pouvoir Politique et Classes Sociales. Paris, Editora Maspero, 1968.
- PRADO JÚNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. Editora Brasiliense, 1962.
- _____. A Revolução Brasileira. Editora Brasiliense, 1966.
- PRESTES, Luís Carlos. Prestes Hoje. Rio de Janeiro, Editora Codecri, 1983.
- PORTO, José da Costa. Nos Tempos de Lima Cavalcanti. Recife, Editora SEC-PE, 1977.

_____. Os Tempos da República Velha. Recife, Editora FUNDARPE, 1986.

PROST, Antoine. Douze leçons sur l'histoire. Paris, Seuil, 1996.

RAMOS, Graciliano. Memórias do Cárcere. Vol 1º. Rio de Janeiro, Editora Martins/Record, 1975.

RAMOS, Guerreiro. A Crise de Poder no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 1961.

REIS, Dinarco. A Luta de Classes no Brasil e o PCB. São Paulo, Editora Novos Rumos, 1981.

RÈMOND, René. (dir.) Pour une histoire politique. Paris, Seuil, 1988.

REZENDE, Antonio Paulo, História do Movimento Operário no Brasil. São Paulo, Editora Ática, 1990.

ROCHA, Lauro Reginaldo (Bangu). Memórias de um militante. Org. Brasília Carlos Ferreira. Natal: UFRN/CCHLA, 1992.

RODRIGUES, Edgard. Socialismo e Sindicalismo no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Laemmert, 1969.

_____. Nacionalismo & Cultura Social. Rio de Janeiro, Editora Laemmert, 1972.

RODRIGUES, José Albertino. Sindicato e Desenvolvimento no Brasil. São Paulo, Editora Difusão Européia do Livro, 1968.

RODRIGUES, José Honório. Conciliação e Reforma No Brasil. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982.

RODRIGUES, Leôncio Martins. Industrialização e Atitudes Operárias. São Paulo, Editora Brasiliense, 1970.

- _____. Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.
- _____. O PCB: Os Dirigentes e a Organização in O Brasil Republicano. São Paulo, Editora Difel, 1981.
- ROSSI, Agnelo. A Filosofia do Comunismo. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1947.
- SAES, Décio. Classes Médias e Política na Primeira República. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1975.
- SALGADO, Plínio. O Integralismo Brasileiro Perante a Nação. Lisboa, Oficina Gráfica Limitada, 1946.
- SANTA ROSA, Virgínio. O Sentido do Tenentismo. Rio de Janeiro, Editora Schmidt, 1933.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Ordem burguesa e Liberalismo Político. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
- SARMENTO, Antonio Natanael Martins. Sufrágio, Cidadania e Estado Democrático de Direito No Brasil. Revista da ESMape nº 6 vol. 2. Recife, Edições Bagaço, 1977.
- _____. Os Abalos de Sábado à Noite (Do Governo popular e Revolucionário em Natal à Guerra do Largo da Paz em Recife). Recife, Dissertação Mestrado em História - UFPE, 1994.
- SEGATTO, José Antonio. Breve História do PCB. São Paulo, Editora Novos Rumos, 1984.
- _____. A Formação da Classe Operária Brasileira. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1987.
- _____. et alli. PCB (1922-1982). São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

SILVA, Hélio. A Revolução Traída. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1972.

_____. Fim da Primeira República -1927-1930 in A República Brasileira. São Paulo, EditoraTrês, 1975.

SILVEIRA, Rosa Maria Godey. Será o Fim da História? in Saeculum - Revista de História. João Pessoa, Editora Universitária UFPB, 1995.

SIMÃO, Azis. Sindicato e Estado. São Paulo, Editora Ática, 1981.

SIMMONSEN, Roberto. Evolução Industrial do Brasil. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, 1939.

SINGER,Paul. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São Paulo, Editora Companhia Editora Nacional, 1977.

SODRÉ, Nelson Werneck. Formação Histórica do Brasil. Editora Brasiliense, São Paulo, 1963.

_____. História da Burguesia Brasileira. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964.

_____. Contribuição à História do PCB. São Paulo, Editora Graal, 1984.

_____. O Tenentismo. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto,1985.

_____. História Militar do Brasil. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968.

SOUZA, Maria do Carmo. O Processo Político Partidário na Primeira República in Brasil em Perspectiva. São Paulo, Editora Difel, 1971.

STEPAN, Alfred. The Military Politics. Princenton. Princenton University Press, 1971.

SUAREZ, Maria Tereza Soares de Melo. Cassacos e Corumbas. São Paulo, Editora Ática, 1977.

- TAVARES, Cláudio. Uma Rebelião Caluniada: o levante do 21º BC em 1931. Recife, Editora Guararapes, 1982.
- TAVARES, José Nilo et alli. Novembro de 1935: Meio Século Depois. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1985.
- TÁVORA, Juarez. Uma Vida e Muitas Lutas. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1974.
- TELLES, J. O Movimento Sindical no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Vitória, 1962.
- TOGLIATTI, Palmiro. Lições Sobre O Fascismo. São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1978.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. De la démocratie en Amérique. Paris, Guillimard, 1986.
- TRAGTEMBERG, Maurício. Reflexões Sobre O Socialismo. São Paulo, Editora Moderna, 1991.
- TRENTO, Angelo. Fascismo Italiano. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- TRONCA, Ítalo. Revolução de 1930 - a dominação oculta. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.
- TROTSKI, Léon. A História da Revolução Russa. Rio de Janeiro, Editora Saga, vols. 1,2 e 3.
- Uma Alternativa Democrática Para a Crise Brasileira. São Paulo, Editora Novos Rumos, 1984.
- URANICK, P. Historia Del Marxismo. Salamanca, Editora Singuene, 1977.
- URRY, J. Anatomia das Sociedades Capitalistas. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1982.

- VARGAS, Getúlio. A Plataforma da Aliança Liberal in A Nova Política do Brasil. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1938.
- VEYNE, Paul. Comme on écrit l'histoire. Paris, Seuil, 1971
- VIANNA, Luiz Verneck. Liberalismo e Sindicato no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1976.
- VIDAL, Ademar. João Pessoa e a Revolução de 1930. Rio de Janeiro, Editora, Graal, 1978.
- VINHAS, Moisés. O Partidão. São Paulo, Editora Hucitec, 1982.
- WAACK, William. Camaradas - Nos Arquivos de Moscou a História da revolução Brasileira de 1935. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1993.
- WEBBER, Marx. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo, Editora Câmara do Livro, 1981.
- WEFFORT, Francisco. Classes Populares e Política. (tese) USP, 1968.
- _____. Por que Democracia? Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.
- WIRTH, John D. Os Militares na Revolução de 30. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979.
- YONG, J. et alli. Os Militares e a Revolução de 30. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979.
- Z Aidan, Michel. O PCB e a Internacional Comunista. São Paulo, Editora Vértice, 1988.
- _____. Um Socialismo a Reinventar. Recife, Editora Pindorama, 1991.
- ZORODOV, Konstantine. O Leninismo e a Passagem do Capitalismo ao Socialismo. Lisboa Editora Avante, 1976.

ZUBOK, L.I. História Contemporânea - Da guerra Franco-prussiana à Grande Revolução de Outubro. São Paulo, Editora Novos Rumos, 1986.